

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS SOCIAIS

HÉLCIO PACHECO DE MEDEIROS

Os processos comunicacionais na festa de São Sebastião

Bairro do Alecrim – Natal/RN



Natal/RN

2014

Foto: Camilê Soares

Hélcio Pacheco de Medeiros

Os processos comunicacionais na festa de São Sebastião – Bairro do Alecrim – Natal/RN

Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de doutor em Ciências Sociais.

Orientação: Prof. Dr. Luiz Assunção.

UFRN / Biblioteca Central Zila Mamede
Catalogação da Publicação na Fonte

Medeiros, Hécio Pacheco de.

Os processos comunicacionais na festa de São Sebastião : bairro do Alecrim- Natal/RN. – Natal, RN, 2014.

219 f. : il.

Orientador: Prfº Dr. Luiz Assunção.

Tese (Doutorado) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes.. Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais.

1. Festas religiosas – Bairro do Alecrim – Natal (RN) – Tese.
2. Processos comunicacionais – Tese. 3. Linguagens simbólicas – Tese.
I. Assunção, Luiz. II. Universidade Federal do Rio Grande do Norte.
III Título.

RN/UF/BCZM

CDU 316(813.2)

Hélcio Pacheco de Medeiros

Os processos comunicacionais na festa de São Sebastião – Bairro do Alecrim – Natal/RN

Tese de Doutorado apresentado ao Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de doutor em Ciências Sociais.

Orientação: Prof. Dr. Luiz Assunção

APROVADA EM ____ DE _____ DE 2014.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Luiz Assunção – UFRN – Orientador

Prof. Dr. Ênio José da Costa Brito – PUC-SP

Prof.^a Dr.^a Irene de Araújo van den Berg – UERN

Prof.^a Dr.^a Maria Lúcia Bastos Alves – UFRN

Prof.^a Dr.^a Irene Alves de Paiva – UFRN

Prof. Dr. Orivaldo Pimentel Lopes Júnior – UFRN - Suplente

Aos que partiram para o panteão dos intercessores,
Minha mãe Maria da Luz Pacheco, meu tio Paulo Pacheco, meu sogro “Pantico” Góis,
Minha sogra Verônica do Vale que acreditou neste momento,
Ao padre Sabino Gentili, ao Monsenhor Américo Simonetti e ao padre Guy.

AGRADECIMENTOS

À Deus Pai, pela graça de mais uma conquista na trajetória da vida;

À São Sebastião, que permitiu que andasse pela antiga Via Ápia, percorresse os estreitos labirintos dos subterrâneos das catacumbas até encontrar o túmulo de onde se irradiou uma das devoções mais sólidas e duradouras que chegou ao bairro centenário do Alecrim, em Natal;

Aos padres, Valdemar Fernandes B. de Pinho e, especialmente a José de Freitas Campos pelas valiosas contribuições e pela abertura e confiança em possibilitar ao longo de quatro anos realizar a pesquisa de campo e participar das festividades dedicadas ao santo padroeiro;

Ao articulador paroquial, Airton Gomes Teixeira pela gentileza em contribuir com as entrevistas de campo;

Aos devotos com quem me relacionei no período da pesquisa, em especial dona Preta e ao devoto inventor da pré-novena, Geraldo da Cunha Santos (In Memoriam), pelas valiosas contribuições sobre a sua experiência de devoção ao longo de anos nas visitas às casas dos devotos do bairro do Alecrim como incansável seguidor do santo padroeiro.

Ao padre Itacir Brassiani, integrante da Congregação Missionária da Sagrada Família da região Sul, que prontamente compreendeu a importância de um trabalho acadêmico e rapidamente providenciou o envio de documentos para subsidiar a escrita da tese;

À prof^a. Dr^a. Luciana Chianca, que acreditou na proposta de trabalho e despertou o gosto e o interesse em me situar no campo da Antropologia Urbana;

Ao Departamento de Comunicação Social que aprovou o meu afastamento no quarto do doutorado para me dedicar com mais empenho à escrita da tese;

À CAPES, por conceder mais uma vez, a oportunidade de bolsa. A primeira, no meu mestrado com uma bolsa de Demanda Social durante o último ano para concluir a dissertação defendida

em 2004 pelo Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da UFRN. E agora, com uma bolsa do Programa de Doutorado Sanduíche no Exterior – PDSE junto ao Instituto Universitário de Lisboa – IUL/ISCTE em Portugal, para um período de seis (06) meses, entre março a agosto de 2013.

À prof^a. Dr^a. Graça Índias Cordeiro, pela amabilidade e receptividade desde os primeiros contatos para aceitar acompanhar e orientar a complementação da pesquisa de campo em Portugal. Agradeço ainda o acolhimento, as valiosas contribuições para realizar, além da pesquisa bibliográfica e documental, uma pesquisa a partir das várias manifestações religiosas e cívicas em Lisboa durante a minha permanência, bem como oportunidade de mais uma vez o contato com outros autores e temáticas da Antropologia Urbana em suas aulas no ISCTE. E ainda a postura carinhosa de possibilitar momentos de integração, conversas e discussões sobre pesquisa e trocas culturais com outros pesquisadores e pesquisadoras do Brasil que também estavam em Lisboa com bolsas da CAPES;

Ao meu educador e orientador Prof. Dr. Luiz Assunção, que acreditou na minha proposta de trabalho, me acolheu como orientando durante o meu segundo ano de estudos, me abriu as portas para o Grupo de Estudo em Culturas Populares da UFRN e me instigou a fazer a experiência de pesquisa fora do país. Agradeço pela paciência, pela forma sábia de conduzir a orientação;

Aos amigos “safos”, André Rodrigues, Isis Martins e Cristina Silva, que tive a oportunidade de conhecer em Portugal, partilhar momentos bons da vida e as saudades do Brasil nos dias de frio e calor em Lisboa. Agradecimento especial a Isis e André pelo companheirismo nos dias tensos vividos em agosto de 2013 e pelo aprendizado culinário da nossa cultura.

Aos amigos que conheci ainda no caminho em Lisboa: Miguel Bandeira e Maria Lakenman.

À alguns amigos que trago do lado esquerdo do peito: prof.^a Dr^a Miriam Moema Pinheiro, prof. Dr. Itamar Nobre, Analba Brazão Teixeira, minha incentivadora nos estudos, a prof^a Maria José de Oliveira Costa.

À meus dois pilares e base de sustentação na caminhada de vida, companheira de todas as horas, Socorro do Vale e à minha filha Marília do Vale, forma querida e carinhosa de Maria,

por partilharem todos os trajetos, sonhos e novas perspectivas de vida, em especial este, na realização do doutorado, na experiência fora do país e pelo apoio fundamental para a escrita da Tese.

Ao padre Antônio José, que prontamente abriu as portas da casa paroquial para que fosse fazer o meu retiro intelectual na reta final da escrita da tese

À todos os familiares, pai, irmãos e irmã, cunhado e cunhadas, tias, madrinha e aos que torcem e rezam para tudo dar certo na trajetória da vida!

Ao fotógrafo Canindé Soares pela cessão da foto de capa da tese.

“Veja com seus próprios olhos. Ande com seus pés.
Depois compare com as conclusões de outros olhos e com
as pegadas de outros pés” (Luiz da Câmara Cascudo).

RESUMO

A festa é uma das linguagens mais comunicativas, carregada de conteúdos e significados simbólicos. A devoção aos santos é uma forma de comunicação. Busca-se pesquisar nesta tese os processos comunicacionais, suas linguagens e seus fluxos na festa de São Sebastião, no bairro do Alecrim, em Natal/RN. O foco do olhar se volta para os comportamentos coletivos e individuais, numa dinâmica que envolve os interlocutores do santo no espaço da festa, que comporta a pré-novena, o novenário e a procissão. Procura-se mostrar através da observação, da etnografia e das entrevistas os elementos que compõem a linguagem simbólica presente nos gestos, nas performances e nos movimentos corporais, nas cores das vestimentas, bem como no que é dito de forma oral ou em silêncio, nas orações espontâneas ou pré-elaboradas, nos bilhetes escritos que o devoto endereça ao santo na festividade do padroeiro.

Palavras-Chave: Festa Religiosa. Processos Comunicacionais. Linguagens Simbólicas.

ABSTRACT

Parties are one of the most communicative languages, full of contents and symbolic meanings. The devotion to the saints is a kind of communication. In this thesis communicational processes, its languages and its flows are sought at the Saint Sebastian's party, at Alecrim neighborhood, in Natal/RN. The view is focused on the individuals and collective behaviors, in a dynamic which involves the saint's interlocutors at the party space, which supports the pre-novena, the novena and the procession. It tries to show through observation, ethnography and interviews the elements that composes the symbolic language present on the gestures, on the performances and bodies movements, on the clothing colors, as well as on what is said orally or in silence, on the spontaneous prayers or pre-elaborated ones, on the written messages that the devout addresses to the saint at the patron's festivity.

Key words: Religious Party, Communicational Processes, Symbolic Languages.

RESUMÉ

La fête est une langage des en plus communicative, pleine du contenus et significations symboliques. La devotion des saintes est une manière de communication. Ce thèse recherché les processus du communication, ses langages et ses fluxes dans la fête du Saint Sebastian, en quartier du Alecrim, en Natal/RN. Le regard mirer pour comportements collectives et individuals, dynamique qui englobe/environe les interlocuters du saint dans l'espace du fête, qui comporte la pré-neuvaine, le neuvaineur et la procession. Recherche montrer travers de l'observation, de la ethnographie et des entrevues des éléments qui composent la langage symbolique presente en geste, dans les performances/exploits et dans les mouvements corporels, dans les coulers des vêtements, et aussi dans qui dirai du manière oral ou en silence, on priers spontanés ou pré-elaboré, on billets écrire qui le dévot adresset au saint dans la fête du patronne.

Parole-Clés: Fête Religieuse. Processus du communications. Langages Symboliques.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Fachada da igreja matriz de São Sebastião quando se tornou paróquia, em 1949	34
Figura 2 – Interior da igreja matriz de São Sebastião no dia da criação da paróquia em 1949	34
Figura 3 – Igreja matriz de São Sebastião em 2014	35
Figura 4 – Quadro I – Padres da Paróquia de São Sebastião	37
Figura 5 – Igreja após a primeira reforma realizada pelo padre Valdemar Fernandes	39
Figura 6 – Antiga imagem de São Sebastião que sai na procissão	40
Figura 7 – Mapa 1 - Limites geográficos da Paróquia de São Sebastião	42
Figura 8 – Capela de Santo Inácio de Loyola – segunda comunidade da paróquia	45
Figura 9 – Altar da Capela de Nossa Senhora Rainha da Paz no Condomínio Cristo Redentor	46
Figura 10 – Trabalho do Projeto Madre Rosa com as crianças	48
Figura 11– Trabalho do Projeto Madre Rosa com as mães	48
Figura 12 – Mapa 2 – Área do Bairro do Alecrim	51
Figura 13 – Caminhoneiro de Florianópolis que participa da procissão de São Sebastião	72
Figura 14 – Geraldo da Cunha Santos durante a pré-novena em sua casa	77
Figura 15 – Geraldo da Cunha Santos durante o novenário	77
Figura 16 - Missa do envio dos coordenadores para realizar a pré-novena nas casas dos devotos	80
Figura 17 – Pré-novena rezada nas calçadas dos devotos	82
Figura 18 – Pré-novena rezada na sala das casas dos devotos	82
Figura 19 – Pré-novena realizada em uma das casas na Avenida 8	84
Figura 20 – Pré-novena na casa do devoto Geraldo da Cunha Santos	85
Figura 21 – Altar de São Sebastião na pré-novena na Rua São Geraldo	87
Figura 22 – Altar no espaço da área da casa na Avenida 7	88
Figura 23 – Grupo rezando na calçada da casa na Avenida 7	88
Figura 24 - Lanche servido na cozinha da casa de Geraldo da Cunha Santos	90
Figura 25 – Lanche servido na calçada de uma devota na Avenida 7	91

LISTA DE FOTOGRAFIAS

Figura 26 – Grupo da pré-novena na Avenida 8	93
Figura 27 – Devota deposita a sua doação no cofre de São Sebastião	95
Figura 28 – Noite de novena na igreja de São Sebastião	99
Figura 29 – Capa com as imagem do folder	106
Figura 30 – Capa do livrinho de cânticos	106
Figura 31 – Encenação do Auto de São Sebastião em 2013 pelos jovens da paróquia	112
Figura 32 – Produtos vendidos na mesa do dízimo no interior da igreja	121
Figura 33 – Produtos vendidos na mesa do dízimo no interior da igreja	121
Figura 34 – Produtos vendidos na mesa do dízimo no interior da igreja	121
Figura 35 – Produtos vendidos na mesa do dízimo no interior da igreja	121
Figura 36 – Produtos vendidos na mesa do dízimo no interior da igreja	122
Figura 37 – Produtos vendidos na mesa do dízimo no interior da igreja	122
FOTO 38 – Produtos vendidos durante a festa de São Sebastião no pátio térreo da igreja	123
Figura 39 – Agradecimentos, pedidos e orações depois da novena diante do santo	128
Figura 40 - Agradecimentos, pedidos e orações depois da novena diante do santo	128
Figura 41 – Devotas com fotografias da família para tocar na imagem do santo	131
Figura 42 – Devotas com documentos para tocar na imagem do santo	131
Figura 43 – Pedidos de uma devota ao santo logo após a novena da noite	132
Figura 44 – Pedidos de uma devota ao santo logo após a novena da noite	132
Figura 45 – Bilhetes depositados pelos devotos no “pote dos pedidos”	140
Figura 46 – Altar de São Sebastião no espaço térreo da igreja matriz durante a festa	140
Figura 47 – Devota toma da água e passa no corpo	141
Figura 48 - Mulher enche os vidros com água benta	150
Figura 49 – Mulher apresenta os vidros com água benta e reza ao santo	150
Figura 50 – Mulher reza algumas pessoas e passa água benta pelo corpo antes da procissão	173
Figura 51 – Mulher reza algumas pessoas e passa água benta pelo corpo antes da procissão	173

LISTA DE FOTOGRAFIAS

Figura 52 – Mulher reza algumas pessoas e passa água benta pelo corpo antes da procissão	173
Figura 53 – Mulher reza algumas pessoas e passa água benta pelo corpo antes da procissão	173
Figura 54 – Concentração dos devotos em frente à igreja matriz antes da procissão	178
Figura 55 – Procissão de São Sebastião pelas ruas do bairro do Alecrim	180
Figura 56 – Procissão de São Sebastião pelas ruas do bairro do Alecrim	183
Figura 57 – Bicicletas que seguem à frente da procissão de São Sebastião	185
Figura 58 – Mapa 3 – Percurso da Procissão de São Sebastião pelas ruas do bairro do Alecrim	189
Figura 59 – Santinhos de São Sebastião	192
Figura 60 – Santinhos de São Sebastião	192
Figura 61 – Santinhos de Santo Expedito distribuídos na procissão	193
Figura 62 – Santinhos de Jesus Cristo distribuídos na procissão	193
Figura 63 – Santinho da candidata à governo do Estado em 2010	194
Figura 64 – Santinho da candidata à governo do Estado em 2010	194
Figura 65 – Devota organiza seu altar na porta de casa	198
Figura 66 – Ornamentação na árvore em homenagem a São Sebastião	199
Figura 67 – Altar improvisado em cima do carro	200
Figura 68 – Altar da devota que coloca todos os anos por promessa ao santo	201
Figura 69 – Altar de São Sebastião na porta de casa	202
Figura 70 – Ornamentação no portão de casa para homenagear São Sebastião	203
Figura 71 – Ornamentação no portão de casa para homenagear São Sebastião	203
Figura 72– Altar na calçada da casa de uma devota	205

LISTA COM OS NOMES DAS RUAS

Avenida 1 – Presidente Quaresma

Avenida 2 – Presidente Bandeira

Avenida 3 – Presidente José Bento

Avenida 4 – Presidente Sarmiento

Avenida 5 – Presidente Leão Veloso

Avenida 6 – Rua dos Canindés

Avenida 7 – Rua dos Caicós

Avenida 8 – Rua dos Pajeús

Avenida 9 – Coronel Estevam

Avenida 10 – Rua dos Paianazes

Avenida 11 – Manoel Miranda

Avenida 12 – Rua dos Paiatis

Avenida 15 – Bernardo Vieira

Avenida 16 – Antônio Basílio

Avenida 17 – Nascimento de Castro

Avenida 18 –

Avenida 19 –

Avenida 20 –

Avenida 21 –

Avenida 22 -

Avenida 23 – Capitão Mor Gouveia

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO – OS PREPARATIVOS DA FESTA	18
2. A FESTA VAI COMEÇAR	26
2.1 A PARÓQUIA: O ESPAÇO DA FESTA	29
2.2 ALECRIM, O BAIRRO ESPAÇO DA FESTA	50
3. A COMUNICAÇÃO, SUAS LINGUAGENS E SEUS FLUXOS NA FESTA – O SANTO E OS DEVOTOS	59
3.1. QUEM É ESTE SÃO SEBASTIÃO?	65
3.2. OS DEVOTOS DE SÃO SEBASTIÃO	71
3.3. O SANTO VISITA OS DEVOTOS: A PRÉ-NOVENA	76
4. A COMUNICAÇÃO, SUAS LINGUAGENS E SEUS FLUXOS NA FESTA – A NOVENA	97
4.1. OS AFILHADOS DE SÃO SEBASTIÃO: UMA INOVAÇÃO NA FESTA QUE NÃO DEU CERTO	115
4.2. A LINGUAGEM PROPAGANDÍSTICA E PUBLICITÁRIA NO NOVENÁRIO DE SÃO SEBASTIÃO	118
4.3. A COMUNICAÇÃO DOS DEVOTOS NO ESPAÇO DO NOVENÁRIO: ENCONTRANDO “BRECHAS”	127
4.4. O POTE DOS PEDIDOS: A COMUNICAÇÃO ESCRITA PARA O SANTO ATRAVÉS DOS BILHETES	136
5. A COMUNICAÇÃO, SUAS LINGUAGENS E SEUS FLUXOS NA FESTA – A PROCISSÃO	152
5.1. AS PROCISSÕES: EXPRESSÕES NO BRASIL E EM PORTUGAL	153
5.2. AS LINGUAGENS SIMBÓLICAS E COMUNICATIVAS NA PROCISSÃO DE SÃO SEBASTIÃO	166
5.3. OS PROCESSOS DE COMUNICAÇÃO NO TRAJETO DA PROCISSÃO DE SÃO SEBASTIÃO	177
5.4. A COMUNICAÇÃO DO DEVOTO ATRAVÉS DOS SANTINHOS	189
5.5. OS ALTARES A SÃO SEBASTIÃO: A COMUNICAÇÃO DO DEVOTO	195

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS	208
7. REFERÊNCIAS	214

1. INTRODUÇÃO – OS PREPARATIVOS DA FESTA...

A comunicação é uma ferramenta fundamental para conseguirmos nos relacionar com os outros e viver no mundo. Construimos diversas linguagens para conseguir tal intento, quer sejam elas verbal, não verbal ou simbólica. A devoção aos santos é uma forma de comunicação. Devoção é comunicação. Busca-se pesquisar os processos comunicacionais, suas linguagens e seus fluxos na festa de São Sebastião, no bairro do Alecrim, em Natal/RN.

A festa, expressando-se por seu caráter religioso ou cívico, é também um fenômeno social, constituída por suas linguagens carregadas de sentidos e, portanto, ela pode ser considerada como um fenômeno comunicacional que envolve os sujeitos interativos desse evento cultural. Os fluxos comunicacionais que circulam no espaço da festa do santo não convergem em um único sentido, como as flechas que foram direcionadas para o corpo do mártir São Sebastião, mas eles se cruzam, tomam trajetórias diferenciadas. Existe uma relação de comunicação que se estabelece entre o devoto e o santo de forma individualizada ou coletiva e através do ritual. Mas também há uma comunicação que parte da hierarquia oficial da igreja e das suas organizações de pastorais, grupos e movimentos que estão envolvidos nesses processos comunicacionais na festa do santo. Não se trata aqui de discutir as relações de poder que se configuram num processo comunicativo ou entre a hierarquia oficial da igreja e os leigos devotos, mas sim a festa como um fenômeno comunicacional, com suas linguagens, que apresenta múltiplos planos simbólicos e que utiliza todos os meios de expressão para aparecer o valor desse simbolismo mediado pelo corpo, seus gestos e performances, suas vestimentas e os objetos que incorpora, além da oralidade, juntos comunicam e expressam algo.

O que se busca é perceber a comunicação na relação de devoção. É num espaço multirrelacional das festividades do santo padroeiro no qual os devotos se expressam, de forma explícita e implícita, através de toda uma linguagem simbólica presente nos gestos, nas performances e nos movimentos corporais, nas cores das vestimentas, bem como no que é dito de forma oral ou em silêncio, nas orações espontâneas ou pré-elaboradas, nos bilhetes escritos que endereçam ao santo ou mesmo em outras manifestações comunicativas durante o trajeto da procissão pelas ruas do bairro, no dia dedicado ao santo padroeiro.

O nosso olhar se volta para o espaço da festa e nele perceber como se processa essa comunicação entre o devoto e o santo, a sua relação afetiva que estabelece em vários momentos ao longo de um período no qual ocorre a festa. Ela começa antes do novenário, no

período denominado de pré-novena e se prolonga durante as nove noites de novena, que vai da abertura oficial, a partir do dia 11 do mês de janeiro até o dia 19, última noite do novenário. O encerramento da festa se dá na grande manifestação de rua, quando milhares de devotos se transformam numa onda vermelha e branca acompanhando o cortejo da procissão, seguindo o santo em seu andor no percurso pelas ruas do Alecrim, no dia 20 de janeiro, data em que se comemora o martírio do santo.

As pesquisas que tratam sobre as festas religiosas se voltam para várias abordagens temáticas. Desde a relação complexa entre o sagrado e o profano nas mais diversas manifestações do fenômeno religioso na história das religiões, às relações de poder que existem entre as práticas promovidas pela hierarquia oficial da igreja e a devoção popular ou mesmo do poder subversivo que perpassa as práticas religiosas. Outras delimitações dos objetos se concentram também sobre os rituais que envolvem o catolicismo popular, romanizado e ultramarino, religião e sociedade. Investiga-se também a festa sob a ótica do espetáculo, como a atividade lúdica e inserida no campo das manifestações culturais. Mais recentemente também surgiram teses e dissertações sobre a festa do ponto de vista dos grandes empreendimentos econômicos ou turísticos e das produções simbólicas. E ainda sobre a *folkcomunicação*, ou seja, a vinculação entre folclore e comunicação ou *folkmidia*, que seria a representação da cultura popular tradicional nos meios de comunicação social, conceito elaborado pelo pesquisador pernambucano Roberto Benjamim (MELO, 2008, p. 9). Esta teoria da folkcomunicação foi elaborada na década de 60 pelo pesquisador pernambucano Luis Beltrão e sustenta que “existem diferentes sistemas de comunicação cultural [...], que usam [...] linguagens verbais e nãoverbais, canais naturais e artificiais, massivos e alternativos” (BELTRÃO, 2004, p. 57). O processo comunicacional que é produzido e elaborado pelas camadas populares é chamado de *folkcomunicação*. Esta teoria, a princípio, chamou a atenção pela relação com a comunicação. Mas o nosso foco é a comunicação, não como um fenômeno folclórico, mas como um fenômeno cultural presente na festa e na relação do devoto com o santo.

Existem várias correntes teóricas que estudam o fenômeno da comunicação desde o início do século XX. Os primeiros estudos começaram nos Estados Unidos e se ampliaram para outros países, como a Escola de Frankfurt, o pensamento contemporâneo francês sobre a comunicação, os estudos culturais, as pesquisas latino-americanas. A nossa escolha é a partir se volta para as novas concepções epistemológicas sobre o fenômeno comunicacional, de modo a ajudar a perceber os diversos processos comunicacionais presentes na festa de São Sebastião.

O nosso campo de embasamento teórico se sustenta na concepção de comunicação como sendo aquela relação que se estabelece entre sujeitos, a qual vem sendo refletida e elaborada na academia pelo pesquisador da área *Ciro Marcondes Filho* (2010). A comunicação entendida como interação entre as pessoas, diálogos coletivos, atos performáticos no sentido estético de descoberta da vida. Ainda nos auxiliam nesta empreitada as concepções da filósofa *Marilena Chauí* (2005) sobre comunicação e linguagem onde identifica um sistema de signos e sinais criados para estabelecer uma relação do sujeito com o mundo e com os outros. Essa linguagem simbólica também está presente nas religiões e nos rituais sagrados e cívicos.

Quando passamos a tratar das formas simbólicas que os devotos elaboram para se comunicar e se expressar com o santo no espaço da festa de São Sebastião, nos apoiamos nos antropólogos e pesquisadores que tratam dos rituais com suas linguagens e atos performáticos, que englobam desde a oralidade e todo o conjunto de gestos corporais, a vestimenta e outros elementos dessa comunicação a partir de *Victor Turner* (1974, 1987, 2005), *Clifford Geertz* (2008) e *Paul Zumthor* (1993, 1997). Valiosas contribuições também nos deram as pesquisas desenvolvidas pela antropóloga *Renata de Castro Menezes* em seu estudo sobre “A Dinâmica do Sagrado” (2004) e *Daniel Bitter*, em seu trabalho sobre as folias de reis “A Bandeira e a Máscara” (2010). Acreditamos que esse suporte nos possibilitará uma incursão sobre a festa de São Sebastião na busca desses processos comunicacionais, suas linguagens e seus fluxos.

Há muitos anos que me impressiona e sempre me inquietava a multidão de devotos que todos os anos se concentram no bairro popular do Alecrim para participar da procissão de São Sebastião, uma área da cidade com característica eminentemente comercial. O que justificava tanta gente vestida de vermelho e branco percorrendo ruas atrás do andor do santo. Ao mesmo tempo, quando concorri a uma vaga no Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Universidade Federal do Rio Grande do Norte – UFRN, tinha a perspectiva de desenvolver um projeto que abarcasse o viés da comunicação, uma vez que sou jornalista e atuo na academia no ensino de Graduação em Comunicação. Além desses dois aspectos, um terceiro apareceu como mais um estímulo para reforçar minhas inquietações. Quando cursava a disciplina de Antropologia Urbana como aluno especial, oferecida pelo Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, pude mergulhar nas questões relacionadas ao cotidiano da cidade e aumentou ainda mais o desejo de estudar a festa de São Sebastião na ótica da comunicação. Assim, logo que fui aprovado no

doutorado de 2010, dei início ao trabalho de campo já no final do ano de 2009 participando dos primeiros contatos com a paróquia com vistas a realizar a pesquisa de campo.

No desenvolvimento do trabalho científico não encontramos sempre um caminho livre de obstáculos. Deparamos-nos com algumas dificuldades de percurso que não nos permitiram uma dedicação mais consistente ao longo dos quatro anos de pesquisa. Nos três primeiros anos não era possível o afastamento de sala de aula em decorrência do estágio probatório na instituição. A legislação da época não permitia tal procedimento. E conciliar toda a carga de responsabilidades do fazer profissional com as aulas do programa e o lado da pesquisa científica torna-se uma empreitada muito complicada. Além disso, no segundo ano, ainda concluindo as cadeiras necessárias dos componentes curriculares exigidos para integralizar a formação, foi necessária a mudança de orientação em decorrência do desligamento da professora do quadro da UFRN para outra instituição.

No que trata sobre as dificuldades no trabalho de campo, também ocorreram logo cedo, durante as pesquisas sobre o levantamento histórico da paróquia de São Sebastião, que faz parte do segundo capítulo da tese. A igreja do Alecrim, antes de se tornar paróquia, era apenas uma capela e pertencia à paróquia de São Pedro, administrada pela Congregação Missionária da Sagrada Família. O atual prior responsável não permitiu acesso ao livro tomo para pesquisa sobre os primeiros anos de organização da festa, embora tenha feito duas investidas e solicitado o apoio do padre da paróquia de São Sebastião para intermediar, mas sem sucesso. As informações que alimentaram o trabalho vieram do historiador Itamar de Souza (2008) e pelo antropólogo, historiador e folclorista norte-rio-grandense Luiz da Câmara Cascudo (1999) e parte dos registros no livro tomo da paróquia de São Sebastião a partir do período em que se tornou paróquia. Somente no final de 2013 consegui contatos com os missionários da região Sul do país e que prontamente remeteram, via correio, uma cópia de um texto escrito pelo primeiro padre que assumiu a paróquia de São Pedro, o padre Ferdinand Nolte. As informações contidas no livro vão até o início da década de 20. Os outros textos que tratam dos anos seguintes e de interesse para a pesquisa, uma vez que as informações sobre as primeiras festas do santo datam de 1926, estão escritos em alemão, o que tornou inviável a tradução do material em tempo hábil.

Desde o início da pesquisa, a abordagem antropológica da etnografia se apresentou como a ferramenta e método principal para o desenvolvimento do trabalho de campo, a partir das três etapas exigidas para apreender e compreender o fenômeno religioso da festa de São Sebastião na ótica da comunicação (olhar, ouvir e escrever), buscando perceber os processos inerentes às práticas do ritual, desde a novena até a procissão. O primeiro momento da

pesquisa com a abordagem etnográfica começou ainda em 2009 quando passei a participar das reuniões da equipe de coordenação, juntamente com o padre, na preparação da programação do novenário de 2010. A primeira imersão no campo, ou seja, a minha entrada no espaço da festa possibilitou perceber e identificar os elementos dos processos comunicativos que são elaborados por parte da hierarquia oficial da igreja. Acompanhamos todo o desenrolar da festa, a partir das nove noites de novenário observando e registrando os comportamentos que ocorrem durante as celebrações, no que é dito durante o novenário, no simbolismo expresso nos comportamentos dos grupos organizados e dos devotos, nas vestimentas que se identificam com as cores do santo, nos objetos e no espaço físico onde ocorre a festa. O último momento é a procissão, quando a profusão comunicativa é muito maior porque a rua ganha uma nova dimensão da festa. Tudo o que pode representar para o pesquisador como estranhamento e deslumbramento, tudo o que aguça o olhar, está ali no espaço da festa. Depois se relativiza o que se apreende. Para Geertz, “a trama é um discurso social” [...], onde “o antropólogo observa, registra, escreve e analisa”, cujo “relatório etnográfico deve esclarecer o que ocorre em cada lugar pesquisado” (GEERTZ, 2008, p. 8;12-14). O material registrado no caderno de campo possibilitou um suporte para a escrita da tese, não só como explicação do fenômeno, mas como apreensão e interpretação, de modo que o lugar do observador da realidade não é neutro como nos chama a atenção Oliveira (2006).

Em 2011, a observação voltou a sua atenção para o momento da procissão, mas sem perder de vista o que ocorreu durante o período do novenário, acrescentando novos detalhes surgidos, como foi o caso do “pote dos pedidos”, uma forma de relacionamento entre o devoto e o santo através de bilhetes escritos e endereçados a São Sebastião e depositados naquele pote que compôs parte do quinto capítulo da tese. E na procissão, o foco principal foram as manifestações dos devotos durante todo o percurso, o que possibilitou a descoberta dos altares como outra forma de expressão da devoção ao santo, além de diversos elementos comunicacionais como bandeiras, banners e outros arranjos colocados nas portas de algumas casas do bairro, por onde passou a procissão com a imagem do santo padroeiro.

No ano de 2012, o olhar e o registro etnográfico também se pautaram em alguns detalhes da festa que escaparam à observação nos dois anos anteriores, além de usar o recurso do registro de imagens fotográficas, o qual não ocorreu no primeiro ano da pesquisa de campo. Em 2013, o foco foi a pré-novena. Ao longo de dez dias, do dia primeiro ao dia dez de janeiro acompanhamos alguns grupos realizando novenas pelas ruas do bairro do Alecrim, com a imagem do santo pernoitando a casa dos devotos. Ali conhecemos o inventor da prática religiosa da pré-novena, a qual vem crescendo no espaço da festa a cada ano.

Paralelamente à observação, realizaram-se conversas com os devotos para tentar apreender os significados presentes nos elementos constitutivos dos processos comunicacionais que ocorrem na festa de São Sebastião, como também com as pessoas que expunham seus altares nas portas de suas casas durante a procissão. Em 2011, recolhemos algumas mensagens que foram colocadas no “pote dos pedidos”, que representaram outra forma de comunicação direta dos devotos com o santo, embora parte do material se perdeu por causa do descuido na conservação dos bilhetes que se estragaram devido a água que caiu dentro do “pote dos pedidos”. Em 2012, realizamos entrevistas com os dois padres, um que esteve à frente da paróquia até o início da década de 90 e o outro, o padre atual que dirige a paróquia há mais de 20 anos.¹ Além destas entrevistas também fizemos outra com o coordenador ou articulador paroquial que assumiu a função a partir de 2011. Todo esse material coletado serviu para “obter as informações não alcançáveis pela estrita observação” [...] e “as explicações fornecidas pelos próprios membros da comunidade investigada [...] para o entendimento antropológico” (OLIVEIRA, 2006, p. 21-22).

Nos três últimos anos da pesquisa (2011 a 2013) ainda como suporte para as inferências científicas e também para enriquecer o trabalho de campo utilizamos a ferramenta dos registros fotográficos. Em 2011, a pesquisa se pautou no registro dos principais momentos das noites de novena (celebração e as atividades da programação social da festa) e no percurso da procissão, com destaque para os altares dos devotos e os enfeites que são expostos nas portas das casas e calçadas, enquanto o cortejo segue pelas ruas do bairro. Em 2012, ainda registros da festa e da procissão e em 2013, alguns registros fotográficos da pré-novena em várias casas do bairro.

Em 2013, ainda para reforçar e ampliar o trabalho de campo, consegui ser selecionado através do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da UFRN com uma bolsa do Programa Institucional de Doutorado Sanduíche no Exterior - PDSE da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – CAPES para realizar estudos em Portugal, com duração de seis (06) meses, cujo objetivo foi desenvolver uma pesquisa complementar bibliográfica e documental buscando descobrir elementos fundamentais sobre as manifestações culturais e práticas das tradições religiosas naquele país, com suas linguagens simbólicas que caracterizam a festa católica cultuada a São Sebastião que pudessem ter relações com a festa realizada no bairro do Alecrim, em Natal.

¹ As entrevistas foram realizadas com os padres Valdemar Fernandes B. de Pinho em maio de 2012 e com José de Freitas Campos, em junho de 2012, bem como com o coordenador paroquial Airton Gomes Teixeira em junho de 2012.

A pesquisa foi realizada junto ao Instituto Universitário de Lisboa – IUL e Instituto Superior de Ciências do Trabalho e da Empresa – ISCTE, sob a orientação da professora doutora Graça Índias Cordeiro, no período de março a setembro de 2013. Foi uma oportunidade única de perceber as festas religiosas e cívicas de Lisboa, subir e descer ladeiras íngremes na busca do santo pelas ruas lisboetas e de experimentar e conhecer uma cultura diferente da nossa. Além de conversas com outros pesquisadores, workshops e colóquios, pude realizar pesquisas na Biblioteca Nacional e no Museu de Etnologia de Portugal, além da pesquisa de campo nas procissões de São Sebastião, Santo Antônio, Corpus Christi, das Marchas dos Santos Populares de Lisboa (Santo Antônio, São João e São Pedro) e do Festival de Máscaras Ibéricas durante o período de permanência em Lisboa. Ainda participei de um Colóquio Luso-Brasileiro em homenagem ao antropólogo brasileiro Gilberto Velho. Também foram fundamentais as aulas de antropologia urbana da minha orientadora em Portugal. Ela também favoreceu e possibilitou o encontro e a sociabilidade com outros pesquisadores e pesquisadoras brasileiras e que culminou com excelentes momentos de vivências partilhadas longe da terra.

A última etapa deste trabalho é a escrita da tese, a concretização de todo um trabalho ao longo de quatro anos e que resulta numa estrutura formatada em cinco capítulos. Procuo metaforicamente situar o leitor e leitora para visualizar dois momentos de uma festa: os preparativos e a realização da festa em si mesma no primeiro capítulo. O segundo capítulo intitulado “A festa vai começar...” trata de contextualizar “a paróquia: o espaço da festa...” desde as primeiras notícias sobre a festa de São Sebastião até os dias atuais e o “Alecrim, o bairro espaço da festa...”, onde a realidade de um bairro centenário e que teve um grande apogeu em épocas passadas é o lugar onde ocorre a nossa pesquisa.

O terceiro capítulo é dedicado à abordagem conceitual da comunicação com suas linguagens simbólicas e que nos fundamenta e nos dá o suporte para o desenvolvimento da tese sobre os processos comunicacionais que ocorrem na festa na relação afetiva entre o santo e o devoto: “A comunicação, suas linguagens, seus fluxos na festa: o santo e os devotos”. Nesta seção, procuramos apresentar “quem é este São Sebastião?” que é tão venerado ao longo de quase dois milênios e quem são “os devotos de São Sebastião” que estabelecem os vínculos afetivos e comunicacionais com o santo. Fechando o terceiro capítulo, passamos para o momento da festa em si, a imersão na vivência festiva quando “o santo visita os devotos: a pré-novena”.

No quarto capítulo vamos vivenciar e participar de todo o momento da festa “A comunicação, suas linguagens e seus fluxos na festa – a novena”. É aqui que os devotos se

encontram na casa do santo e onde ocorrem diferentes fluxos comunicacionais como, por exemplo, “os afilhados de São Sebastião: uma inovação na festa que não deu certo”, “a linguagem propagandística e publicitária no novenário de São Sebastião”, “a comunicação dos devotos no espaço do novenário: encontrando “brechas” e onde se encontra “o pote dos pedidos”: a comunicação escrita para o santo através de bilhetes...”.

O quinto capítulo é dedicado ao grande momento da festa, quando a onda vermelha e branca toma conta das ruas na imensidão do mar de devotos que participam da procissão: “A comunicação, suas linguagens e seus fluxos na festa – a procissão”. Uma prática religiosa que atravessou o oceano e encontrou terra firme e se transformou em uma das mais expressivas manifestações criativas e inventivas: “as procissões: expressões no Brasil e em Portugal”. É aqui que encontramos a profusão de “as linguagens simbólicas e comunicativas na procissão de São Sebastião”, bem como “os processos de comunicação no trajeto da procissão de São Sebastião”, “A comunicação do devoto através dos santinhos” e especialmente “os altares a São Sebastião: a comunicação do devoto”.

Por fim, no sexto capítulo, apresento alguns aspectos que pude considerar relevantes durante a realização da pesquisa e que podem servir de estímulo e incentivo a se continuar investigando essa relação entre comunicação e devoção no espaço de uma festa religiosa. Neste sentido, convido a cada leitor e cada leitora a participar desta “festa”, a entrar no espaço da casa do santo e “seus convidados” e descobrir o que circula aqui. Entre e seja bem vindo e bem vinda!

2. A FESTA VAI COMEÇAR...

O dia chegou! Das vielas, becos e ruas saem milhares de devotos para festejar o mártir São Sebastião. Numa relação de mais íntima amizade, vestem-se de vermelho e branco para dizer “aqui estou!”. Esta forma de comunicação fervorosa está presente em quatrocentas e setenta e sete (477) paróquias espalhadas pelo Brasil afora,² outras tantas paróquias em Portugal e em vários lugares do mundo. Um santo da devoção popular que atravessa séculos. Busca-se pesquisar esses vínculos expressos nas diversas maneiras de estabelecer o diálogo com o santo através de suas linguagens e de seus fluxos comunicacionais na festa de São Sebastião, no bairro do Alecrim, em Natal/RN.

Voltam-se os olhares para o santo e seu devoto na tentativa de identificar o diálogo que se cria e se projeta nos comportamentos e nas formas simbólicas, quer sejam eles coletivos e individuais, quer sejam eles ligados à hierarquia oficial da Igreja Católica, de suas organizações ou do devoto desvinculado da estrutura paroquial onde se realiza a festa, mas que vai atrás do seu santo e não perde o contato e a sua relação com ele.

São Sebastião não é festejado apenas na Igreja Católica, mas incorporado também no sincretismo dos cultos das religiões afro-brasileiras como o Orixá Oxossi, o guerreiro das matas. Luiz da Câmara Cascudo relaciona no Dicionário do Folclore Brasileiro como o Orixá da varíola no culto jeje-nagô no Rio de Janeiro e na Bahia, nas Alagoas, nos xangôs do Recife e até mesmo em Cuba. Segundo o pesquisador da cultura popular brasileira, Alceu Maynard Araújo (2007, p.41), a entidade “Abalu-aiê é cultuada, a partir da segunda quinzena de janeiro com os batuques do xangô na festividade do orixá”. O dia da festa do santo é 20 de janeiro, data de seu martírio, mas que pode ser comemorado em outros períodos específicos.

No Brasil como em Portugal, o santo também pode ser festejado entre os meses de abril e maio (em Lisboa, junto com a festa de Nossa Senhora da Saúde, protetora também contra a fome, a peste e a guerra); em julho (no sul de Minas Gerais, nos povoados de Ventania e de Três Barras); em agosto ou outubro na região norte, em Boa Vista de Barreto (MAUÉS, 1995, p. 319). No distrito de Olivença, município de Ilhéus na Bahia, a comemoração acontece nos dias 10 e 11 de janeiro com a Puxada do Mastro de São Sebastião, uma festa com ritual indígena realizada por índios caboclos desde o início do século XVII (FILHOS & FILHOS, 2009, p. 2). Nas comunidades ribeirinhas da região norte, o catolicismo

² Dados estatísticos coletados do Anuário Católico do Brasil, edição de 2012.

caboclo presente nas comunidades indígenas tem São Sebastião como protetor dos pescadores (SARAIVA, 2010, p. 150). A devoção ao santo nem sempre está vinculada à data em que se comemora o seu martírio, mas a um acontecimento vivenciado pela comunidade e que foi atribuída uma relação direta com a intervenção ou de intercessão do santo, constituindo assim um marco na trajetória de vida daquela comunidade. O que importa é manter o vínculo com o santo e fazer a festa.

Aliás, festejar faz parte da vida. A festa é uma das manifestações culturais das sociedades que perpassam os tempos e que está muito presente no cenário brasileiro. Em todas as dimensões do cotidiano, a festa representa uma forma de participação, de manifestação cultural, um espetáculo, uma prática carregada de conteúdos e significados simbólicos. A festa, seja ela particular, coletiva ou periódica, é uma performance e a performance é festa (ZUMTHOR, 1997, p. 159; 280). A festa é uma expressão marcante da vida, um jeito de sentir e de se comunicar. Pode-se dizer que é também uma linguagem e das mais comunicativas que o povo encontra para se expressar. É também uma das linguagens favoritas do povo brasileiro e ocupa um espaço privilegiado na cultura do nosso país (AMARAL, 2001, p.8). A festa carrega em si práticas que expressam uma riqueza de conteúdo, de significados simbólicos e expressões comunicativas. “A festa é uma produção social que pode gerar vários produtos, tanto materiais como comunicativos ou, simplesmente, significativos” (GUARINELLO, 2001, p. 971).

Ao se festejar o nascimento de um filho ou uma filha, o batizado na igreja, uma oportunidade de trabalho ou uma promoção no emprego, ao comemorar a compra de uma casa ou de qualquer outro bem, o ingresso em uma universidade, a recuperação da saúde, uma boa colheita, a mudança de um lugar para outro, a chegada de um amigo, tudo é motivo para celebrar, para tornar expresso um momento partilhado da vida de alguém. Para vivenciar o momento festivo arruma-se e enfeita-se a casa e o ambiente, preparam-se comidas e bebidas, troca-se de roupa para o tão esperado momento de partilhar as alegrias e o entrosamento entre os partícipes. Enfim, tudo é motivo de festa, de comemoração, e porque não dizer, de vínculos relacionais, afetivos e comunicacionais.

É deste ponto de vista, da perspectiva de uma comunicação que se expressa e se estabelece na festa que focamos o olhar em São Sebastião em um dos bairros populares e centenário da cidade de Natal. Vive-se todo o momento da festa traspassado pelas flechas certeiras das relações que se constroem e se estabelecem com o santo, quer no período que antecede ao novenário, quando o santo “desce do altar” e caminha pelas ruas do bairro entrando nas casas e pernoitando com uma família que o acolhe (pré-novena), quer nas nove

noites de novena e, com mais ênfase, na procissão que percorre as ruas do bairro no dia 20 de janeiro, dia em que se comemora a festa do santo padroeiro.

São Sebastião foi martirizado no terceiro século da era cristã e a sua devoção se estendeu ao longo dos séculos, a exemplo de tantas festas coletivas que se tornaram tradição e inscritas no calendário anual das sociedades e das igrejas. Outras vão surgindo à medida que novas configurações se processam na vida comunitária. No caso do Brasil, a devoção ao santo surgiu no século XVI no Rio de Janeiro em decorrência da conquista portuguesa da Bahia de Guanabara no ano de 1565, que teve o apoio dos padres jesuítas, expulsando os franceses da região e dizimando os índios Tamoios que os apoiavam. A vitória conquistada no dia 20 de janeiro daquele ano foi atribuída ao guerreiro São Sebastião e a cidade ficou conhecida como São Sebastião do Rio de Janeiro.

Até o fim da colonização, acontecia a festa das canoas, que percorria a Bahia de Guanabara lembrando a vitória dos guerreiros portugueses (FILHO, 2002, 175-181). Daí a devoção a São Sebastião, cujas procissões do “padroeiro contra a peste, a fome e a guerra [...] cruzavam as vilas e diferentes capitanias de Norte a Sul do país” (DEL PRIORE, 2000, p. 23). São várias cidades brasileiras que o tem como padroeiro. Ele está entre os três principais santos da devoção popular no Brasil (Santo Antônio, São João e São Sebastião).

No Rio Grande do Norte a devoção a São Sebastião também chegou com a ocupação do território e o trabalho de evangelização da Igreja Católica e hoje se faz presente em vários municípios do Estado: em Caicó nas comunidades de Serrote da Cruz (Paróquia de Sant’Ana em Caicó), Recreio (Paróquia Nossa Senhora de Fátima (Caicó), Povoado de São Sebastião (Paróquia de Sant’Ana – Caicó); Florânia (Paróquia de São Sebastião); Currais Novos (Capela de São Sebastião no Sítio Queimadas e no sítio Tororó); Lagoa Nova (Capela de São Sebastião no Sítio Buraco de Lagoa); Acari (Capela de São Sebastião no bairro Padre Cortez); Jucurutu (Paróquia de São Sebastião na matriz e no sítio Cacimbas); São João do Sabugi (Capela no Acampamento do Dnocs); Parelhas (Paróquia de São Sebastião); Equador (Paróquia de São Sebastião e Capela no centro da cidade).

Em outras regiões do estado ainda veneram o santo: nos municípios de Governador Dix-Sept-Rosado (Paróquia de São Sebastião); Caraúbas (Paróquia de São Sebastião); Encanto (Paróquia de São Sebastião); em Extremoz, (Capela de São Sebastião na praia de Genipabu), Sítio Novo na Serra da Tapuia (Paróquia de São Sebastião), além de muitas comunidades e capelas que têm devoção a São Sebastião. E cada uma delas com sua história, com sua relação dialógica e comunicativa com o santo.

2.1. A paróquia: o espaço da festa...

A cidade de Natal começou a ser colonizada pelos portugueses a partir do dia 25 de dezembro de 1597 quando desembarcaram e tomaram posse da terra. Era Natal! A primeira igreja construída foi a de Nossa Senhora da Apresentação. Mas a devoção a São Sebastião em Natal só surgiu há pouco mais de 80 anos, no bairro centenário do Alecrim, em uma pequena capela dedicada ao santo protetor contra a fome, a peste e a guerra. Não se sabe ao certo o motivo da escolha para se dedicar a capela da Avenida 9 ao santo soldado romano que se converteu ao cristianismo no século III. Nas proximidades da capela havia o cemitério, onde muitas crianças eram sepultadas e uma moradora do bairro tinha o costume de colocar flores de alecrim nos caixões enquanto faziam o trajeto do enterro, além do Lazareto da Piedade que hospitalizava os indigentes que viviam em Natal (SOUZA, 2008, p. 515).

A devoção ao santo abarca várias características que são influenciadas pelos contextos de cada época e de cada lugar. Pode ter sido alimentada pela hierarquia religiosa ou pela devoção leiga que vivia no bairro ou que se instalou por lá no início do século XX decorrente da migração rural no Estado e da grande seca que assolou o estado em 1918. Historicamente, existe a relação com o santo fruto da miscigenação, pela mistura que se configurou na formação do povo, desde o período colonial. Há também as características que se cristalizaram dos modelos europeus em relação aos festejos e rituais católicos, até chegar aos nossos dias atuais. Como bem diz Peters (2008, p. 236) “a veneração privada e pública de falecidos santificados entrou profundamente na vida litúrgica e devocional da igreja, tanto oriental quanto ocidental”. No período da Idade Média, na Europa, “toda aldeia e toda cidade encontrava-se sob a proteção de um santo padroeiro” (GUTTILLA, 2006, p. 39).

Em várias partes do Brasil a devoção a São Sebastião foi alimentada pelos padres Jesuítas. Os primeiros registros datam de 1549 quando o padre jesuíta Manoel da Nóbrega, escreve a seus superiores em Roma relatando a realização de procissões solenes, entre elas a de São Sebastião (DEL PRIORE, 2000, p. 24). Em Natal, curiosamente pela ordem da Congregação dos Missionários da Sagrada Família, de origem holandesa, que chegou ao Brasil no ano de 1911 desembarcando em Recife, mas instalando-se primeiramente em Santarém, estado do Pará. Na Diocese de Natal, os primeiros padres e irmãos da Congregação da Sagrada Família chegaram em 1912. Os missionários se instalaram em duas regiões do Brasil, Nordeste (Natal e Recife) e Norte (Pará). Os primeiros sete missionários assumiram de início a Paróquia de São Gonçalo do Amarante e a direção do Seminário de São Pedro. Em

1913 veio da Alemanha o padre Ferdinand Nolte, assumindo a Paróquia de Ceará-Mirim e depois a Paróquia de Taipú. Em 1915 deixaram a direção do Seminário de São Pedro e ficaram à frente da Paróquia de Bom Jesus, na Ribeira. No período de março e a junho de 1917, o padre Nolte permaneceu na paróquia de Santa Cruz.³

O Bispo de Natal, Dom Antônio dos Santos Cabral, em sua visita pastoral ao bairro do Alecrim no ano de 1918, ficou sensibilizado com a situação de pobreza e com a seca que assolou o estado e forçou o deslocamento de centenas de migrantes do interior do estado para a capital. Concentravam-se no bairro do Alecrim. E na época não havia igreja e às vezes se celebrava a missa na residência de um membro do capítulo (NOLTE, 2010, p. 367). Alguns moradores se dirigiam ao Convento Santo Antônio, no centro da cidade. O padre Ferdinand Nolte passou a celebrar missas no Alecrim em altares improvisados na rua (NOLTE, 2010, p. 368). Talvez aqui se encontre o germe da devoção de São Sebastião ter entrado no espaço da casa dos devotos e ter permanecido no altar doméstico e posteriormente ser o motivo para a sua exposição no dia da procissão do santo pelas ruas do bairro. Naquela época o padre Nolte ficou com a missão de construir dentro de um ano a igreja do bairro. Em 15 de agosto de 1919 foi criada a Paróquia de São Pedro, sendo desmembrada da Paróquia de Nossa Senhora da Apresentação, que envolvia a região da Cidade Alta. O padre Nolte foi nomeado o primeiro pároco da Paróquia. A área da Paróquia ainda englobava as capelas de Ponta Negra e Pirangi de Dentro, além da capela de Igapó (NOLTE, 2010, p. 374). A partir de 1948 a Congregação dos Missionários da Sagrada Família se constituiu como Província Brasil Setentrional e hoje envolve Natal e Patu no Rio Grande do Norte, Recife, Floresta e União dos Palmares em Pernambuco e o Pará como Província Brasil Meridional. Em 1957, uma nova província foi criada no norte de Minas Gerais. Hoje são três províncias: Brasil Setentrional (RN, PE e AL), Brasil Meridional (RS, SC, RJ, GO e AM) e Brasil Oriental (MG e ES).⁴

Portanto, diferentemente de outros lugares do país, a devoção surge por outro viés, por outros elementos que foram incorporados no espaço litúrgico da igreja local. Há registros históricos da festa de São Sebastião desde o ano de 1926, segundo o pesquisador natalense

³ Paróquia é um termo grego que significa morada, habitação em pátria estrangeira. Para a Igreja Católica significa agrupamento de fiéis. De acordo com o Código de Direito Canônico considera-se paróquia a menor circunscrição local, pastoral e administrativa. Trata-se de um território delimitado, que envolve uma comunidade, constituída de maneira estável e confiada aos cuidados pastorais de um pároco, como seu pastor próprio. Esta concepção mudou a partir do Concílio Vaticano II, Puebla e Santo Domingo que passam a definir a paróquia como uma rede de comunidades, e mais recentemente como o lugar habitado, onde as pessoas interagem e convivem. Documento oficial da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil – CNBB, aprovado na 52ª Assembleia Geral que aconteceu em Aparecida/SP, em maio de 2014.

⁴ Dados fornecidos pelo missionário padre Itacir Brassiani, que atualmente reside em Belo Horizonte, província Oriental.

Itamar de Souza (SOUZA, 2008, p. 533). Mas faltam elementos mais específicos que identifiquem a configuração que se formou ao longo dos anos. Um aspecto que se deve ressaltar é que a congregação que assumiu as atividades e coordenação da paróquia tinha a missão de acolher os pobres e cuidar das pessoas doentes. Talvez essa característica missionária tenha despertado a devoção a São Sebastião. E provavelmente também o padre Ferdinand Nolte tenha empreendido também a construção da primeira capela.⁵

Ao longo das décadas ocorreram modificações na estrutura da festa a São Sebastião, impulsionadas por uma série de condições do contexto provenientes das transformações sociais com a expansão demográfica e urbanística da capital, do desenvolvimento industrial que impulsionou a chegada de migrantes vindos do interior do Estado em busca de melhores condições de vida e de trabalho, bem como o novo ritmo de vida provocado pela presença de soldados americanos no período da Segunda Guerra Mundial (década de 40), quando a cidade se tornou base militar de apoio aos que estavam na Europa guerreando com a Alemanha. A própria Igreja Católica também sofria mudanças em sua ação social. O bairro do Alecrim conheceu, assim, um crescimento vertiginoso nesta época.

A expansão geográfica da igreja se deu de forma acelerada a partir da década de 40. Fazia parte da estrutura paroquial de São Pedro, a capela de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro, no bairro das Quintas, além das capelas de Igapó e Rego Moleiro. Do outro lado da cidade a área da paróquia se estendia até a capela de Santo Antônio na estrada que hoje é a Avenida Salgado Filho e dá acesso à BR 101. Esse território paroquiano permaneceu por longos anos até a sua divisão quando uma nova reconfiguração do espaço foi definida pelo bispo arquiocesano.

A igreja de São Sebastião está localizada na principal artéria do bairro do Alecrim, na Avenida 9, como também é conhecida dos natalenses e por onde circula grande parte população da cidade. A princípio, os festejos eram celebrados quando existia apenas uma pequena capela, que pertencia à Paróquia de São Pedro. Aos poucos a devoção ao santo foi crescendo e o espaço da igreja se tornou pequeno. A festa ganhou a rua através da organização de quermesses com barracas para angariar ajuda financeira para o santo, concursos de rainhas, participação da banda de música da Marinha para animar o cortejo da procissão, uma vez que São Sebastião é também considerado patrono dos militares e também

⁵ O padre atual e responsável pela direção da Congregação dos Missionários da Sagrada Família em Natal não facilitou o acesso ao livro tombo da Paróquia de São Pedro para ampliar a pesquisa documental, uma vez que a paróquia de São Sebastião foi capela até o ano de 1949, quando se tornou independente ao assumir a condição de paróquia. As informações históricas registradas pelo padre Ferdinand Nolte no período do final da década de 20 encontram-se escritas em alemão.

fazia parte da realidade do bairro com a instalação da Base Naval. Ao longo dos anos, o número de devotos foi aumentando e a festa foi ganhando força e importância, uma dimensão importante no conjunto dos festejos religiosos celebrados no bairro (São Pedro, Nossa Senhora da Conceição e São José da Guarita).

No dia 20 de janeiro de 1949, a capela de São Sebastião da Baixa da Beleza - como era conhecida no início a Avenida 9 - ganhou o status de Paróquia pelo Bispo da Diocese de Natal, Dom Marcolino Esmeraldo de Souza Dantas (1929 – 1967), desvinculando-se da Paróquia de São Pedro, embora continuasse sendo administrada pelos padres da Congregação dos Missionários da Sagrada Família até o final dos anos 60. Integraram a Paróquia as capelas de Rego Moleiro e Igapó, além da igreja de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro, no bairro das Quintas. A área geográfica da paróquia compreendia uma parte da Avenida Hermes da Fonseca até o cruzamento da Avenida 15, atingindo a Avenida Alexandrino de Alencar até a área das dunas da costa litorânea da cidade banhada pelo oceano Atlântico. A outra margem da paróquia ia até o prolongamento da Avenida Capitão Mor Gouveia, antiga Avenida 23, seguindo até o rio Pitimbú, na altura da antiga ponte velha quando cruzava a via férrea. O outro lado da paróquia atingia o Rio Potengi, os Barreiros, retornando a Igapó, até atingir a Avenida 4, a Jaguarari e a Avenida 15 (Bernardo Vieira) chegando novamente ao limite com a Avenida Hermes da Fonseca.⁶

Com a nova condição de paróquia, a igreja local de São Sebastião fez algumas mudanças. A imagem do santo foi substituída por outra maior de 1,30 metros, com pintura de luxo e olhos de vidro, a que se encontra atualmente no altar principal da igreja. A antiga imagem de característica indo-europeia permaneceu na comunidade e fica atualmente na casa paroquial, saindo de lá no período da festa, se posicionando na entrada principal do espaço térreo para receber os devotos que deixam seus pedidos no pote e bebem da água benta que fica ao lado do pequeno altar do santo. No dia procissão, a imagem é toda enfeitada com flores, realizando o trajeto pelas ruas do bairro em cima de um carro do corpo de bombeiros.

No início da constituição da paróquia, poucos dias antes da capela se tornar paróquia, um devoto do santo, o médico e deputado estadual Creso Bezerra de Melo, fundou a Sociedade Beneficente São Sebastião no dia 9 de janeiro de 1949, cuja sede fica localizada na Avenida 12. Em 2014 completou 65 anos de existência. No livro tomo pertencente à paróquia, também há registros de que na época da festa, muitas pessoas vinham de outras igrejas católicas da cidade para serem batizadas, como também recebiam o batismo os cristãos

⁶ Livro de Decretos e Portarias da Diocese de Natal, de 1900 a 1982, que se encontra no setor de arquivo da Arquidiocese de Natal, no setor administrativo (subsolo da Catedral Metropolitana de Natal).

de outras denominações religiosas que se convertiam e pediam o sacramento de iniciação cristã (Presbiterianos, Assembleia de Deus, Pentecostais, Adventistas, Testemunhas de Jeová e da Tenda Catedral)⁷. A festa do padroeiro se tornou uma referência para outros lugares da cidade. Os devotos do santo passaram a acorrer com mais frequência à paróquia, principalmente no período da festa.

A inovação e a criatividade nas atividades litúrgicas da paróquia parecem que contribuíram para estimular o deslocamento dos devotos de São Sebastião no período dos festejos religiosos. Só para se ter uma ideia desse processo, quando chegou o final do ano de 1956, a novidade para a preparação da festa do ano seguinte (1957) foi a organização da *Campanha do Menino Deus*, onde um grupo de crianças saía às casas do bairro levando a imagem do Cristo aos lares da paróquia. Essa prática foi reativada posteriormente através de um devoto leigo da paróquia que no início dos anos 90 saía de casa em casa carregando uma imagem de São Sebastião, rezando e angariando dinheiro para a festa. Imediatamente a prática individual de um devoto foi incorporada pelo padre à programação dos festejos do santo, estimulando mais recentemente o que se denomina como sendo *a pré-novena*, onde o padre organiza grupos de leigos com imagens do santo padroeiro percorrendo as ruas e casas da Paróquia, antes do período do novenário que acontece sempre a partir do dia 10 de janeiro de cada ano.

Já em 1959 a Liga Católica *Jesus, Maria e José*, uma das organizações antigas que permanece nos dias atuais, assumiu pela primeira vez a coordenação da festa de São Sebastião sob as orientações do pároco. A Igreja Católica estava abrindo-se à participação dos leigos através de várias organizações. Com o envolvimento dos leigos nas atividades da festa, a renda daquele ano chegou ao montante de 81 mil cruzeiros. No ano anterior tinha conseguido arrecadar 106 mil cruzeiros com o apurado das barracas e 46 mil cruzeiros com as doações por onde passou a campanha do menino Deus percorrendo as casas do bairro. Quase o dobro do apurado. A paróquia também realizou as missões populares trazendo o frade capuchinho já conhecido no Nordeste por suas pregações e pela fama de santo, Frei Damião. Com os recursos da festa naquele ano, o padre da época (Pe. Estevam Quodt) adquiriu um terreno ao lado da capela para a construção do Centro Social Nossa Senhora do Desterro, que depois foi incorporado ao espaço para a nova construção da igreja matriz.

O prédio da igreja era relativamente pequeno, tinha uma nave principal e duas alas laterais. A estrutura apresentava pilares no vão do centro com uma arcada. Havia em cada

⁷ Livro Tombo da paróquia, folha 6.

lado confessionários para atender aos paroquianos. Um primeiro andar servia de residência para o padre. Na entrada da porta principal havia uma torre de concreto com uma cruz na parte mais alta e um sino para o anúncio das missas, das celebrações do novenário e outras atividades da paróquia.

Figura 1 - Fachada da igreja matriz de São Sebastião quando se tornou paróquia, em 1949.



Fonte: Livro publicado em comemoração aos 65 anos de paróquia na festa de 2014.

Figura 2 - Interior da igreja matriz de São Sebastião no dia da criação da paróquia em 1949.



Fonte: foto retirada do Livro Tombo da paróquia de São Sebastião.

Fato interessante foi que a igreja matriz de São Pedro foi construída em um espaço do bairro de forma a ficar isolada, dividindo a rua. No caso da igreja de São Sebastião na Avenida 9, como também a igreja de Nossa Senhora da Conceição, na Avenida 4, ficaram dispostas de forma que tornaram-se posteriormente parte integrante da rua, ou seja, casa de um lado e de outro.

Figura 3 - Igreja matriz de São Sebastião em 2014.



A igreja matriz fica localizada na Avenida 9 entre casas de um lado e de outro.

Foto: Hércio Pacheco

Além disso, mudanças também ocorreram na prática religiosa encetada pela hierarquia oficial da igreja no período pós-guerra e que desembocou nos anos sessenta com as novas diretrizes da Igreja Católica a partir do Concílio Vaticano II, contribuíram também para novas práticas desenvolvidas pelos devotos do santo padroeiro. Os leigos passaram a ter mais espaços dentro da igreja. Surgiram novas atividades pastorais e movimentos religiosos que se preocupavam com a ação social da igreja no mundo.

Esta mobilização dos leigos no interior da Igreja Católica já vinha sendo estimulada desde os anos 50 em Natal, através de uma ação social católica pioneira no país, conhecida como “Movimento de Natal”, que passou a desenvolver uma série de atividades no interior do Estado e também na capital com vistas a reduzir as condições de pobreza e contra o comunismo que influenciava o país e o Estado, conforme pensamento dominante na Igreja daquele contexto. Dois padres da Diocese de Natal foram os precursores desse movimento: o

padre Eugênio de Araújo Sales, que posteriormente assumiu a função de Administrador Apostólico da Diocese e mais tarde foi nomeado bispo e cardeal da igreja, e o padre Nivaldo Monte que se tornou Arcebispo de Natal anos depois.⁸ Essa ação da igreja se prolongou ao longo das décadas seguintes, constituindo-se como um importante ator social e político no período da ditadura militar que perdurou entre os anos 60 ao início dos anos 80.

A paróquia de São Sebastião tinha um grande dinamismo e estimulou o aumento de devotos que a cada ano participavam dos festejos dedicados ao santo padroeiro. No início dos anos 60, há relatos no livro tomo da paróquia de que a procissão de São Sebastião percorreu as ruas do bairro com participação de “grande multidão”. Nos últimos anos a afluência de devotos tem se tornado relevante em relação a outras procissões que ocorrem em outros eventos e festas religiosas da cidade, tais como a procissão dos Santos Reis no mês de janeiro, a procissão do Encontro (Semana Santa), Corpus Christi e da padroeira da cidade do Natal, Nossa Senhora da Apresentação, no dia 21 de novembro. É interesse do pároco atual que a festa de São Sebastião entre no calendário turístico de Natal. Um vereador de Natal e membro da equipe dos ministros da eucaristia da paróquia pretende apresentar um projeto de lei para inserir a festa no calendário turístico da cidade. O padre justifica dizendo que

“do ponto de vista religioso, a festa tem se mostrado num crescimento muito grande em termos de participação do povo, sobretudo na programação religiosa [...] e na procissão que arrasta muita gente. A festa não é mais exclusiva de um bairro [...] afluí pessoas de outros bairros da cidade. A festa se estende para toda a cidade do Natal. Isso já seria um argumento. Depois, o fenômeno da procissão é um momento significativo, pois aumenta a cada ano. Constatamos também a presença de devotos de outros estados e de outras cidades do Rio Grande do Norte que participam. A gente tem que fazer uma divulgação maior do evento com cartazes e outdoors na cidade. Criar uma estrutura logística de propaganda da festa muito maior. A gente percebe que há essa possibilidade da festa estar inserida no calendário turístico da cidade” (fala do padre Campos, 01 de julho de 2014).

A contribuição dos padres e irmãos missionários da Congregação Sagrada Família foi bastante relevante em toda a trajetória de vida da igreja de São Sebastião e se estendeu até o início do ano de 1968 quando a paróquia passou a ser administrada, a partir daquela data, exclusivamente pelos padres diocesanos, ou seja, que não estão vinculados a nenhuma ordem religiosa ou em casas de pequenas comunidades religiosas. Os padres religiosos são subordinados a um religioso superior, prior, abade que governam um instituto em sua

⁸ O padre Eugênio Sales era assistente eclesiástico da Juventude Masculina Católica e o padre Nivaldo Monte, por sua vez, era o assistente eclesiástico da Juventude Feminina Católica. As duas organizações faziam parte da Ação Católica que estimulava os jovens cristãos a atuarem no mundo em crise por causa da guerra, sob a luz da doutrina católica. Para saber mais sobre o Movimento de Natal ver o artigo da pesquisadora Marlúcia Paiva no livro “Igreja e Política no RN”, organizado pela professora Dr^a Ilza Araújo Leão de Andrade, da UFRN, e publicada pela editora Sebo Vermelho, no ano de 2000.

província ou casa. Os padres diocesanos, por sua vez são considerados padres seculares e estão subordinadamente vinculados diretamente ao bispo diocesano que nomeia um padre para administrar uma paróquia em particular.⁹ Neste sentido, ao longo de 65 anos passaram pela paróquia, desde o início de sua constituição em 1949, entre eles, oito (08) missionários da Congregação da Sagrada Família e dois (02) padres diocesanos. Os padres missionários permaneceram à frente da paróquia ao longo de 19 anos, sendo que o padre Mariano Moraques Zaforteza ficou aproximadamente o período de um (01) ano para consolidar o processo de transição da paróquia para as mãos dos padres diocesanos. Destacamos os nomes dos seguintes padres:

Figura 4 - Quadro 1 – Padres da Paróquia de São Sebastião

Nomes	Data de Posse
1º Pe. Luiz Klur (MSF)	21-01-49
2º Pe. Evaldo Behe - alemão (MSF)	04-11-56
3º Pe. Estevam Quodt (MSF)	12-03-59
4º Pe. Guilherme Mirlembrikq (MSF)	01-04-60
5º Pe. João Began (MSF)	28-02-63
6º Pe. Francisco Dera (MSF)	19-04-64
7º Pe. Estanislau Kompomonski (MSF)	25-08-66
8º Pe. Valdemar Fernandes de Pinho ¹⁰	17-03-68
9º Pe. Mariano Moraques Zaforteza (SJ)	08-08-91
10º- Pe. José Freitas Campos	10-01-93

Fonte: documentos oficiais da Arquidiocese de Natal no arquivo da Chancelaria

A Paróquia de São Sebastião passou para as mãos dos padres diocesanos da Arquidiocese de Natal no dia 17 de março de 1967, quando assumiu o padre Valdemar Fernandes de Pinho. Ele era também da Congregação dos Missionários da Sagrada Família e logo que chegou também assumiu a direção do Colégio Sagrada Família, localizado na Avenida 9 e que pertence à mesma Congregação. Mas depois se desligou da instituição e

⁹ A paróquia é uma determinada comunidade de fiéis, constituída estavelmente na Igreja particular, e seu cuidado pastoral é confiado ao pároco como a seu pastor próprio, sob a autoridade do Bispo Diocesano. Cânone 515 §1 do Código de Direito Canônico.

¹⁰ Primeiro padre diocesano ficou responsável pela Paróquia de São Sebastião e administrou por 23 anos.

integrou-se ao colegiado dos padres diocesanos, quando assumiu a função de capelão da Marinha. Sua permanência na paróquia se estendeu ao longo de 23 anos (1968 – 1991).

Assim que chegou à paróquia, já no ano seguinte ao de sua posse coordenou a organização da festa do seu padroeiro envolvendo as pastorais e movimentos que existiam na época (Pastoral da Família, Legião de Maria e Apostolado da Oração, entre outras associações). O padre conta que “São Sebastião é meu padroeiro”. A sua relação com o santo vinha desde sua mãe, que era devota de São Sebastião. Ela fazia o novenário em casa, e como sabia ler pouco, era o filho - que se tornou padre depois - que rezava a novena. Ela convidava as amigas, e no mês de janeiro fazia a novena de São Sebastião em casa. Quando foi nomeado pároco pela primeira vez, foi para assumir a paróquia do Alecrim, cujo padroeiro era São Sebastião. Ao ser transferido como capelão para o Rio de Janeiro servindo a Marinha ficou na área pastoral do padroeiro de lá, São Sebastião. “Três oportunidades e uma relação muito próxima” com o santo, comenta o padre.

Padre Valdemar foi um empreendedor e impulsionou a ampliação da igreja matriz logo depois que o teto da igreja desabou. Durante quatro meses esteve na Alemanha em busca de recursos financeiros e conseguiu encontrar um antigo professor na época de sua formação dentro da Congregação da Sagrada Família e que também edificou a primeira estrutura da capela de São Sebastião. O padre esteve à frente da paróquia durante os primeiros 10 anos de trabalho dedicado à construção do novo prédio da igreja. Ele conseguiu recursos da Alemanha através de uma entidade ligada aos bispos da Igreja Católica que financiava e ainda financia obras religiosas voltadas para a cooperação e desenvolvimento na América Latina, Ásia e na África (Misereor) com vistas à redução dos índices de pobreza.¹¹ A construção teve início em 1971 e terminou em 1991. Durante alguns anos a comunidade se mobilizou para angariar dinheiro também para a construção da igreja. O investimento foi da ordem de mais de 53 mil marcos, moeda alemã, além dos saldos das festas do padroeiro.

¹¹ Ver site: <http://www.misereor.org/about-us.html>. Acesso realizado em 12 de maio de 2012.

Figura 5 - Igreja após a primeira reforma realizada pelo padre Valdemar Fernandes



Fonte: Livro publicado em comemoração aos 65 anos de paróquia na festa de 2014.

Ao final da construção, a estrutura da igreja tinha ganhado um espaço mais ampliado para receber uma grande quantidade de devotos. A parte térrea ficou com uma sala para a secretaria do lado direito, ao entrar pela porta principal. Na lateral esquerda foram construídas várias salas, uma delas pertenceu ao Grupo de Jovens Anfreozam, inspirado nas ações de Frederico Ozanam.¹² A casa paroquial ficou na parte de trás logo após passar um amplo salão para encontros e atividades festivas. Na parte de cima ficou a igreja, sem nenhuma coluna ao centro da nave que pudesse impedir a circulação e a concentração dos fiéis. Várias janelas laterais deram condições para um ambiente arejado. A construção não teve mais a características das igrejas antigas com altares ou colunas para imagens de santos. O altar tem um espaço, onde do lado direito de quem olha para lá se encontra a imagem principal de São Sebastião, que foi substituída no dia 20 de janeiro de 1949, quando a capela passou a status de Paróquia. É uma imagem de 1,30 metros de gesso e olhos de vidro. No período da procissão, sai a imagem antiga de madeira com características indo-europeia. Não foi possível precisar quantos anos tem a imagem, nem quando foi introduzida na capela.

¹² O italiano Frederico Ozanam (1813-1853) criou as Conferências de São Vicente de Paulo em Paris no ano de 1831. Preocupado com a formação católica de jovens universitários, tinha como proposta incentivar os jovens a ajudar os mais pobres. As Conferências Vicentinas rapidamente se espalharam pela Europa e diversas partes do mundo. Foi beatificado pelo papa João Paulo II em 22 de agosto de 1997 durante a Jornada Mundial da Juventude na França. www.vatican.va/news_services/liturg/saints/ns_lit_doc_19970822_ozanam_po.html.

Figura 6 – Antiga imagem de São Sebastião que sai na procissão



Foto: Hécio Pacheco

Nesta época, fez-se notar a expansão da festa de São Sebastião com a montagem de uma grande estrutura, que ocupava uma área bem extensa da Avenida 9 com várias barracas, parque de diversões, atrações musicais, como rodas de samba e uma série de atrativos para os devotos do santo. Havia na época até disputa para a escolha da rainha da festa entre as barracas “encarnadas” e “brancas” que se intitulavam pertencentes às torcidas dos principais times profissionais da cidade (América e ABC). Era uma forma de estimular o aumento das arrecadações para a festa.

O padre impulsionou também a formação de movimentos e pastorais sociais dentro da igreja que contribuíram para um maior engajamento dos leigos na organização e realização da festa. Acrescida a esta nova realidade paroquial e impulso pastoral, a festa foi ganhando novas configurações ao longo dos anos, mas por causa das mudanças no espaço urbano da cidade de Natal, as quermesses deixaram de ocorrer nas ruas em torno da igreja. Antes tomava uma grande extensão da Avenida 9. Depois quando chegou o asfalto para viabilizar o aumento do fluxo de veículos que circulava por lá em direção a outras áreas da cidade, o espaço da festa social foi deslocado para a Avenida 5. Na Avenida 9 não é mais permitido pelo Departamento

de Trânsito fechar a rua, a não ser no dia 20 de janeiro quando ocorre a procissão e a missa campal de encerramento. Anos depois, a festa social sofreu mais um redução, ficando uma parte na Avenida 8 apenas para as atrações do Parque de Diversões e algumas barracas com jogos e venda de alimentos. Hoje ainda se mantém nessa área com pouca circulação dos devotos que participam da festa de São Sebastião, mas não são mais de responsabilidade da paróquia. Muitas reclamações dos moradores pedindo a retirada do parque, primeiro quando estava instalado na Avenida 5 e posteriormente os da Avenida 8 tem influenciado a pouca afluência dos devotos a área do parque de diversões. A tendência é ir se reduzindo cada vez mais até o seu desaparecimento por completo.

No início dos anos 70, a maior parte da paróquia ainda era “areia e lama”, relata o padre Valdemar Fernandes de Pinho. Com o tempo, o bairro foi ganhando uma nova estruturação das malhas viárias por causa das modificações que ocorreram no novo contexto de Natal. A cidade cresceu e muitos bairros surgiram em várias regiões. Além da zona norte de Natal, o crescimento urbano expandiu-se também para outras áreas da cidade, obrigando a Arquidiocese de Natal a redefinir os limites geográficos da paróquia de São Sebastião com o desmembramento da área. Em 1982, o arcebispo Dom Nivaldo Monte estabeleceu uma nova área da paróquia, distribuindo o restante da paróquia para vários padres: o padre Tiago Theisen, que tinha chegado da Bélgica ficou com a área das Quintas e também com a grande região da zona norte da cidade que estava em processo de expansão. O capelão da Polícia Militar, o padre Tarcísio Pereira ficou com a área da Cidade da Esperança e o padre Pio (Gerard Hubert Hensgens) que tinha chegado da Holanda, assumiu a paróquia do Sagrado Coração de Jesus, em Morro Branco, ficando também com a capela de Santo Antônio, na Avenida Salgado Filho. A paróquia de São Sebastião ficou com os seguintes limites: Avenida 4 (Presidente Sarmento), Rua Jaguarari até a Avenida Miguel Castro, voltando pela Miguel Castro até encontrar a linha de ferro e da linha de ferro até a Avenida 4 novamente. Este limite permanece até os dias atuais. No último ano em que o padre Valdemar coordenou a festa, a estimativa da Polícia e do Corpo de Bombeiros foi de 10 mil devotos que participaram da procissão pelas ruas do bairro.

Figura 7 - Mapa 1- Limites geográficos da Paróquia de São Sebastião.



Fonte: Mapa do Alecrim localizado no Google, com indicação dos limites com tracejado vermelho e a Igreja de São Sebastião indicada com a imagem do santo.

A partir de 1993, um novo padre diocesano chega à paróquia (José de Freitas Campos) e começa uma nova fase no desenvolvimento da festa. Ele se encontra a frente da paróquia até os dias atuais. Por causa da sua formação litúrgica, a festa ganhou mais dinamismo nas novenas, há sempre a busca de introduzir novidades, como em 2010 os afilhados de São Sebastião e outras que nos reportaremos nos próximos capítulos. Formado em Letras pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (1968-1971). Em seguida foi para São Paulo para cursar Filosofia e Teologia. Ordenou-se em Natal no dia 01 de fevereiro de 1975. Depois

de alguns anos foi fazer o mestrado em Teologia Dogmática pela Pontifícia Universidade Gregoriana e com especialização em Sacramentos e Liturgia pelo Instituto Santo Anselmo, dos Beneditinos, que é um instituto com especialização em Liturgia, ambos em Roma. É professor do Seminário de São Pedro há mais de 30 anos lecionando as disciplinas de Introdução à Liturgia e Introdução aos Sacramentos e, mais recentemente, na Faculdade de Teologia Dom Heitor de Araújo Sales, em Natal. Além de compositor de músicas religiosas e escritor dedicado às temáticas da igreja consegue diversificar a vida pastoral e litúrgica da paróquia.

Para o Padre Campos, sua formação “tem ajudado muito no aprofundamento da formação do povo de Deus, dá mais conteúdo para exercitar o ministério de padre”. Ela procura sempre introduzir novidades no espaço da festa de São Sebastião de acordo com as mudanças e transformações que vem ocorrendo ao longo dos anos. Com o processo de urbanização acelerado de Natal, aos poucos a festa foi perdendo o espaço da rua e se contraindo a cada ano, concentrando-se agora dentro dos muros da igreja, mais precisamente na área térrea onde fica o salão paroquial, a secretaria, a casa paroquial e as salas de reuniões. É nesse ambiente paroquial que as alterações vão acontecendo e possibilitando práticas novas a cada ano.

No aspecto pastoral, o padre inovou e ampliou as ações dos leigos: criou o movimento “Encontro de Casais com Cristo”, dinamizou a pastoral litúrgica com o envolvimento dos jovens e adolescentes (coroinhas) ajudando no altar. Incentivou a organização das pastorais da saúde, do idoso e do batismo. Dois grupos de jovens passaram a animar a pastoral do canto e da música, além da preparação para a catequese e para a crisma (Ichtus, que significa “Cristo” em grego e Lançando Redes). Inspirado no Concílio Vaticano II, também estruturou na paróquia os Conselhos Econômico e Pastoral Paroquial - CPP. Há alguns anos atrás a organização da festa ficava a cargo do Conselho Missionário Paroquial – COMIPA. A partir de 2012, surge uma nova função na estrutura da paróquia, a do Coordenador Paroquial, braço direito do padre nas atividades pastorais e articulação dos movimentos e pastorais da igreja local. O padre pensa em criar para os próximos anos a pastoral do catecumenato para preparar os novos cristãos adultos que se convertem e entram para a comunidade da igreja católica. São ainda novidades na administração do padre Campos, a criação da pastoral do lazer e no período junino o “Arraiá do Tião” no início do mês de julho, logo depois dos festejos juninos, que incentiva a realização de shows com músicas católicas.

A paróquia conta ainda com três comunidades além da área pastoral que fica em torno da igreja matriz: Santo Inácio de Loyola, a segunda comunidade a ser organizada com uma

capela na Rua do Loureto, próximo à Avenida Antônio Basílio em frente à comunidade Rainha da Paz e atinge parte do bairro de Dix-Sept-Rosado e Lagoa Nova, bairros fronteiriços com a paróquia. A capela fica localizada na esquina da rua. A comunidade era uma área considerada periferia da cidade, uma favela. E lá se concentravam várias famílias pobres. O padre Campos lembra que “era realmente uma área de muita violência. Ali onde hoje é a capela era um lixão, um ponto de droga”. No início o trabalho foi muito difícil, como relata o articulador pastoral:

“Também o trabalho inicial lá foi com a irmã Carla, que era uma Vicentina, filha de Caridade. No início lá esse trabalho começou com o padre Mariano, que foi um Jesuíta que passou aqui pela paróquia e lá no local era assim um local muito, como a gente diz assim no popular, muito barra pesada... às vezes o pessoal estava fazendo trabalho missionário lá, tinha tiroteio, tinha essas coisas todas e foi se pensando numa igrejinha, numa capelinha por lá. Por isso que é dedicada a Santo Inácio por causa do Jesuíta, do padre Mariano. E com o passar do tempo foi se tomando assim pé, a coisa foi acontecendo já com o padre Campos foi se pensando assim na construção da Capela e hoje a gente tem uma comunidade muito viva, muito organizada. Por sinal a doutora Zita, também junto com o Lyons Clube tem dado uma contribuição sempre muito grande lá e para quem vai ver toda a estrutura física muito aconchegante na capela e a comunidade está com muitos grupos também: grupo de acólitos, Legião de Maria, adoradores, a Pastoral do Dízimo também muito organizada. Eu digo assim: é uma comunidade nova, mas muito bem estruturada”. (Entrevista com o articulador pastoral Airton Gomes Teixeira em 11 de junho de 2012).

Além das irmãs da Congregação Missionária das Filhas da Caridade, a paróquia também contou com a presença de um padre espanhol durante o período de um ano que conseguiu recursos externos para a compra do terreno onde hoje funciona a capela da comunidade. A construção foi realizada em regime de mutirão, segundo relatos do padre José de Freitas Campos. Mais recentemente, a comunidade também passou a ser assistida por um padre da Congregação dos Filhos de Santana que montou uma pequena comunidade religiosa formada por um padre e dois irmãos para atender a área da comunidade mais velha da paróquia, ou seja, a comunidade de São Vicente de Paulo.

Figura 8 – Capela de Santo Inácio de Loyola – segunda comunidade da paróquia.



Foto: Hécio Pacheco

A terceira comunidade da paróquia de São Sebastião (Rainha da Paz) fica localizada na Avenida Antônio Basílio, dentro da área do condomínio Cristo Redentor, que fica por trás da loja de material de construção “Armazém Pará”. É uma comunidade atípica explica o padre Campos: “em toda a cidade do Natal é o único condomínio fechado que tem um espaço como capela. Os outros condomínios [...] têm um salão de festa e aí reserva [...] uma vez ou outra para acontecer a celebração eucarística”. No espaço térreo foi construída uma capela para atender a um grupo de cem (100) paroquianos que mora no prédio de 22 apartamentos e de outros que residem em condomínios vizinhos. É uma área com característica peculiar e diferente das outras comunidades da paróquia. São blocos de apartamentos. Não existe uma vida pastoral ativa. As atividades religiosas se resumem a celebração da missa aos domingos à tarde e, sem muita frequência, a reza do terço e adoração do santíssimo, via sacra, coordenadas pelos próprios moradores do condomínio. A capela de Nossa Senhora Rainha da Paz é administrada pelo síndico do prédio que também fazia parte do Conselho Econômico Paroquial no período de 2011 a 2013. Para o padre Campos “em se tratando de classe média, é um trabalho mais difícil. Como atingir esse povo dentro das suas atividades dentro dessa dimensão religiosa?”.

Figura 9 – Altar da Capela de Nossa Senhora Rainha da Paz no Condomínio Cristo Redentor.



Foto: Hécio Pacheco

A comunidade de São Vicente de Paula é a mais antiga das três e fica localizada na Avenida 7 com uma capela que atende a região, parte do antigo Mereto, limites com Bom Pastor que pertence à paróquia de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro do bairro das Quintas e também com o bairro de Nazaré. A comunidade foi organizada com a ajuda das irmãs Filhas da Caridade, que pertence à ordem religiosa dos Vicentinos. Uma das irmãs que ajudou a organização da comunidade foi a irmã Lúcia Montenegro. O padre Campos lembra que ao chegar à paróquia no ano de 1993, “a comunidade São Vicente de Paulo tinha um trabalho ainda embrionário. Havia apenas duas atividades pastorais: batismo e catequese. Hoje a comunidade alcançou um nível de dinamismo muito maior”. Para o coordenador pastoral, Airton Gomes, embora a comunidade seja a primeira comunidade da paróquia que foi organizada, “ela ainda apresenta uma maior dificuldade de articulação porque alcançou um crescimento que pode se tornar uma área pastoral mais organizada no futuro”. O padre Campos analisa a dificuldade de articulação do trabalho pastoral na paróquia:

“Eu não sei se a gente já superou, eu vou chamar esse exclusivismo grupal. A gente, ao longo desses vinte anos, tem incentivado para uma mentalidade de pessoas que superem o seu grupo e seja igreja. Porque o que a gente encontrou e ainda tem resquícios, são grupos que se preocupam somente com aquela equipe e não com a paróquia como um todo. Portanto, essa mentalidade um tanto quanto fechada, de não abertura total para à comunidade paroquial, à paróquia ainda existe. Eu sinto isso: é uma grande dificuldade, um grande desafio. A gente está tentando mudar, transformar essa mentalidade, uma mentalidade que passe de grupal para uma

mentalidade mais comunitária, mais de comunidade paroquial”. (Entrevista com o padre José de Freitas Campos, em 01 de junho de 2012).

Essa mudança de mentalidade tem sido construída com a presença de uma congregação religiosa que instalou uma casa na área geográfica da comunidade de São Vicente de Paulo. Os Filhos de Santana há dez anos vem mantendo um apoio na paróquia. O trabalho começou em 2002 quando um irmão da congregação chegou para ajudar no trabalho pastoral da paróquia. Através da ação catequética criaram um Projeto denominado “Madre Rosa”, em homenagem à fundadora da congregação e que atende crianças em situação de risco. O trabalho é desenvolvido na antiga favela denominada Parque 13 de maio, que fica no limite geográfico entre as avenidas 7 com a 6, a Antônio Basílio e Nascimento de Castro. O padre Eliano Firmino Silvestre, da Congregação dos Filhos de Santana, passou a colaborar como vigário e conta ainda com mais três irmãos da congregação para as atividades que são desenvolvidas no Projeto Madre Rosa.

Hoje o projeto atende a 60 crianças e mais recentemente conta com o apoio financeiro da Petrobrás para desenvolver uma ação junto a 200 jovens com oficinas sócio-educativas de pintura, artesanato, música, sala de leitura para as crianças, além da educação ambiental com a produção de vassouras com garrafas pet e fabricação de sabão com a participação das mães. O projeto se tornou uma Organização Não Governamental (Ong) com uma estrutura montada para atender a comunidade que apresenta alto índice de analfabetismo e as crianças que estão na escola encontram dificuldades para um desenvolvimento maior na leitura e na escrita. Além dos jovens que estão envolvidos em uma realidade de risco social onde as drogas e prostituição fazem parte da realidade desses jovens. O trabalho é coordenado pelo irmão Jarbson Batista Silva Araújo e aponta já algumas perspectivas: “nós vemos que muitos jovens conseguem encontrar uma rota de vida diferente do que tem lá dentro, [...] já que o nosso trabalho tenta mostrar para eles que existe um caminho diferente e que podem mudar de vida”. O Projeto Madre Rosa ainda conta com a ajuda de várias pessoas através da Liga de Benfeitores que colaboram com doação de material e dinheiro para o desenvolvimento do trabalho.



Foto: Hécio Pacheco



Oficina de Sabão com as mães que têm os filhos cadastrados no Projeto

Foto: Hécio Pacheco

São três comunidades, cada uma com uma realidade diferente. Em cada comunidade existe a figura do articulador local. O articulador pastoral da paróquia ressalta como é realizado o trabalho de articulação na paróquia envolvendo as três comunidades:

“Uma vez por mês tem a reunião da CPP, que é o Conselho Pastoral Paroquial e essas comunidades se fazem presentes com seus coordenadores onde a gente tenta repassar os eventos, os acontecimentos, tanto das comunidades quanto da paróquia.

E a gente tenta articular também com esse pessoal para ver se a gente mantém um pouco dessa comunicação de unidade, porque na verdade é uma paróquia, não é só a matriz. E a gente trabalha junto às comunidades tendo os articuladores locais fazendo pontes da vida da comunidade e da paróquia”. (Entrevista com o articulador pastoral Airton Gomes Teixeira em 11 de junho de 2012).

Em relação à comunidade Rainha da Paz, que fica em um condomínio fechado, o articulador pastoral fala que

“A Rainha da Paz, ela tem uma característica própria porque é um condomínio. São apartamentos. Em baixo foi construída uma capela. Então assim, ele não tem uma vida pastoral ativa, não é. Acontece a missa aos domingos e alguns moradores desse condomínio têm atividades como a reza do terço, como a adoração, mas não é algo tão frequente. E assim, a vida pastoral deles realmente é muito resumida. (Entrevista com o articulador pastoral Airton Gomes Teixeira em 11 de junho de 2012).

As três comunidades participam do novenário de São Sebastião, seja no processo de preparação das atividades sociais ou participando das noites de novena mostrando a identidade de cada uma no espaço da festa.

Se considerarmos que o espaço da festa tenha deixado a rua com suas tradicionais barracas e se concentrado no interior da igreja, tanto por causa das transformações urbanísticas que ocorreram ao longo dos anos como também o crescimento da violência urbana limitou um momento mais festivo na rua, podemos perceber que os devotos não deixaram de celebrar o dia do santo. Se o novenário não possibilita mais atrair tanta gente para o lado social da festa, por outro lado, cada vez mais o dia 20 de janeiro, quando sai a procissão de São Sebastião pelas ruas do bairro, ela vem ganhando mais devotos de vários lugares da cidade, chegando a ter o seu percurso ampliado e com um trajeto mais demorado, saindo e retornando para a frente da igreja matriz. Hoje é considerada uma das principais festas religiosas e populares do bairro do Alecrim e também da cidade de Natal. Em 2013 conseguiu mobilizar em torno de 45 mil devotos, sem contar aquelas pessoas que saíram as portas de suas casas, vilas e becos do bairro para olhar a procissão passar e para venerar o santo protetor contra a fome, a peste e a guerra, inclusive ornamentando altares em algumas casas por onde passa o cortejo pelas ruas do Alecrim.

2.2. Alecrim, o bairro espaço da festa...

O movimento dos becos, das vilas e das ruas mostra um bairro vivo e de referência para a cidade de Natal. Disse um comerciante: “tudo que voce procurar, no Alecrim voce vai achar”, ou pelo menos já teve sua história de apogeu e deixou a sua marca no espaço da cidade. E de fato, ao longo dos cem anos de existência, alcançou um crescimento vertiginoso: hospedarias, teatros, cinemas, mercados públicos (Avenida 6 e Avenida 4), praças de taxis (Avenida 2, Avenida 1 e Avenida 10), o primeiro supermercado da cidade nos anos 80, indústrias têxteis e de confecções (Fiação e Tecelagem Santa Luzia), construtoras de imóveis, retíficas de motores, e de cafés (Vencedor, São Luiz e São Braz), feiras livres (Avenida 1 e Avenida 4), um comércio variado (atacadistas e varejistas), uma base militar com seus clubes de oficiais (Camana e Cobana), hospitais, cemitério público, agências bancárias, escolas públicas e escolas de samba, além de tantos outros equipamentos coletivos de serviços urbanos (cabeleireiros, lanchonetes, padarias, restaurantes, bares, serviços de manutenção e mecânica de automóveis entre outros).

Mas depois o crescimento arrefeceu, a cidade cresceu para outras áreas e com ela também o deslocamento das mobilidades sociais. O próprio espaço do bairro já não comporta mais expansões, a não ser a construção de prédios verticais. O Alecrim tem uma área de 3,45 km². Hoje conta com uma população em que vem em curva decrescente desde levantamentos do censo de 2000. Segundo o anuário estatístico de 2013 da Prefeitura de Natal, a população atual do bairro do Alecrim passou de 30.590 para 28.238 habitantes.¹³

Os limites do bairro começa no encontro da rua Vereador Pereira Pinto com a margem do Rio Potengi. Segue em direção ao riacho do Baldo onde fica localizada a empresa de energia elétrica do Estado, sobe para a rua Olinto Meira até chegar ao cruzamento da Alexandrino de Alencar. A outra parte do Alecrim envolve a rua Jaguarari até a Avenida Bernardo Vieira. De lá vai até a via férrea retornando para a rua Vereador Pereira Pinto até o início dos limites estabelecidos conforme lei municipal 4.430 aprovada no dia 5 de abril de 1993 e sancionada pelo prefeito da época Aldo da Fonseca Tinoco Filho. A publicação da lei no Diário Oficial do Estado data de 7 de setembro de 1994, dezessete meses depois. A alteração dos limites também envolveu os bairros de Santos Reis, Rocas, Petrópolis, Ribeira,

¹³ Dados da Secretaria Municipal de Meio Ambiente e Urbanismo, com base nos dados do IBGE dos censos de 2000 e 2010. <http://portal.natal.rn.gov.br/semurb/paginas/ctd-102.html>. Acesso realizado em 29 de agosto de 2013.

Lagoa Nova, Quintas, Cidade Alta, Tirol, Mãe Luiza, Cidade da Esperança, Nordeste, Felipe Camarão e Potengi.¹⁴

Figura 12 - Mapa 2 – Área do Bairro do Alecrim



Fonte: Mapa elaborado pela SEMURB – Secretaria Municipal de Meio Ambiente e Urbanismo, 2009.

O Alecrim foi o quarto bairro criado por ordem cronológica na cidade, no dia 23 de outubro de 1911, segundo pesquisas do historiador potiguar Itamar de Souza (2008) e foi povoado por migrantes vindos do interior atrás de melhores condições de vida. Era uma área periférica da cidade. O início do século XX foi marcado pela expansão e pelo processo de urbanização da cidade de Natal. Até então, a cidade só contava com os bairros da Ribeira, da Cidade Alta e de Cidade Nova (Petrópolis). Em 1918, segundo informações e relatos do padre Ferdinand Nolte, um dos primeiros missionário da Congregação da Sagrada Família, o bairro do Alecrim tinha uma população em torno de 8.600 habitantes (NOLTE, 2010, p. 367). Era uma área com característica rural, com poucas casas, terra fértil e com muitos pés de manga, jaqueiras, sapotizeiros, pinheiras, parreiras e muitas flores, como as que deram o nome “Alecrim”.

¹⁴ Ver documento da Secretaria Municipal de Meio Ambiente e Urbanismo de 2008 “Limite dos bairros da cidade do Natal”.

Algumas ruas e avenidas do bairro foram numeradas, de 1 a 18, e traçadas em forma de xadrez como foi realizado nos bairros de Petrópolis e de Tirol, de acordo com informações do pesquisador Itamar de Souza (2008, p. 522). A Avenida 10 é cantada pelo artista natalense Babal que viveu no bairro e fala da rua como sendo palco do jogo de bola, das brincadeiras de criança e dos batuques de carnaval em latas de alumínio. No livro de decretos e portarias da Arquidiocese de Natal, segundo informações registradas pelo próprio punho do Mons. Pegado indicam que havia numeração de ruas até o número 23 (atual Capitão Mor Gouveia). No início havia apenas o cemitério municipal, que tinha sido construído em 1856, além do Leprosário Lazareto da Piedade ou Hospital dos Alienados. Geograficamente se configurava periferia, situado na zona leste da cidade. O limite de Natal terminava no riacho do baldo, onde hoje se localiza a sede da Companhia de Energia Elétrica do Rio Grande do Norte (COSERN), que atualmente é administrada por uma empresa privada (Neoenergia). Era também porta de entrada e saída de Natal para o interior do Estado. No entanto, em sua área geográfica eclesial já existia o bairro das Quintas, mais velho que o Alecrim.

A ocupação do Alecrim foi marcada eminentemente por migrantes vindos de outras cidades do interior do Rio Grande do Norte. O bairro chegou a ser chamado de “cais do sertão”, justamente por acolher os novos moradores vindos da zona rural do Estado. Segundo o historiador, antropólogo e folclorista norte-rio-grandense Luiz da Câmara Cascudo, o “Alecrim recebeu ou fixa quase a totalidade da população que emigra dos sertões ou vem a negócio na capital” (CASCUDO, 1999, p. 357). Aos poucos foram chegando os investimentos públicos e as melhorias para o bairro. No ano em que o bairro foi inaugurado (1911), a prefeitura instalou os trilhos do bonde elétrico para facilitar o transporte para a região. Em 1912, o governador Alberto Maranhão criou o Grupo Escolar Frei Miguelinho. Surgiram pequenos hotéis para os comerciantes que vinham de fora. Em 1917 criou-se a agremiação esportiva Alecrim Futebol Clube, uma das agremiações esportivas que fazem parte do quadro dos times profissionais do Estado. Existem outras agremiações esportivas amadoras que ainda sobrevivem com dificuldades no bairro, quais sejam, o Santa Cruz e o Guarani, ambos com suas sedes localizadas na Avenida 8. Geograficamente comportava uma área grande e se estendia de Dix-Sept Rosado a Lagoa Seca, área que hoje se concentra a Cidade da Esperança, chegando até o bairro do Tirol, e do outro lado da região o limite ia até Igapó, fronteira com o bairro das Quintas.

Ao longo dos anos sofreu muitas transformações em decorrência de vários fatores que contribuíram para o crescimento e expansão da cidade: econômico, político, social, populacional, geográfico, ambiental, entre outros. Já no início dos anos 20 do século passado

contava com dois cinemas (Alecrim Cinema e o Cine José Augusto) e com a famosa Feira do Alecrim. Em 1922, foi criada a Escola Profissional do Alecrim, cujo diretor foi o professor Luiz Soares (CASCUDO, 1999, p. 357). Por trás da igreja de São Pedro existe o prédio onde abrigou a Liga Operária de Natal. Na década de 30 surgiram o Centro de Saúde (1930) e o Cine-Teatro São Pedro (1930), a Escola Estadual João Tibúrcio (1935), o primeiro mercado público do Alecrim construído pelo prefeito Gentil Ferreira de Souza (1938), localizado próximo à praça que tem o mesmo nome do prefeito e o Hospital prof. Luiz Soares (1939).

O desenvolvimento do bairro foi relativamente lento em seu início. Mas na década de 40 alcançou um crescimento vertiginoso devido à ocupação maciça das tropas norte-americanas que fizeram de Natal uma base militar, que serviu de trampolim e de ponto estratégico para chegar à Europa durante a Segunda Guerra Mundial. A cidade fervilhava de gringos e principalmente no bairro do Alecrim. A população duplicou em dez anos, a partir da chegada dos americanos. Os dólares americanos estimularam a corrida do homem do campo para a capital. Segundo Paiva (2000, p. 22) “a cidade de Natal se transformou: bares, cassinos e cabarés se multiplicaram. O comércio de um modo geral cresceu e cresceu também o nível de novos empregos”. O bairro do Alecrim se beneficiou com essa expansão na cidade.

Cabe ressaltar que é por volta dos anos 40 que o bairro do Alecrim passou a incorporar em suas festividades cíclicas rurais durante o período junino. O mês de junho era marcado por inúmeras fogueiras que acinzentavam os céus da cidade do Natal nos dias de Santo Antônio, São João e São Pedro. Até o final dos anos 80 era comum de ver nas principais avenidas como também em vilas, becos e vielas do bairro famílias que se reuniam nas portas de suas casas em torno das fogueiras para soltar foguetões, acender e rodar estrelinhas, traques, chumbinhos, chuverinhos, rojões, “peido de véia”, além de assar milho, fazer pamonha e canjica para o jantar e enfeitar as casas e ruas com bandeirinhas de papel seda. Em algumas ruas se promovia a chamada quadrilha matuta, onde homens e mulheres se vestiam à moda do homem do campo para dançar ao som da sanfona os passes de “sangê, a-la-van-tú, a-nar-riê, ba-lan-cê”. E todos diziam: viva Santo Antônio! Viva São João! Viva São Pedro. Aos poucos essa tradição foi se adaptando, se reconfigurando, se reinventando e se adequando às mudanças culturais provocadas pelas transformações sociais do mundo contemporâneo urbanizado.

Em 1941, o Almirante Ary Parreiras começou a construir a Base Naval de Natal e em seguida a Vila Naval, localizada na Avenida 9. Transferiu para lá também a Escola de Aprendizes Marinheiros. O bairro da Conceição, criado em 1955, foi posteriormente incorporado, passando a ser uma área também do Alecrim. Para Luiz da Câmara Cascudo, “a

construção da Base Natal possibilitou o crescimento e desenvolvimento urbanístico do bairro do Alecrim” (CASCUDO, 1999, p. 357).

Outras escolas do bairro foram surgindo nesta época: o Instituto Sagrada Família (1941) pertencente à Congregação dos Missionários da Sagrada Família, a Escola Estadual Clementino Câmara (1955), Escola Estadual Professora Estela Gonçalves (1962), Escola Estadual Ary Parreiras (1965), Escola Estadual Calazans Pinheiro (1967), Escola Estadual Woden Madruga (19...) que foi extinta nos anos 90 e deu lugar à construção da agência bancária do Bradesco. Ainda pertence ao bairro o Instituto Reis Magos (1969) e a Escola Estadual Almirante Newton Braga (1983).

O Alecrim cresceu comercialmente, aumentou e concentrou sua população, se desenvolveu e em pouco tempo se tornou uma área importante e um centro comercial relevante para a cidade do Natal. Luiz da Câmara Cascudo ressalta que “o Alecrim recebe ou fixa quase a totalidade da população que emigra dos sertões ou vêm a negócios na capital” (CASCUDO, 1999, p. 357). Com a construção da Base Naval outros empreendimentos foram se agregando ao bairro: além dos grupos escolares, grupos de escoteiros, escola profissional, [...] além de “praças iluminadas, alto-falantes, cinema, [...] confeitarias, cafés, bilhares, [...] delegacia de polícia, farmácias [...] e um comércio ativo e farto [...]” (CASCUDO, 1999, p.357). Ainda contava com as praças públicas Almirante Tamandaré (1952), próximo ao Baldo, Praça Pedro II (antiga Praça Pedro Américo – 1941), em frente à igreja de São Pedro e a Praça Gentil Ferreira (1939), no cruzamento com a rua Amaro Barreto e a Avenida Presidente Bandeira.

Foi na década de 40 que o comércio do Alecrim se expandiu com pequenos estabelecimentos concentrando-se nas ruas e avenidas principais do bairro: Amaro Barreto, Presidente Quaresma, Presidente Bandeira, Coronel Estevam. Em 1942 foi criada a Legião Brasileira de Assistência (LBA), cuja sede se instalou entre o cruzamento da Avenida 9 com a Alexandrino de Alencar e tinha como missão assistir aos flagelados das secas que chegavam à cidade e ajudar financeiramente às famílias dos “pracinhas” que tinham ido para a Guerra na Europa.

Depois que os americanos se retiraram da cidade, Natal enfrentou um período de crise, embora alguns investimentos continuaram a ser realizados no bairro do Alecrim. Em 1946 foi inaugurado o Cine São Luiz e o prefeito Sílvio Piza Pedroza instituiu a Semana Inglesa, proibindo os comerciantes de abrirem suas lojas aos sábados e domingos, mas por causa da Feira Livre, o comércio continuou funcionando até o meio dia do sábado. Em 1949, o teatrólogo Inácio Meira Pires criou o Teatro do Bairro, na sede social do Alecrim Futebol

Clube e em 1951, o teatrólogo Sandoval Wanderley funda o Teatro que recebeu o seu nome, que se encontra situado na Avenida Presidente Bandeira.

Ainda nos anos 50, segundo pesquisa de Valdomiro Severiano Filho (UFRN/2013) sobre o Carnaval de Natal, relata que ocorreram “duas grandes batalhas carnavalescas” no bairro do Alecrim, que consistiam em lançar confetes e serpentinas nas pessoas, seguidas de desfile de blocos que percorreram as ruas Amaro Barreto e Presidente Bandeira com entrega de troféus pela Prefeitura Municipal de Natal, que na época era Sílvio Pedroza. A manifestação carnavalesca no bairro foi notícia no jornal da época “A República”. Em 1958 ocorreu outra batalha na Vila Naval (FILHO, 2013, p. 65). Em 1984, durante o governo de Marcos Formiga, novamente o Alecrim foi palco das festividades carnavalescas, com uma estrutura montada na Avenida Presidente Bandeira por onde passaram desfilando as agremiações carnavalescas de Natal e das tribos de índio da cidade (FILHO, 2013, p. 69).

Tem-se registro também dessa época (início dos anos 50) o surgimento da Sociedade Beneficente de São Sebastião que é formada por um grupo de artesãs que se intitula “Mãos que criam”, coordenada por Maria Zeneide de Melo, uma integrante da paróquia. Ela está à frente da entidade desde 2011. A sociedade completou 60 anos de existência em 2010. As devotas de São Sebastião produzem peças artesanais, pequenos bordados em tecido e outros objetos que são comercializados principalmente no período da festa do santo no mês de janeiro.

Em relação ao campo religioso o Alecrim também se apresenta bastante eclético. Historicamente, os primeiros protestantes que chegaram a Natal data do final do século XIX, mas segundo Luiz da Câmara Cascudo, a primeira igreja inaugurada na Avenida Manoel Miranda, no Alecrim, foi o Templo da Assembleia de Deus (CASCUDO, 1999, p. 388). Os Adventistas do Sétimo Dia começaram suas pregações em 1921, no bairro do Alecrim. Para Itamar de Souza, foi a partir de 1944 que surgiu o primeiro templo evangélico no bairro. A primeira igreja a se instalar foi a Igreja Cristã Pentecostal de Natal, localizada na Avenida 2 (SOUZA, 2008, p. 537).

Outras denominações evangélicas também se instalaram no bairro: na Avenida 2, a Assembleia de Deus, a 1ª Igreja Batista de Natal, a Missão Evangélica Pentecostal e mais recentemente a Igreja Mundial da Graça de Deus e a Comunidade Cristã Nova Esperança. Na Avenida 8 e na rua Olinto Meira existem duas sedes da Igreja Adventista do Sétimo Dia. Na Avenida 2 tem a Igreja Batista do Alecrim. Na Avenida 4, a Comunidade Evangélica Ceia integrada da Amazônia e a Igreja Pentecostal Bênção Sem Limites. Na Avenida 9 tem o templo da Igreja Universal do Reino de Deus. A igreja Evangélica Exército da Salvação está

localizada na Rua 12 de Outubro, próximo à Avenida 5. E uma Casa de Oração sem identificação de que denominação religiosa se encontra na Rua Presidente Gonçalves, nas imediações da Avenida 2. Na Avenida 12, a Igreja Brasil Para Cristo. Ainda se encontram no bairro as Igrejas “Salão do Reino das Testemunhas de Jeová, Deus É Amor e Casa de Oração da Igreja de Cristo” (SOUZA, 2008, p. 537).

Segundo o Mapeamento dos Terreiros de Natal, realizado pela Base de Pesquisa da UFRN “Grupo de Estudos Sobre Culturas Populares” no ano de 2008, as denominações religiosas afro-brasileiras também podem ser identificadas como estando presentes no bairro do Alecrim.¹⁵ O primeiro Centro Espírita de Umbanda “Caboclo Sete Flechas das Matas” surgiu em 1967 na Avenida 9. Era comum escutar os toques dos tambores rufando em noites de culto. Em 1988, na Avenida 5, passou a funcionar a “Tenda de Umbanda Oxum e Oxossi nas Matas” e no ano de 1995, a “Ogum Oiá”, na Avenida Interventor Mário Câmara. Na Avenida 4 existe um Centro Espírita de Umbanda perto da Avenida Jaguarari. Ainda na área geográfica do bairro do Alecrim pode-se encontrar o Centro Espírita Kardecista “Bezerra de Menezes”, situado à Rua dos Tororós, próximo à Avenida Bernardo Vieira. O bairro do Alecrim demonstra uma efervescência religiosa muito grande nos últimos anos em decorrência do pluralismo religioso que configura o final do século passado e início deste nosso século 21.

A partir dos anos 60 também ocorreu um grande crescimento econômico decorrente da instalação de firmas, distribuidoras de alimentos para o interior do Estado e agências bancárias, fábricas de cafés (São Luiz, Vencedor (ambos na Avenida 2), São Braz (na Avenida 10)), o Centro Social do Sesi. No ano de 1963 chegou o asfalto ao bairro do Alecrim. A vida moderna também marcou o bairro com a instalação de um relógio iluminado e localizado em frente à Praça Gentil Ferreira, doado pelo Rotary Clube do Alecrim, em 1965. Em 1966, foi asfaltada a Avenida 9 (Rua Coronel Estevam) e em 1968 foi a vez da Avenida 2 (Presidente Bandeira). Esta última avenida se tornou palco de desfile de blocos carnavalescos e de escolas de samba no ano da inauguração da camada asfáltica. Em 1969, o prefeito Agnelo Alves construiu um novo Mercado Público, localizado no cruzamento da Rua dos Canindés com a Avenida Presidente José Sarmento (antigas avenidas seis com a quatro) e inaugurado no dia 4 de setembro de 1970. Hoje existe o Grêmio Recreativo Escola de Samba e Grupo Folclórico Asa Branca, localizado na Rua Presidente Sarmento, o Grêmio Recreativo

¹⁵ O Mapeamento dos Terreiros de Natal se encontra disponível no banco de dados da Base de Pesquisa “Culturas Populares”: <http://cchla.ufrn.br/mapeamentodosterreirosdenatal/terreiros.php?bairro=&zona=&cidade=>. Acesso realizado em 09/10/2013.

Escola de Samba Portela do Potengi, na Avenida Governador Rafael Fernandes, próximo ao Cemitério Público do Alecrim.¹⁶

Na década de 70 também funcionaram as salas de cinema “Cine São Sebastião”, próximo ao bairro das Quintas e o “Cine Olde” (no salão paroquial da igreja de São Pedro). Uma rede de supermercados (Nordestão – 1972) e uma Central Telefônica (Telern – Telecomunicações do Rio Grande do Norte em 1979) se fixaram no bairro do Alecrim na década de 70. Percebe-se que o bairro do Alecrim sempre teve investimentos e hoje é considerado um dos bairros comerciais mais populares da cidade. Nos anos 80 os comerciantes ambulantes ou informais foram obrigados a se concentrar na Avenida 2 (Presidente Bandeira), no chamado calçadão do Alecrim ou Camelódromo. Do final do século XX até os dias atuais o bairro apresentou pouca modificação em sua estrutura envolvendo toda a sua área geográfica.

Hoje é um bairro que engloba uma área residencial com um total de 9.263 moradias e, ao mesmo tempo, uma área comercial bastante movimentada com ruas com estabelecimentos de um mesmo ramo de empreendimento, além de contar com uma variada rede de serviços que apresenta uma característica eminentemente popular. Embora seja um espaço de grande movimentação e de grande circulação de pessoas, ainda necessita investimentos públicos para garantir melhorias em toda a sua área física. Uma das grandes dificuldades é espaço para estacionamento para quem precisa realizar alguma atividade na área comercial do bairro.

O Alecrim é considerado o maior bairro da zona leste de Natal. Nos últimos anos o poder público e muitas empresas de grande porte deixaram a área e hoje, ao completar 100 anos de existência, continua sendo muito movimentado, embora o Alecrim enfrente o descaso, o abandono e a falta de investimento em várias áreas da vida do bairro, embora dados da Associação dos Empresários do Bairro do Alecrim (AEBA) divulgados na edição do jornal Tribuna do Norte de 22 de outubro de 2011, quando o bairro completou 100 anos de existência, ressaltem a arrecadação mensal do ICMS – Índice de Circulação de Mercadorias e Serviços – foi da ordem de 70 milhões de reais. O bairro conta 60 mil comerciantes, segundo dados da AEBA, sem levar em conta a infinidade de comerciantes ambulantes e informais que existem no Alecrim.¹⁷

O Alecrim ganhou mais movimento e multiplicou as possibilidades urbanísticas. Hoje é considerado um dos bairros populares de Natal e se tornou um centro comercial da cidade

¹⁶ Ver <http://www.jfmg.com.br/rn/natal/cultura/escolas-de-samba/>. Acesso realizado em 14 de janeiro de 2014.

¹⁷ Dados recolhidos na matéria do Jornal Tribuna do Norte. <http://tribunadonorte.com.br/noticia/alecrim-cem-anos-de-tradicao/200140>. Acesso realizado em 03.06.2012.

bastante movimentado e espaço da festa de São Sebastião, uma das mais movimentadas da cidade no dia da procissão do santo padroeiro que percorre as ruas do bairro.

Temos assim, a configuração do espaço da paróquia e do bairro para vivenciar a festa de São Sebastião em seus processos comunicacionais que se estabelecem entre os devotos e o santo. O ambiente está montado e arrumado. Tudo pronto para o que vem a seguir. Com as armas na mão (instrumentos teórico-metodológicos e a pesquisa etnográfica) esperamos direcionar os olhares ao “glorioso mártir São Sebastião”!

3. A COMUNICAÇÃO, SUAS LINGUAGENS E SEUS FLUXOS NA FESTA – O SANTO E OS DEVOTOS.

Chegamos à festa de São Sebastião com o olhar voltado para um dos aspectos que nos chama a atenção e impulsiona o direcionamento do nosso foco: a comunicação. Ela está presente em tudo que fazemos. A comunicação é fundamental para conseguirmos nos relacionar com os outros e para viver no mundo. “Tudo sinaliza”, nos diz *Ciro Marcondes Filho* (2010) ao conceituar o fenômeno da comunicação. E continua: “tudo ao nosso redor produz sinais que podem ou não ser convertidos em componentes do processo comunicacional” (FILHO, 2010, p. 15).

O que se converte em componentes do processo comunicacional é justamente o que está fora de nós e nos interessa, o outro (sujeito ou objeto), que cria as condições de comunicabilidade. O devoto mantém uma relação de comunicação com o santo, o seu interlocutor, o outro neste processo. Estabelece um vínculo afetivo com ele. Há nessa relação uma intencionalidade. O que se considera “intencionalidade” da comunicação é tudo que constrói a minha relação com as coisas e com o outro. “Aquele com quem nos comunicamos, com quem conversamos, com quem estabelecemos o diálogo, é nosso alter” (FILHO, 2010, p. 42). Em outras palavras, o outro é o santo, aquele com quem o devoto estabelece o diálogo, a sua comunicação e interação. E ele comunica não só com palavras, mas com outros elementos do processo comunicativo.

O diálogo, por sua vez, “é a primeira forma de comunicação” (FILHO, 2010, p. 45). Mas não é só de comunicação verbal que o devoto se expressa com o santo num diálogo interativo. O devoto se comunica com ele através dos gestos e da expressão corporal, do tocar a imagem e beijá-la, das orações, dos bilhetes que escreve com seus pedidos e agradecimentos e deposita no “pote dos pedidos”, quando fala baixinho, quando simplesmente olha em silêncio ou ainda quando se utiliza de outros elementos (não verbais) e sinais (símbolos) no processo comunicativo. Há várias linguagens sendo elaboradas nesse processo comunicacional. “Eu transformo sinais em informação quando me volto a eles, quando lhes dou atenção, quando lhes concedo minha curiosidade ou minha preocupação” (FILHO, 2010, p. 16). Neste contexto se processa a comunicação.

Por outro lado, o santo, o outro interlocutor desse processo, também se comunica com o devoto quando concede uma graça, quando realiza milagres, quando os acontecimentos que estão vinculados ao devoto são relacionados a uma ação do santo, uma resposta às súplicas ou

até mesmo quando parece não ouvir ou atender de imediato os pedidos encaminhados. O santo é uma pessoa que se relaciona diretamente com o devoto. Há, na visão de Renata de Castro Menezes, “um sistema de comunicação entre santos e devotos. [...] Diálogos, trocas, amizade, proteção, ajuda” (MENEZES, 2006, p. 34-35). Existe uma relação muito próxima entre o santo e o devoto que se caracteriza pela intencionalidade ou interesse. Este envolvimento, a antropóloga carioca chama de “relação de devoção” porque “não há santos sem devotos, nem devotos sem santos” (MENEZES, 2006, p. 23). Acrescentaria nessa relação de devoção uma relação de cumplicidade, de interação muito mais íntima do que certas amizades construídas nas relações sociais e coletivas.

Neste sentido, a devoção [...] “envolve também uma intensa comunicação que passa por olhares, gestos, palavras e envolve afetos, emoções e vontades, numa relação vinculante que vai muito além da promessa [...]” (MENEZES, 2006, p. 38-39). Há uma relação direta entre o devoto e o santo. Ultrapassa até mesmo no envolvimento daquele que vai à festa dedicada ao santo uma vez por ano. Na festa, embora nem todos se conheçam pessoalmente, juntam-se de forma coletiva para dizer e demonstrar e expressar o seu envolvimento com o santo. Essa relação não termina aí, mas se prolonga no cotidiano do devoto.

A comunicação continua nas orações individuais ou mesmo na presença diária do santo através da imagem ou ícone (estátua ou quadro). Este contato não se dá apenas quando o devoto sai de sua casa e vai reverenciar o santo no dia da festa no espaço da igreja. Amplia-se o vínculo quando outra imagem que visita a sua casa no período da pré-novena ou pode ser aquela mesma do seu altar doméstico que fica no oratório do seu quarto ou em outro espaço da casa e que se estabelece um diálogo, uma comunicação. Não importa o tamanho da imagem que permanece em casa ou mesmo do material confeccionado (gesso, madeira, resina ou uma impressão gráfica). O que importa é essa relação e esse vínculo que se tornam duradouros e que se constroem ao longo da vida.

Além do diálogo, existem outras linguagens para manter a comunicação com o santo. Se voltarmos o nosso olhar ao longo da história da humanidade, vamos perceber que sempre se buscou formas de estabelecer a comunicação com o outro, quer através de gestos - que segundo Zumthor (1993, p. 224) tem a capacidade de simbolizar -, os sinais gráficos, sons (tambores e palavras), imagens (pinturas e fotografias), cores e formas. As organizações coletivas primitivas criaram os rituais e continuam se utilizando dessa prática para se comunicar com seus ancestrais e com as divindades. Nas sociedades desenvolvidas e urbanizadas de hoje a atualização dessa comunicação se faz nas celebrações litúrgicas e festas dentro das instituições religiosas (igrejas).

Turner considera que “o ritual é a performance de uma complexa sequência de atos simbólicos” (TURNER, 1987, p. 75). Cada devoto, em particular, participa dos momentos da festa dedicada ao santo e que se configuram como vivências ritualizadas. E cada um “o encara de seu ângulo particular de observação” como afirma Turner (2005, p. 57), mas também como alguém que interage, que encontra os espaços e momentos para estabelecer sua comunicação com o santo através de todo um conjunto de elementos simbólicos que expressam essa relação construída. No ritual religioso existe uma série de elementos que configuram processos comunicacionais (o espaço, a ornamentação, as sequências desenvolvidas em cada situação do momento e até dos comportamentos individuais e coletivos), os quais podem ser englobados de tal modo que para Zumthor (1993, p. 229) “[...] tudo é linguagem, da melodia do canto a seu modo de falar, a seus gestos e até sua vestimenta e aos objetos de que se faz cercar. Tudo tem sentido”. E ainda: “[...] está sempre dizendo algo que não é o próprio ritual” (AMARAL, 2001, p. 16).

Com o avanço da técnica, as formas de comunicação se ampliaram e passaram a utilizar desde a imprensa escrita, falada e televisiva até novos elementos que envolvem o uso das novas tecnologias (internet e novas mídias) para manter esses vínculos. Hoje se transmite pela TV, rádio e internet programas e eventos religiosos (novenas e procissões), fazem-se correntes de oração, curas, pedidos e agradecimentos por milagres alcançados. Tudo isso são linguagens criadas para promover a comunicação. É “um processo que caminha de sua forma mais banal [...] até sua realização mais plena e transformadora, assentada na multiplicidade de sensações obtidas por nossos órgãos dos sentidos” (FILHO, 2010, p. 10).

A comunicação, também presente na festa, é um fenômeno social e envolve uma interação entre sujeitos que se relacionam num contexto social e histórico específico. Estudiosos da comunicação dizem que existem diversos usos sociais da comunicação, desde as novas tecnologias de informação que visam à interação global dos sujeitos até pequenos processos interpessoais que ocorrem no dia-a-dia. A comunicação torna-se também base constitutiva das relações sociais. É diálogo, é troca de ideias, informações ou mensagens que são elaboradas entre os interlocutores desta comunicação. Para obter a ajuda dos santos os homens ligam-se socialmente com eles, estabelecendo uma relação de reciprocidade (ZALUAR, 1983, p.88). Nesta interação se constrói uma linguagem que se expressa através de vários suportes, que são selecionados e carregados de conteúdos, simbolismos, significações e sentidos. “A festa é uma produção social que pode gerar vários produtos, tanto materiais como comunicativos ou, simplesmente, significativos” (GUARINELLO, 2001, p. 971). Neste sentido, a festa pode também ser observada ainda como um fenômeno

comunicacional, como uma linguagem que apresenta múltiplos planos simbólicos e que utiliza todos os meios de expressão para aparecer o valor desse simbolismo (AMARAL, 2001, p. 17). É uma mediação simbólica em que o corpo, as vestimentas, os objetos, a oralidade comunicam e expressam algo.

Construímos as linguagens para nos comunicar. Para Marilena Chauí, a linguagem “é a forma propriamente humana da comunicação, da relação com o mundo e com os outros” (CHAUÍ, 2005, p. 148). Ela está também presente nos mitos, nas religiões e nos rituais sagrados ou cívicos. Por sua vez, a linguagem é “um sistema de signos ou sinais usados para indicar coisas, para a comunicação entre as pessoas e para a expressão de ideias, valores e sentimentos” (CHAUÍ, 2005, p.151). Este sistema de signos ou sinais pode se converter culturalmente em “formas simbólicas por meio das quais os homens comunicam, perpetuam e desenvolvem seu conhecimento e suas atividades em relação à vida” (GEERTZ, 2008, p.66).

Ao observar os símbolos religiosos ou seu sistema simbólico quando são utilizados, por exemplo, na experiência do sofrimento decorrente de uma doença ou morte, o pesquisador afirma que eles dão “precisão a seu sentimento, uma definição das emoções que lhes permita suportá-lo” (Idem, 2008, p. 77). Para o antropólogo, “os significados só podem ser armazenados através dos símbolos” (GEERTZ, 2008, p. 93). Trazendo para nossa realidade local, podemos exemplificar da seguinte forma: um devoto doente pode cobrir o corpo com uma bandeira, vestir uma roupa vermelha e branca ou mesmo se caracterizar com as mesmas vestimentas do santo para expressar o sentimento ou simbolizar algo que se pretende comunicar, a partir daquela condição de vida.

Para Victor Turner, “os símbolos fazem coisas e, com isso, transformam situações, estados e pessoas” (TURNER, 2005, p. 26). Eles podem tipificar, representar, ou ainda lembrar algo que é associado a qualidades, a fatos ou pensamentos. “Podem ser: objetos, atividades, relações, eventos, gestos, unidades espaciais em uma situação ritual” (TURNER, 2005, p. 49). Há símbolos cristalizados ou convencionalizados ao longo do tempo e há também aqueles inventados e criados a cada momento. “Na sua forma convencionalizada, os símbolos são compartilhados, permitindo a sua comunicação. Essas convenções são, portanto, a base para a invenção de novos símbolos e relações [...]” (BITTER, 2010, p. 203). O devoto de São Sebastião, quando se volta para pedir ou agradecer uma situação de doença, pode fazê-lo de forma a utilizar elementos simbólicos, como por exemplo, amarrar uma fita no braço ou na perna da imagem do santo que foi atingida por uma flecha, para expressar essa comunicação com ele. Pode estar comunicando um tipo de sofrimento idêntico ao que passou o santo.

Os símbolos, para Turner (2005, p. 49-50) associam-se “com os interesses, propósitos, fins e meios humanos, quer sejam estes explicitamente formulados, quer tenham de ser inferidos a partir do comportamento observado”. Nem sempre quando o devoto toca a imagem, beija-a ou levanta a mão em sinal de pedido, ou mesmo quando balbucia algumas palavras ou conversa baixinho com o santo, ele o faz de forma que consigamos apreender o significado daquele gesto, daquela expressão corporal. Até mesmo quando veste o filho com uma túnica vermelha e faz a criança percorrer o trajeto da procissão pelas ruas do bairro, até mesmo com os pés descalços, ali está implícita uma forma de comunicação com o seu santo, o que Turner (1987) chama de performance. “O homem é um animal performático, Homo performans – suas performances são reflexivas, na performance ele se auto revela” (TURNER, 1987, p. 81). O nosso olhar visa apreender o seu sentido e significados encobertos ou camuflados.

No entanto, os devotos não gostam de dizer a outras pessoas o significado daqueles gestos, principalmente quando se trata de pessoas desconhecidas e que não são do seu convívio familiar. Os símbolos apresentam uma polissemia, ou seja, possuem “simultaneamente muitas significações” (TURNER, 1974, p. 59). Para Bitter (2010, p. 129) “[...] devotos esperam que todos esses benefícios (bênçãos, graças e outras dádivas) venham diretamente do objeto material, por meio de sua presença, proximidade, visibilidade e contato”. Neste sentido, podemos levar em consideração a visão bakhtiniana de que a existência do signo nada mais é do que a expressão de uma comunicação (BAKHTIN, 1999, p. 36). Importa é captar essa mensagem que está sendo irradiada ou expressa.

Quando Turner (1987) fala de performance ele está relacionando com a linguagem dramática, ou seja, do mundo do teatro, onde o papel do ator é atuar, representar um papel a partir de uma realidade (drama), que pode ser expressa através da linguagem formal verbal e nãoverbal. Portanto, quando transferimos para a realidade do cotidiano, no nosso caso, para uma festa religiosa ou mesmo um ritual como é o caso do novenário de São Sebastião, nós estamos considerando o que ele chama de “drama social”, onde o indivíduo ou o devoto é um ator que desenvolve um papel, realiza uma encenação, cuja ação é uma performance no espaço da novena ou mesmo da procissão pelas ruas do bairro.

Para ele, “a estrutura básica da vida social é performance, [...] a apresentação do indivíduo no dia-a-dia da vida” (TURNER, 1987, p. 81). Diz ele: “Homo beings belong well endowed with means of communication, both verbal and non-verbal, and, in addition, given to

dramatic modes of communication, to performance of different kinds” (IDEM, 1987, p. 82).¹⁸ A performance pode estar presente numa celebração religiosa ou festa particular e periódica, de modo que a cada performance encontramos significados que expressam uma comunicação.

Bourdieu (2008, p. 13 e 23) também afirma que “a comunicação é interação simbólica” porque ela é fruto das relações sociais. E ela se dá em “campos especializados de produção simbólica”, entre eles, o da religião. Por sua vez a linguagem religiosa é polissêmica e carregada de significados que são elaborados ou reelaborados por aqueles que participam desse espaço de vivências. Para ele, existe um “[...] habitus religioso, princípio gerador de todos os sentimentos, percepções e ações [...] objetivamente ajustados aos princípios de uma visão política do mundo social” (BOURDIEU, 2009, p. 49).

A comunicação é ainda “uma relação estética [...] enquanto relação sensível com o mundo” (FILHO, 2010, p. 10). Para Zumthor, é performance. Para ele, “a performance é a ação complexa pela qual uma mensagem poética é simultaneamente, aqui e agora, transmitida e recebida (ZUMTHOR, 1997, p. 33). Embora ele ressalte o ato performático na recitação de uma poesia oral, a performance também pode ocorrer com o uso de outra linguagem que não seja especificamente aquela que usa a voz. Ele também afirma que a performance “é instância de simbolização: de integração de nossa relatividade corporal [...] de integração da multiplicidade das trocas semânticas na unicidade de uma presença”. “Ela pode se ligar à celebração de uma festa particular ou periódica” (ZUMTHOR, 1997, p. 157; 159).

Neste sentido, “os rituais são performances que usam várias formas de comunicação” (Menezes, 2012, p. 28), quer estejam eles presentes na pré-novena, nas nove noites de celebrações (novenário) na igreja matriz e na procissão com a imagem do santo pelas ruas do bairro ou mesmo numa expressão demonstrada pelo devoto em algum momento do cenário da festa de São Sebastião, como no caso dos altares dedicados ao santo nas portas das casas dos devotos no dia 20 de janeiro. “O ritual é uma forma de comunicação que utiliza uma linguagem verbal e nãoverbal [...] está sempre dizendo algo que não é o próprio ritual” (AMARAL, 2001, p. 16). A cada noite há um tema dirigido aos devotos, que se expressa nos sermões dos padres e bispos, mas também nas performances dos grupos e movimentos que através de uma simbologia nas camisetas, cartazes, bandeiras, flâmulas e estandartes comunicam também uma mensagem para os participantes da festa.

¹⁸ Tradução: “O homem é uma espécie bem dotada com capacidade de comunicação, verbal e nãoverbal, e ainda, como modelos dramáticos de comunicação, para diferentes tipos de performances”.

A comunicação, suas linguagens e seus fluxos são os aspectos que vamos observar na relação entre os devotos e o santo na festa que acontece todos os anos no bairro do Alecrim. Ao longo de quatro anos (2010 a 2013) estivemos acompanhando os festejos, desde o momento que antecede ao novenário até o dia em que a procissão percorre as ruas do bairro com a imagem do santo padroeiro. Neste sentido, se “festejar é uma das linguagens mais comunicativas que as pessoas encontram para expressar o seu jeito de ser, o seu pensamento e todas as características da sua forma de viver culturalmente” (AMARAL, 2001, p.8) acreditamos que será possível direcionar os olhares para apreender os processos comunicacionais no espaço da festa de São Sebastião.

3.1. “Quem é este São Sebastião?”

“Viva São Sebastião”!!! Gritam homens, mulheres e crianças! Quem é este santo que atrai milhares de pessoas em todo mundo há quase dois mil anos? Quem são estes devotos e devotas vestidas de vermelho e branco que saem em procissão pelas ruas do bairro do Alecrim no dia 20 de janeiro de cada ano? Quem são estes devotos que participam do novenário ou recebem em suas casas a visita do santo no período da pré-novena? Que relação os devotos estabelecem com o santo e quais as linguagens que constroem para se comunicar e manter os vínculos afetivos com o santo? Para todas estas inquietações se buscam respostas através da percepção dos fluxos comunicacionais que estão presentes na festa do santo padroeiro.

Sebastião é um nome derivado do adjetivo grego “σεβαστός” (sebastós), que significa “venerável”.¹⁹ Nasceu em Milão no ano 260 da era cristã e foi martirizado em 310, três anos antes do edito de Milão em 313, quando Constantino tornou o cristianismo como sendo a religião oficial do império romano. Entrou para a carreira militar em 283 e rapidamente chegou ao cargo de “tribunato laticavio” designação referente a um alto oficial que comandava uma legião da guarda imperial ou pretoriana. Clandestinamente era seguidor da nova religião no mundo romano.

Embora o cristianismo dos primeiros séculos vivesse um período de perseguição pelos imperadores Diocleciano e Maximiliano, “secretamente havia adesão de patrícios, magistrados e militares romanos” (PESENTI, 2013, p. 4). Sebastião se tornou adepto do

¹⁹ Consulta sobre o significado do termo grego, ver em: <http://encyclopedia.thefreedictionary.com/sebastos>). Acesso realizado em 09 de fevereiro de 2014.

cristianismo e, mesmo sendo um comandante importante da guarda imperial romana “[...] visitava os cárceres e admoestava aos cristãos permanecerem fiéis” (PESENTI, 2013, p. 12). Foi denunciado ao prefeito de Milão, Fabiano, e levado ao tribunal para ser julgado e condenado à morte por atentar contra o estado romano. O historiador Graziano Pesenti traz detalhes sobre o processo de condenação do comandante da guarda pretoriana: “Sebastiano, Il tribuno della prima corte della prima legione imperiale. Trarrare in giudizio um alto ufficiale, reo del più grave delitto contro lo stato romano contro gli imperatore augusti, costituisce um solenne atto di giustizia per el bene dell’impero [...]” (PESENTI, 2013, p. 13).

A condenação de Sebastião foi realizada em praça pública. Foi destituído de suas vestes oficiais de soldado romano. Colocaram uma túnica vermelha e o escoltaram até o local onde foi amarrado em um tronco de árvore e alvejado com flechas pela guarda imperial. A cor vermelha tornou-se um elemento simbólico relacionado ao santo. A cor vermelha é carregada de significados múltiplos. Representa o próprio martírio, o derramamento de sangue em nome da fé em Jesus Cristo.

Considerado morto, seu corpo foi levado por uma senhora da alta sociedade, de nome Irene. Ao prepará-lo para o sepultamento percebeu que estava vivo. Tratou suas feridas e quando se recuperou Sebastião voltou ao palácio imperial para mostrar que estava vivo. Foi preso novamente e a condenação que recebeu desta vez foi a mesma pena destinada a escravos delinquentes, ou seja, de ser espancado até a morte. Seu corpo foi jogado no esgoto da cidade (cloaca maxima). Outra mulher (Lucina) sonhou onde estava o corpo de Sebastião. Encontraram e enterraram em uma das catacumbas subterrâneas na antiga Via Ápia onde estavam sepultados Pedro e Paulo. O lugar era uma das principais estradas de acesso a Roma.

Durante o período de perseguição aos cristãos, celebravam-se cultos nas catacumbas em memória dos que tinham morrido pela fé. A cada ano se recordavam os martírios. Os primeiros santos do cristianismo foram relacionados aos que experimentaram o martírio. O primeiro mártir da igreja foi Estevão. Seu martírio encontra-se registrado no Novo Testamento, especificamente no livro escrito pelo evangelista Lucas “Atos dos Apóstolos”, especificamente nos capítulos 6, 7 e 8 (versículos 1 a 3). Segundo Peters (2008, p. 236) “há evidência de um culto comemorativo ligado aos restos do mártir Polocarpo, no segundo século, e pelo terceiro século havia edifícios comemorativos sobre os túmulos dos mártires fora das cidades do império”. O termo “santo”, “antes do final do primeiro século da cristandade [...] era reservado somente ao mártir” (ANDRADE, 2008, p. 239). Foi assim que a devoção a Sebastião saiu dos subterrâneos e passou para os espaços familiares de culto no período da perseguição. Só mais tarde, quando o cristianismo deixou a clandestinidade e se

tornou a religião do império romano, é que a devoção aos santos tomou formas públicas porque a partir daquele momento “os cristãos estavam livres para prestar culto como quisessem” (PETERS, 2008, p. 231). Houve assim, “um forte crescimento do devocionalismo leigo e público, dinâmico (PETERS, 2008, p. 232). Segundo Peixoto (2006, p. 57), foram os bispos que se tornaram responsáveis pela “divulgação do culto aos mártires” nos espaços das igrejas e santuários a partir do século IV.

É na Idade Média que a liturgia se torna cada vez mais padronizada e controlada pela hierarquia oficial da Igreja Católica. A veneração aos santos e santas foi rapidamente institucionalizada por causa do crescimento da devoção popular. E o controle da santidade passa a ser da hierarquia da Igreja que se apropria da devoção popular e oficializa a devoção através do ato de canonização dos santos. A partir do século VI a santidade já não é mais caracterizada pelo martírio, mas sim pelas virtudes cristãs. Em 756, a reunião dos bispos do mundo inteiro criou um decreto a partir do Concílio de Nicéia que “todo altar de igreja deveria possuir uma “pedra de altar”, na qual estivessem as relíquias de um santo” (PEIXOTO, 2006, p. 58). No século XII a ênfase para se alcançar a santidade está “no empenho pessoal do indivíduo seguir o exemplo de Cristo” (PEIXOTO, 2006, p. 62). Em 1234, um decreto do imperador Alexandre III estabelecia que “ninguém poderia ser venerado como santo sem a aprovação oficial de Roma [...]” (PETERS, 2008, p. 237). Estava assim consolidado o controle da santidade através do Direito Canônico que estabelecia as leis para o processo de canonização de uma devoção popular até chegar a ser considerado santo pela Igreja Católica.

Embora o culto aos santos continue sendo uma iniciativa e invenção da devoção popular leiga, alguns deles “não fazem parte do panteão dos santos definidos pela hierarquia religiosa” (MAUÉS, 1995, p. 331). Outras devoções caíram no esquecimento depois do Concílio de Trento em 1563. No Rio Grande do Norte, atualmente temos vários exemplos de devoções que não são reconhecidas oficialmente pela Igreja Católica, como “as meninas das covinhas” em Rodolfo Fernandes (SILVA, 2010), “os anjinhos queimados” em Afonso Bezerra e “a menina santa” em Florânia. No Brasil, também existem outros santos populares, mas que a Igreja Católica não os reconhece como é o caso do padre Cícero Romão Batista (“Padim” Cícero), que ainda hoje atrai multidões em Juazeiro do Norte, estado do Ceará, onde os devotos ainda escrevem ao santo como se ainda estivesse vivo para pedir e agradecer graças e milagres.

Por outro lado, os santos oficiais podem ser cultuados por iniciativa leiga, como acontecia no início da igreja cristã primitiva. Por exemplo, na região Norte do Brasil, a

devoção a São Sebastião nasceu de uma senhora que realizava a festa do santo com a ajuda de parentes e vizinhos. Durante dois dias de festa havia levantamento e derrubada de mastro, comida e dança. Depois que a devota morreu a tradição acabou e em seu lugar outro morador criou a devoção ao “Menino Deus” (MAUÉS, 1995, p. 336). Mesmo que as devoções e as festas de padroeiro tenham começado por iniciativa dos leigos, a hierarquia oficial da igreja católica sempre procurou se apropriar das práticas religiosas para exercer o controle.

Desde a Idade Média, as igrejas, basílicas, santuários e monumentos tornam-se espaços para o culto aos santos mártires e confessores porque abrigavam os restos mortais ou relíquias e, posteriormente o Concílio de Trento (1563) reafirmou a veneração aos santos. Como não havia mais martírios, a santidade foi atribuída aos que tiveram uma vida cristã exemplar, como são os casos de Santo Antônio de Pádua, São Francisco de Assis, Santa Teresinha do Menino Jesus e tantos outros que a Igreja canonizou ao longo dos anos e continua nos dias de hoje a fazê-lo. A questão da santidade vinculada ao martírio foi reforçada recentemente com o papa João Paulo II que pediu às igrejas locais maior atenção para garantir o reconhecimento da santidade (PEIXOTO, 2006, p. 78). No Rio Grande do Norte, no início dos anos 2000 foi reconhecida a beatificação dos mártires de Uruaçu e Cunhaú, considerados padroeiros do Estado. No pontificado do papa Paulo VI foram canonizados 84 santos, totalizando ao longo da história da igreja católica 302 santos. Com João Paulo II, até o ano de 2004 foram canonizados 180 santos, que somam um total de 482 santos. De 1594 até 2004 foram canonizados 784 santos da igreja católica (PEIXOTO, 2006, p. 87).

Durante quase dois séculos, desde o seu martírio, a devoção a São Sebastião foi alimentada pela tradição oral. Por causa desta vivência dos devotos, aos poucos “os túmulos dos mártires, no caso, a de São Sebastião, tornaram-se igrejas, santuários, lugares de peregrinação e festejos” (GUTTILLA, 2006, p. 24). Somente mais tarde é que o que era transmitido de pai para filho se constituiu a base para os textos relacionados aos santos dos primeiros séculos do cristianismo. Os primeiros escritos sobre o martírio de São Sebastião datam do século V e são atribuídos aos monges Arnóbio e Giovanni. Em 1270 o frade dominicano Jaboco Voragine (1228-1298) escreve a “Vidas de Santos” ou “Legenda Áurea” e dedica uma breve biografia ao mártir São Sebastião.

No ano de 680, portanto século VII, os cristãos que viviam em Roma atribuíram “a mediação de São Sebastião para o fim da peste” que assolou a capital italiana (PESENTI, 2013, p. 21). É a partir deste episódio que se associa ao santo a proteção contra as epidemias, a peste, a fome, as guerras e, mais recentemente, o invoca como protetor dos homossexuais e contra a Aids (PESENTI, 2013, p. 25). Como bem diz Andrade (2008, p. 253) “as bênçãos, a

proteção, os milagres correm de boca em boca, alongando a fila de novos adeptos” e assim é a forma mais contundente de “pregar e de propagar a vida dos santos”. No período das cruzadas a invocação ao santo no período das batalhas era muito comum ao ponto do santo se tornar conhecido como “o matador dos mouros”, conforme relata a pesquisadora Lea de Freitas Perez.²⁰ E tem santo que sua fama perdura por longos anos, como é o caso de São Sebastião, cuja fama de santo milagreiro ou milagroso continua até os dias atuais, o protetor contra a fome, a peste e a guerra.

São Sebastião tornou-se padroeiro de Roma, depois de Pedro e Paulo, e patrono das Corporações de Arte e Ofício e das associações modernas italianas. A Confraria da Misericórdia invoca São Sebastião como padroeiro e desenvolve uma ação de assistência à peregrinos, doentes, pobres e sofredores desde o ano 700. No século XV, na cidade de Siracusa foi atribuído um milagre do santo a uma tripulação que se salvou de um naufrágio por causa de uma imagem do santo que havia no navio. A festa nos dias de hoje é celebrada no dia 4 de maio, durante os festejos do dia do trabalhador (PENSETI, 2013, p. 42 e 43). Em 1769, a cidade de Lisboa foi assolada por uma epidemia de peste matando mais de 60 mil pessoas, entre elas muitos militares. Invocaram a proteção de São Sebastião, que se tornou, a partir de 1570, patrono do reino português. O papa Pio XII (1939-1958) declarou patrono dos guardas municipais e vigias noturnos (PESENTI, 2013, p. 25). No Brasil ele é o protetor da Marinha, do Corpo de Bombeiros e da corporação da polícia militar.

Festeja-se São Sebastião no dia 20 de janeiro, data que se atribui ao martírio do santo. No entanto, em outras localidades a festa ocorre em outros períodos do ano. No Brasil, encontramos informações de que a festa ocorre de acordo com um acontecimento na comunidade e relacionada com a intervenção do santo. Na região norte, por exemplo, São Sebastião é comemorado no mês de junho e na comunidade de Boa Vista do Barreto, no mês de outubro (MAUÉS, 1995, p. 319 e 322). Nas comunidades ribeirinhas da região Amazônia, São Sebastião é o santo dos pescadores. No Sul de Minas Gerais, a Festa do Mártir São Sebastião também é comemorada fora do período da tradição católica. Em vez de ser no mês de janeiro, ela é comemorada no mês de julho nos povoados de Ventania e de Três Barras, municípios de Minas Gerais (ROSA, 2004).

Em Portugal o santo é festejado nas três regiões (norte, sul e centro) do país e as datas também variam (SANCHIS, 1992, p. 47). Em Lisboa, a festa ocorre entre o final do mês de

²⁰ Lea de Freitas Perez escreveu um artigo intitulado “Breves notas e reflexões sobre a religiosidade brasileira” e publicado na revista eletrônica: www.antropologia.org.br/arti/colab/a8-lfreitas.pdf. Acesso realizado em 26.03.2013.

abril para início de maio e está atrelada à festa de Nossa Senhora da Saúde, que também é padroeira contra a fome, a peste e a guerra. Na cidade de Guarda, a devoção a São Sebastião data de 1738. Em Dornelas a festa começa por volta do Natal recolhendo alimentos para o grande almoço que começa a ser preparado à meia noite do dia 19 de janeiro e no dia 20 é servido arroz, carne de porco e vinho.²¹ Em Viveiro não tem data certa porque depende da disponibilidade do padre. São Sebastião na cidade de Braga é comemorado no dia 19 de janeiro. Em Seixal é no terceiro domingo de janeiro e em Leiria, na última semana de janeiro.²² Há também registro no calendário turístico (1967), na mesma cidade de Leiria, uma feira dedicada a São Sebastião de 25 a 27 de julho. No sul da Itália, na cidade de Mistretta a festa litúrgica é no dia 20 de janeiro e a procissão pelas ruas no dia 18 de agosto e em Tortorici também em duas datas: dia 20 de janeiro e primeiro domingo de maio; e em Termoli, no dia 20 de janeiro e 7 de agosto (PESENTI, 2013, p. 43-44). Portanto, temos assim diferentes períodos do ano e datas para se comemorar o dia do santo em vários lugares do mundo.

Conseguir demarcar toda a territorialidade que tem São Sebastião como o protetor de milhares e milhares de pessoas, como amigo e alguém que escuta e atende todas as queixas, lamentações, pedidos, súplicas, preces e agradecimentos é uma tarefa hercúlea e impossível de ser alcançada com uma pesquisa deste porte. Com certeza temos uma série de outros lugares, outros países que cultuam o santo, que têm seus devotos e que festejam São Sebastião. Pelo menos estabelecemos alguns limites ou pontos de referência para que se possa olhar e tentar apreender as relações comunicativas que se solidificam no momento em que se experiencia os vínculos durante os festejos do santo no bairro do Alecrim.

Temos aqui um levantamento de alguns aspectos relacionados ao santo que é cultuado por milhares de pessoas devotas em várias partes do mundo. Um santo da devoção popular que tem se constituído um interlocutor importante para obtenção de várias graças e milagres ao longo dos séculos. Um santo que permanece nos dias de hoje muito presente na vida das pessoas. Resta agora caracterizar quem são essas pessoas devotas que todos os anos participam da festa de São Sebastião no bairro do Alecrim, quais são os vínculos afetivos que mantém o com o santo, a sua forma de se expressar e se comunicar com ele e que se estabelece sobre diversas linguagens (verbais e não verbais) principalmente no momento que antecede a festa do santo com a pré-novena, durante o espaço do novenário e, posteriormente

²¹ Ver www.folclore-online.com/festas/txt/boticas.festas_ssebastiao/index.html. Acesso realizado em 03 de abril de 2013.

²² Ver www.newsmagazine.pt-tur.com/2013/festas/festas_tradicionais_janeiro.html. Acesso em 03 de abril de 2013.

no período que se configura a festa do santo popular como a manifestação mais expressiva, ou seja, a procissão pelas ruas do bairro do Alecrim.

3.2. Os devotos de São Sebastião

São milhares de pessoas advindas do bairro, entre eles mulheres e homens, crianças, jovens e idosos. No meio deles alguns apresentam deficiência física ou de outro tipo, além de vários tipos de doenças, enfermidades e preocupações que afligem os devotos. Eles vêm também de vários cantos da cidade ou até mesmo são devotos que moraram no bairro e foram embora para outros lugares do país (como o padre denomina-os de “paroquianos ausentes”) e que participam da festa todos os anos e estabelecem uma comunicação com São Sebastião, que se materializa em comportamentos ritualizados, carregados de simbologia e se configuram num processo comunicativo com o santo.

Não podemos relacionar estatisticamente a quantidade de devotos que vêm de outros cantos do país para participar da festa. Como exemplo, temos em 2010 um devoto do município de São Gonçalo do Amarante que foi ao novenário e estava na procissão. Outro devoto veio de Icapuí, município litoral do Ceará, que deixou uma mensagem para o santo no ano de 2011 e um caminhoneiro de Florianópolis, capital de Curitiba. Ele é casado com uma pessoa que morou no bairro do Alecrim e é devota de São Sebastião. Ele diz que aprendeu com a mulher a ser devoto do santo. Quase todos os anos, quando dá para vir com a família se desloca de lá para participar da festa. Agora, depois de ter conseguido se aposentar graças à promessa que fez a São Sebastião, torna-se mais fácil participar todos os anos. Para pagar a promessa, o caminhoneiro vai vestido apenas com um calção na cor vermelha, representando o próprio santo. De pés descalços, sem camisa, ele acompanha a procissão de São Sebastião pelas ruas do bairro do Alecrim.

Figura 13 – Caminhoneiro de Florianópolis que participa da procissão de São Sebastião.



Foto: Hécio Pacheco

Rodolfo Guttilla (2006) identifica quatro categorias de devotos no espaço da igreja que apresentamos aqui: “O devoto paroquiano” vai à igreja aos domingos [...]; “o devoto eventual” vai ocasionalmente ou quando tem uma promessa; “o devoto fervoroso” só frequenta para retribuir uma graça ou fazer uma promessa [...] e “o básico” só vai no dia da festa (GUTTILLA, 2006, p. 163). O que ele identifica como devoto pode se confundir com o fiel, o leigo que faz parte da igreja. Por exemplo, o devoto paroquiano pode ser alguém que participa da missa todos os domingos e não vai lá por causa do santo de sua devoção. Para Renata Menezes (2004), quando analisa o espaço do convento, ela identifica o público e as diversas razões para estar lá. Elenca três categorias, ou seja, os *devotos*, os *frequentadores e os agentes*. “Os *devotos* são aqueles que têm um vínculo” com um santo em particular ou com vários; os *frequentadores* são as “pessoas que comparecem ao local por motivos outros [...] Existem outras motivações para estar no convento que não estão relacionadas ao santo”; e os *agentes* são “um conjunto mais amplo, que compreende não apenas pessoas que visitam o local, mas também os frades e os funcionários, que possuem algum tipo de envolvimento mais “profissional” com o convento, isto é, que trabalham nele” (MENEZES, 2004, p. 116 e 124). Ela elenca uma série de pessoas que circulam no espaço do convento: há os que vão lá para realizar algum serviço em troca de alimento ou dinheiro (p.119); os que frequentam por motivos religiosos ou não (p. 119); os que comparecem para afirmar a sua identidade religiosa

católica (p.119); os evangélicos (p.120); os curiosos ou aqueles que passam por lá gostam de permanecer no local; os que vão por causa da festa (p.120); os que acompanham alguém (p. 122) e os que vão por causa da herança familiar (p.123) (MENEZES, 2004, p. 116-123).

O tipo de devoto que visualizamos no espaço da festa de São Sebastião é o *devoto afetivo*, aquele que não está na casa do santo (igrejas e santuários) diariamente ou só em alguns dias da semana ou mesmo o que só se visualiza no dia da procissão, mas é aquele devoto que mantém um vínculo permanente com ele, uma relação mais íntima, mais próxima com o santo seja em casa, no trabalho, ou em seu ambiente individual e reservado e, no dia da festa, se faz presente para demonstrar sua devoção através de vários atos performáticos que expressam uma comunicação. É aquele devoto que, além de estar vinculado a uma atividade no espaço da paróquia, participando de movimentos, grupos ou outras organizações da igreja, no período da festa canaliza todas as suas atenções e energias para demonstrar esse vínculo afetivo e amoroso que mantém com o santo no período da pré-novena, durante as noites de novenário e no dia da procissão percorrendo as ruas do bairro.

Ao longo dos quatro anos pode-se perceber o aumento do fluxo de pessoas que são devotas do santo durante a festa. Há uma relação afetiva com o santo que faz mobilizar a cidade. De acordo com informações do corpo de bombeiros de Natal e do próprio padre da paróquia, o número de devotos que segue a procissão pelas ruas do bairro todo dia 20 de janeiro é bastante representativo, não importando qualquer que seja o dia da semana em que caia a data de comemoração do santo. Embora o dia da festa de São Sebastião no mês de janeiro não seja um feriado para a cidade, muitas pessoas que se deslocam para lá se encontram em férias de trabalho e escolares. Padre Campos chama a atenção para o fato de que “as pessoas estão muito fora da paróquia, fora da cidade”. Para ter uma ideia da evolução e volume de devotos na procissão a cada ano, em 2009, quando a paróquia comemorou 60 anos de existência, foram 20 mil devotos na procissão. Já no primeiro ano da pesquisa, iniciada em 2010, teria participado da procissão cerca de 30 mil pessoas. Em 2013, nosso último ano de pesquisa, e também os 20 anos do padre à frente da paróquia, a estimativa foi de quase 40 mil devotos que percorreram as ruas do Alecrim. Em 2014 a mídia estimou em 20 mil pessoas. Há uma variante, mas seus adeptos são numerosos e fervorosos, constituindo uma das mais expressivas mobilizações de Natal no dia da procissão.

Podemos correr o risco de errar ao afirmar que essa relação de devoção, de intimidade e de uma comunicação mais efetiva e afetiva que se constrói com o santo são tão forte ao ponto de considerar que o crescimento da festa de São Sebastião não se deu ou se dá apenas pela tradição religiosa dos rituais do novenário que se atualiza todos os anos, com suas

temáticas específicas e relacionadas ao contexto social de cada época porque nem todos os devotos participam desses momentos.

Também é mais do que o momento mais esperado da festa, a procissão que percorre as ruas do bairro, que nos últimos anos alterou o seu trajeto e tem crescido em número de devotos, mesmo que as estatísticas apontem para isso. Não é também só pelo momento profano e lúdico das barracas com bazar de roupas e comidas, dos parques de diversões, dos jogos e outras atrações (danças, músicas, shows) oferecidas aos fiéis devotos. Pelo contrário, já não há mais o espaço da rua que antes era ocupado com barracas e toda uma estrutura para o lado lúdico e festivo das comidas e bebidas, concentrando-se ou reduzindo-se hoje ao pátio interno da igreja e sob a coordenação e envolvimento dos grupos, movimentos e pastorais da paróquia. Mais ainda: o crescimento da festa também não se motiva tão pouco pelo aspecto econômico da circulação de dinheiro, que movimenta hoje alguns empreendimentos informais de pequeno porte (vendedores ambulantes) e de todo um aparato comercial organizado pelos grupos da paróquia para angariar recursos durante o novenário. Em comparação às outras décadas, o montante que se apura com essa estrutura é relativamente pequeno.

O que realmente garante o sucesso da festa são os vínculos que os devotos criam com o santo, a sua relação comunicativa que se expressa nas práticas da fé, nos rituais performáticos que usam várias formas de comunicação e nos outros elementos simbólicos que se constrói e se incorpora para poder manter o diálogo e a devoção com o santo. Ele é o intercessor e a relação com o transcendental, com a divindade, a relação com Deus mesmo “será sempre mediada pelos santos, entes próximos, quase familiares, sensíveis às súplicas [...]” (GUTTILLA, 2006, p. 53).

Ao considerar os processos de comunicação, os seus fluxos e suas linguagens presentes durante todo o período da festa de São Sebastião, podemos perceber, de um lado, uma comunicação “oficial” empreendida hierarquicamente pelo padre (vigário da paróquia), pelos pregadores (bispos, padres e diáconos) convidados para o novenário, pelos representantes das pastorais, pelos movimentos e grupos religiosos, pelos grupos organizados e responsáveis pela estrutura da festa a cada ano, que vai desde o período de preparação com as reuniões da coordenação e das equipes distribuídas pelas ruas para realização da pré-novena até o momento maior que é o dia do santo padroeiro com a procissão que percorre as ruas do bairro. Todos eles são devotos de São Sebastião, mas com a característica de pertencer à estrutura organizada da paróquia.

Por outro lado, o fluxo comunicacional também se dá com aqueles devotos que não estão vinculados diretamente às organizações da paróquia, não participam especificamente

dos grupos, pastorais ou movimentos locais, mas recebem o santo em suas casas no período da pré-novena, os que assistem ao novenário, no período que vai do dia 10 ao dia 19 e a imensidão de peregrinos que saem de suas casas todos os anos para participar da procissão de São Sebastião no dia 20 de janeiro pelas ruas do bairro e ainda aqueles que enfeitam as portas de suas casas, áreas e calçadas e expõem publicamente seus altares para reverenciar o santo que passa durante o cortejo. São também aqueles que escrevem seus bilhetes, que beijam e tocam a imagem do padroeiro, que bebem da água benta, que se vestem de vermelho e branco, que estendem a mão ou simplesmente elevam o olhar para se comunicar com o santo da sua devoção: “eu sou devoto de São Sebastião e não vou perder uma noite de novena”, diz um devoto. São aqueles que participam do novenário e da procissão ou simplesmente os que vão apenas para a procissão. São antigos moradores do bairro ou até mesmo aqueles que nunca tiveram um vínculo com o lugar onde se encontra o santo no altar.

Há também os devotos que nasceram no bairro, têm uma ligação muito forte com o santo e hoje estão em outros espaços da cidade ou até mesmo em outros estados brasileiros, mas que não perdem o vínculo afetivo com o santo. Alguns deles chegam não só para participar dos rituais da festa, mas para agradecer uma conquista da vida ou pedir uma ajuda ao santo para situações que apresentam difíceis soluções, para o encontro com parentes, amigos e vizinhos e que se transformam em momentos de comunicação.

Eles vêm dos conjuntos e bairros da Zona Norte (Soledade, Nova Natal, Santarém, Santa Catarina, Igapó, Redinha) das Zonas Leste Oeste da cidade (Dix-Sept-Rosado, Bom Pastor, Cidade Nova, Nordeste e Quintas), como é o caso do criador da pré-novena que mora em uma das ruas do bairro das Quintas. Outros vêm do bairro das Rocas. Certa vez o padre perguntou se tinha alguém da Zona Sul participando da festa, mas ninguém respondeu acenando. Nem sempre tais devotos são identificados durante os festejos que duram dez dias, incluindo a novena e a procissão.

São pessoas simples, moradores de vilas, becos, vielas, pessoas idosas, doentes, cadeirantes, deficientes físicos, visuais e mentais, pobres, desempregados, trabalhadores de diversas áreas, comerciantes locais e comerciários, vendedores ambulantes, gente que no período da festa aproveita a oportunidade para ganhar dinheiro vendendo pequenas imagens do santo em gesso, terços, escapulários, CDs e DVDs de cantores católicos e outros produtos religiosos. São aqueles também que se aglomeram nas calçadas para ver o cortejo passar, que enfeitam a porta de suas casas, que se vestem de branco ou de vermelho para expressar sua intimidade com São Sebastião. Todos apresentam um vínculo afetivo com o santo.

Todos buscam manter o diálogo, estabelecer a sua comunicação construída através das várias linguagens e simbologias e garantir a efetividade do processo comunicativo com o santo. E o fazem através das súplicas em decorrências de dificuldades cotidianas e agradecimentos pelas graças e milagres alcançados no início das celebrações do novenário, pelos pedidos colocados no pote de barro, pelos toques na imagem do santo, pelo olhar, pelo gesto e até pelo tipo de vestimenta ou expressão corporal. É uma profusão de mensagens que saltam os olhos e nos levam a direcionar o olhar para captar o seu significado comunicacional no espaço da festa.

São devotos de longas datas, como é o caso do responsável em abrir e fechar a igreja e durante o novenário assumir a postura de um exímio vendedor e incentivador para que os devotos cantem durante as celebrações nas noites de novena. Ele que já ultrapassou os 50 anos de vivência na paróquia também mantém a sua relação de devoção com o santo. Tem gente devota do santo com vinte ou mais de trinta anos, mas também aqueles devotos de envolvimento mais recente, de um ano atrás. São devotos que se identificam com o santo e apresenta a perspectiva de manter um vínculo de amizade duradouro, uma cumplicidade que se estende por um período mais estável. Eles contam tudo, confidenciam suas vidas, todos os problemas segredam ao santo, confirmando uma relação solidificada na confiança e a crença (fé) na força do mártir São Sebastião que tudo pode e intercede em seu favor.

3.3. O santo visita os devotos: a pré-novena

São Sebastião é um santo popular. O seu martírio era lembrado nas celebrações litúrgicas dentro das catacumbas. De lá saiu e entrou nas casas dos cristãos e só posteriormente no século quatro subiu para os altares das igrejas em várias partes do mundo. Na paróquia do Alecrim, durante a festa, o santo faz o percurso inverso: desce do altar e percorre as ruas do bairro entrando nas casas dos seus protegidos devotos e suas famílias. “A presença do santo se concretiza na imagem [...] percorrerá, entre as casas, os caminhos da vida quotidiana dos homens [...] comunica e faz comunicar” (SANCHIS, 1994, p.43-44). O seu papel será sempre o de “proteger seu devoto independentemente de pedidos de graça e favores” (GUTTILLA, 2006, p. 167).

No ano de 1993, época em que o padre Campos assumiu a paróquia, um devoto começou a andar sozinho com a imagem do santo de casa em casa, percorrendo parte da

Avenida 6, da Bernardo Vieira e do bairro das Quintas. O santo entrava nas casas em torno dos limites da paróquia de São Sebastião. A imagem era a que fazia parte do altar doméstico do senhor Geraldo da Cunha Santos. Ele também pertenceu à Liga Católica Jesus, Maria e José, uma das organizações mais antigas da paróquia, atuando como presidente da instituição religiosa até o ano de 2013, quando veio a falecer. Durante os meses de outubro até o início do mês de janeiro ele colocava a imagem em um andor e realizava a novena dedicada ao santo, cantava-se a ladainha de todos os santos, refletiam os textos bíblicos e faziam orações e preces. Havia uma estrutura elaborada do ritual nas casas, que data de 1996 e ainda hoje se utiliza no seu grupo. Chegava a percorrer 100 residências ao longo de três meses e meio. A imagem ficava na casa de um devoto até o dia seguinte e após a novena seguia em procissão até a próxima casa. Após cada novena sempre havia uma coleta que era colocada em um cofre aos pés do santo. A experiência chegou a arrecadar em um dos anos o equivalente hoje a cinco mil reais com as doações dos devotos.

Figuras 14 e 15 – Geraldo da Cunha Santos durante a pré-novena em sua casa e no novenário



Fotos: Hécio Pacheco

Esta invenção se manteve até por volta de 2008 ou 2009 e foi o germe do que se denomina hoje como “*pré-novena*”, quando o padre inovou e deu uma nova configuração ao formato que acontece nos dias atuais. Em vez de uma única imagem percorrendo as casas dos devotos e de um único devoto a desenvolver e conduzir a atividade religiosa, a cada ano surgem novas equipes, tendo à frente coordenadores ou coordenadoras responsáveis em realizar a pré-novena. A hierarquia oficial da igreja reconhece os valores que são inerentes à sabedoria popular. Na terceira Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano realizada em Puebla (México) no ano de 1979, os bispos reconheceram que religiosidade popular tem “a sua capacidade de síntese vital; engloba criadoramente o divino e o humano [...] pessoa e comunidade, fé e pátria, inteligência e afeto” (PUEBLA, 1983, p. 153). No entanto, não desconhece os possíveis erros, distorções “sinais de desgastes e sincretismos regressivos [...] aspectos negativos são de origens várias”, que podem ocorrer por falta de uma atenção maior dos agentes de pastoral, carência de uma adequada pastoral (PUEBLA, 1979, p. 155). Neste sentido, “[...] a Igreja cumpre com seu imperativo de universalidade. Efetivamente sabendo que a mensagem não está reservada a um pequeno grupo de iniciados, de privilegiados ou eleitos, mas se destina a todos” (PUEBLA, 1979, p. 154).

Talvez a preocupação do padre Campos em ampliar a visita do santo às casas da paróquia a partir de vários grupos que coordenam a pré-novena no período que antecede ao novenário tenha o fundamento sustentado nas orientações dos bispos da América Latina que pedem aos agentes de evangelização, no caso os padres, “amor e aproximação, prudência e firmeza, constância e audácia para educar essa preciosa fé, algumas vezes tão debilitada” (PUEBLA, 1979, p. 156). A perspectiva do padre Campos é, a cada ano, aumentar o número de imagens de São Sebastião que sai às ruas do bairro, visitando as casas dos devotos. Nos últimos quatro anos o processo vem se consolidando.

Na pré-novena de 2010, a imagem do santo começou a percorrer as ruas do bairro e visitar as casas dos devotos a partir do dia 10 de dezembro de 2009 e só foi concluir no dia 10 de janeiro de 2010, ou seja, o período de um mês, com uma procissão saindo de várias ruas com as imagens retornando à igreja, à casa do santo. À noite, o cortejo trazia candeeiros elétricos iluminando o percurso e pequenas bandeirinhas confeccionadas de tecido (tnt) nas cores vermelha e branca. Os participantes trajavam vestes vermelhas ou camisetas da mesma cor trazendo a estampa da imagem do santo no peito. Na época foram apenas sete imagens que visitaram as casas dos devotos. Esta experiência da paróquia de São Sebastião já é utilizada há muito tempo durante a festa do Círio de Nazaré, na cidade de Belém do Pará. Há

um relato dessa experiência no Dossiê do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN):

“Os padres barnabitas distribuem por todas as paróquias imagens de Nossa Senhora de Nazaré [...] Todos os fiéis presentes recebem o mandato juntamente com uma pequena imagem de Nossa Senhora de Nazaré par conduzir a evangelização nos diversos bairros de Belém [...] Diversas imagens percorrem toda a arquidiocese de Belém, promovendo momentos de reflexão, oração e louvor à santa. [...] As imagens chegam às casas um dia antes e são conduzidas por grupos de vizinhos em romaria, segurando suas velas acesas. É frequente, após as orações, o oferecimento aos peregrinos [...] de um lanche com café, biscoitos, bolos, mingaus e refrigerante”. (IPHAN, 2012, p. 36-37).

Esta experiência na paróquia de São Sebastião teve início há pouco tempo e a cada ano tem crescido em termos de participação de novas equipes. A pré-novena tem como previsão para o seu início sempre no primeiro dia do ano com uma celebração de envio e a entrega das imagens que são bentas pelo padre, embora tenha variado. Cada equipe, tendo à frente dois coordenadores, leva uma imagem do santo de casa em casa. Em 2013 os coordenadores tiveram que adquirir com recursos próprios, por orientação do coordenador pastoral, uma imagem para a realização da pré-novena. Antes, as imagens eram doadas pela paróquia. As imagens variam de tamanho e em 2010 podiam ser vendidas ao preço de 15 ou 10 reais dependendo do tamanho. Se no ano anterior foram sete imagens, em 2011 o número de equipes que percorreu o bairro foi onze (11), cada uma carregando uma imagem que peregrinou as ruas do bairro e visitou as casas dos devotos de São Sebastião. Já em 2013, totalizaram vinte imagens. Em 2014 a paróquia completou 65 anos de criação e o padre antecipou o início da pré-novena para o dia 20 de dezembro de 2013 e aumentou o número de equipes e imagens para visitar as casas os devotos, totalizando desta vez 50 imagens do santo.

Figura 16 – Missa do envio dos coordenadores para realizar a pré-novena nas casas dos devotos



Padre Campos benze as imagens que serão entregues aos coordenadores para a visita do santo às casas.

Foto: Hércio Pacheco

No grupo de seu Geraldo, no primeiro dia do ano de 2013, a imagem que entrou nas casas dos devotos era a mesma que utilizava quando realizava sozinho a pré-novena anteriormente. No entanto, não é mais ele quem coordena a sua equipe por causa da doença e da cirurgia que foi submetido no último ano. A cada dia o santo visita uma família devota. Ele se integra à vida cotidiana de seus devotos neste pequeno espaço de tempo em que permanece na residência durante a pré-novena. É assim “o santo [...] mantendo uma relação de proximidade e multiplicando-se em estátuas e nichos nas paredes das casas e altares domésticos” (MENEZES, 2004, p. 162). Quase sempre em todas as casas onde o santo pernoita existe um altar doméstico com seu panteão de santos, inclusive o santo anfitrião. Na devoção popular se constroem várias relações afetivas com outros santos da Igreja e há uma convivência pacífica entre eles.

Em 2013, o padre ressaltou durante a celebração do envio que a pré-novena deveria ser realizada nas casas daqueles devotos que não participam ativamente da vida da igreja. A perspectiva do padre com a pré-novena seria envolver cada vez mais novos devotos do santo que não participa ativamente das pastorais, grupos e movimentos da paróquia. Cada coordenador é responsável em articular as casas onde a imagem do padroeiro vai pernoitar. Mas nem sempre seguem a orientação do padre. Muitas casas visitadas pelo santo são de

familiares, pessoas conhecidas ou do círculo de amizade ou mesmo de devotos que participam das mesmas pastorais ou movimentos religiosos dos coordenadores. A peregrinação segue até o dia 10 de janeiro. Existe um roteiro com a indicação de todas as ruas e casas por onde cada equipe faz a pré-novena e deixa a imagem do santo. Tem novena que acontece no horário da tarde, mas a maioria se realiza à noite quando é mais fácil de reunir as pessoas para a novena. Cada família organiza o espaço onde a imagem vai permanecer, enfeitando o ambiente. Ao lado da imagem fica agora um pequeno cofre de metal fechado com um cadeado. As pessoas fazem suas doações ao final de cada reza. No entanto, o cofre não fica na residência, mas os coordenadores levam para retirar o apurado da novena, entregam para o setor financeiro da paróquia responsável pela arrecadação durante a festa e retornam no dia seguinte para deixar o cofre na casa da outra família de devotos onde o santo passou a noite antes de iniciar a pré-novena.

Cada coordenador tem a liberdade de fazer a pré-novena de forma autônoma. Não há uma estrutura rígida. Cada grupo vai criando a sua novena, introduzindo orações, cânticos e outras expressões religiosas. Leva em média entre 30 e 60 minutos. O grupo de seu Geraldo, por exemplo, segue a mesma estrutura das novenas que ele fazia nos anos anteriores quando percorria o bairro sozinho realizando a novena de casa em casa desde os anos noventa: canto de entrada, oração inicial, reza do terço, ladainha de São Sebastião, oração, canto de aclamação, leitura do evangelho, comentário entre as pessoas do grupo, momento das preces, oração pela paz, oração final e coleta das doações para o cofrinho. Por fim, é servido um lanche para os participantes com bolo, biscoito, refrigerante e café. Depois da pré-novena a imagem segue para outra residência. Não fazem mais a procissão pelas ruas até a casa seguinte que recebe o santo e nem se reza o terço. Agora é o próprio coordenador que leva a imagem e o pequeno cofre com a coleta, mas quando chega à casa do devoto só deixa a imagem para o pernoite. O cofre é colocado no dia sempre antes do início da novena.

Figuras 17 e 18 – Pré-novena rezada nas casas dos devotos, nas calçadas ou no espaço da sala.



Foto: Hécio Pacheco



Foto: Hécio Pacheco

A pré-novena realizada por outro grupo na Avenida 8 teve uma sequência diferente na sua estrutura: reza do terço, leitura do evangelho, comentário entre os participantes, preces e pedidos, e ofertas para o cofre de São Sebastião. Duas coordenadoras fizeram a pré-novena seguindo uma estrutura retirada da internet. Imprimiram algumas cópias para os participantes. A sequência da novena seguiu os seguintes passos: canto de entrada, oração dedicada a São Sebastião. Para cada noite escolheram temáticas específicas para as discussões no grupo. No dia 8 de janeiro, o tema foi “São Sebastião, jovem que ama a Igreja”. Depois da oração vem

um relato da vida do santo e em seguida a leitura do Evangelho. Por fim, preces já preparadas no roteiro.

Outro grupo realizou a pré-novena na Avenida Manoel Miranda, próximo à Avenida Bernardo Vieira. Neste dia não apareceu ninguém para a novena. A coordenadora, sozinha rezou um terço enquanto acompanhava a missa transmitida por uma emissora de rádio e assim concluiu a novena. A coordenadora ressaltou que sempre faz a novena nas casas da rua, mas muitas pessoas estavam viajando naquele mês. Talvez não tenha tido tempo suficiente para articular as casas para participarem da pré-novena, o que demonstra não levar em consideração a orientação de buscar famílias que não tenham um envolvimento maior com as atividades da paróquia.

Um fato interessante e que chama a atenção: muitos coordenadores não realizam a novena no dia seis de janeiro porque é a festa de encerramento dos Santos Reis, no bairro do mesmo nome. É feriado municipal por ser a data de fundação da cidade de Natal. No encerramento da pré-novena tem missa e procissão pelas ruas do bairro até a igreja matriz. Em 2013, o número de fiéis que participou da procissão chegou foi de aproximadamente 20 mil pessoas. Muitos católicos da paróquia de São Sebastião participam da festa dos Santos Reis e a pré-novena fica esvaziada. Torna-se difícil nesta situação envolver a participação dos moradores do bairro do Alecrim com uma festa que também arrebanha muitos devotos, inclusive da própria paróquia de São Sebastião.

A pré-novena é realizada em várias ruas do bairro. Pela lógica deveriam atingir pelo menos 20 ruas, se cada equipe realiza dez pré-novenas em uma única rua. Mas pelo que se mostrou pela programação dos grupos, uma equipe consegue programar a visita do santo em mais de uma rua. Foram 20 equipes que fizeram a pré-novena em 2013. Impossível acompanhar todos os grupos. Assim, selecionamos uma equipe da pré-novena para acompanhar sistematicamente durante algumas noites e, escolhemos alguns dias da semana para percorrermos outros grupos no intuito de tentar construir uma visão mais abrangente do processo da pré-novena.²³ Alguns devotos que participaram da pré-novena são pessoas que têm algum envolvimento com a paróquia ou com algumas pastorais e movimentos. Outros selecionaram as casas dos devotos por proximidade familiar e relações de parentesco (casas dos pais, tios, dos avós, da sogra). Os próprios coordenadores das pré-novenas, alguns deles

²³ Algumas ruas que conseguimos visitar ao longo de nove dias de pré-novena: Avenida 5, Avenida 7, Avenida 8, Avenida 9, Avenida 12, rua da linha de trem, rua Pereira Lima, rua São Geraldo, rua dos Pajeús, rua São Paulo, Travessa Ana Maria, rua Martinho Machado, rua Dr. Luis Machado, rua Manoel Miranda, rua Baraúnas, rua Américo Vespúcio, rua Dr. Alfredo Lira, na Vila Naval dentro da Capela “Estela Maris”, além de casas em pequenas vilas.

não seguiram a orientação feita pelo padre durante a missa de envio de que os coordenadores deveriam buscar devotos que não tenham envolvimento direto com a igreja paroquial.

Pode-se perceber que a escolha das casas para a realização da pré-novena se deu pela proximidade de vizinhança por parte de alguns coordenadores, como também pela facilidade de marcar as novenas nas casas de familiares que residem na área geográfica da paróquia e ainda de amigos que também estão envolvidos nas mesmas pastorais, movimentos e grupos cujos coordenadores estão envolvidos dentro da paróquia. Estes foram os alvos para alguns coordenadores realizarem as pré-novenas, em vez de buscarem devotos desvinculados das estruturas da paróquia como orientou o padre Campos.

Figura 19 - Pré-novena realizada em uma das casas na Avenida 8.



A organização do altar muda de São Sebastião.

Foto: Hécio Pacheco

Outros aspectos relevantes da pré-novena mostram como o envolvimento com o santo é forte. O altar é um detalhe que chama a atenção. Ele tem um valor, adquire um sentido e uma importância no espaço da residência. Em cada casa, a ornamentação se dá de acordo com o cuidado que cada devoto tem para com o santo. O altar é o espaço especial preparado em casa para acolher o santo protetor. A presença da imagem na casa do devoto torna-se um canal de comunicação muito mais próximo. Por exemplo, na casa do senhor Geraldo, o idealizador da pré-novena, o altar estava coberto com um tecido vermelho, cor característica do santo. Rodeando o santo uma sequência de lâmpadas coloridas, enfeite ainda do período natalino.

Em outras casas também se encontraram enfeites natalinos no altar do santo. Geralmente os enfeites são mantidos até o dia da festa dos Reis Magos, quando termina o ciclo natalino. No braço direito da imagem de São Sebastião havia uma fita vermelha. Ela estava presa à mão para simbolizar uma graça alcançada pelo devoto. Do lado esquerdo da imagem, um pote de vidro e dentro dele uma vela de cera vermelha com aroma de cereja, presente vindo dos Estados Unidos. A vela só é acesa uma vez por ano, por ocasião da pré-novena e somente na casa do devoto de São Sebastião. No espaço da área da casa tem uma imagem de Jesus sendo batizado por João Batista e também uma imagem de Nossa Senhora da Conceição. No interior da casa em cima da mesa de jantar, um presépio antigo armado com peças de madeira. Toda essa ornamentação, arrumação sinaliza uma comunicação, “os símbolos são compartilhados, permitindo a sua comunicação. [...] Os objetos materiais, especificamente, parecem construir fontes inesgotáveis de sentido” (BITTER, 2010, p. 203 e 206).

Figura 20 – Pré-novena na casa do devoto Geraldo da Cunha Santos.



Foto: Hécio Pacheco

O senhor Geraldo assume uma postura de um religioso, de um guru ou mesmo como um verdadeiro sacerdote. “No catolicismo popular brasileiro” [...] os leigos “eram os “donos da festa”” [...] tornando-se assim “os portadores da evangelização” (MAGALHÃES, 2002, p. 147) até que a hierarquia oficial da Igreja Católica controle, coíba ou dê uma nova configuração ao se reapropriar da prática religiosa. Seu Geraldo é um evangelizador e passa a exercer um comportamento diante do grupo durante a novena e que se materializa em uma

ação performática que envolve a fala, o movimento corporal e a própria vestimenta. Na visão de Zumthor (1997, p. 2006) “certos gestos têm consistência semântica [...] aptos, a cada performance, a serem revestidos de novos valores”. O devoto do santo que conduz a novena se veste com uma calça branca e camiseta com a estampa trazendo a imagem do santo padroeiro. Ele prefigura o santo e se identifica com ele. É também uma forma de comunicar, de expressar essa relação que tem com ele. Para Bitter (2010, p. 93), vestimenta ou como ele chama de indumentária “é a via expressiva privilegiada” de uma comunicação simbólica no ritual da pré-novena de São Sebastião. Em sua casa, é o próprio seu Geraldo quem coordena a novena sempre em pé diante dos demais, incentiva os participantes a se expressarem na hora da partilha do evangelho, nos cantos específicos a São Sebastião, encaminha o momento das preces e faz o encerramento da novena com a bênção final. Ele não participa mais da novena nas outras casas porque tem dificuldades para andar em decorrência de uma diabetes. Ressaltou que conseguiu a graça do santo de ter apenas um dedo do pé amputado que gangrenou por conta da doença.

Na casa da sogra de um dos coordenadores da pré-novena, o altar do santo estava organizado em cima da mesa da cozinha. De um lado, uma vela e de outro, o pequeno cofre da coleta. Em outra casa de uma devota, mãe de um dos coordenadores, o altar de São Sebastião foi organizado com um pequeno arranjo de flores artificiais. Ao lado do santo, uma imagem de Nossa Senhora das Graças e o cofrinho. Por trás do altar havia um porta-retratos dos netos e uma outra imagem de Nossa Senhora. Seguindo para outra casa na Avenida 12, encontramos o altar do santo arrumado de forma mais simples: organizado no espaço da casa em que fica uma piscina e uma churrasqueira. O altar ao lado da churrasqueira e em cima de uma mesa branca de plástico e coberta com um tecido branco de renda permanecia a imagem. Na Rua São Geraldo, a casa de uma das coordenadoras foi também o espaço para a pré-novena. O altar ficava em uma pequena mesa ao lado da televisão. O santo era ladeado por duas imagens de Nossa Senhora das Graças e o cofre. Por detrás um pequeno rádio a pilha que transmitia a missa dominical enquanto fazia a pré-novena sozinha.

Figura 21– Altar de São Sebastião na pré-novena na Rua São Geraldo.



Foto: Hércio Pacheco

Na Rua Américo Vespúcio, que fica por trás da Avenida 12, o altar da devota de São Sebastião foi organizado logo à esquerda da porta de entrada da casa. Coberto com uma toalha vermelha bordada e com franjas, flores vermelhas em um jarro de louça, um arranjo de artesanato em palha todo iluminado com instalações de pequenas lâmpadas de enfeites natalinos. Ao lado do santo, o cofrinho para a coleta das doações. A imagem ao centro dividia o altar com um pequeno presépio de louça e imagens de anjos, além de imagens de São José, Nossa Senhora com o menino Jesus. Acima do altar mais dois quadros grandes, um com a imagem de Nossa Senhora e o outro, com a imagem de Jesus Cristo.

Outra novena aconteceu na Avenida 8. No altar de São Sebastião, à cima, havia uma grande imagem prateada do anjo Gabriel, o anunciador da encarnação de Jesus Cristo. Rodeando o santo uma sequência de seis velas ornamentais e do lado, o cofrinho. Na rua da Luz, o altar se constituía apenas da imagem do santo e o pequeno cofre. Na casa da mãe de um dos coordenadores, o altar foi organizado em cima de um móvel que ficava a televisão. A imagem do santo ficava ladeada por uma vela em cima de uma lata e um arranjo de flores artificiais vermelhas e também o cofre para a coleta. Por fim, a última casa na Avenida 7 trazia o altar organizado com uma cruz de vidro transparente, ao lado esquerdo uma imagem de Nossa Senhora com o menino Jesus e do lado direito outra imagem de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro, também em vidro. Do outro lado um anjo com suporte para velas. O cofrinho à frente da imagem do santo e uma Bíblia aberta em uma passagem da Escritura

escolhida para a novena. Cada devoto ou cada devota organiza os altares da pré-novena de acordo com a criatividade de cada um.

A outra casa de uma devota também na Avenida 8, o altar foi organizado na área da casa, embora os participantes da novena ficaram na calçada porque o número de participantes foi de 17 integrantes. Uma mesa redonda coberta com uma talha branca e uma pequena imagem de São Sebastião. Por trás do altar um arranjo ornamental de flores vermelhas. À frente da imagem o cofre e do lado direito um outro vaso de plástico para colocar uma vela. No espaço interno da casa, havia também outras imagens, herança da mãe já falecida: uma imagem em gesso do padre Cícero Romão Batista. Mais à frente outro altar com uma grande imagem de Nossa Senhora da Conceição e em seguida, no chão, um presépio em gesso de grandes proporções.

Figuras 22 e 23 – Altar no espaço da área e o grupo rezando na calçada da casa na Avenida 7.



Fotos: Hércio Pacheco



Grupo rezando a pré-novena na calçada da casa de uma devota na Av. 8.

A festa de São Sebastião de 2014 começou ainda em dezembro de 2013 com a pré-novena e com o santo descendo mais uma vez do altar de sua casa e percorrendo as ruas do bairro para se encontrar com seus devotos e devotas. A pré-novena começou no dia 20 de dezembro com uma equipe maior. Desta vez foram 50 imagens, que em princípio deveriam percorrer 450 residências do bairro. Infelizmente, no dia 1º de dezembro de 2013 o “inventor”, o iniciador incansável da pré-novena, seu Geraldo, faleceu em decorrência da doença de diabetes que o afligia há alguns anos. A imagem de São Sebastião que pertencia a ele e percorreu durante anos a fio os caminhos das ruas, becos, vielas e vilas do Alecrim, agora se encontra nas mãos de um seguidor que em 2013 assumiu a coordenação do grupo para realizar a pré-novena.

Assim temos uma visão da diversidade dos arranjos e ornamentações que são escolhidos para preparar os altares que são dedicados ao santo. O cenário da pré-novena em cada casa faz parte da performance que se configura nos momentos celebrativos. Para Zumthor (1997, p. 216-217) “a decoração, tudo o que cai sob o olhar, [...] alcança o encadeamento das formas [...] resultado de uma intenção integrada [...] é suporte de símbolos”. Cada devoto arruma o altar do santo da melhor forma possível, de acordo também com suas condições econômicas e o coloca em um espaço de destaque, que considera importante ou relevante no ambiente da casa. “Os símbolos religiosos formulam uma congruência básica entre um estilo de vida particular e uma metafísica específica” (GEERTZ, p. 67). Assim como “os símbolos produzem ação [...] os grupos mobilizam-se ao seu redor, cultuam-nos, acrescentam-lhes outros objetos simbólicos, frequentemente para formar santuários compostos” (TURNER, 2005, p. 52). São diversos objetos que se configuram em elementos comunicativos para o momento que está sendo vivido na pré-novena. Guttilla (2006, p. 181) chama atenção para o fato de que “o devoto reinterpretará a devoção no espaço sob seu domínio, o do culto doméstico, ou privado [...] os laços de significado que o mantém atado ao santo e amigo protetor”. Onde ocorre a pré-novena, o ambiente torna-se por um momento, um espaço sagrado, do próprio ritual que se realiza.

Como a pré-novena faz parte de todo o contexto da festa de São Sebastião, e toda festa tem o seu momento de interação com os participantes, de sociabilidade através dos “comes e bebes”, a cada noite, os devotos oferecem aos integrantes das equipes um lanche. Tanto no Brasil quanto em Portugal, as festas religiosas e em especial, as de São Sebastião envolvem momentos de comida à vontade. Em Vila Real, por exemplo, uma semana antes da festa os “mordomos” passam nas casas recolhendo alimentos e dinheiro para o almoço que é servido a base de arroz, feijão, carne de porco e vinho. Na freguesia de Dornelas, as andanças nas casas

pedindo comida começam ainda na altura do Natal.²⁴ Pode-se perceber que cada um inventa e cria o seu momento de confraternização. Na pré-novena de São Sebastião teve casa que não serviu nenhum tipo de comida. Na casa de seu Geraldo, todos se dirigiram para a cozinha e na mesa havia bolo, biscoito, café e refrigerante. Outra família de devotos de São Sebastião serviu em uma das noites pudim de maracujá, suco, bolo de ovos e bolo preto, beijo de chocolate e pirulito.

Figura 24 – Lanche servido na cozinha da casa de Geraldo da Cunha Santos



Foto: Hécio Pacheco

Em outra casa foi servido um prato com lasanha de frango e refrigerante. Uma devota que acolheu o santo em sua casa entregou a cada participante ao final da pré-novena um chocolate confeccionado por ela mesma. Em outras duas casas da Avenida 12 foram oferecidas tortas de chocolate e refrigerante. Ao final de outra pré-novena, o lanche foi pastéis, brigadeiro e um pirulito para cada participante. Em seguida, serviu-se uma rodada de torta de coco e refrigerante. Na noite anterior, os devotos de uma casa que fica na mesma rua, tinham servido um prato de sopa para todos os presentes.

Em qualquer festa sempre existe o momento da comida, da partilha e da sua distribuição entre os participantes como forma de marcar os laços afetivos e de união entre os membros. No caso da pré-novena, o oferecimento do lanche após a reza é também um aspecto

²⁴ Ver www.folclore-online.com/festas/txt/boticas_festas_ssebastiao/index.html. Acesso realizado em 03.04.2013.

importante para fortalecer os laços daqueles que são devotos de São Sebastião. Todos se reconhecem partícipes de uma mesma fé, de uma mesma devoção, de um mesmo envolvimento afetivo e relacional com o santo. E todos têm relações comunicativas com ele. Neste sentido, “todos os elementos da festividade [...] são como que “sacralizados”, por pertencerem também à festa do santo” (MAUÉS, 1995, p. 488).

Figura 25 – Lanche servido na calçada da devota na Avenida 7.



Foto: Hécio Pacheco

A pré-novena é uma oportunidade para o devoto manter o contato com o santo que visita a sua residência. É mais uma oportunidade para falar com ele. Sua presença demonstra a importância de “sublinhar os canais de comunicação entre os diversos planos cosmológicos” (BITTER, 2010, p. 144). É também, como fala Renata de Castro Menezes, “um espaço de culto doméstico” (2006, p. 24). Além de toda ornamentação para receber o convidado especial, da ocasião festiva das comidas, ele expressa a sua relação com o santo através de alguns momentos em que se estabelece uma comunicação partilhada, o que nem sempre é fácil de perceber durante o novenário ou na procissão. “O canal de comunicação [...] foi aberto através de preces, orações, silêncio, velas acesas e música” (BITTER, 2010, p. 135). Pode-se conversar com o santo para falar de si ou de outrem. Como exemplo, a sobrinha de seu Geraldo é uma dessas devotas que apresenta sua forma de comunicação: em todo o período em que se deu a pré-novena do dia em que se acompanhou o ritual, ela se manteve ajoelhada diante da imagem e com os pés descalços. Durante várias vezes falou que São

Sebastião operou a graça de seu Geraldo não precisar perder partes maiores de seu corpo por causa da diabetes. Agradeceu também o milagre de sua mãe ter recuperado a saúde depois de uma doença que a afligiu recentemente.

Além das orações, os grupos se expressam com o santo através das músicas. Uma delas fala do momento que se vive, ou seja, a festa do santo: “O povo hasteou sua bandeira/ a festa entre nós já começou/ novena e alegria a noite inteira./ A prece, o canto, a paz e o louvor”. Em outro cântico dedicado ao mártir relembra sua vida: “Salve o nosso santo padroeiro/ foi soldado, foi guerreiro, mas lutou só pelo bem. São Sebastião lutou no exército de Deus também e não hesitou”. O seu refrão é mais forte e a música envolve um ritmo de samba: “Não, não, não, não, não, uma flecha não bastou pra calar a sua voz. São Sebastião, São Sebastião, rogai por todos nós”. Outra estrofe da música fala dessa relação com o santo: “Salve o nosso santo preferido/ São Sebastião querido./ Mora em nossos corações/ força, fé e amor e a esperança em Cristo Redentor e não bastou”.

Uma das novenas foi realizada em um beco, ou seja, uma rua sem saída com poucas casas de um lado e de outro. A maioria das casas era de famílias evangélicas. Mesmo assim, a equipe da pré-novena manteve a atividade na casa previamente agendada. Como não havia outras casas de católicos por perto, participaram apenas a dona da casa e a empregada e um membro da equipe da pré-novena. Lá havia uma senhora doente que esperava a chegada da filha vinda de Brasília e foi lá que se escolheu para o santo a visitar. Ela é devota de São Sebastião. A sua presença poderia ajudá-la a recuperar a saúde. “O santo é tratado frequentemente como uma pessoa viva” (MAUÉS, 1995, p. 171). As orações se voltaram para a doente e para a chegada da filha.

Em uma das casas da Avenida 12 havia uma senhora de 99 anos, lúcida, porém permanecia acamada em um dos quartos da casa. A novena foi rezada no espaço da sala de jantar. De lá a idosa acompanhava as rezas e de vez em quando participava recitando parte das orações. A neta pediu a São Sebastião saúde para a avó completar 100 anos de idade. E uma das filhas da idosa pediu ao santo que intercedesse por uma pessoa que tinha falecido, mas que continuava ligada à vida aqui na terra, deixando claro uma relação com o espiritismo ou na crença de que o espírito da pessoa que morreu ainda permanecia “perturbando” e precisava de “tranquilidade”. Depois das orações a neta levou a imagem de São Sebastião para que a avó a beijasse. Ela pegou a imagem, abraçou-a e, em seguida a beijou.

Na Avenida 8 uma jovem pediu pela saúde de três mulheres com idade avançada e que moravam todas na mesma casa. Outra jovem agradeceu a São Sebastião ter conseguido superar uma depressão e uma crise de pânico que durou cerca de quatro anos. Nem conseguia

sair de casa nem entrar na igreja matriz antes. Depois de curada hoje já entra na igreja e se envolve participando de atividades da paróquia.

Figura 26 - Grupo da pré-novena na Avenida 8.



Foto: Hécio Pacheco

Uma mulher, na hora dos pedidos lembrou que come muito, se sente mal por isso e que precisa melhorar de vida “fechando” mais a boca. Pediu também pelo marido para encontrar um emprego, pois estava desempregado há algum tempo. Outra senhora se reportou ao milagre alcançado com São Sebastião por ter protegido a sua mãe de complicações decorrentes de uma queda. Aos 83 anos de idade caiu e teve apenas algumas luxações nas pernas. Ainda haviam marcas dos hematomas provocados pela queda. Não teve nenhum problema posterior. Nas orações daquela noite pediram pela saúde da mãe, dos filhos e netos, de outros familiares e vizinhos.

Em uma das casas da Avenida 7, os participantes da novena lembraram de duas mulheres que estavam doentes, uma com problemas cardíacos e outra com um câncer, mas tinham esperança e muita fé em São Sebastião de que iriam ficar curadas. Uma oração feita por todos os presentes pedia ao santo para “livrai-nos de toda epidemia corporal, moral e espiritual”. [...] “Prometemos nunca deixar de vos honrar e divulgar a devoção para convosco”. [...] “São Sebastião, advogado contra as epidemias, a fome a guerra, rogai por nós sem cessar”.

Todas essas formas de expressão ou de comunicação partilhada coletivamente com o grupo e com outros devotos pressupõem um outro momento comunicativo antecedente que se estabelece com o santo. É justamente aquela dimensão mais afetiva, mais íntima que ocorre entre o devoto e o santo num contexto pressionado pela realidade concreta e motivada pelos sentimentos e por uma situação em particular. O devoto fala ao santo como se estivesse conversando com outra pessoa. Significa dizer que existe uma comunicação anterior (pedidos de cura ou outras situações vivenciais) feita de forma individual, em particular, numa relação “como as que existem entre dois amigos: um na terra, outro no céu” (GUTTILLA, 2006, p. 165) e que pode ser expressa coletivamente a partir de um resultado concreto, ou seja, os milagres e graças alcançadas em um tempo determinado. Assim, “a devoção não envolve apenas trocas eficazes e interessadas entre santos e devotos [...] ela envolve também uma intensa comunicação que passa por olhares, gestos, palavras, e envolve afetos, emoções e vontades, numa relação vinculante [...] muito além da promessa” (MENEZES, 2006, p. 38-39).

O último aspecto a ser ressaltado durante a realização da pré-novena é a prática do santo percorrer as casas dos devotos e receber as doações em dinheiro para a paróquia. É uma antiga tradição das festas religiosas realizadas em Portugal, que vieram com os padres e religiosos durante o período de colonização do Brasil, “cuja população era obrigada a participar e a financiar” (DEL PRIORE, 2000, p. 25). Era comum no dia 20 de janeiro [...] “grupos de cantores que realizavam peditórios às casas dos devotos para a realização de uma festa dedicada a São Sebastião, no Rio de Janeiro e também em várias regiões do Brasil como também em Portugal” (BITTER, 2010, p. 60). Posteriormente a Igreja proibiu as antigas esmolações com as imagens dos santos percorrendo as casas dos devotos.

Hoje perdeu este caráter de obrigatoriedade, mas o estímulo e o incentivo à contribuição dos devotos continuam a existir nos dias atuais. No período da pré-novena se reinventa a prática da coleta através do pequeno cofre fechado com cadeado que acompanha a imagem do santo e recebe as ofertas e as doações dos devotos de São Sebastião. Há um ritual para este momento. É sempre depois das preces. As pessoas se deslocam até o altar onde se encontra a imagem do santo, os enfeites e o cofre. Algumas pessoas, inclusive crianças junto a seus familiares ou devotos convidados colocam cédulas ou moedas.

Figura 27 – Devota deposita a sua doação no cofre de São Sebastião.



Foto: Hécio Pacheco

Não se trata de uma relação comercial de troca: deposita-se o dinheiro no cofre para se conseguir do santo uma graça ou milagre. O que se considera pagamento de uma promessa está em outra relação e em outro contexto da devoção. Os donativos que ocorrem durante a pré-novena são para o funcionamento e manutenção da paróquia. O que cada equipe apura das doações é incorporado ao montante geral da festa do padroeiro. No entanto, os participantes não têm conhecimento do resultado das doações. Ao final da pré-novena não se sabe o que cada grupo ou equipe conseguiu apurar durante o período em que o santo visitou as casas do bairro. O que se ressalta é que os devotos querem colaborar de acordo com suas condições. Tem gente que oferta uma boa quantia, outras apenas algumas moedas. O importante é que existe um sentimento implícito de que “estamos colaborando para a festa de São Sebastião”.

Portanto, abre-se o primeiro ciclo da festa de São Sebastião com a pré-novena. O santo sai de sua casa, desce do altar e percorre as ruas do bairro entrando nas casas dos seus devotos para uma visita. Durante dez dias, que vai do dia 1 ao dia 10 de janeiro segue o seu percurso. Pernoita para escutar e acolher o que a família e os vizinhos têm a dizer da vida. Passa o dia acompanhando a rotina do lar até chegar o momento de seguir para visitar outro devoto. Quando termina a peregrinação pelo bairro já é hora da grande festa em sua homenagem. Está tudo preparado para receber os convidados de braços abertos celebrarem e retribuírem a visita do santo participando agora da abertura oficial do novenário que dá início à festa de São Sebastião.

É o dia seguinte, ou seja, o dia 11 de janeiro, data oficial de abertura da festa de São Sebastião, que os devotos conduzem o santo de volta à sua casa. Todas as imagens retornam à igreja matriz em procissão. Todos os devotos que receberam o santo em suas casas são convidados a fazerem o percurso de volta com o santo. São os coordenadores e coordenadoras que receberam as imagens do santo no dia do envio que transportam as imagens que são acompanhadas pelos devotos com suas velas acesas. Todos são recebidos às portas de entrada da casa do santo. O padre anuncia a chegada de cada grupo vindo das ruas do bairro cantando e louvando. E quando todas as imagens se encontram reunidas procede-se ao hasteamento das bandeiras do Estado, da Arquidiocese e da Paróquia. Dá-se início a outro momento comunicacional da festa de São Sebastião que passamos a olhar a partir de agora.

4. A COMUNICAÇÃO, SUAS LINGUAGENS E SEUS FLUXOS NA FESTA: A NOVENA

“Voce que está chegando, bem-vindo, seja bem-vindo; só estava faltando voce aqui. Só estava faltando voce, irmão. Só estava faltando voce aqui, bem-vindo à celebração”. Com este cântico, os devotos e as devotas são acolhidos na casa do santo (igreja) para o novenário de São Sebastião, que vai do dia 11 até o dia 19 do mês de janeiro. É um período rico de uma comunicação que flui através de várias linguagens simbólicas. Tudo se converte em formas de expressão comunicativa. Bandeirinhas nas cores vermelha e branca são entregues aos devotos que vão chegando e entrando no interior da igreja. Quando começa o canto de acolhida as pessoas erguem as bandeiras acima das suas cabeças e passam a agitá-las ao ritmo ligeiro da música enquanto todos cantam as estrofes e o refrão. Existem devotas da paróquia que confeccionam várias bandeirinhas para distribuir todos os anos aos participantes como sendo o seu compromisso para colaborar com a festa do santo, tanto no novenário quanto na procissão. O material utilizado é um tipo de tecido bem fino e barato (tnt). Aos poucos a igreja vai ficando cheia de devotos a cada noite de novena e em alguns momentos da celebração, a agitação das bandeiras embeleza e contagia o cenário. O interior da igreja tem capacidade para acolher mais de 700 pessoas sentadas. Nas laterais e na porta de entrada também muita gente se concentra para participar do ritual das celebrações a cada noite.

Tudo está disposto para a festa: o altar coberto com uma toalha vermelha, os altares de São Sebastião e de Nossa Senhora das Graças rodeados de flores. Do lado da imagem do santo, uma urna para receber as coletas dos devotos. Não só dinheiro, mas também pequenos bilhetes que são endereçados a ele. A igreja toda iluminada convida o público a participar do momento religioso. A igreja matriz tem uma estrutura mais moderna. Poucas imagens no interior da igreja e se apresenta com um ambiente mais amplo e leve. Por trás do altar tem uma parede dividida em três partes, sendo a do lado direito com um desenho de dois anjos com característica de crianças nuas e com asas nas costas. Ao centro uma cruz vermelha de tijolo transparente de vidro chama a atenção pelo fato de que à direita tem uma imagem de Jesus carregando a cruz e do outro lado, uma imagem de Jesus ressuscitado levantando da tumba. A parede da esquerda traz um sol em forma de espiral com cores variadas de vermelho e laranja, ao mesmo tempo fundindo com um azul escuro puxando para um dégradé que dá a ideia de céu e também de um mar revolto. Ao lado tem a imagem do Forte do Reis Magos e do outro lado uma fileira de árvores num trecho de terra próximo ao mar. Do lado da parede

com os desenhos dos anjos fica a imagem de Nossa Senhora e na parede que tem o desenho do sol fica a imagem principal de São Sebastião.

Quem vai ao novenário, em sua maioria, é o devoto que mora no bairro do Alecrim e faz parte da paróquia ou está vinculado a algum grupo, movimento ou pastoral, embora também se encontre devotos que vêm de outros lugares da cidade, de outros municípios da região metropolitana da Grande Natal e antigos moradores que saíram de Natal para viver em outros recantos do país e retornam anualmente para visitar seus familiares no período da festa do padroeiro. Assim, todas as noites o ritual religioso tem uma dinâmica que se expressa num processo comunicativo das celebrações e que estão carregadas de simbologia e linguagens que ultrapassam uma estrutura já definida e previamente pensada pelo padre e sua equipe paroquial, que é composta por coordenadores que representam as várias pastorais, movimentos e organizações católicas. Como bem afirma Paul Zumthor (1997, p. 159), “a celebração de uma festa particular e periódica pode estar relacionada a uma performance”. Para Michel Agier (2011, p. 99) “entre o rito e a performance, a relação é muito estreita e a progressão pouco perceptível”. O ritual para ele é uma criação artística, “um modo de comunicação simbólico partilhado pelo público” (AGIER, 2011, p. 99). Trata-se de uma performance que “se atualiza, se concretiza, se singulariza [...] a cada oficiante do ritual” (MENEZES, 2004, p. 89). E mais ainda, “[...] embora muitos aspectos do ritual se repitam, na prática nunca são exatamente iguais. São vários fatores que contribuem para isso” (BITTER, 2010, p. 46). A cada noite as performances se modificam porque os grupos responsáveis pelas noites de celebração têm a sua forma de se expressar e organizam a sua comunicação para o público devoto presente na noite de novena. O que se tem a comunicar também se dá de forma diferenciada dentro de um contexto que envolve todos os elementos da expressão comunicativa, desde a vestimenta, as movimentações corporais, as falas e os símbolos utilizados em cada momento. É a linguagem comunicativa e expressiva da festa.

Figura 28 – Noite de novena na igreja de São Sebastião



Foto: Hécio Pacheco

A festa religiosa, neste sentido, é o momento em que a paróquia vive um processo comunicacional mais intenso. Considera-se um tempo solene de culto ao santo que se prolonga durante nove (09) noites. Daí se chamar novenário. Em outras paróquias e dioceses do Brasil e de Portugal também fazem a festa durante três dias apenas. É o tríduo. Existem outras festas mais extensas como a de Santo Antônio, cujo período é de treze dias, ou seja, uma trezena. Outras festas podem alcançar o período de um mês como a festa de São João em Campina Grande. O novenário é também o período especial para o devoto demonstrar sua devoção, sua afetividade e sua comunicação com o santo e de forma coletiva, mesmo que em alguns momentos o faça de forma individualizada. É muito comum os devotos realizarem novenas em suas próprias casas com seus familiares diante do santo que fica no altar doméstico ou no oratório (espécie de casa de madeira onde se guardam os santos da devoção popular) para pedir uma graça ou para agradecer um milagre alcançado. Mas no espaço da paróquia, a novena tem uma dimensão mais ampla. É um tempo específico de evangelização mais forte da hierarquia oficial porque durante todo o novenário existe uma estrutura padronizada do ritual em que há uma temática específica que muda a cada ano, que assume uma forma de comunicação que o santo tem para com o seu devoto. Nesta hora o santo deixa de ser o santo intercessor e protetor para se configurar como o santo evangelizador e apóstolo (GUTTILLA, 2006, p. 120). No entanto, o devoto encontra brechas durante o novenário para continuar sua comunicação com o santo com o seu intercessor e protetor de todas as horas.

Essa palavra do santo que é dita e expressa a cada noite, ela é pensada, definida e preparada pelo padre para que em todas as noites de celebração os amigos convidados (padres e bispos) deixem a sua mensagem aos devotos de São Sebastião.

A preparação do novenário começa meses antes, por volta de agosto, segundo o articulador pastoral. Várias reuniões de planejamento vão acontecendo sempre com a participação do pároco e vai até o início da festa, que começa com a pré-novena e se encerra com a procissão no dia solene que se comemora o dia do martírio do santo padroeiro. Os devotos que estão na organização se responsabilizam por toda a estrutura da festa (desde a pré-novena, o novenário até o grande momento da procissão). O padre reúne os coordenadores para pensar todos os detalhes da festa, mas os temas e os conteúdos que vão ser comunicados a cada noite são preparados por ele. Há também um lema geral que é escolhido no período de preparação da festa. O padre Campos explica como é pensada a temática da festa a cada ano:

“A temática é escolhida a partir do que nós estamos vivendo nessa caminhada de igreja. Por exemplo, em 2013, a Conferência Nacional dos Bispos do Brasil estudou o documento “Comunidade de Comunidades, uma nova paróquia”. Nós escolhemos o mesmo tema para colocá-lo no temário da festa. Os sub-temas foram definidos a partir desse documento. Em geral, a escolha é esta. A gente nunca sabe de antemão de um ano para outro qual vai ser o tema da festa. Depende muito da caminhada da igreja, do contexto, dos assuntos e debates. A partir da escolha do tema a gente pensa quês ângulos desse tema, que aspectos desse tema nós vamos focar. O sub-tema é um desdobramento do tema”. (Entrevista com o padre Campos).

Nos encontros de planejamento que antecedem ao período da festa, representantes das pastorais, movimentos e outras organizações da paróquia participam das reuniões e aprovam ou dão sugestões a partir da apresentação da temática da festa apresentada pelo padre. “O critério é esse: eu levo como proposta, eu faço o levantamento e aí o pessoal concorda ou não, acrescentando ou retirando alguma coisa. Mas é submetido ao Conselho Pastoral Paroquial”. O aspecto pastoral, teológico e doutrinário da festa fica sob a responsabilidade do padre em escolher a partir dos assuntos e contextos que estão em pauta no âmbito da Igreja Católica no Brasil e no mundo. É sempre uma novidade. Por exemplo, em 2014, como a paróquia aniversariou e completou 65 anos de criação, a temática da festa se voltou para valorizar a importância do momento vivido pela igreja local.

Os agentes pastorais e os coordenadores de grupos e movimentos, por sua vez, se encontram para planejar a parte da programação social da festa do santo e os detalhes da estrutura e a logística da festa. Os devotos que se envolvem são aqueles que estão vinculados, ou seja, os que participam dos grupos, movimentos e pastorais da paróquia. São eles: em

primeiro lugar está o próprio padre que anima e estimula a participação dos que estão envolvidos nas diversas pastorais (Pastoral da Crisma, Pastoral da Criança, Pastoral do Batismo, da Catequese), nos vários grupos e movimentos (Legião de Maria, no grupo de oração Mãe Rainha, os Ministros da Eucaristia), Grupos de Jovens (Ichtus e Lançando Redes), equipes que integram os movimentos do Encontro de Casais com Cristo, da Liga Católica “Jesus Maria e José”, do Apostolado da Oração, do Movimento da Renovação Carismática Católica, da Escola da Fé, (que foi uma iniciativa do padre Campos ainda no Instituto de Teologia Pastoral de Natal (Itepan) na década de 80 e que motivou várias comunidades a organizar grupos de estudos bíblicos).

E ainda: Pastoral do Dízimo, Pastoral Familiar, Pastoral da Liturgia, Acólitos e Pastoral da Saúde, Clube de Mães Vitória Régia, Grupo de Oração Mãe Rainha; além de agentes pastorais representantes das comunidades de Santo Inácio de Loyola e São Vicente de Paulo que integram a estrutura pastoral da área paroquial. A coordenação da festa dos anos anteriores à pesquisa até 2010 esteve a cargo da Comissão Missionária Paroquial (COMIPA). Um colegiado formado por representantes de todas as pastorais, movimentos e grupos da paróquia. A partir de 2011 o padre instituiu a figura do articulador paroquial, que é também um coordenador pastoral que administra todas as atividades pastorais da paróquia e responde por toda a realização da festa de São Sebastião. É uma espécie de “braço direito” do padre.

Durante o período de preparação da festa acontecem várias reuniões nas salas que fazem parte da estrutura do andar térreo da igreja matriz. Num clima acalorado de discussões, sugestões e, algumas vezes, de tensões, os conflitos aparecem de forma mais explícita nos quando chega a hora das decisões, embora também permaneçam camuflados em outros momentos. Os embates acontecem entre as diferentes posições que surgem entre os leigos, o padre e o coordenador paroquial. Em 2009 pudemos acompanhar de perto esse momento para tentar compreender os processos comunicacionais que se estabelecem durante todo o desenrolar da festa e que envolve o período de sua preparação. No entanto, é plausível que nessa hora ocorram visões diferenciadas que estabelecem pontos de tensões e conflitos, mas a proposta da pesquisa está centrada nos processos comunicacionais que ocorrem no espaço da festa.

Prevendo que talvez a participação nas reuniões de preparação pudesse criar uma situação de dificuldade para a aproximação ao grupo, antes de participar dos encontros de preparação cheguei a conversar com o padre e expus o projeto de pesquisa doutoral e ele me apresentou ao grupo e informou que aquele ano estaria acompanhando o período que antecede

o início do novenário. Este foi o primeiro momento da pesquisa de campo que começou com uma etnografia de todo o processo de organização da festa.

Algumas dessas reuniões o padre participa, outras é o seminarista que colabora na paróquia e, desde 2011, é agora o articulador pastoral quem está à frente coordenando as reuniões. Houve dias de ter um grupo em torno de quarenta agentes pastorais participando das reuniões de preparação. Naquele ano, a Comissão Missionária Paroquial (COMIPA) era responsável em conduzir toda a dinâmica da festa, principalmente no aspecto social. Algumas ideias e sugestões foram colocadas: o representante da Comunidade de São Vicente de Paulo sugeriu a realização de um bingo, mas sem o uso de bebidas alcoólicas, embora algumas coordenadoras relatassem que as pessoas gostam de participar da festa quando tem bebida também. Para o bingo tinha sido arrecadado todos os brindes doados pela comunidade (bicicleta, bateadeira, liquidificador, DVD, micro system e uma TV). Outro propôs uma feijoada dançante. Um agente pastoral também sugeriu trazer um trio de forró (sanfona, zabumba e triângulo) para animar a feijoada. O problema era assumir os custos para levar o trio de forró. A paróquia não tinha recursos para assumir tal proposta. Nova rodada de sugestões: uma noite da pizza com senhas vendidas antecipadamente para não ter perda de material na preparação da massa. Tudo o que é pensado para a programação social visa angariar fundos para as reformas do prédio e a manutenção da estrutura do prédio da igreja matriz.

Naquele ano ainda não havia a figura do articulador pastoral. Alguns representantes reclamavam da falta de comunicação por parte da equipe central que não divulgava os encaminhamentos e as comunidades ficavam sem saber o que iria acontecer ao longo da festa. As decisões são tomadas depois de muita discussão. Uma delas se referia ao presente que os padres e bispos deveriam receber ao final de cada noite do novenário. O padre tinha três sugestões: a primeira era de que cada equipe responsável da noite escolheria o presente para o celebrante; a segunda proposta seria a entrega do mesmo presente que o afilhado de São Sebastião receberia durante em cada noite de novena, o que foi logo contestado porque “o padre receber o mesmo presente do afilhado?”; a terceira nem chegou a ser discutida por causa da contenda em torno das duas questões; por fim sem ter uma votação formal do grupo, o padre falou: “ficou decidido então que cada grupo entrega um presente escolhido pela equipe ao padre. Cada noite haverá um presente diferente. Fica a critério de cada grupo escolher as pessoas que vão entregar as lembranças aos padres convidados”. Mesmo depois de o padre comunicar a decisão teve um agente que ainda sugeriu a compra de uma caneca com a imagem do santo padroeiro impressa nela. Essas questões demonstram alguma

desorganização na forma de encaminhar as reuniões. O processo coletivo de construção de uma proposta para compor a programação de uma festa religiosa não é muito fácil. Nem sempre prevalece a decisão mais democrática e participativa. Para Duvignaud (1983, p. 156) [...] “não pode haver festa sem consenso” [...]. E este consenso é negociado o tempo todo.

Como se pode observar, o espaço de preparação e organização da festa são as reuniões com a presença do padre, do seminarista, do coordenador paroquial junto ao Conselho Pastoral Paroquial – CPP. A temática da festa e os sub-temas são organizados pelo padre. O Conselho referenda as sugestões ou aponta outros aspectos que podem ser considerados relevantes. O Conselho Pastoral Paroquial se preocupa mais com a parte social do novenário, com a infraestrutura, com a mobilização de cada setor para preparar todas as atividades que vão ocorrer a cada noite de novena.

Ainda em relação à programação social de 2010, o padre ressaltou que as sugestões ainda eram poucas para compor a programação da festa social para semana toda, ou seja, para todo o novenário. A fala era no sentido de ter um maior volume de atividades para possibilitar angariar dinheiro para cobrir os gastos com as reformas do prédio. E a festa era uma oportunidade para quitar as dívidas acumuladas. Além do mais, o lucro com a venda das camisetas é muito pouco. E a busca de doações no comércio local do Alecrim é muito difícil. Quando a equipe chega para pedir uma doação ou colaboração para a festa, os empresários sempre alegam que as doações tinham sido feitas anteriormente pela época natalina e torna-se difícil conseguir um maior envolvimento dos comerciantes do bairro. Há um novo contexto no espaço da sociedade atual.

O padre Campos explica que desde que chegou à paróquia a adesão dos comerciantes do bairro para a realização da festa de São Sebastião é muito fraca:

“o mês de janeiro, do ponto de vista econômico, vamos colocar assim, é um mês frio porque o pessoal já gastou bastante no Natal, gastou no Ano Novo e agora as pessoas entendem que janeiro é um mês de veraneio: férias escolares, férias de trabalho e as pessoas estão muito fora da paróquia, fora da cidade. É tanto que a explosão é só no dia da procissão. Da parte do comércio do Alecrim, que é um comércio tradicional, não há esse patrocínio como nós esperávamos. Antigamente não era diferente; Tinha umas comissões que saíam para pedir brindes, mas não era muita coisa não” (Entrevista com o padre Campos, 2014).

O padre ainda resalta que o dia do santo não é feriado e os comerciantes não fazem questão de fechar suas lojas. E desabafa: “a gente queria encontrar um caminho que pudesse envolver mais”. Tem também o fato de que à medida que a sociedade se desenvolve ela desvincula cada vez mais essa relação com o lado religioso. O padre considera que “o

contexto é de uma sociedade secularizada. Não estamos mais na cristandade. O cristianismo não impera”.

No período da Colonização do Brasil, só para se ter uma ideia, a festa era “[...] promovida pelo Estado e a Igreja, [...] cuja população era obrigada a participar e a financiar [...]” (DEL PRIORE, 2000, p. 25). Hoje a realidade é outra, o contexto social mudou. Não se vive mais sob a influência religiosa, embora essa relação entre os dois poderes ainda apareçam em alguns momentos. Os comerciantes dos centros urbanos, de um modo geral, não se interessam tanto em colaborar com as festas religiosas por diversos fatores. Daí hoje a necessidade de criatividade para gerar um verdadeiro comércio no espaço da festa para poder suprir com os investimentos ao longo do ano. Torna-se assim, um espaço de comercialização de vários produtos e serviços: desde abadás, camisetas, imagens, santinhos, calendários, objetos e utensílios vinculados à imagem do lugar ou referenciados à devoção de um santo, bem como festas, sorteios e outras atrações para atrair o devoto. Cria-se uma verdadeira indústria e faz circular muito dinheiro nesses espaços. A festa consome enormes riquezas em objetos e em dinheiro (LEFEBVRE, 2001, p. 4). Portanto, nas reuniões de preparação da festa, torna-se importante, a cada ano, pensar em estratégias para se garantir um bom resultado financeiro para a paróquia.

Quando se finaliza todas as reuniões e se define a programação social com a participação da Comissão Missionária Paroquial e a religiosa - esta definida exclusivamente pelo padre - encaminha-se para a gráfica o folder e o livro com os cânticos que vão servir para todo o novenário de São Sebastião. O seminarista que se apresentou como responsável pela programação social da festa mostrou o modelo do folder que seria impresso em 2010. A proposta da logomarca deveria ser a mesma para os cartazes, o livro de cânticos e as camisetas que seriam vendidas durante a festa. Uma reação foi imediata de não aceitar a proposta porque a imagem que circula todos os anos é uma imagem antiga e que faz parte da tradição da festa do padroeiro. A imagem do santo sempre tem os detalhes nas cores características (vermelho e branco) e a proposta era uma imagem do santo com um fundo preto e tonalidade dourada descaracterizando do que já era comum se utilizar no material comunicacional da festa. Uma das coordenadoras lembrou que em 2009 houve uma impressão de camisetas com uma arte diferente e deu prejuízo porque pouca gente se interessou em comprar.

O fato é que ninguém concordou com a mudança na arte para a confecção do material da festa. Durante o novenário é muito comum às pessoas participarem das celebrações vestidas com as cores vermelho e branco e na procissão essa tonalidade domina o espaço da

rua quando a maioria dos devotos sai de suas casas vestido também com as mesmas cores que identificam o mártir São Sebastião. É um verdadeiro “mar vermelho” que invade as ruas do Alecrim. Muitos trajam camisetas nas cores que caracterizam o santo. Mudar a arte iria destoar do conjunto. Ainda ventilaram a ideia de imprimir metade das camisetas com a nova arte e a outra metade com a imagem tradicional de todos os anos. As discussões foram bastante acirradas e no final venceu a decisão da maioria de não modificar a arte das camisetas.

O padre acatou a decisão da equipe de manter a arte tradicional diante da tensão e da pressão que se estabeleceu naquela reunião de planejamento. No entanto, foram impressos 500 convites com a programação da festa para serem distribuídos com uma pequena parcela de convidados trazendo a logomarca nova e também foram confeccionados os livrinhos de cânticos com a mesma arte. Como bem diz Maués (1995, p. 362), “a autoridade do padre é a maior na promoção da festa [...]”. Para os devotos que participaram da festa naquele ano foram vendidos os livrinhos de cânticos com a arte tradicional de São Sebastião.

Para que se possa compreender todo o conflito que se criou em torno da proposta que foi apresentada na reunião e do que permaneceu nos livrinhos que foram distribuídos com os devotos que participaram da novena de 2010, temos abaixo um gráfico que apresenta as duas imagens. Talvez se possa fazer uma análise de que a imagem do lado esquerdo seja mais impactante, mas o que identifica o santo para os devotos que estão vinculados e fazem parte da estrutura paroquial, é justamente a da direita, a imagem tradicional que está no altar da igreja matriz, aquela que simboliza e a que comunica com mais intensidade a figura de São Sebastião.

Embora a sua iconografia seja muito diversificada tanto no Brasil como em Portugal, ela é um tipo de linguagem, ela comunica o que se “chama de “características pessoais” (elementos da aparência física ou de vestimenta próprias ao santo, que o identificam) e “atributos” (um sinal adicionado à pessoa para identificá-la) [...] que servem para representá-lo. Assim, para distinguir um santo dos demais é preciso saber identificar esses elementos” (MENEZES 2004, p. 147). A iconografia de São Sebastião é outra abordagem, um outro olhar para se desenvolver um estudo antropológico ou uma análise interpretativa da linguagem comunicativa do santo.

Figuras 29 e 30– Capa com as imagens do folder e Capa do livrinho de cânticos.



As duas artes que foram utilizadas na festa de São Sebastião em 2010.

Fotos: Hércio Pacheco

Esta deliberação trouxe consequências posteriores e que se tornou, pode-se dizer, “um divisor de águas” para os anos seguintes em todo o processo de mobilização da paróquia e também no tocante à festa do padroeiro. A Comissão Missionária Paroquial (COMIPA), que é um colegiado formado por representantes dos diversos setores da paróquia, foi desativada e deixou de assumir a coordenação da festa. Em seu lugar foi criada a figura do articulador pastoral, assumida pelo paroquiano Airton Gomes Teixeira e que tem a função de ser “a ponte entre o padre e as pastorais”, conforme explica. Ele é responsável em articular as pastorais, os grupos e movimentos. É ele quem organiza os eventos da paróquia e também se responsabiliza, em parte, pela formação doutrinária da igreja (cursos, aprofundamentos, palestras), além de dar aulas na Escola da Fé da paróquia. Segundo o articulador pastoral, a COMIPA foi desativada no ano seguinte (2011): “ela não está em funcionamento [...] e nós vamos tentar reativar este ano (2013) com o trabalho de missões que vai acontecer em outubro”.

A outra mudança na programação da festa foi novamente introduzir mais de um modelo na arte das camisetas, embora a imagem do santo permaneceu a tradicional, bem

como as suas cores tradicionais (vermelha e branca). Em 2009 foram impressas duas artes para as camisetas, sendo que uma foi mais vendida do que a outra. A COMIPA conseguiu manter apenas uma arte em 2010 devido à polêmica surgida. Mas em 2011 e 2012 novamente mais duas artes foram impressas. Em 2013 já foram três modelos de camisetas confeccionados para a festa. Embora não tenha sido possível acompanhar as reuniões de preparação da festa nos anos posteriores para saber como aconteceu todo o processo decisório na escolha das artes das camisetas, uma vez que a pesquisa de campo se voltou para outros elementos específicos da festa. Pode-se perceber e inferir que existe uma estratégia por parte da hierarquia oficial da igreja em contornar os conflitos que surgem e que se caracterizam como momentos de embates que envolvem diferentes visões ou pontos de vista em relação à festa. Aqui estamos arriscamos fazer uma “inferência a partir do padrão simbólico e do comportamento” (TURNER, 2005, p. 76). Há uma comunicação elaborada no ato performático, que é também uma “instância de simbolização” (ZUMTHOR, 1997, p. 157). E mais ainda: “procurar substituir ou mudar costumes tradicionais por práticas que, às vezes até semelhantes, adquirem porém um outro sentido [...]” (MAUÉS, 1995, p. 406). O que estou querendo mostrar é que as tensões existem e o controle eclesiástico também. “No contexto ritual, muitas vezes esses conflitos não são mencionados explicitamente pelos indivíduos, embora se saiba, de uma maneira ou de outra, que eles existem” (ZALUAR, 1983, p. 35).

Embora a pesquisa não se volte especificamente para as relações de dominação ou de poder entre a hierarquia oficial da Igreja Católica e os leigos como já foi esclarecida anteriormente, no entanto não se pode fechar os olhos ou desconsiderar o que ocorre no espaço religioso da festa porque é também uma forma de expressão e de comunicação que aparece muito latente. É perceptível através dos diálogos, das falas, dos comportamentos e de outros elementos simbólicos carregados de significados e que aparecem em vários momentos durante a festa do padroeiro. As tensões, os conflitos e as práticas que são utilizadas para a sua superação podem ser percebidas no processo do trabalho de campo. As relações sociais estão carregadas de sentido, expressam significados, transparecem os fluxos comunicacionais através das diversas linguagens, quer sejam elas verbais e nãoverbais.

Maués (1995) ao abordar as festas de santos populares o faz sob a ótica do controle eclesiástico. Ele afirma que essas relações de forças existem e que estão presentes o tempo todo nas festas de santos, uma vez que elas fazem “parte de um sistema de crenças e práticas mais amplo [...]” e que “[...] não podem estar desligados da Igreja Oficial e do controle que esta exerce sobre elas” (MAUES, 1995, p. 316). Esse controle visa coibir e proibir, ajustar alguns tipos de práticas, disciplinar os aspectos moral e ético porque “existe oposição entre

catolicismo “oficial” e “popular” (MAUÉS, 1995, p. 491). Da parte dos leigos há sempre uma resistência ao controle eclesial e por isso as disputas pela hegemonia política podem aparecer em alguns momentos de forma mais intensa. Existem fluxos e refluxos nesse processo justamente porque estão em jogo as diferentes visões e concepções. E a festa é um período onde os interesses diversos contribuem para as contendas durante o processo de sua realização. E ela se expressa também através dos fluxos comunicacionais presentes.

Há também outra explicação para essa realidade. Nos anos 60 do século passado, a Igreja Católica passou por mudanças a partir do Concílio Vaticano Segundo e parte da hierarquia oficial se posicionou contra a religiosidade popular e tratou de substituí-la por outras práticas. “Não existe um só catolicismo, mas vários. Esses catolicismos se diferenciam não só por suas práticas e crenças, como também pela própria relação que mantém com a Igreja oficial” (ZALUAR, 1983, p. 107). Guttilla (2006, p.13-14) é mais enfático ao dizer que “a Igreja dita as normas a serem seguidas pelos fiéis em suas práticas devocionais”. Assim podemos compreender os fluxos comunicacionais que aparecem ora mais explícitos, ora mais camuflados ou implícitos durante a festa de São Sebastião.

Para além das tensões, a festa do santo é um espaço onde os processos comunicacionais afloram, as linguagens simbólicas estão presentes sinalizando a relação que os devotos têm com o santo e que este também tem para com os seus protegidos. A riqueza do novenário demonstra essa realidade o tempo todo. A abertura oficial do novenário começa com o hasteamento das bandeiras no pátio da igreja matriz. Sempre se hasteiam as bandeiras que representam o poder temporal e o poder espiritual: bandeira do Estado, a bandeira da Arquidiocese de Natal e a bandeira do santo padroeiro. “Todos os santos têm suas bandeiras representativas” (BITTER, 2010, p. 129).

A cada noite um padre ou bispo convidado preside a novena. Ela tem uma estrutura já definida: canto de acolhida quando a celebração inicia-se sempre às dezenove horas e trinta minutos (19:30 h) com as bandeirinhas agitadas. Em seguida o canto de entrada e o cortejo com os representantes das pastorais, grupos e movimentos da paróquia responsáveis pela noite de novena e o padre ou bispo convidado; depois se introduz o ritual de uma celebração eucarística dentro da novena, com o ato penitencial, o hino de louvor, as leituras do dia, o salmo responsorial ou de resposta e aclamação ao evangelho; a homilia ou reflexão catequética é feita pelo padre ou bispo convidado a partir de cada tema que está definido na programação litúrgica da festa – é o momento da comunicação do santo para os seus devotos, ou seja, a comunicação catequética evangelizadora e moralizante; passa-se então para a ladainha de São Sebastião; terminado esse momento começa o rito eucarístico, com o

ofertório e as orações, cujo ponto alto é a consagração do pão e do vinho, a reza do pai nosso, o abraço da paz e a comunhão. Terminada a liturgia, tem a bênção final, os avisos e o canto de despedida.

O novenário é um espaço de invenções e criatividade. Em 2010, no oitavo dia de novena participou uma representação das forças armadas (Exército, Marinha e Aeronáutica), constando na programação oficial da festa junto com os responsáveis pela noite de novena (Legião de Maria, a Liga Católica *Jesus, Maria e José*, Mãe Peregrina e Terço dos Homens). Um total de 22 soldados, cuja maioria dos militares era formada de marinheiros, uma vez que no bairro existe a residência da Vila Naval e a Base Naval, onde fica o Comando da Marinha na área do rio Potengi que está localizada dentro dos limites da região geográfica que pertence à paróquia de São Sebastião. O padre capelão da Marinha também participou da novena, mas não concelebrou. Além do mais, o santo é patrono dos militares, uma vez que também foi soldado romano e que se converteu ao cristianismo e foi martirizado por causa de sua fé em Jesus Cristo. Em 2011, o padre colocou na programação, sempre ao meio dia, a o ritual da adoração do Santíssimo Sacramento, seguida de bênção. Poucos devotos paroquianos participaram do momento. Cada grupo se responsabiliza em estar presente e participar a cada dia.

Na última noite de novena, os responsáveis pela noite foram a Pastoral do Dízimo, a Escola da Fé e os Paroquianos Ausentes. Estes “paroquianos ausentes” são aqueles antigos moradores do bairro do Alecrim e devotos de São Sebastião que deixaram a cidade de Natal para viver em outros estados e durante o período do novenário voltam para rever seus familiares e participar da festa do santo. No entanto, pouco destaque ou se tornam quase irrelevantes no espaço da festa. Pelo menos nenhum gesto ou comunicação é feito para mostrar ou caracterizar quem são as pessoas devotas que retornam à casa do santo para visitá-lo e participar dos festejos. Fica apenas como um simples registro na programação da festa, o que poderia se configurar como um momento mais simbólico, significativo e com atribuição de valor e importância em relação aos devotos. Seria um momento de valorizar mais ainda o devoto que vem visitar São Sebastião todos os anos. Como a mediação com o santo também é feita pela hierarquia oficial da Igreja Católica, ela poderia influenciar cada vez mais os vínculos permanentes e duradouros entre o devoto com o santo e sua casa.

O novenário sempre se volta para o momento evangelizador com suas temáticas específicas, a cada ano. O tema da festa de 2010 foi “Eucaristia, pão da unidade dos discípulos missionários”. Em 2011, o tema foi: “São Sebastião: testemunho de fé para os nossos dias”; 2012,; o tema de 2013 foi “No ano da fé, comunidade de comunidades: uma

nova paróquia”; em 2014, o tema se voltou para o aniversário da paróquia: “65 anos evangelizando o povo de Deus”. Além dos temas centrais, a cada noite há também uma abordagem mais específica a partir de um subtema que é refletido pelo padre ou bispo convidado. Por exemplo, em 2010 alguns dos subtemas foram: “Eucaristia, dom do Filho que é Um com o Pai e o Espírito Santo”; “Pão da Unidade, um dom de Deus, preparado por mãos humanas”; “Pão da Unidade, vida dos discípulos e missionários: vida em comunidade”; “A comunidade eucarística acolhe e promove a vida”. Em 2011, quando o bairro completou 100 anos de existência, os subtemas estavam relacionados à temática da fé: “São Sebastião, um batalhador na fé”; “A perseguição ontem e hoje”; “Sebastião: testemunha de amor”; “Uma fé solidária”; “Sebastião, soldado e irmão”; “Martírio e missão”. Em 2013, considerado o Ano da Fé, os subtemas acompanharam também o conteúdo: “A paróquia e o ano da fé”; “Bote fé: a juventude a caminho da JMJ” (Jornada Mundial da Juventude); “A paróquia, comunidade de comunidades”. Todas as noites se promove uma comunicação com os devotos de São Sebastião, que não se reduz às falas (homilias) dos padres e bispos convidados, mas existem outras linguagens circulando, sendo expressas durante o novenário (vestimentas, cores e elementos que identificam os grupos).

Dois elementos visuais simbólicos fortes e importantes na festa e que são carregados de sentido e expressam uma comunicação ou que se apresentam como códigos comunicativos utilizados simbolicamente no ritual do novenário e que podem ser considerados como símbolos dominantes são *as vestimentas* (camisetas) dos devotos que integram a estrutura paroquial usam para participar do novenário e *as cores* que marcam cada equipe responsável por cada noite de novena. São vínculos comunicativos e afetivos com o santo, promovem interação. É o que Turner (2005, p. 59) chama de condensação, unificação e polarização de significado em relação ao símbolo. É uma forma de organização simbólica no cenário da festa do santo. Pode ser a camiseta usada com a imagem do santo confeccionada para o período da festa de anos anteriores, do ano atual ou mesmo aquelas que identificam, demarcam e fazem representar os grupos, pastorais e movimentos da paróquia. Neste sentido, “[...] a vestimenta ou vestuário, como queira, confere uma marca comum aos membros de um grupo particular” (ZUMTHOR, 1993, p. 18). E as cores predominantes são aquelas que se relacionam com o santo (vermelha e branca). Neste sentido, “[...] movimentos corporais, formas, cores, tonalidades e as palavras da linguagem compõem juntas um código simbólico do espaço” ritual (ZUMTHOR, 1997, p. 216).

Temos por exemplo, a identificação de todos os grupos que participaram da festa do padroeiro em 2010, quer sejam eles representantes de pastorais, movimentos ou grupos. No

período do novenário “um grupo [...] transforma-se no elemento social em foco” (TURNER, 2005, p. 53). Em cada noite um grupo é responsável pela novena e elabora toda uma forma de comunicação com os devotos que estão participando do momento. A equipe responsável pela coleta durante as noites de novena sempre usava coletes nas cores azul ou vermelha, variando os dias, embora uma devota da paróquia considerasse um momento mais solene e o pessoal da coleta deveria vestir-se de vermelho, a cor que identifica o santo. É uma linguagem visual e que comunica o envolvimento e a relação com o santo. Os coroinhas, jovens que ajudam no altar, trajavam túnicas brancas com capuz vermelho. Algumas performances também são realizadas no período do novenário. A procissão durante o ofertório pode ser num ritmo cadenciado com passos de dança e apresentação para a plateia dos símbolos que são oferecidos no ritual. A introdução de músicas instrumentais ou com letras também é parte desse momento de celebração. No ano de 2011, durante a celebração da missa, antes da reza do Pai Nosso, um grupo de jovens entrou em procissão representando mártires da história da Igreja: Jesus de Nazaré, Santo Estevão, primeiro mártir da Igreja, São Sebastião, Santa Dorotéia, Santo Expedito e uma santa do Rio Grande do Norte, Santa Lindalva. Em 2013, um grupo de jovens introduziu pela primeira vez no novenário uma performance teatral encenando e contando a história do martírio do santo: o “Auto de São Sebastião”. Esta prática performática acontece em várias festas de santos populares. Podemos destacar no Estado algumas destas encenações contando a vida dos santos, que podem ser no espaço interno da igreja ou na rua: em Natal, por ocasião das festas natalinas, acontece o “Auto do Natal”; o Auto de Santa Luzia, em Mossoró no dia 13 de dezembro, o “Auto de Sant’Ana” em Caicó. Em outros estados também são encenados altos: Alto do Círio de Nazaré, em Belém do Pará, o “Auto de São Sebastião”, no Rio de Janeiro, são alguns que temos conhecimento.

Figura 31 – Encenação do Auto de São Sebastião em 2013 pelos jovens da paróquia.



Foto: Hécio Pacheco

As equipes que compõem uma das noites de novena entraram com camisetas características: Pastoral da Criança, de cor verde entrou na igreja na procissão de entrada com um grupo de crianças portando bolas de encher nas cores vermelha e branca; Pastoral da Liturgia, com uma camiseta marrom com uma arte que trazia letras em grego (alfa e ômega), em cima do símbolo as palavras “cruz e vida”; os catequistas vestem uma camiseta de cor vermelha. A Pastoral do Batismo também usa uma camiseta identificando a equipe. Os ministros da eucaristia vestiam uma bata branca com o detalhe bordado trazendo as imagens do cálice, do pão e da uva. Um grupo de jovens trajava uma camiseta branca, escrito em azul identificando “Grupo Cristo Redentor”, ligado à Renovação Carismática Católica, movimento pentecostal dentro da Igreja. Outro grupo, com camisetas pretas trazia uma arte em forma de uma asa e dentro dela as letras DJ, que significa Despertar Jovem. O grupo da Crisma usava uma camiseta branca e uma arte na cor vermelha com a imagem de uma pomba simbolizando o espírito santo. O Grupo de Oração Emanuel (camisetas brancas com nomes em dourado), a equipe de liturgia estava com uma camiseta marrom com palavras escritas em grego (phos e zoe), que significam “luz e vida”. A Pastoral Familiar com camiseta azul. Os catequistas estavam vestidos com camisetas de cor lilás. Os grupos buscam comunicar algo e “os significados só podem ser armazenados através dos símbolos (GEERTZ, 2008, p.93).

Assim como corpo é suporte de toda simbolização, as camisetas que são vestidas pelos devotos também podem servir como suporte para expressar uma comunicação através de

símbolos. Como diz Paul Zumthor: “o corpo carrega a indumentária, o enfeite: indissociáveis” (1997, p. 214); são (1993, p. 93) “os símbolos [...] meros instrumentos de comunicação e conhecimento”. E ainda: “o vestuário, enquanto sistema simbólico com função expressiva” (ZUMTHOR, 1993, p. 18) também consegue comunicar algo. As cores carregam em si elementos comunicativos e expressivos através de uma linguagem simbólica presente em um ritual religioso. Cada grupo tem a sua cor no espaço coletivo da festa e desempenha um papel, realiza uma performance durante o novenário através de suas camisetas: “tudo é linguagem [...] até sua vestimenta e objetos de que se faz cercar. “Tudo tem sentido” (TURNER, 1974, p. 229). E cada um busca a sua visibilidade de grupo da paróquia com o santo, a sua devoção que nesse momento não aparece especificamente no pedido, mas sim em demonstrar o seu engajamento, a sua ação ou aquilo que representa a sua atividade impregnada de devoção ao santo no ritual quando participa na celebração do cortejo dentro da igreja aos olhos dos demais devotos que em alguns momentos aplaudem o gesto ou o movimento que é feito. É o que Mircea Eliade (2011) fala sobre os símbolos: “é graças aos símbolos que o homem sai de sua situação particular e se “abre” para o geral e universal” (ELIADE, 2011, p. 172).

As cores principais e que se revestem de significado e marcam um sentido para os devotos em relação à São Sebastião são o branco e o vermelho. O branco sempre se relaciona à condição de pureza, como pode ainda ter outras conotações como ligada à reprodutividade (sêmen), à saúde, ao vigor. O branco também pode representar “virtudes e valores tais como a bondade, pureza, boa saúde, sorte, felicidade, franqueza, comunhão social e várias outras auspiciosas qualidades” (TURNER, 1974, p. 79). O vermelho, por sua vez, pode estar associado “à guerra, à morte, assassinato, sacrifício de homens [...]” (TURNER, 1974, p. 150-151). Portanto, as cores características de São Sebastião se fazem presentes em vários momentos da festa, inclusive durante o período em que acontece o novenário. E mais ainda no dia em que o santo percorre as ruas do bairro em procissão. O vermelho e o branco tomam conta do espaço público da rua. Uma senhora que mora na comunidade há mais de trinta anos e participa da festa vestida de vermelho e branco falou que “é uma promessa que fiz e que nem os meus familiares sabem qual foi o pedido feito ao santo”. Outra paroquiana que mora perto da igreja há mais de vinte anos disse vestir roupa vermelha durante o mês de janeiro inteiro como promessa.

Além das camisetas e suas cores há também outros elementos simbólicos que estão presentes no ritual da celebração do novenário. “Os objetos materiais, especificamente, parecem construir fontes inesgotáveis de sentidos” (BITTER, 2010, p. 206). Assim, as bandeirinhas que todos portam nas cores do santo, criam uma relação mais íntima com o santo

no espaço da festa. Há também outras bandeiras que identificam as organizações da paróquia: a bandeira da paróquia com a imagem do santo que fica hasteada na entrada da igreja durante todo o período da festa; mas também aquelas que acompanham os cortejos durante os novenários e na procissão: as bandeiras da Legião de Maria (branco e azul), do Apostolado da Oração com a bandeira vermelha e branca, do Movimento dos Vicentinos com a imagem de São Vicente de Paulo, a bandeira da Liga Católica *Jesus, Maria, José* nas cores amarela, vermelha e verde; um banner na cor azul que representa o estandarte do Terço dos Homens com a imagem de Nossa Senhora; a bandeira da comunidade de Santo Inácio de Loyola nas cores cinza, laranja e vermelho. Todos ganham visibilidade no cenário da festa e “estabelecem vínculos fundamentais” (BITTER, 2010, p. 210). Todos buscam se expressar e se comunicar durante o período do novenário. Cada um tem o seu espaço e o seu momento na festa. “O costume de usar bandeiras ou estandartes em cortejos e procissões rituais no Brasil é uma herança portuguesa das corporações de ofícios medievais, irmandades religiosas e companhias militares” (BITTER, 2010, p.129). Em 2012, os banners que seguiram o cortejo em um dos dias do novenário se relacionavam ao tema do martírio e dos testemunhos da fé: Martin Lutter King (Estados Unidos), Madre Tereza de Calcutá (Índia), Dom Helder Câmara (Brasil/Recife), Irmã Dulce (Brasil/Salvador), Dr^a Zilda Arns (Brasil/Curitiba). Em algumas noites do novenário os grupos também portam cartazes e faixas com dizeres relacionados à temática ou tema que está sendo abordado no período da festa do santo. Como bem afirma Turner (1987, p. 93) “collective ritual can be seen as na especially dramatic attempt to bring some particular part of life firmly and definitely into orderly control” (“o ritual coletivo pode ser visto especialmente como uma tentativa dramática de trazer uma particularidade da vida, firme e definitivamente em um controle ordenado”).

No espaço interno da igreja matriz há também a ornamentação do local com bolas de encher nas cores vermelha e branca, a toalha do altar que tem a cor vermelha, os arranjos de flores, tecidos presos do teto ao chão também nas cores características do santo. A disposição dos elementos simbólicos no espaço do novenário contribui para significar conteúdos, expressar uma comunicação dirigida aos devotos. Além dos símbolos ornamentais, há também aqueles que são apresentados na hora do ofertório, na pequena procissão ou cortejo dentro da igreja durante o ritual da novena: cruz, velas, pão, água, vinho, frutas, imagens de outros santos da Igreja, bandeiras, banners e estandartes, o terço, o manual das Legionárias, a Bíblia, ou outros objetos que se relacionam a um determinado grupo, como foi o caso do grupo de jovens que recebeu a unção do sacramento da crisma. Uns jovens levaram um terço

grande, uma bola de futebol e uma mochila de viagem. É todo um procedimento performático para expressar a sua comunicação com o santo.

Em 2011, durante uma das noites do novenário as luzes da igreja foram apagadas ficando na penumbra. O padre pediu para que as pessoas acendessem suas velas que ele tinha solicitado na noite anterior. Com as velas acesas deu-se início à procissão de Bíblia que era carregada por um jovem que a elevava acima de sua cabeça para que todos pudessem visualizar o seu cortejo até o altar quando o rapaz se voltou para a assembleia e exibiu mais uma vez antes de entregar ao padre que a colocou em um suporte de destaque para a leitura da “Palavra de Deus”. Em outra noite mais uma ação performática: na celebração nove jovens adolescentes foram investidos no serviço de coroinhas e acólitos que ajudam o padre no altar durante os rituais das missas e outras celebrações litúrgicas. Duas fileiras de bancos foram reservadas para os novos acólitos. Ao lado dos bancos um arranjo de flores. Cada novo acólito e coroinha investidos pelo padre fizeram os votos de compromisso e receberam de seus padrinhos e madrinhas uma túnica branca com uma peça sobreposta na cor vermelha benta e incensada pelo padre. Os acólitos antigos também fizeram a renovação do compromisso de servir ao altar.

No novenário, os elementos simbólicos utilizados pelos devotos coletivamente para expressar sua comunicação com santo durante a novena se dá na forma de identificação ao tipo de ação que desenvolve dentro da paróquia, a partir do seu envolvimento em um determinado grupo, movimento ou pastoral. É o que se considera de “sinal explicitamente convencional” (GEERTZ, 2008, p. 67). Para Turner (2005, p. 49) “o símbolo é a menor unidade do ritual que ainda mantém as propriedades específicas do comportamento ritual; é a unidade última da estrutura específica em um contexto ritual”. Portanto, cada elemento simbólico utilizado no novenário tem uma força comunicativa para os devotos que participam das noites de novena. Estes símbolos são capazes de se tornar “forças de interação” como analisa Turner ao pesquisar sobre os símbolos presentes nos rituais religiosos (2005, p. 52).

4.1. Os afilhados de São Sebastião: uma inovação na festa que não deu certo

Como a cultura nunca é estanque, a festa em si, o ritual e a tradição religiosa também não o é. Ela é dinâmica. Em cada contexto e em cada época, existem mudanças. Muitos elementos simbólicos que se renovam, outros se refazem, se atualizam, se transformam,

surtem incorporações de novas práticas em seu conjunto. Mas nem sempre o novo dá resultado ou é aceito de forma pacífica. “São os devotos [...] e os promesseiros os maiores responsáveis pela continuidade da tradição” (IPHAN, 2006, p. 68). Em 2010, o padre introduziu no período do novenário um novo elemento para estimular a prática devocional com a institucionalização dos “afilhados de São Sebastião”. Tratava-se de uma diferenciação ou categorização do devoto. Durante cada noite o afilhado do santo ocuparia uma posição de destaque dos demais, situado em uma condição privilegiada no espaço do novenário com um assento diferenciado dentro da igreja, com seus nomes listados no início da celebração e com a entrega de um porta-retratos com imagem do santo que não era a imagem tradicional do santo, mas aquela da polêmica no período de preparação da festa. Para isso, cada família deveria contribuir com a quantia de 50 reais. Enquanto o padre anunciava a novidade na festa, os devotos do santo reagiram com comentários negativos sobre a forma de pagamento e o valor alto para as condições dos participantes.

Na primeira noite foram anunciadas ao microfone duas “afilhadas de São Sebastião”, mas apenas uma sentou na cadeira em destaque diante do altar. Ela era integrante da Pastoral da Criança. Na segunda noite anunciaram quatro “afilhados de São Sebastião”, sendo duas crianças irmãs e mais duas senhoras, entre elas uma integrante do grupo dos ministros da eucaristia. Na terceira noite mais três afilhados, sendo um casal e outra senhora. Ao final da celebração foram entregues apenas duas lembranças, portanto significou a colaboração de 100 reais. No quarto e quinto dias de novena não foram anunciados nome de afilhados, mas ao final da celebração do quinto dia apareceu um nome para receber a lembrança das mãos do celebrante convidado. Na sexta noite de novena divulgaram os nomes de dois “afilhados de São Sebastião” da comunidade de Santo Inácio de Loyola e que são membros das pastorais. Na sétima noite mais um casal se apresentou como “afilhado de São Sebastião”. Vieram com trajes nas cores vermelho e branco. A senhora faz parte de uma das pastorais da paróquia. Depois do casal só veio aparecer mais uma “afilhada de São Sebastião” no último dia da novena. Ao final do novenário o seminarista anunciou resultado da inovação na festa: foram 10 afilhados de São Sebastião que somaram o montante de 500 reais para a paróquia.

Na programação da festa de 2011 não foi anunciado a novidade dos “afilhados de São Sebastião”. Em 2012 a experiência voltou, mas não teve a mesma resposta dada por parte dos devotos em 2010. Ninguém se apresentou naquele ano como afilhado do santo. Em 2013, também a ideia não retornou para a programação da festa. No primeiro ano de introdução da novidade o padre comentou que em outras paróquias havia a prática dos afilhados do santo, embora transpareça resquícios de um tempo onde os privilégios no espaço da festa se

relacionavam às condições econômicas. A tentativa de criar um determinado tipo de “status” para o devoto pode ser interpretado como a retomada dos papéis do “patrão redistribuidor de riquezas e de protetor” que era usado antigamente e “se expressavam simbolicamente no papel ritual do festeiro do santo” (ZALUAR, 1983, p.47). À exemplo dessa prática, temos os leilões que eram eminentemente destinados às famílias de posse, com recursos para colaborar de modo mais avantajado com os resultados financeiros de uma festa de padroeiro. Era muito comum na realidade rural. Hoje essa prática caiu muito nos festejos religiosos e permanece em algumas realidades onde a condição social dos participantes se apresenta com mais facilidade para participar nos arremates dos brindes colocados em leilões.

Há um detalhe que merece ser mencionado para buscar compreender o que ocorre no instante em que se tenta instaurar uma nova prática no espaço do novenário: os interesses da hierarquia oficial da Igreja na festa do santo padroeiro “são de ordem religiosa, catequética, doutrinária e moral, embora o econômico e o político estejam presentes” (MAUÉS, 1995, p. 363). Pode-se inferir então que, mais do que uma inovação de ordem religiosa, a proposta se configurou como mais uma forma de captar recursos e aumentar os rendimentos financeiros durante a festa. No entanto, existem concepções, lógicas e fluxos comunicacionais presentes no novenário. A sua expressividade pode ocorrer na verbalização, como fizeram alguns devotos ao reagir à nova proposta de destacar “os afilhados de São Sebastião”, bem como em comportamentos e atitudes, emoções e motivações que podem ser percebidas nem sempre tão explícitas. Como em sua maioria, os que se apresentaram como tal foram devotos que têm vínculos com a paróquia e participam de suas organizações, fica demonstrado que aquele devoto que vai à festa já tem uma íntima relação com o santo e não precisa de uma posição de destaque para expressar seu vínculo com São Sebastião. “O mais comum, no imaginário das devoções, era concluir que cada devoto já poderia se considerar um afilhado, sem autorização ou burocracia” (RAMOS, 2011, p. 47). De modo que nos anos posteriores até o período final de acompanhamento da pesquisa da festa em 2013, a tentativa de introduzir a nova prática foi frustrante, não deu certo. Talvez em outra ocasião, o pároco volte com a proposta para ser introduzida mais uma vez na festa do padroeiro. Em 2011 houve a tentativa de realizar pela primeira vez uma “vigília de oração pela paz” na última noite de novena até o dia seguinte quando se comemora a data do martírio do santo (20 de janeiro), mas o pessoal não conseguiu ficar muito tempo e o padre suspendeu a oração que ia entrar pela madrugada até o amanhecer. Há sempre inovações e invenções durante o novenário. Algumas inovações dão certas e outras não.

4.2. A linguagem propagandista e publicitária no novenário de São Sebastião

Desde o período colonial que a relação de poder entre a Igreja Católica e o Estado brasileiro tornava-se inseparável porque a religião oficial do império era o cristianismo, igualmente como em Portugal e em toda a Europa. As festas religiosas recebiam o apoio maciço da população, que era obrigada por lei a sustentar com recursos financeiros próprios as suas realizações. Naquela época “[...] os agentes da Igreja ou do Estado corriam de porta em porta, [...] recolhendo doações para as infindáveis festas de santos [...] as infinitas esmolas que se davam nas igrejas a fim de que as festas fossem realizadas com pompas” (AMARAL, 2001, p.30).

Havia toda uma propaganda nas ruas convidando as pessoas a participarem das festas religiosas no período colonial, bem como distribuição de folhetos impressos pelas ruas com pessoas fantasiadas para chamar a atenção da população (AMARAL, 2001, p. 32). Posteriormente a Igreja proibiu esta prática das visitas às casas e as esmolações e doações. Embora hoje ela retorna com uma nova roupagem, como é o caso da pré-novena que percorre as casas do bairro com um cofre pequeno para receber as doações para a festa do santo. O próprio Estado chegou a sustentar financeiramente durante muito tempo o culto religioso. Com as transformações sociais e as mudanças que impuseram a separação entre a Igreja e o Estado, a partir do século XIX, bem como os concílios reformadores dentro da igreja e outras transformações sociais que continuaram avançando no século XX com o desenvolvimento industrial e o fenômeno da urbanização das cidades a Igreja teve que se adaptar às novas realidades. A hierarquia oficial da Igreja buscou várias alternativas de sustentação na realização de suas festas de padroeiro para garantir o seu sucesso financeiro.

Se antes a forma de sustentação financeira de uma festa de padroeiro era por imposição, hoje ela é feita por convencimento, por uma ação comunicativa, por uma estratégia publicitária e propagandística que incentiva à colaboração espontânea dos devotos do santo. São inúmeros os apelos e as formas de comunicação que buscam sensibilizar o devoto a colaborar financeiramente com a realização da festa. No início do século passado, na festa de São Sebastião, a paróquia montava uma estrutura com barracas para conseguir lucro: realizava leilões, promovia concursos de rainha da festa, vendia-se comida, montava-se parque de diversões e outras atrações para incentivar a participação do público devoto do santo. Por causa das transformações e do crescimento da cidade, aos poucos essa prática foi deixando de existir no espaço das ruas do bairro onde acontecia a festa. Ela foi encolhendo e ficando encurralada no espaço interno do pátio da igreja matriz.

Mais recentemente, na festa de 2014, o parque de diversões não funcionou. Até o ano passado (2013) ele era montado na Avenida 8, na área que fica por trás do prédio da Igreja de São Sebastião. No entanto não representava lucro para a festa do padroeiro, era uma espécie de competidor comercial e ainda por cima provocava muita polêmica e reclamações dos moradores por causa do barulho do som do parque que permanecia em funcionamento até altas horas da noite, da dificuldade de circulação por causa do fechamento da avenida e das constantes ameaças de assalto e ondas de violência por parte de jovens que frequentavam os equipamentos e as barracas de jogos e comidas do parque. Em 2010, o parque tinha a seguinte estrutura: carrinhos elétricos, tiro ao alvo (02), cama elástica, um som ambiente com uma cabine própria, pula-pula com ar (02), vaca mecânica, barca viking, carrossel, patinhos em círculo, jeep rally dos sertões, motos. Tinha também um espaço com bolas coloridas grandes, bonecas. O parque ainda oferecia algumas comidas: maçãs confeitadas, barraca de sorvete (02), salgadinhos, doces, pastéis, uvas e maçãs caramelizadas, sanduíches, algodão doce colorido. Algumas famílias da rua aproveitaram para colocar na calçada e na área das casas um espaço para vender bebidas e comidas no período de funcionamento do parque.

Hoje é a hierarquia da igreja quem mobiliza e quem está constantemente insistindo de forma incisiva para que os participantes da festa colaborem, façam as suas doações em dinheiro de diferentes formas, estabelecendo uma comunicação publicitária durante todo o período do novenário para captar recursos durante a festa do padroeiro. O púlpito da igreja não é utilizado hoje apenas para o que se poderia chamar de “propaganda fide”, ou seja, termo latino que surgiu no século XVII contra as ideias reformistas de Lutero e que significa “propaganda da fé”, a evangelização dos fiéis. E a programação social da festa é um estímulo para favorecer a circulação de dinheiro para a paróquia.

Além dos shows que são promovidos por alguns grupos da paróquia há também outras criatividades para mobilizar adultos e jovens para as atrações que ocorrem ao final de cada novena. Em uma das noites a novidade foi a montagem de uma discoteca ao estilo dos anos 70 e 80 quando a juventude saía para dançar em ambientes com músicas ritmadas e com luzes piscando. O pessoal chamou de “Cristoteca”. Em vez de música popular brasileira ou internacional, o som era de músicas religiosas com batidas agitadas e do estilo gospel e funk. O ambiente também foi decorado com motivos católicos: luz estroboscópica, um tipo de lâmpada que ficava piscando em alta velocidade ao ritmo do som da música e dando a impressão de que o movimento que as pessoas fazem parece estar paralisado, além de panos brancos e vermelhos e bolas de encher brancas e vermelhas, decoração com o motivo das cores do santo. Na entrada do salão do bazar havia uma ornamentação com discos de vinil

com cantores populares e por cima estava escrito com tinta de cor branca ou azul: “paz e bem” usada por São Francisco de Assis, “castidade”, “PB Amor”, “Jesus”. Poucos jovens participaram da Cristoteca, cuja entrada custava um real. Em 2012 o padre trouxe uma apresentação de mamulengo, ou seja, teatro de bonecos para a festa. Também se apresentaram uma dupla cantando músicas religiosas. Nas noites seguintes mais forró, músicas anos 60 e uma seresta.

Se antes os pesquisadores separavam o sagrado do profano no espaço da festa de um santo, hoje, mais do que nunca, se percebe que essa relação é muito próxima, não dá para separar e, principalmente, no período da realização da festa de padroeiro. Atualmente é o próprio padre quem faz a vez de ser o propagador e o estimulador para que os devotos que participam do novenário colaborem, ajudem e contribuam para garantir um bom resultado financeiro ao final da festa num ato performático no espaço da igreja durante o período do novenário. “A obra performática é assim diálogo, mesmo se no mais das vezes um único participante tem a palavra [...]” (ZUMTHOR, 1987, p. 222).

E o padre conta ainda com a ajuda de uma equipe que fica no balcão do dízimo para vender e receber o dinheiro e mais o grupo da coleta e um devoto paroquiano que há mais de cinquenta anos reside na paróquia e participa da festa. Ele é também um exímio “vendedor ambulante” dentro da igreja matriz. De vez em quando ele se dirige ao balcão do dízimo, pega um livrinho ou entrega o dinheiro arrecadado com a venda de um deles. A equipe de coleta também ajuda a vender os livrinhos passando de banco em banco da igreja e oferecendo aos devotos sempre no início de cada noite de novena. Em 2010, ao fazer o registro etnográfico do novenário, pude perceber que há uma comunicação dinâmica, de publicização e propagandista de apelo aos devotos para sustentarem financeiramente a festa do santo. O padre enfatizava sempre ao microfone que a compra do livrinho seria para ajudar na reforma da igreja e também para colaborar com a paróquia: “livrinho na mão, música no coração”. E ainda: “quem canta seus males espanta. E quem não canta, fica doente da garganta”.

Ao iniciar o novenário o padre investe nesta campanha publicitária ao início de cada noite convidando os devotos a comprar as camisetas que são vendidas no balcão do dízimo, que fica do lado esquerdo de quem entra no interior da igreja, bem como o livrinho de cânticos, e outros souvenirs (terços, chaveiros, escapulários, lenços, broches, bottons, pequenas medalhas com imagens de santos, canecas com a imagem do santo, adesivos para colocar em carros ou portas de geladeira com a imagem do padroeiro, CDs com as músicas do novenário ao preço de cinco reais).

No ano seguinte acrescentaram também artigos de tecido (toalhas e panos de prato e para outros objetos da cozinha). O Clube de Mães Vitória Régia também montou uma barraca com produtos artesanais, outra mesa com um bazar com roupas usadas e objetos religiosos: roupas, sapatos, peças para banheiro (porta-papel, jogos de tapetes) e cozinha (porta-toalhas), blusas com crochê e fuxico, roupas de dormir, calendários pequenos, sabonetes decorados e xícaras pequenas com a imagem do santo impressa e toalhas bordadas com o nome de “São Sebastião”, arranjos de flores ornamentais, cujos valores variavam em torno de um a vinte e cinco reais.

Figuras 32, 33, 34, 35, 36 e 37 – Produtos vendidos na mesa do dízimo no interior da igreja.



Fotos: Hércio Pacheco



Fotos: Hércio Pacheco



Fotos: Hécio Pacheco

Em 2010, o padre informou que as imagens do santo que foram utilizadas no período da pré-novena estavam à venda, ao preço de doze reais as imagens menores e quinze reais as imagens maiores. As camisetas sofrem reajustes a cada ano. Em 2010 foi anunciada ao preço de dez reais. Em 2011, passou para doze reais e em 2012, já custava o valor de quinze reais. O livrinho de cânticos também foi anunciado ao preço de um real e vinte, depois passou para um real e cinquenta centavos na primeira noite e na segunda noite de novena o padre lembrou que o preço do livrinho seria de um real e noventa e nove centavos, o que se manteve durante os anos posteriores. Ele também pediu para as pessoas não ofertarem moedas “porque são mais fáceis de perder e sim cédulas: as notas de um real não valem mais! Portanto, tragam as de dois reais”. Em 2012, passaram a vender um pedaço de pano na cor vermelha medindo 20 x 20 centímetros com a imagem do santo impresso no tecido, ao preço de um real. No balcão do dízimo em 2012 havia também livros religiosos, inclusive o novo livro publicado pelo padre sobre a “Novena Biográfica de São Sebastião” que foi editada pelas Paulinas ao preço de seis reais, além de cortadores de unhas, pulseiras e outros objetos de uso pessoal. Em 2013, também venderam uns chaveiros com pequenos travesseiros e impressa uma imagem do santo.

Figura 38– Produtos vendidos durante a festa de São Sebastião no pátio térreo da igreja



Foto: Hércio Pacheco

Ainda em 2010 o padre também fez uma campanha para compra de ventiladores para a igreja matriz. Ao todo seriam instalados 16 ventiladores. Os equipamentos poderiam ser comprados em uma casa de produtos elétricos do bairro do Alecrim ao preço de duzentos reais, mas no quarto dia de novena o padre anunciou que o valor de cada ventilador era de cento e vinte reais e não aquele valor que havia informado antes. Os grupos, pastorais e movimentos ou mesmo famílias de devotos de São Sebastião poderiam se organizar para doar um ventilador: “quem não tem dinheiro para doar, faça uma rifa. Muita gente gasta com coisas desnecessárias” comentou o padre. Em uma das noites do novenário, o padre Cláudio que tinha passado um período ajudando na paróquia fez a doação de um ventilador para a igreja. A Liga Católica Jesus, Maria e José também se comprometeu com a doação de um ventilador. No quarto dia de novena de 2010 o padre anunciou a doação de mais um ventilador, feita desta vez pelo prefeito de São Tomé, uma cidade do interior do Estado. Ao final do novenário o padre anunciou o total de 15 aparelhos que tinham sido doados pela comunidade. Ficou faltando ainda um ventilador para completar o total de equipamentos solicitados durante o novenário. Em 2011, a campanha foi para conclusão da pintura externa da igreja matriz e dos painéis que ficam por trás do altar.

Ainda em 2011, a equipe de coordenação da festa colocou no espaço do altar, ao lado da imagem de São Sebastião no interior da igreja um pedestal com uma urna de madeira para que as pessoas pudessem depositar as suas doações em dinheiro para o santo. Ao lado da

imagem do santo que fica na parte de baixo, na entrada da igreja também foi colocada outro pedestal com a mesma finalidade. No entanto, em alguns momentos do novenário, os devotos se dirigiam a urna para fazer suas doações em dinheiro, mas também algumas pessoas depositavam os seus bilhetes para o santo, tanto na que ficava no interior da igreja perto do altar principal da igreja, como naquela que foi colocada ao lado da imagem do santo, na área térrea do pátio. Doação e pedido tudo juntos no mesmo depósito, o lugar que também serve de comunicação com o santo protetor.

E o padre brinca com a comunidade quando faz a sua propaganda: “você vão dizer que o padre está tão pidão!!! Graças a Deus! Quem é dizimista ajuda!”. Houve também a inovação dos “afilhados de São Sebastião” cuja contribuição seria de cinquenta reais e uma campanha de doação de produtos para compor um leilão que aconteceria durante uma noite da novena: “não doe material “mixuruca”, venham com os bolsos cheios, não de vento, mas de dinheiro para arrematar os prêmios do leilão”, dizia o padre. O material que compôs a barraca do leilão realizado no quinto dia de novena com os seguintes produtos que foram doados pela comunidade e com o valor inicial para os lances: faqueiro (R\$ 12,00), toalha de banho (R\$ 15,00) um jogo de toalha de cozinha, conjunto de panelas (R\$ 35,00), uma caixa com doze (12) cervejas em lata da Kaiser (R\$ 12,00), uma cesta ornamental (R\$ 20,00), uma boneca (R\$ 3,00), uma cafeteira sugar (R\$ 30,00), uma cesta com perfumes, uma garrafa térmica (R\$ 12,00), um quadro de São Sebastião (R\$ 5,00). Nem todos os produtos foram vendidos no leilão que aconteceu. Parte do material ficou exposta até o final da festa. Nem todo mundo tem dinheiro suficiente para gastar durante a festa de São Sebastião. Na noite do leilão só foram arrematados dois frangos e uma torta. Teve um senhor que conseguiu arrematar uma arte com a imagem do santo pintada em uma telha ao valor de quatro reais já depois de ter passado o dia do leilão.

A noite da pizza, cuja senha estava sendo vendida ao preço de dois reais também foi anunciada pelo padre durante o novenário. Na parte térrea da igreja matriz também funciona um bazar com roupas, livros e outros objetos usados, tudo para angariar fundos para a paróquia. O bazar é de responsabilidade do Clube de Mães. “Vão lá para comprar alguma coisa!”, enfatiza o padre. No momento do ofertório o padre também reforça que a coleta vai se reverter para as reformas do templo: “eu estou ajudando a paróquia de São Sebastião a cumprir com os seus compromissos” dizia.

Outra campanha publicitária que o padre faz no altar é a quermesse ou cantina que funciona na parte térrea da igreja. Todos os produtos oferecidos na cantina são doações dos paroquianos e devotos do santo que participam das pastorais, movimentos e grupos da

paróquia. A renda é revertida completamente para as reformas que estão sendo implementadas na igreja matriz. Todas as noites os participantes são convidados ao final da celebração descer e saborearem os produtos oferecidos. Poucas pessoas ficam para o lanche por causa do horário: coxinhas, cachorro quente, refrigerantes, sopa, pizza, pé de moleque, bolo da moça, bolo de carimã, bolo de ovos, bolo preto, bolo confeitado, churrasquinho, pasteis, cerveja. O preço dos alimentos varia entre um e três reais. Como as novenas terminam por volta das 21 horas e já é tarde, pouca gente permanece para comprar os produtos oferecidos na quermesse da festa.

Todas estas campanhas são estimuladas pelo padre em todas as noites. Interessante foi o fato de que na noite em que os bispos convidados de Mato Grosso do Sul, de Palmares (Pernambuco) e de Maceió participaram do novenário e na noite do Sacramento da Crisma para os jovens da paróquia com a participação do Arcebispo metropolitano de Natal não tiveram os mesmos apelos para as compras e doações para a festa como aconteceram em outros dias do novenário quando havia a participação de outros padres convidados. Se nas outras noites de novena o padre se comporta de forma mais espontânea, diante dos bispos, que representam uma instância superior no âmbito da hierarquia da igreja católica, a postura é diferente, mais formal. O caráter apelativo para estimular a captação de recursos financeiros no espaço da festa desaparece momentaneamente.

Há também uma comunicação publicitária e propagandística que não visa o lucro ou o aspecto financeiro. O convite para que os paroquianos a cada noite tragam outro convidado para participar do novenário: “um convidado convida dois! Um convidado convida dois!” dizia o padre e a plateia também repetia em voz alta o mesmo refrão em coro. É um incentivo para o crescimento na participação nas noites de novena. E mais outra campanha: à medida que vai se aproximando do final da festa que marca o grande dia com a procissão pelas ruas do bairro, o padre pede aos devotos que se preparem para vir à procissão de vestidos de vermelho e branco. E também outra campanha para que durante o percurso da procissão os devotos enfeitem suas casas com bolas de encher e toalhas nas janelas nas cores vermelhas e brancas e montassem os seus altares em honra a São Sebastião. É outro tipo de campanha publicitária e propagandística que o padre faz durante o período do novenário.

Embora o padre faça uma campanha acirrada no púlpito para angariar recursos para as reformas da igreja matriz e a manutenção do dia-a-dia da paróquia durante a festa de São Sebastião, alguns paroquianos, devotos e conhecidos do padre também aproveitam a ocasião para faturar algum dinheiro durante o período do novenário colocando seus carros ambulantes na porta de entrada da igreja matriz, ou mesmo na calçada da rua. Mas no dia da procissão o

padre não tem como controlar o acesso de vendedores ambulantes que se concentram na Avenida enquanto acontece o cortejo do santo pelas ruas do bairro até o seu retorno quando acontece a missa de encerramento da festa: aí se encontra uma infinidade de produtos: água mineral, refrigerante, água de coco, algodão doce, pipoca, churrasquinho, milho cozido, balões coloridos com formatos de animais, vendedores de fitas de tecido “lembranças da Bahia”, terços, santinhos, banquinhos de madeira, CDs religiosos, cachorro quente e outros sanduíches. Tem também uma senhora que vem do bairro das Rocas todos os anos vender bonecas de pano e barquinhos cobertos com papel seda e com farinha de milho doce e castanha, produto tradicional da festa dos Santos Reis, que é comemorada em Natal no dia 6 de janeiro também com uma grande procissão pelas ruas do bairro de Santos Reis.

Na porta interna de entrada do prédio na parte térrea da igreja todos os anos uma senhora monta o seu carrinho ambulante com alguns produtos religiosos para vender no período do novenário: terços, escapulários, anéis, CDs de cantores padres (Marcelo Rossi, Jonas Abib, Pe. Zezinho, Pe. Léo, Pe. Fábio de Melo) e bandas católicas. Do lado de fora um senhor idoso e que coloca também todos os anos o seu carro de pipoca e balas permanece as noites de novena esperando seus clientes devotos do santo. Há também uma outra senhora que todos os anos aparece mais para o final da festa com sua banca de madeira vendendo imagens de São Sebastião feitas de gesso. O preço das peças varia entre três e cinco reais, dependendo do tamanho da imagem. Em algumas noites também aparece um pipoqueiro e um vendedor de confeito, mas não consegue ficar muito tempo porque a venda é muito pequena. Também apareceram na festa de 2010 um vendedor ambulante com objetos luminosos e um vendedor de milho cozido durante as noites de novena.

O novenário é um espaço onde os fluxos comunicacionais estão presentes, com suas linguagens específicas, quer elas sejam de expressões verbais, quer também com outras linguagens que envolvem o corpo, os comportamentos e toda uma rica simbologia que profusamente é transmitida pelos devotos do santo que estão vinculados aos grupos, pastorais e movimentos que fazem parte da paróquia. “O ritual é essencialmente um sistema cultural de comunicação simbólica” (SILVA, 2010, p. 129).

4.3. A comunicação dos devotos no espaço do novenário: encontrando “brechas”...

O novenário de São Sebastião é um momento para a hierarquia oficial da Igreja Católica aproveitar o período da festa para evangelizar, para estimular a seguir o exemplo do soldado romano que foi martirizado por ter abraçado o cristianismo e reforçar as temáticas dos tempos atuais que devem se dirigir aos seus paroquianos e devotos do santo. É um momento em que a primazia da comunicação eclesial, padre e seus agentes, se torna mais expressiva e visível. No entanto, os devotos não deixam de dialogar com o santo, mesmo que em alguns momentos possam parecer meros espectadores da festa. Aqueles devotos que não estão ligados a nenhuma pastoral, movimento ou organização na paróquia também desenvolvem um processo comunicativo na festa. Eles encontram seus espaços e suas “brechas” para também reforçar a sua comunicação e sua forma de expressão com o santo, que é feita de forma coletiva, embora a sua relação com ele seja individual. Da mesma forma, o que se expresse em cada devoto e apareça caracterizado como uma comunicação interpessoal, entre o devoto e o santo, entretanto, ela ganha contornos de uma dimensão mais abrangente porque a sua comunicação se torna pública e é dita no ambiente coletivo, no espaço da festa, em alguns momentos do novenário. Nós já falamos do momento anterior da pré-novena que é também um espaço onde aflora essa comunicação. No período específico das nove noites de novena, pelo menos, pudemos observar e delimitar três momentos específicos que podem ser destacados, embora haja alguns devotos que independente do que está acontecendo durante o novenário, ao chegar à igreja matriz se dirigem imediatamente para o altar onde se encontra a imagem do santo. É com ele que o devoto vai falar, é com ele que vai manter o contato antes de qualquer outra coisa. Depois é que se integra ao novenário, à vivência coletiva da festa. Assim selecionamos estes três momentos para nossa pesquisa: a primeira instância dessa comunicação se dá na hora das intenções, que acontece no início de cada noite de novena celebrada por um padre ou bispo convidado; o segundo momento ocorre ao final da novena quando o ritual da celebração está concluído e os devotos mantêm um contato com o santo diante das imagens que ficam no espaço do altar ou na área térrea antes de voltarem para as suas casas.

Figuras 39 e 40– Agradecimentos, pedidos e orações depois da novena diante do santo.



Fotos: Hércio Pacheco

E o terceiro, é no espaço térreo da igreja matriz onde permanece a imagem antiga de São Sebastião, e ao seu lado, encontram-se o “*pote dos pedidos*” e a jarra de água benta. É no “*pote dos pedidos*” que se encontra o lugar para acolher todas as mensagens que os devotos expressam através da linguagem escrita. O Pote e os bilhetes são dois elementos materiais que têm um significado para o devoto. “Os significados dos objetos não se esgotam em sua aparência ou presença material” (BITTER, 2010, p. 209). O que eles pedem, o que revelam ao santo, o que agradecem, as promessas e todas as conversas que são feitas e confidenciadas ao santo numa atitude dialogal se encontram partilhadas através da linguagem verbalizada na escrita de um bilhete endereçado ao santo protetor e da sua devoção. Este se torna o outro sistema de comunicação dos devotos que está presente na festa e principalmente durante todo o período do novenário.

Os devotos de São Sebastião não são apenas devotos de um único e mesmo santo, mas têm os seus santos e santas preferidas a quem dirige sua comunicação. No panteão dos santos da Igreja Católica todos os devotos têm essa postura democratizante de escolher e se dirigir a um santo da sua devoção a partir de cada relação que constrói com cada um. São eles (santos e santas) que estão mais próximos dos devotos, que os escutam, os acolhem e respondem através de graças e milagres. Não existe a necessidade de se manter uma fidelidade exclusiva com um santo em particular, porque “é possível combinar devoções” (MENEZES, 2004,

p.256). No momento das intenções as comunicações que são encaminhadas à leitora em cada noite do novenário estão dirigidas a diversos intercessores, às diversas intermediadoras de graças: em primeiro lugar ao dono da casa, ou seja, em honra a São Sebastião. Depois os demais - Santa Edwirges, Nossa Senhora de Fátima, Nossa Senhora da Conceição, Santa Luzia, Nossa Senhora Aparecida, Padre Pio, as Almas do Purgatório, os mortos, ao Espírito Santo, à divina misericórdia do Coração de Jesus, ao Sagrado Coração de Jesus e a todos os santos. Estes nomes surgiram durante o novenário de 2010. Mas existem outros intercessores que estão presentes em outros momentos ao longo do ano.

Mesmo havendo essa pluralidade de mediadores de graças e milagres, os devotos do santo fazem as suas comunicações específicas dirigidas exclusivamente para São Sebastião, o santo de casa, e que se relacionam a muitas situações da vida cotidiana e que envolvem questões das mais variadas ordens do campo social. A questão da saúde é muito presente e marcante no novenário, além das relações afetivas e conjugais, das condições financeiras e de trabalho e de outras realidades que tocam em particular cada devoto. Além disso, o contato com o santo não é só para pedir ou suplicar, mas é também para agradecer de forma explícita uma conquista ou às vezes simplesmente não são tão explícitas em suas divulgações através de gestos, performances corporais e até mesmo pelo traje que usa no período da novena. Temos vários exemplos dessa comunicação entre o devoto e o santo: uma senhora fez uma súplica em nome de alguém da família que estava doente. Outra agradeceu ao santo a graça de uma pessoa da família ter passado no vestibular no ano de 2010. Em outra noite de novena também se agradeceu por mais um ano de vida (cada família indicava o nome da pessoa que estava aniversariando, embora as pessoas citadas não estivessem presentes à celebração), por alguém ter alcançado a graça de conseguir se aposentar. Tem gente que coloca o seu comunicado no momento das intenções, mas não especifica o que é: “uma súplica a São Sebastião para alcançar uma graça”; “pela saúde e paz na família”, “pela saúde de uma mulher”; “pelo sucesso em uma cirurgia”. Em outra noite as intenções se voltaram para agradecer ao santo “uma ação de graças a São Sebastião”, ou simplesmente se divulga ao microfone “uma graça”, “a São Sebastião por graças alcançadas”; pede-se a graça ao santo dizendo “uma súplica a São Sebastião”, “uma conversão”; “pela paz”, “por vinte e dois anos de casamento” e outro por “50 anos de casamento”; uma devota também agradeceu o aniversário de 51 anos de vida de uma pessoa da família. Na última noite de novena em 2010 pediram: “ação de graças pela recuperação da saúde”; “pelo aniversário” de um familiar; e por alguém ter terminado um curso universitário: “pela conclusão do curso de direito”, “por sucesso nos estudos”, “uma súplica a São Sebastião para alcançar uma graça”. No novenário

de 2011 um devoto agradeceu a São Sebastião “pela cura de uma doença” que também não é explicitada em público. Em 2012 pediram “pelas vítimas das chuvas no Rio de Janeiro” e “pela saúde de algumas pessoas”.

O devoto que participa do novenário faz a sua comunicação pública para o santo sustentada em dois pilares desse diálogo: suplicar ou *pedir*, mas de um modo resignado, humilde; e *agradecer*, que é o mesmo que mostrar-se grato por um benefício recebido, um milagre, uma “ação de graças”. Nem sempre quem agradece ou suplica o faz para si mesmo ou de si mesmo. Na maioria das vezes pede por alguém que não tem a “prática” e nem tem o “costume” de participar das celebrações litúrgicas, das missas ou mesmo do novenário durante o período festivo em honra ao santo. Às vezes também nem tem a mesma crença ou fé. Pode ainda nem mesmo ser um daqueles devotos fervorosos de um santo na família. Quem o faz é justamente o devoto que tem certa aproximação, uma maior intimidade, um relacionamento afetivo com o santo e é capaz de pedir ou agradecer por alguém ou em nome dele. Assim, “torna-se um mediador por excelência de pedidos de familiares, amigos e vizinhos, uma especialista no sagrado” (MENEZES, 2004, p. 137). Esse mediador não precisa necessariamente ser acionado para tal missão. Ele mesmo toma a iniciativa, coloca-se diante do santo como o intercessor de alguém que está precisando de ajuda, de amparo e apoio. É o canal de comunicação aberto com o santo através das preces e orações públicas (BITTER, 2010, p. 135). Mas os pedidos e agradecimentos não se caracterizam necessariamente como promessas que envolvam dívidas ou o seu pagamento para com o santo.

O outro momento em que o devoto se comunica com o santo ocorre ao final da celebração da novena, quando os devotos começam a deixar a igreja matriz ainda o grupo musical entoando o canto final, o padre deixa o altar e os coordenadores e agentes pastorais responsáveis pela noite vão embora. As pessoas, em vez de saírem da igreja e regressarem imediatamente para suas casas, se dirigem ao altar onde se encontra a imagem de São Sebastião e lá acontece outro momento de comunicação com o santo que nem sempre é a fala, mas outras linguagens não verbais que são expressas. Podemos encontrar devotos que a hierarquia oficial da paróquia considera “paroquianos ausentes”, que não moram mais em Natal, mas todos os anos regressam para visitar a casa do santo e seus familiares. Muitas pessoas se aproximam do altar do santo para registros fotográficos com os seus familiares à frente do santo ou ladeando o altar. Na fotografia se atribui uma significação e um sentido que é expresso para o outro (FILHO, 2010, p. 185). O santo torna-se mais um membro integrante do grupo e que faz parte da pose para ser mostrada posteriormente ao regressar ao seu ambiente familiar fora de Natal. Tem gente que não consegue abraçar a imagem porque ela

fica a uma altura que não possibilita tal postura, mas alguns devotos se agarram aos pés ou pernas do santo ou mesmo à estrutura do altar num gesto para demonstrar essa aproximação e integração, essa tentativa de expressar uma forma mais calorosa e próxima da presença com o seu santo protetor. Alguns jovens que foram crismados em 2010 também aproveitaram o final da novena para tirar fotos diante de São Sebastião como lembrança da noite.

Além da pose fotográfica, a outra forma de comunicação que o devoto tem com o santo é o toque. Passar a mão pelo corpo da imagem, tocar seus pés, os locais onde estão destacados os furos das flechas e a representação dos ferimentos que consegue alcançar com as mãos são pontos principais que os devotos escolhem para se aproximar do santo e possibilitar o contato “físico” (peito, barriga e pernas).

Figuras 41 e 42 – Devotas com fotografias da família e documentos para tocar na imagem do santo.



Fotos: Hércio Pacheco

Alisam os pés e as pernas e trazem o contato que fez com a mão de volta até a boca e repete por mais de uma vez esse gesto de ir e vir dos toques (imagem/boca). Pode ser uma atitude que demonstre uma forma de carinho, mas também que pode significar que o toque na imagem tem a força do santo que age de forma milagrosa ou “que é potencialmente capaz de vir a conceder” uma graça (MENEZES, 2004, p. 208). Um senhor tocou no santo e passou a mão na cabeça e depois no pescoço e se benzeu. Uma senhora tocou nos pés do santo e permaneceu assim durante alguns minutos rezando diante do altar. Outra senhora rezou diante

do santo, tocou em sua perna direita e disse: “a sua benção, meu amor”. Outros são adolescentes e jovens devotos que se juntam a homens e mulheres que já têm uma relação mais aprofundada e íntima com o santo se concentram em torno do altar de São Sebastião e fazem os mesmos gestos dos mais velhos. Eles aprendem as formas de comunicação com o santo. É uma ação pedagógica, os mais novos aprendem com os mais velhos os procedimentos afetivos para com o santo. Outros devotos chegam perto da imagem e fazem o sinal da cruz após o toque em alguma parte da imagem. Tudo é sentido, é expressão, é comunicação.

Figuras 43 e 44 – Pedidos de uma devota ao santo logo após a novena da noite.



Fotos: Hécio Pacheco

Em 2011 consegui que algumas senhoras se expressassem dizendo os motivos por tocar na imagem do santo: “eu rezei pela minha saúde porque sofro de osteoporose e pedi também pelos meus familiares”. Outra senhora falou: “rezo a São Sebastião para ele interceder em minha vida porque desde que saí de casa para me casar nunca tive um dia de felicidade com o meu marido. Eu não tenho coragem de me separar dele e trato como uma pessoa estranha. Faço as coisas para ele sem considerá-lo como marido”. Os devotos também podem ter um tipo de conversação mais espontâneo com o santo. Em alguns depoimentos se

percebe a forma dessa comunicação. Uma senhora que mora no bairro de Bom Pastor e participou da festa de São Sebastião em 2011 disse: “há trinta anos, desde mil novecentos e oitenta e um, que participo da festa de São Sebastião, indo todas as noites à novena e no dia vinte vou à procissão pelas ruas do bairro. Os votos que fiz na festa de São Sebastião e também da padroeira da cidade do Natal foi para participar todos os anos”. A fala é uma forma de expressão e de comunicação com o santo “face às realidades da vida e dos acontecimentos do dia-a-dia” (BAKTHIN, 1999, p. 42).

Outro depoimento de uma devota de São Sebastião que era “paroquiana ausente” relatou: “vim de Santa Mônica, em Campinas, São Paulo, participar da festa de São Sebastião. Vim agradecer ao santo a cura de minha filha”. Ela rezou diante do altar do santo por um momento antes de sair da igreja. O ato de rezar é uma forma de diálogo com o santo. Outra senhora também devota estava rezando diante do altar e ela, ao ser indagada porque estava rezando ao santo, falou de sua história: antes ela era da igreja evangélica “Testemunha de Jeová” no tempo de solteira. Nasceu no município de Boa Saúde, região Seridó do Estado, cujo padroeiro é também São Sebastião. Lá ela participava da igreja e era devota do santo. Aos onze anos saiu de lá e veio morar em São José de Mipibu, cidade próxima da região metropolitana da Grande Natal quando passou a frequentar a igreja evangélica. Casou. E a vida mudou. O marido bebe há muito tempo. Relatou que não vive bem com ele. “Tem dias que ele passa a noite na rua bebendo e só chega em casa pela manhã. Nunca soube quanto ele ganhava. Mas sempre colocou a comida em casa. Não falta nada e não tenho do que reclamar”. Veio morar em Natal, embora não tenha dito quando. Depois de algum tempo o marido se aposentou e “inventou” de comprar um carro para colocar na praça e já bateu no carro três vezes. Passou um ano pagando o prejuízo do carro novo e do outro que batera. Disse que reza muito para ele deixar a bebida. Sempre ficava com algo incomodando até que uma vez entrou na igreja de São Sebastião no bairro do Alecrim. Uma pessoa chamou para participar da igreja e ela foi. Esse chamado fez mudar a vida dela e ela se “consagrou” a São Sebastião e a Nossa Senhora. Todos os anos ela vem participar do novenário vestida de vermelho. No dia da Procissão ela acompanha o cortejo no grupo da Legião de Maria, vestida de azul. Ela continua pedindo ao santo para o marido deixar de beber.

Os depoimentos das devotas de São Sebastião demonstram as condições de sofrimento nas relações conjugais e que são sublimadas, suportadas com o apoio do santo. Talvez mesmo por causa da pressão da religião que condiciona as atitudes de “não separar aquilo que Deus uniu” encontra uma válvula de escape ou alternativa de manter uma situação conflituosa e difícil por tanto tempo. Embora a devota diga que não tem do que reclamar ou a outra para

fugir do problema simplesmente assume uma postura de se tornar consagrada do santo demonstram que a relação íntima e afetiva com ele é capaz de interferir no cotidiano da vida, de manter a motivação “para executar certos tipos de atos e experimentar certas espécies de sentimentos em determinadas situações” (GEERTZ, 2008, p.71). Para Menezes (2004, p. 40) “a devoção fervorosa, se manifesta numa atitude de doação do devoto ao santo”. Participar do novenário pode significar o momento de se abastecer, de encontrar forças para seguir a vida, mesmo que a dificuldade permaneça. Nesse sentido, ao participar do “conjunto de ações rituais produz mudanças simbólicas com reflexos na experiência concreta dos sujeitos” (BITTER, 2010, p. 179).

Permanecer em silêncio olhando para a imagem do santo por alguns segundos em prece e oração, numa comunicação interior é outra forma de se relacionar com ele. Até o silêncio comunica, expressa um sentido. “O próprio silêncio [...] ele motiva e torna significante” (ZUMTHOR, 1993, p. 220). O gesto é feito em pé ou ajoelhado diante da imagem. Durante várias noites uma jovem se dirigiu ao altar do santo para rezar. Ela permaneceu em pé algumas vezes e outras, de joelhos. Alguns agentes pastorais disseram que ela apresentava distúrbios mentais e que tomava remédio controlado. Em outra noite uma agente a abraçou longamente, olhou nos olhos dela e falou que “[...] se Deus quiser, voce vai ficar curada!”. “O olhar tem um poder expressivo e simbólico” (ZUMTHOR, 1997, p. 12). O que os devotos expressam é algo incapaz de ser apreendido naquele momento, e mesmo sendo perguntado “inconvenientemente” pelo pesquisador, o devoto não responde. Para ele é um segredo. É algo que só diz respeito ao devoto e ao santo. A imagem do santo se torna uma realidade presente de tal maneira que mais parece outro ser humano se relacionando naquele momento. E “o gesto [...] se projeta na performance [...] produz figurativamente as mensagens do corpo [...] se define assim como (enunciação)” (ZUMTHOR, 1997, p. 203-206). O corpo também comunica.

Estender a mão em direção ao santo pode se relacionar a um gesto de pedir uma bênção da mesma forma que um filho faz com o seu pai, sua mãe ou avós, como também se configura como um pedido de proteção, uma prece, uma promessa, um oferecimento pessoal ou de outrem. Como afirma Zumthor (1997, p. 206) “cada gesto tem consistência semântica, carregados de símbolos culturais [...] e aptos, a cada performance, a serem revestidos de novos valores”. Pode ser o mesmo gesto, mas o conteúdo ou significado é diferente. Estes valores são os próprios devotos ou situações reais que condicionam ou determinam. É algo intrínseco a cada fato da realidade que é canalizado em relação ao santo. E assim, “o gesto completa a palavra [...] fornece uma informação denunciando o não dito [...] encena o

discurso” (ZUMTHOR, 1997, p. 205, 209). Mesmo estando no espaço coletivo da festa, ninguém precisa saber o que o devoto está comunicando com o santo. Ele até pode dizer algo ao santo balbuciando algumas palavras espontâneas sem precisar ser uma prece, uma oração ou uma fala já preparada, formalizada e convencionada, mas não é para chegar ao ouvido dos outros devotos participantes que estão em volta do altar do santo. É especificamente e exclusivamente para o seu protetor, o seu confessor, o seu “amigo” que está ali para acolher aquela comunicação. “A oração solitária diante do santo é uma forma de comunicação com ele” (GUTTILLA, 2006, p. 176).

O sentimento de que está ali presente diante do santo, considerado por Turner (2005) como sendo o símbolo dominante na festa, pode aflorar a qualquer momento, ao ponto de uma devota chegar a chorar diante do altar. Ela estava com um vestido todo vermelho, o que ainda a caracterizava como devota de São Sebastião. O motivo nunca é explícito, mas ele induz a “executar certos tipos de atos e experimentar certas espécies de sentimentos em determinadas situações” (GEERTZ, 2008, p. 71). O santo é “tratado frequentemente como uma pessoa viva” (MAUÉS, 1995, p. 171). Daí ser aquele que pode colocar o “ombro” amigo para o choro e escutar as lamentações, os problemas vivenciados pelo devoto. Os símbolos rituais são estímulos para a emoção (TURNER, 2005, p. 60). O novenário, o ambiente que entra em um clima de intenso estado de emoção pode desencadear numa reação de choro. O silêncio é também uma forma de comunicação intensa que pode integrar a outros elementos da linguagem não-verbal como o olhar, o gesto, o movimento corporal que o devoto expressa “afetos, emoções e vontades, numa relação vinculante que vai muito além da promessa, ou seja, de uma troca pontual e interessada” (MENEZES, 2004, p. 38-39).

Portanto, todos esses componentes presentes no espaço do novenário são elementos constitutivos do processo comunicativo que se desencadeia na festa de São Sebastião através desses fluxos com suas linguagens verbais e não-verbais, bem como os atos performáticos elaborados e reelaborados que circulam entre os devotos do santo. Tudo tem um sentido. Tudo sinaliza e se configura como estruturas simbólicas.

4.4. O pote dos pedidos: a comunicação escrita para o santo através de bilhetes

A escrita é uma das linguagens que utilizamos para a nossa comunicação com os outros: “[...] a presença se eterniza pela escrita [...]”, afirma Marcondes Filho (2010, p. 170). A grafia é a materialização da oralidade, o registro histórico do que foi expresso através da fala, ou como afirma Zumthor (1993, p. 108) “a tradição oral”. A primazia da comunicação surgiu com os gestos e a voz. A escrita só veio se desenvolver na sociedade muito tempo depois, a partir da Idade Média, por volta do século X. Até então era confinada aos muros dos mosteiros da Igreja Católica. Não nos cabe aqui discorrer sobre a relação entre “a letra e a voz”, a dominação que se estabeleceu na sociedade por causa dela, mas para mostrar, em pequenas pinceladas, a sua importância nos fluxos comunicacionais presentes no espaço social. Paul Zumthor (1993, p. 96-97) vai dizer que “[...] quase tudo o que designa o termo cultura é determinada pela evolução dos meios de comunicação [...]; o que deve ter favorecido a difusão da escritura é a relação estreita que ela mantinha com a voz”.

Durante muitos séculos, até o final dos anos 80 do século passado, a carta era o meio mais utilizado para estabelecer a comunicação interpessoal. Embora as novas tecnologias de comunicação tenham se desenvolvido (imprensa, telegrafia, telefonia, rádio e TV) e hoje as redes sociais através da internet alcancem uma importância fundamental para as práticas culturais, a carta, a escritura à mão que é feita no suporte de papel continua sendo uma forma de comunicação direta entre as pessoas. O que se escreve num pedaço de papel, ou seja, “a folha são nossas vivências [...] Escrever não é só expor-se, é também marcar posição, afirmar-se [...]” (FILHO, 2010, p. 172). “Para o devoto, escrever é sair do anonimato” (RAMOS, 2011, p. 11).

A escrita tem uma relação com o sagrado, o divino. As “Sagradas Escrituras ou a Bíblia”, o “Alcorão” e a “Torá” são comunicações, revelações e mensagens através das palavras divinas dirigidas para o homem nas três principais religiões monoteístas (Judaísmo, Cristianismo e Islamismo). Posteriormente no cristianismo se introduziu no ritual os textos escritos das orações, dos sermões e das cartas dirigidas aos fiéis (cartas de Paulo às comunidades cristãs, Liturgia das Horas, Prefácios dos Ritos de Consagração, novenas aos santos, entre outros textos). Nas devoções aos santos, principalmente dos santos martirizados da Igreja Católica, “o aniversário do martírio deles era celebrado de forma tanto litúrgica como literária” (PETERS, 2008, p. 236). O texto escrito tornou-se assim importante nas celebrações cristãs. No catolicismo popular, as formas de expressão e de comunicação para

com o santo também incorporaram o texto escrito. O devoto também se comunica com o seu santo através de mensagens escritas e direcionadas a ele. E o que o devoto escreve “[...] na solidão das palavras, em tudo isso estão embutidas histórias, vivências, emoções, testemunhos de vida” (FILHO, 2010, p. 175).

No Brasil, não é de agora que os devotos escrevem cartas, bilhetes e recados para os seus santos. Um dos grandes centros de peregrinação do Nordeste que recebe todos os anos milhares de devotos de Padre Cícero Romão Batista em Juazeiro do Norte, interior do Ceará concentra uma das maiores expressões dessa prática de endereçar cartas ao santo popular, mas que a Igreja Católica não oficializou como tal. Existe uma urna de vidro localizada no Museu da Serra do Horto, em Juazeiro, onde os devotos depositam até os dias de hoje suas cartas com seus pedidos e agradecimentos endereçadas ao santo. Padre Cícero morreu em 1934. Em abril de 2011, no período da Semana Santa, mais de 10 mil bilhetes foram queimados durante a cerimônia litúrgica “Benção do Fogo” na celebração da missa.²⁵

Outro exemplo são as cartas e bilhetes endereçados a Santo Antônio no Convento do Rio de Janeiro, por ocasião da festa religiosa todos os anos no dia 13 de junho. A pesquisadora e antropóloga doutora Renata de Castro Menezes fez uma “análise de uma amostra de 500 pedidos escritos a Santo Antônio entregues na Trezena” (MENEZES, 2004, p. 210). A pesquisadora relata em seu livro “A Dinâmica do Sagrado” que existe “no fundo da igreja uma cesta para receber os pedidos por escrito, para serem levados ao altar no ofertório da missa [...] e depois queimados pela sacristã” (MENEZES, 2004, p. 49). No ano da pesquisa foram recolhidos 2.700 pedidos dos devotos. Desse total, 500 serviram para analisar a relação santo-devoto.

No Rio de Janeiro, a festa de São Sebastião também é marcada pela participação de devotos de vários lugares e na Igreja dos Capuchinhos, no bairro da Tijuca, fica a igreja matriz onde se encontra a imagem do santo e um espaço (casa ou sala dos milagres) para os ex-votos e local onde os devotos depositam suas cartas e bilhetes direcionados para São Sebastião. “O cultivo da fé também se dá na escrita e no envio de cartas” (RAMOS, 2011, p. 99).

No Rio Grande do Norte, a prática de escrever para o santo também está presente em algumas festas religiosas e locais de devoção popular. Por exemplo, no município de Florânia,

²⁵ Os devotos escrevem as cartas como se o santo ainda estivesse vivo nos dias de hoje. Grande parte das cartas não é queimada e permanecem arquivadas para estudos e pesquisas. Como é o caso de uma que está em andamento realizada por Maria das Graças, doutoranda vinculada ao Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, cuja pesquisa é orientada pelo professor Dr. Luiz Assunção.

onde existe a devoção à “menina santa” e que a hierarquia oficial dá um outro sentido estimulando a devoção à Nossa Senhoras das Graças, em uma das salas da capela no alto do monte, muitas pessoas deixam seus bilhetes, suas cartas, fotografias e objetos de ex-votos para a santa que não é reconhecida oficialmente pela Igreja Católica como tal. Maués (1995, p. 181) explica que “outros são santificados pelo povo, sem o reconhecimento por parte da hierarquia católica”, como acontecia no início da devoção aos santos nos primeiros séculos do surgimento do cristianismo no mundo. Interessante destacar que na igreja cristã do Oriente não há autoridade para controlar o culto e regular o processo de santificação. “Tradição, consenso e piedade popular ainda são os critérios orientais para o culto aos santos” (PETERS, 2008, p. 237).

Não é só no Brasil que a prática de endereçar bilhetes e cartas ao santo. Em Lisboa, durante a pesquisa do doutorado sanduíche apoiado pela CAPES (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior) pudemos perceber que, no Santuário de Santo Antônio, durante a Trezena, ou seja, treze dias de novenas, os devotos também deixam suas comunicações, principalmente no dia 13 de junho, data em que se comemora a morte do santo e quando ocorre a procissão pelas ruas de Lisboa. Em vez de urna, as pessoas colocam os recados nas brechas da moldura do grande retrato que fica ao lado esquerdo da igreja perto da porta de entrada. São cartas com envelopes endereçadas ao santo (O meu santo Antônio) ou folhas de cadernos dobradas. Depois da festa os papéis são recolhidos pelos frades capuchinhos, responsáveis pelo santuário.

No dia da procissão a hierarquia oficial da igreja e seus agentes pastorais colocam os bancos da igreja fechando o espaço que dá acesso ao quadro com a imagem pintada do santo. A imagem antiga tridimensional que sai na procissão e a relíquia do corpo de Santo Antônio que permanece o tempo todo ao lado do altar principal da igreja não recebe tanta presença de devotos como no quadro do santo. É muito comum em Lisboa os devotos colocarem as flores brancas e amarelas que carregaram na procissão para serem tocadas no quadro e também outros objetos de uso pessoal ou fotografias, documentos de identidade, carteiras de trabalho, chaves de residência e de automóveis, imagens pequenas de Santo Antônio, entre outros elementos simbólicos dessa comunicação com o santo.

Na cidade de Batalha, também em Portugal, os devotos depositam seus bilhetes em cima do altar que fica em uma das laterais da igreja e é dedicado à Nossa Senhora da Piedade e no próprio corpo de Jesus Cristo morto nos braços da mãe. Além dos bilhetes pedindo curas e agradecendo milagres não só em língua portuguesa ou espanhola, encontram-se também bilhetes e cartas escritas em alemão, francês e inglês porque o fluxo de turistas de vários

países é intenso. Os devotos, além das cartas também colocam fotografias de familiares, de crianças, de papas. Diferentemente do Brasil, os bilhetes ficam abertos para que outras pessoas possam ler as mensagens que são dirigidas ao santo. Já na igreja do Bom Jesus na cidade portuguesa de Braga, os visitantes escrevem recados nas paredes da capela que fica na lateral esquerda da igreja principal. Também são escritas em várias línguas. Algumas pessoas também colocam pequenos quadros com molduras e mensagens que são pendurados na parede da igreja.

De volta ao Brasil, na paróquia de São Sebastião, no bairro do Alecrim em Natal, durante o novenário da festa no ano de 2011 mais uma invenção da devoção foi introduzida na festa: “o pote dos pedidos” em um dos altares para que os devotos pudessem depositar os seus bilhetes com pedidos, preces, súplicas e agradecimentos ao santo. Quer o devoto se expresse ou se comunique com o santo utilizando a oralidade ou a escrita, o que ele deseja é manter o vínculo com o santo. Trata-se, portanto, de “[...] um recurso circunstancial, no meio de outros” (RAMOS, 2011, p. 119). Todos os anos a paróquia organiza dois altares para a devoção a São Sebastião. Um altar com a imagem principal de São Sebastião fica em um pedestal localizado no interior da igreja matriz ao lado esquerdo do altar. A outra imagem, a mais antiga da paróquia que permanece o ano inteiro na casa paroquial, mas quando chega o período do novenário ela sai de dentro da casa e é posicionada na porta de entrada da igreja matriz, no andar térreo, logo após a porta de entrada e próximo à sala da secretaria paroquial. É uma imagem muito antiga. Não se sabe ao certo a sua data de fabricação e nem quando ela chegou à antiga capelinha quando ainda pertencia à paróquia de São Pedro. Ela tem características de ser uma imagem indo-europeia. O santo é todo ornamentado em um pequeno altar coberto com toalhas nas cores branca e vermelha, com arranjos de flores artificiais e naturais. Neste altar estão dispostas também duas jarras de barro. Uma delas é o “pote dos pedidos”.

Figura 45 – Bilhetes depositados pelos devotos no “pote dos pedidos”.



Foto: Hécio Pacheco

Figura 46 – Altar de São Sebastião no espaço térreo da igreja matriz durante a festa



Foto: Hécio Pacheco

Neste altar os devotos colocam os seus bilhetes endereçados ao santo. O “pote dos pedidos” fica no chão ao lado esquerdo do altar. Do outro lado do altar permanece durante todo o período do novenário uma jarra de barro de aproximadamente um metro de altura, tampada e um copo de plástico para os devotos beberem da água. Os devotos acreditam que a água é benta e tem o poder curativo por causa da presença do santo ao lado da jarra. Todas as

noites os devotos se dirigem ao altar para beber da água do pote que se esvazia rapidamente. A água tem um sentido e um significado de ser benta e ter uma ação milagrosa influenciada pelo santo protetor dos devotos que se dirigem até o seu altar. Mas também lembra muito o sentido do gesto solidário que ainda se encontra em algumas casas do interior de colocar um pote com água fria e uma caneca de alumínio no alpendre da porta de entrada da casa para oferecer a quem chega para visitar a família. Mais à frente discorreremos também sobre o uso do pote com água durante o novenário.

Figura 47 – Devota toma da água e passa no corpo.



Foto: Hécio Pacheco

No espaço da festa de São Sebastião, a invenção no novenário do “pote dos pedidos” não se tratou de uma tradição que se incorporou à festa do padroeiro, mas de uma criatividade do padre que busca introduzir novidades no período. Pelo menos em 2010, durante os primeiros registros etnográficos do novenário não foi possível perceber a existência do pote. É tanto que nos dois primeiros dias de novena de 2011 não havia nenhuma identificação do que seria esse pote. Mas depois a equipe de coordenação da festa colocou um pequeno cartaz impresso em folha de papel ofício indicando apenas “mensagens”. Depois um novo cartaz indicando o que seria “o pote dos pedidos”. O pote serviria para os devotos depositarem os

seus pedidos, preces, súplicas e agradecimentos ao santo padroeiro por graças alcançadas. Nos primeiros dias poucos bilhetes foram depositados dentro do pote. Mas aos poucos o fluxo de mensagens foi crescendo.

A experiência foi muito positiva por um lado porque incentivou a prática da comunicação escrita com o santo, mas por outro lado deixou a desejar porque transpareceu a falta de um sentido mais forte de modo que as pessoas que se aproximassem do altar e entendessem o significado do pote. Algumas pessoas ao beberem da água do outro pote despejava o restante da água dentro do pote dos pedidos. E ninguém da coordenação tomou providências em orientar as pessoas, o que provocou o extravio de alguns pedidos que foram depositados lá, principalmente no último dia da festa, o dia em que ocorreu a procissão de São Sebastião. Muitas mensagens não foram possíveis de se conseguir abrir porque os papéis ficaram colados e o que as pessoas escreveram para São Sebastião ficou desbotado, ilegível. O outro aspecto que demonstrou um pouco de descaso foi o fato de não ter nenhuma ação mais litúrgica para os pedidos como acontece em Juazeiro do Norte quando parte dos pedidos dos devotos de Padre Cícero são incinerados dentro da liturgia da missa como um momento específico de oferecimento e sacrifício ao santo. Os papéis que foram colocados no “pote dos pedidos” para São Sebastião, foram queimados no dia seguinte ao término da festa pela zeladora da casa paroquial.

No entanto, o material que foi coletado para a pesquisa demonstrou uma riqueza de comunicação que o devoto tem para com o seu santo. Destacamos a seguir as principais mensagens e aquelas que conseguiram ser recuperadas de dentro da água que foi jogada no “pote dos pedidos” no último dia da festa de São Sebastião. Fora vários pedidos e agradecimentos, desde situações que envolviam problemas de saúde, como também de trabalho, de relacionamento afetivo e conjugal e ainda dificuldades financeiras. “A promessa tem sempre um motivo específico” (MAUÉS, 1995, p. 353). O devoto busca “a proteção e o auxílio eficazes para solucionar suas angústias mais imediatas” ou pelo menos suportá-las (grifo nosso) (GUTTILLA, 2006, p. 93). É nesta relação com o santo que o devoto encontra “os laços de significado que o mantém atado ao santo e amigo protetor” (Idem, 2006, p.181).

A circulação dos devotos no altar de São Sebastião no pátio da igreja matriz se dá durante todo o período da noite em que acontece o novenário. Nem todo mundo chega ao local início das novenas. Aos poucos as pessoas vão subindo a rampa e as escadas e entrando na igreja. E o fluxo fica mais intenso quando termina a novena. Algumas pessoas se dirigem para as barracas de comidas, outras para o bazar e as bancas com produtos artesanais e outras se concentram no altar do santo para rezar, para conversar com ele, beber da água do pote e

depositar seus pedidos no “pote dos pedidos”. Às vezes é mais de uma pessoa da mesma família que deposita um bilhete para o santo. De vez em quando um devoto aparece e coloca o seu papel lá no pote. Os bilhetes não são escritos na hora ou no local. Os devotos já trazem prontos de casa. Outros parecem ser mais discretos para deixar o seu bilhete para o santo. Todos têm uma mensagem, um comunicado a fazer: um destes bilhetes foi escrito por uma mulher que pedia ajuda a São Sebastião para conseguir um trabalho para ela e uma amiga. Ao final do texto estava escrito “por favor. Amém” e assinado L.R. Este final do bilhete expressa uma grande preocupação da devota não só com ela, mas também com a amiga. Duas mulheres com situação financeira difícil e é um pedido que transparece um pouco de aflição diante do problema e coloca como última alternativa para conseguir superar o problema a ajuda do santo: “por favor. Amém”. “L.R.” é o seu nome não divulgado. Talvez assine assim pensando que alguém possa ler o bilhete ou que o santo sabe e consegue identificar quem está escrevendo. Alguns devotos assinam os bilhetes apenas com suas iniciais. Outros colocam o nome por extenso ou apenas nome e sobrenome. Outros ainda nem sequer deixam o seu nome registrado no bilhete. Mas aqui na nossa pesquisa preservamos os nomes das pessoas e identificamos apenas por suas iniciais, quando aparecem escritos nos bilhetes.

Seguindo o mesmo motivo para os pedidos e súplicas relacionado com situações financeiras, pudemos encontrar em um bilhete de L.L.S. o pedido que não tem a mesma pressa para ser alcançado como outros escreveram: “peço a São Sebastião um emprego para mim. Espero que nos próximos anos São Sebastião interceda por mim realizando esse meu pedido. Obrigado, São Sebastião”. E ainda um outro pedido cuja devota não assina o bilhete: “peço pelas minhas dificuldades financeiras, pelos meus filhos e da minha família, pelo compadecimento de N., A. e W.”. Provavelmente estas pessoas citadas no bilhete são filhos da devota. O santo pode ser acionado para tentar resolver questões financeiras para determinadas situações: “... um estágio para eu poder fazer a minha festa de dezesseis anos do jeito que eu quero”. Uma devota da área da saúde escreveu para São Sebastião um pequeno bilhete: “São Sebastião abençoa... peço que interceda seu olhar por mim... Jesus pela minha aposentadoria. Tua filha F., da saúde pública”. Esta filiação não é a mesma proposta pelo padre durante o novenário. Ela não precisou pagar nenhuma quantia para se considerar uma filha ou afilhada do santo. Outro devoto apenas escreve: “São Sebastião, peço por mim...”. Em tempos difíceis se pede ao santo: “São Sebastião abençoa o teu filho J. da S. abri os caminhos e o trabalho”. “Meu São Sebastião me consagre... a menina conseguir passar no concurso da Polícia”. “Me ajude para conseguir um trabalho. Eu e minha amiga...”; “... passar

no concurso para professor, Petrolina, Pernambuco”. “São Sebastião, fazei que a porta dos empregos se abra para Z. R. L. dos S.”. E ainda: “Te peço a graça de conseguir um emprego”.

Outros bilhetes são mais aflitos: “Meu São Sebastião me ajude. Meu pai e minha família estão sempre desempregados. Arranje um emprego de carteira assinada. Pelo amor de Deus. C. D.”. “Que São Sebastião interceda por Deus por A. da S. e J. da S. ...” e várias pessoas da família por emprego em 2011”. A maioria dos pedidos não se concentra em um único pedido, mas tem a preocupação de envolver mais pessoas da família ou pessoas conhecidas. O devoto não pede só para si. Um dos traços que unem todos os bilhetes é o pedido, que está relacionado a um contexto social concreto, no caso o desemprego. Quando o devoto deposita um pedaço de papel escrito e dobrado cuidadosamente no “pote dos pedidos” ele está oferecendo ao santo, entregando a ele um elemento simbólico que incorpora em si “os interesses, propósitos, fins e meios humanos” expressos na escrita do bilhete para o santo (TURNER, 2005, p. 49-50).

Existem bilhetes que tratam de questões voltadas para o campo da formação profissional e educacional. Um dos pedidos foi depositado no “pote dos pedidos” sem ser identificado nem com as letras iniciais, mas suplicava: “São Sebastião rogue para que eu passe no vestibular e ajude a estudar. Amém”. Geralmente no período em que ocorre a festa do padroeiro as universidades ainda estão na fase de correção das provas do vestibular e a divulgação dos aprovados só ocorre geralmente depois da festa, já no final ou início de fevereiro por causa das aulas que começam a partir do mês de março. Por isso a súplica durante o novenário. E a súplica se dirige ao santo como o intercessor diante de Deus: “rogue”. Além do pedido para passar no exame para se tornar um estudante universitário, o santo ainda tem que estimular o gosto pelos estudos, despertar no devoto a força de vontade de estudar. Outro devoto simplesmente escreveu: “Peço uma graça pros meus estudos”. Além de São Sebastião, pede-se também para outros santos conjuntamente: “Peço a Jesus, a São Sebastião e a todos os Santos muitos anos de vida”. “São Sebastião, rogo a Deus para que eu possa passar no vestibular. Amém”.

Os pedidos que envolvem relacionamentos afetivos e conjugais, muitos deles podem expressar padrões morais que a própria Igreja Católica não oriente na vivência do casamento. Um dos bilhetes dirigidos a São Sebastião era de um homem que se referia aos sentimentos afetivos em relação à mulher que o deixou e, ao mesmo tempo, a uma situação de trabalho: “quero que o senhor ilumine muito minha família e traga de volta a mulher que gosto muito pra minha vida; que tudo dê certo lá na fazenda. Aline, amor”. O tratamento para com o santo é de uma relação de respeito a alguém que não se tem muita intimidade, mas não tem

vergonha de pedir. Ao mesmo tempo em que pede, o bilhete se dirige para a mulher amada, como se o que ele fala no bilhete vá chegar também aos ouvidos dela. É uma comunicação que envolve três pessoas numa conversação, num diálogo. Um bilhete trazia uma mensagem que estava assinada por um casal (I. e E.). O texto dizia: “Deus abençoe e proteja quem me dá dois em um só laço; que seja feliz para sempre”. Pode ser também um pedido para um filho ou conhecido da família, parente ou amigo: “L. A. S., peço a São Sebastião que abençoe o amor de ...” (não deu para identificar o nome da pessoa). Em um bilhete estava escrito apenas: “São Sebastião toma conta de ... e a minha amada...”. Há também quem misture saúde, finanças e amor em uma única comunicação com o santo: “Peço a São Sebastião... interceda por nossa família, mostre uma maneira de pagar as nossas dívidas, e dê sabedoria a C. e que R. fique no ... pela nossa saúde..., que tem outra...”. “São Sebastião peço que S... que se for para o bem dela que continue e peço para que não tire ele dela”. A experiência das relações conjugais que envolve outros relacionamentos afetivos fora do casamento também está presente nos bilhetes. O devoto intercessor também se preocupa com essa realidade e busca a intervenção do santo: “São Sebastião, faça com que J. W. esqueça o amor que sente por G. L.. Esqueça aquela mulher que ele foi maltratado por ela”.

Uma criança de aproximadamente dez anos trouxe em uma sacola de plástico o total dez bilhetes escritos para o santo em pequenos pedaços de papel com vários pedidos. Ele informou que os pedidos são dele e de seus familiares. Em alguns desses bilhetes estavam pedindo à São Sebastião “tudo de bom para todos”. Outro bilhete de J.H.C.N. estava escrito: “São Sebastião, o meu poderoso e irmão, saúde e paz, fé e respeito, bondade, união, [...] (não deu para entender o que estava escrito por causa da água que estragou o texto), compaixão, e nos dê o Pai Divino o vinho honesto, vou lutar só por um. L.N. Te peço tudo de bom e de bem. Outro pedido dizia: “São Sebastião, abençoa minha avó. Meu avô morreu, mas minha avó está viva. Obrigado a meu pai e minha família do meu pai e de minha tia e dos que eu conhecer e até às pessoas do mundo” (J.H.). Parte dos pedidos é generalizado e de alcance coletivo, não tem uma pessoa em particular que o devoto intercessor pede ao santo: “abençoi os pobres que lutaram para uma vida nova”; “para que dê tudo certo”. Outro devoto também pediu assim: “interceda São Sebastião por minha família, a mim...”. “Peço pelas vítimas das enchentes”. “Peço a Jesus, Nosso Senhor e a São Sebastião e a todos os santos, saúde e muitos anos de vida. Sossego e paz para mim e minha família e todos do universo... que temos Jesus como Rei. F. F. P.”. “São Sebastião peço meu padroeiro sabedoria, a esperança e tudo de bom”. “Te agradeço por... ressuscitado em Deus Senhor Jesus porque só existe um mestre, dos Reis”. “Abençoa o Papa e os desabrigados e os povos que vivem sem comer”.

Alguns bilhetes expressam uma comunicação mais espontânea com o santo de maneira que mais parece alguém que conversa com outra pessoa frente a frente, cara a cara e age como qualquer outra pessoa presente no dia-a-dia: “São Sebastião, preciso pedir ao senhor que me ajude na minha saúde e do meu velho V. A cabeça dele tem labirintite e surgiu hemodiálise. Me ajude em nome de Deus e também peço pelos meus filhos, filhas, netos e bisnetos. Amém. Visite a minha casa na rua Coronel Estevão número, no bairro de Nazaré”. Ao deixar o bilhete no pote ao lado da imagem de São Sebastião, é como se “a presença do santo se concretiza na imagem” e ele se materializa e assume uma postura mais próxima. O devoto chega a identificar o endereço e o número da casa para que São Sebastião passe na casa dele como se fosse um parente ou amigo que encontrou na rua.

Nos bilhetes os detalhes das doenças são relatados ao santo: “São Sebastião peço cura de J. L. L. o Divino Amor... que tem um tumor na bexiga”; “pela cirurgia e resultado dos exames de E. B. S. que seja um resultado benigno em todos os sentidos”. Um dos bilhetes apresentava uma mistura de pedido pessoal como pedido coletivo: “Quero interceder pela cura das córneas e pelos drogados envolvidos e pelas famílias que vivem desunidas. Amém. São Sebastião, rogai por nós.”. Outros dramas sociais que envolvem os jovens também são expressos nos bilhetes ao santo: “meu glorioso São Sebastião faça com que meu filho deixe os vizinhos das drogas” (J.E.S.C.). “São Sebastião interceda por M. a Jesus Cristo para libertá-lo do alcoolismo. Amém.”. “Peço a cura de W. da S. R. do alcoolismo”. Esta mensagem para São Sebastião é mais complexa, pois envolve muitas pessoas da família e a partir de várias situações concretas de vida: “Proteja o parto de V. ela vai ganhar neném, A. que é viciado em drogas e bebida. Protegei meus filhos e me dê muita saúde para eu caminhar e Z., viciado. Protegei a minha família, pois o desemprego ronda minha família. Proteja meus sobrinhos. Proteja a todos, Aleluia!”. A situação familiar é muito complicada e só mesmo o santo para resolver e solucionar todos os problemas que a devota enfrenta no dia-a-dia. “As carências se cruzam numa escrita excessiva e transbordante” (RAMOS, 2011, p. 84).

Há bilhete que mistura informações da história do santo e de sua relação com os milagres que faz e situações humanas impossíveis de serem realizadas: “São Sebastião seja meu... conseguir mais projetos... livrar o meu filho da fome, da peste e da guerra...”. “Eu quero que meu pai e minha mãe vivam para sempre”. “Peço oração senhor, intercessão e saúde para S. e por toda minha família. São Sebastião tenha misericórdia do mundo todo”.

Um dos bilhetes pertencia a um devoto que provavelmente morou no bairro do Alecrim, foi da paróquia de São Sebastião e hoje mora no Ceará e vem participar da festa como “paroquiano ausente” durante o novenário, no mês de janeiro: “Senhor, te Peço perdão

pelas vezes que desobedeci Tua vontade... Mas o Senhor sabe que é seu o meu coração. Pai de Misericórdia peço saúde e paz na minha família, guia meus passos, fazei de mim a tua vontade. Me ajuda ... os meus pesares. Oh Pai amado misericordioso peço pela paz do mundo inteiro... Me ajude a encontrar a benção no meu trabalho e dos meus amigos. Te agradeço a graça ao senhor de estar vivo, mas não foi a toa que o mundo contou mais com a tua presença encontrei a alegria e o amor. L. Icapuí, Ceará.”

Quem consegue discorrer mais, escreve com mais liberdade e de forma espontânea para o santo protetor. Outra carta escrita em uma página de caderno com tinta vermelha: “... em primeiro lugar peço a S. Sebastião pela saúde para mim e meus filhos, para meu marido, minha família e meus amigos. Em segundo lugar, interceda junto ao Pai por mim para pagar as minhas dívidas... água, luz, cartão, gás, alimentação, as pessoas que eu devo... Em terceiro lugar, quero que o Senhor, Nosso Senhor Jesus Cristo, junto a São Sebastião interceda e proteja os meus filhos... pelo meu merecimento... eu quero conseguir comprar minha casa própria em qualquer lugar... quero que meu marido deixe de beber, que ele nunca mais beba. Eu sei que ultimamente anda pecando muito... mas todo mundo merece uma segunda chance... Meu glorioso São Sebastião consegui todos os meus pedidos, assim seja. Amém! Tudo o que pedires com fé em oração, vós alcançareis...”

Nos bilhetes também se pedem curas: “São Sebastião interceda para que eu e meu filho, meu marido, meus pais e toda minha família tenha sempre saúde, paz, felicidade, amor e harmonia em toda nossa vida e que todos nós consigamos realizar todos os nossos sonhos e desejos com a bênção e a proteção de Jesus”; “Jesus misericordioso, te peço humildemente, curai os dedos de minha filha A. de S. M.. O Senhor que és o médico dos médicos, confio e creio que vais cuidar os dedinhos dela ... Senhor escutai o meu pedido. Te adoro Senhor. V. F. A.”. “São Sebastião, peço a cura da dor de cabeça de C. S. R.”. “São Sebastião, estou te agradecendo pela minha saúde que intercedeste a Jesus. Obrigado meu Deus!” J.M.L”. “Peço pela cura da vista de B.: “J. pela cura de catarata”; “Peço interceder pela cura das córneas, pelos drogados, alcoolismo, pelas famílias que vivem desunidas. São Sebastião, amém”. “Peço um milagre para meu filho J. Assina S. paz para ele deixar de beber”; “Peço um milagre para tirar o meu neto das mãos dos agiotas”. Tem devoto que coloca no bilhete apenas o nome e nada mais, talvez porque acredita que São Sebastião já conhece todas as necessidades dele. Brandão (2007) traz uma concepção dessa relação do devoto com o santo através dos milagres: “milagres acreditados sobre a biografia do santo fazem-no “um santo”; milagres dele na história da comunidade fazem-no “padroeiro”; milagres do padroeiro na biografia do devoto estabelecem o elo de fidelidade interpessoal entre os dois” (BRANDÃO,

2007, p. 266). Outro bilhete dizia: “São Sebastião, interceda para que eu, meu filho, meu marido, meus pais e toda a minha família tenham paz, saúde, felicidade, harmonia em toda nossa vida. Todos nós consigamos realizar todos os nossos sonhos e desejos com a bênção e a proteção de Jesus”.

Um dos bilhetes expressou um pedido com pagamento de promessa: “São Sebastião, pelo nosso pedido, peço pra proteger todos da minha família, do mundo do planeta. Prometo ficar no primeiro dia da novena e na Procissão do Santo Glorioso.... J. H.”. A promessa é outra forma do devoto se relacionar com o seu santo protetor. Envolve uma relação de troca porque é feita com o pagamento da promessa feita a ele. É um compromisso do devoto com o seu protetor. Como diz Sanchis (1992, p. 83) “é troca de dons [...]” que se expressa em “[...] gesto simbólico” e que pode se tornar visível no espaço da festa do santo. O pagamento varia de devoto para devoto, de uma situação para outra, a partir de cada caso em particular ou do acordo que é feito entre o santo e o devoto. Prometer vestir-se de vermelho no período da festa ou durante o resto do ano ou da vida, andar de pés descalços na procissão, visitar um santuário ou igreja, fazer um trajeto de joelhos, depositar dinheiro na urna do santo ou deixar no altar objetos ou ex-votos por graças na recuperação da saúde, entre tantos outros gestos, são sacrifícios ou oferendas que o devoto faz ao seu santo protetor como pagamento de uma promessa.

Outro bilhete juntou agradecimento com pedidos ao mesmo tempo: “Santo Guerreiro, hoje venho aqui agradecer as graças alcançadas durante todo o ano por mim e minha família. União, saúde e paz. Peço a conversão para o meu esposo. J. P. de A.. Peço um milagre especial para meu pai e minha mãe.”; “... passar de ano e passar no vestibular em 2011. G.”. São os dois lados da mesma moeda da devoção aos santos. Pedir e agradecer são também os elos que mantêm o vínculo permanente, a relação afetiva e amorosa de forma mais íntima do devoto com os seus santos que tem mais afinidade e consegue resultados satisfatórios para o resto da vida. É nesta relação com a própria vida que a devoção se consolida.

No “pote dos pedidos” também foram encontradas orações colocadas, mas só indicavam o nome de quem escreveu (F.P.M.; J. L. D.; J. H.): “Meu querido São Sebastião, quero que interceda por nós junto a Nosso Senhor Jesus Cristo e através de sua intercessão desejo que Deus nos abençoe a mim, minha filha e toda minha família. Bênção, paz, saúde e prosperidade, sorte, esperança, força, prosperidade e fé. Obrigado por tudo”. Outra oração não estava molhada e não deu para entender o que estava escrito no bilhete. E ainda uma cópia da carteira de identidade de V. R. de L., além de vários bilhetes e volantes das casas de apostas “Paratodos” indicando o jogo do bicho pagos e que foram colocados no pote na busca de

conseguir um bom dinheiro e acertar os números das dezenas e milhares no jogo. Talvez os pedidos colocando no pote com vistas a ganhar dinheiro no jogo ou para fazer o agradecimento por ter sido premiado. Provavelmente, antes de deixar os papéis dentro do pote o devoto deve ter conversado em segredo, numa comunicação implícita entre o devoto e o santo. Na urna para colocar dinheiro que ficava ao lado do altar do santo no interior da igreja, os devotos também colocavam os bilhetes em vez de dinheiro. No entanto, não consegui ter acesso aos textos escritos porque a urna é fechada e trancada com cadeado e só é aberta pela equipe de finanças da paróquia.

Do outro lado do altar de São Sebastião, que fica localizado na porta de entrada do andar térreo da igreja matriz, encontra-se além do “pote dos pedidos”, uma jarra de barro com água para os devotos beberem da “água benta”. No Tratado de História das Religiões de Mircea Eliade, a água tem um simbolismo muito forte nas religiões de todo o mundo e também na tradição cristã. Em muitas civilizações antigas, o ritual religioso envolvia o uso da água com o seu significado simbólico. Ele afirma que

“as águas são *fons e origo* (fonte e origem), a matriz de todas as possibilidades de existência [...] e são o princípio de toda cura [...] elas desempenham a mesma função, qualquer que seja a estrutura dos conjuntos culturais nos quais se encontram [...] a água torna-se um símbolo de vida” (ELIADE, 2002, p. 153-154).

Em várias situações do ritual religioso católico a água tem um significado simbólico de fundamental importância para a comunidade cristã. Trata-se de um rito de passagem: a introdução dos novos partícipes na vida da Igreja é feita através do ritual do batismo, que usa a água. E tem relação com o texto bíblico que fala do batismo de Jesus no rio Jordão pelo profeta João, o Batista. A água nas Sagradas Escrituras representa a vida ou a morte: no início da criação, “o espírito pairava sobre as águas”; o dilúvio que acabou com a humanidade, preservando apenas a arca de Noé; Deus fez jorrar água da pedra para saciar a sede dos judeus que caminharam pelo deserto.

As águas também têm a função curativa: “[...] ela cura, rejuvenesce, assegura a vida eterna. [...] Na França, o número de fontes e de rios com virtudes curativas é considerável” (ELIADE, 2002, p. 157-158). No Brasil muitos lugares também apresentam características medicinais. Em algumas igrejas antigas, logo após a porta de entrada encontram-se nas paredes recipientes com água benta e que as pessoas usam com essa finalidade.

Simbolicamente a “[...] “água não começada”, quer dizer, a de um vaso novo, não profanada pelo uso cotidiano, concentra em si as valências germinativas e criadoras da água

primordial. Ela cura, porque, em certo sentido, refaz a criação” (ELIADE, 2002, p. 158). No novenário de São Sebastião, a água benta para o uso dos devotos é colocada em uma jarra de barro. E os devotos expressam diversos usos que fazem dela: umas cinco pessoas chegaram ao mesmo tempo para beber da água benta da jarra. Uma jovem tomou um remédio com a água benta. Outras mulheres tomaram da água. Outra senhora devota do santo encheu uma garrafa plástica de água mineral com a água da jarra para levar para casa. Outra senhora também tomou da água, mas sem encostar a boca no copo, que é usado por quem chega ao local. Ela disse que participa da festa há muitos anos e sempre toma a água benta. “Esta é uma expressão de fé do povo”, disse.

Figuras 48 e 49 – Mulher enche os vidros com água benta e depois reza ao santo.



Fotos: Hércio Pacheco

Na outra noite de novena de 2011 uma devota relatou que toma da água para afastar os “olhos grandes que têm muito e das mazelas”; outra disse que tem problemas na garganta e quando toma a água benta se sente melhor; outra disse que tem problemas de depressão e que a água faz bem; uma senhora mais descrente falou que “é moda que o povo bota”. Uma devota tomou a água e passou no joelho esquerdo. É mais comum observar as mulheres tomarem da água da jarra de barro em vez dos homens: uma senhora ficou diante do santo,

tocou um pouco nas pernas da imagem e rezou. Depois foi até à jarra da água benta e bebeu um copo.

A água também tem um valor fundamental na devoção “às meninas das covinhas”, no município de Rodolfo Fernandes/RN. Para a pesquisadora Irene Van den Berg Silva (2010), “a água é usada como veículo de taumaturgia e participa intensamente das práticas do imaginário local [...] torna-se uma das principais ofertas, seja em cumprimento de promessas, seja no mero ato de visitar o lugar [...] também é extraída, pois os frequentadores consideram-na milagrosa” (SILVA, 2010, p. 63).

Como São Sebastião é o santo protetor contra a peste, a fome e a guerra e em Portugal também se relaciona à saúde, a água benta que fica ao lado do seu altar tem um poder de cura, recebe toda energia do santo. A água é também um elemento simbólico durante o ritual do novenário. Por isso, muitos devotos aproveitam o período da festa para receberem todas as graças do santo, até mesmo com a ingestão da água. Todas as formas de manter o vínculo e o contato com São Sebastião são válidas para os devotos. Em 2013, os devotos bebiam e também aproveitavam para encher garrafas de plástico com a água do pote. Quando acabou a água da jarra de barro, algumas devotas passaram a encher seus vasilhames com a água dos jarros de flores que adornavam a imagem de São Sebastião.

Temos aqui o conjunto de elementos que envolvem a comunicação, suas linguagens e seus fluxos no novenário da festa de São Sebastião. A comunicação dos devotos, padre e agentes pastorais que estão envolvidos com a realização da festa do padroeiro do bairro do Alecrim se faz de forma marcante no período que antecede o novenário com as pré-novenas, nas noites do novenário e na procissão. Ao longo desse período os devotos afetivos e que não estão vinculados à estrutura paroquial também desenvolvem um processo de comunicação através de um sistema que envolve várias linguagens e elementos simbólicos presentes em cada momento das comemorações do santo protetor e amigo. Estamos chegando ao dia mais festivo, mais movimentado e envolvente, que é o dia da procissão de São Sebastião, data do que se comemora e festeja o seu martírio. Este último momento é o que passamos agora a analisar e discorrer, ou seja, a procissão do santo pelas ruas do bairro do Alecrim e a multidão de devotos, formando um “mar vermelho e branco” que invade o asfalto, as calçadas, as portas das casas e sacadas de primeiro andar para homenagear o mártir que a cada ano mobiliza e agrega milhares de devotos que expressam uma relação da mais íntima demonstração de que é o santo protetor contra a fome, a peste e a guerra de todos os anos.

5. A COMUNICAÇÃO, SUAS LINGUAGENS E SEUS FLUXOS NA FESTA – A PROCISSÃO

O dia 20 de janeiro é o dia mais concorrido na paróquia de São Sebastião. É o dia da festa de seu padroeiro. A movimentação começa logo no início da manhã e torna-se intensa à medida que se aproxima a hora do cortejo com a imagem do santo percorrer as ruas do bairro. O mais importante para o devoto numa festa de um santo padroeiro é o momento de participar da procissão. É a “festa dentro-da-festa” como afirma Mary Del Priore (2000). É a força coletiva mais expressiva do devoto. É ali que se percebe a dimensão da força, da relação que existe entre o devoto e o santo. É a expressão mais viva e coletiva desse vínculo carinhoso e afetivo que o devoto tem com o seu protetor e intercessor. O santo que permanece o ano todo no altar de sua casa (igreja), desce para visitar os devotos em suas casas no período da pré-novena e, no seu dia especial, dia de São Sebastião, é a vez de o devoto sair de sua casa para se encontrar com o seu santo que sai às ruas, caminha junto com seus seguidores numa demonstração de adesão, numa relação íntima e afetiva de devoção, numa expressão de intensa comunicação que aflora em linguagens simbólicas projetadas no espaço coletivo do cenário da rua.

Essa prática que continua presente em várias dioceses, em centenas paróquias, em inúmeras comunidades e pequenos povoados com suas capelas dedicadas a um santo protetor pelo Brasil a fora vem desde o período colonial e se estendeu por todo o período da Idade Média na Europa. Grande parte do que nossos cortejos conservaram e ainda mantêm de maneira ressignificada e contextualizada no tempo presente nas tradições festivas dos santos padroeiros são oriundos de Portugal. As procissões se caracterizam como um momento ímpar onde a comunicação, suas linguagens e seus fluxos estão presentes de modo mais intenso, num movimento que torna-se impossível ao pesquisador apreender toda a dinâmica presente.

5.1. As procissões: expressões no Brasil e em Portugal

“As procissões constituem um dos elementos mais importantes da devoção popular brasileira” (AZZI, 1978, p. 134). A sua herança veio de Portugal com a chegada dos colonizadores e com os padres religiosos da Companhia de Jesus, os jesuítas. Mas as procissões eram práticas devocionais antigas. Há ainda o fato de que “as procissões e as festas religiosas são as atividades urbanas mais antigas do Brasil” (PASSOS, 2002, p.36).

Pierre Sanchis (1992) destaca que no ano 675 (século VII) a hierarquia oficial da Igreja Católica já estimulava as procissões com a participação de bispos caminhando a pé pelas ruas carregando relíquias para expressar publicamente a devoção a um determinado santo. Não se tem registro de quando começaram a surgir as primeiras procissões, mas talvez a raiz dessa prática religiosa popular tenha sido decorrente das peregrinações que os devotos faziam às catacumbas de santos martirizados, aos seus túmulos já nos primeiros séculos do cristianismo e que, posteriormente, estes locais se “tornaram igrejas, santuários e lugares de peregrinação e festejos” (GUTTILLA, 2006, p. 22). Assim, a procissão é uma forma de “[...] ligar o trajecto do signo sagrado aos caminhos da vida quotidiana dos homens [...]” (SANCHIS, 1992, p. 120). É uma expressão comunicativa pública de uma devoção. A procissão também representa “a própria religião com a própria igreja em marcha” [...] “a base do modelo processional das festas é o deslocamento, base do processo de simbolização desde os primórdios da colonização” (AMARAL, 2001, p. 31 e 51).

Quando Pierre Sanchis (1992) estuda as romarias portuguesas ele aborda as procissões como sendo um elemento que integra e faz parte da peregrinação a um determinado lugar para relembrar a memória de um santo ou a uma festa de patrono, no nosso caso, festa de padroeiro. “Todas as grandes festas municipais tiveram a sua procissão [...]” (SANCHIS, 1992, p. 122). A diferença é que a romaria é uma iniciativa do devoto em ir visitar um determinado santuário e a procissão, um ritual organizado pela hierarquia oficial da igreja ou do poder público. E tem uma estrutura fixa, padronizada e hierarquizada. Ele descreve os elementos do cortejo: “Santo Sacramento, relíquias, estátuas, estandartes, pessoal e clero oficiante e as representações dos diversos corpos [...] corporações de ofício, [...] oficiais [...] irmandades” (SANCHIS, 1992, p. 121). Oliveira (1984, p. 278) acrescenta que “a entrada da procissão vinha a parte profana – os mestres com suas bandeiras e figurações [...] comunidades e pessoas de relevo social [...] a bandeira da localidade e a hóstia fechando o cortejo”. O mastro é outro elemento que está presente em algumas festas de santo. O mastro

de São Sebastião é um elemento simbólico na festa no município de Olivença, na Bahia. Estes elementos simbólicos continuam presentes nas procissões dos dias atuais. Hoje esta estrutura está mais flexível e se acrescentam novos elementos que têm significados importantes dentro do contexto de cada realidade nas procissões que são realizadas em várias localidades pelo país afora. Na procissão de São Sebastião no Alecrim, o cortejo é formado pelos coroinhas, alguns seminaristas, a equipe dos Ministros da Eucaristia, a Legião de Maria e o Apostolado da Oração. As duas organizações levam também as suas bandeiras e estandartes e a cruz processional. O padre sempre vai acompanhando a procissão dentro do carro de som. Os padres convidados e os políticos ou militares não integram o cortejo da procissão de São Sebastião. O bispo geralmente celebra a missa de encerramento, embora não participe da procissão. Quando o cortejo retorna para a igreja matriz ao final da tarde, ele já se encontra no altar montado no espaço da Avenida 9 aguardando para dar início à celebração de encerramento das festividades de São Sebastião. São poucos políticos que seguem o cortejo, entre eles alguns vereadores que têm alguma atividade religiosa na Igreja (Ubaldo e Franklin Capistrano). Geralmente alguns políticos aparecem quando a procissão já está retornando para a igreja (ex-governadora Vilma de Faria), vereadores, deputados (Hermano Moraes, Hugo Manso, Márcia Maia) e um senador que está sempre presente nos cortejos em Natal (Garibaldi Filho).

As devoções aos santos que se consolidaram nos primeiros séculos da era cristã, aos poucos foram se configurando como estruturas mais livres, organizadas pelos próprios devotos e que, de certa forma, eram controladas pela hierarquia oficial da igreja para evitar os excessos de alegria, o sincretismo e as expressões mais lúdicas no espaço da procissão:

“Aos poucos a liturgia cristã se tornou cada vez mais padronizada essencialmente estática, localmente havia culto de mártires da Fé. [...] No Cristianismo Medieval, todavia, houve um forte crescimento do devocionismo leigo público, dinâmico. [...] A veneração privada e pública de falecidos santificados entrou profundamente na vida litúrgica e devocional da Igreja, tanto oriental quanto Ocidental” (PETERS, 2008, p. 231- 232 e 236).

No Brasil, com a vinda dos colonizadores portugueses, instaurou-se o sistema do padroado, ou seja, época em que “o governo de Portugal exercia sua função de “proteção” sobre a Igreja Católica, religião oficial e única permitida na nação” brasileira (HOORNAERT et all, 1983 p.162). E com os religiosos vieram também as práticas devocionais. Mas o governo português tinha o controle sobre tais práticas religiosas. Ao longo da história brasileira, as “peregrinações, procissões e festas de santos não raras vezes foram controladas,

proibidas ou apenas toleradas, contra a vontade, por parte da hierarquia religiosa” (MAGALHÃES, 2002, p. 147). Depois que foi extinto o sistema do padroado no Brasil, as procissões ficaram exclusivamente sob a responsabilidade da hierarquia oficial da Igreja Católica. Este fortalecimento das procissões foi estimulado na Idade Média pelo Concílio de Trento (1563).²⁶ Este Concílio promoveu uma reforma no culto das devoções populares que vinha crescendo cada vez mais. As mudanças foram ocorrendo e repercutiram de forma mais acirrada com o Concílio Vaticano II (1962) que estimulou mudanças nas práticas devocionais e novas devoções, “em substituição às tradicionais [...] através do controle das festas dos santos” (MAUÉS, 1995, p. 77).

Del Piore afirma que “as procissões foram instituídas no Brasil desde o governo de Tomé de Souza, com a chegada dos Jesuítas” [...] cujo “objetivo era atrair índios e edificar colonos”. Consta que no ano de 1549 a cidade de Salvador já realizava procissões (DEL PRIORE, 2000, p. 22). Para Azzi (1978, p.137), o grande apogeu das procissões foi durante o Ciclo do Ouro, entre os séculos XVII e XVIII. E elas entraram no formato de festas religiosas, segundo José Ramos Tinhorão (2006). Elas serviam para disciplinar e controlar as populações. No início, as procissões eram obrigatórias e buscavam se colocar contra as práticas e ritos pagãos. No período das “janeiras”, festejos da chegada do ano novo, aconteciam os rituais de feitiçaria, realização de sortilégios e previsões (DEL PRIORE, 2000, p. 26). E a hierarquia oficial da Igreja Católica combatia essas práticas. No período do Brasil colônia, para se conseguir um número considerável de devotos participando de uma procissão era preciso obrigar “a presença dos moradores a menos de uma légua da vila ou cidade em que se fizesse uma procissão, sob as ameaças de prisão e ainda pagar uma quantia de mil reis” (PASSOS, 2002, p. 37).

Havia muitas procissões pelo Brasil afora. Elas aconteciam geralmente para finalizar uma festa que era celebrada em homenagem a um santo que se tornava padroeiro de uma vila, povoado ou cidade. Aos poucos foram incorporadas ao calendário civil. Só para se ter uma ideia, no início do século XIX “havia no Brasil 35 dias santos e 18 feriados civis” (Passos, 2002, p.37). Entre essa quantidade de festividades religiosas católicas do país “as principais dessas festas [...] no decurso do ano cristão, são as dos padroeiros das freguesias, dos Santos Reis, São Sebastião [...] dos Santos Patronos das irmandades [...] e dos santos juninos Santo Antônio, São João Batista e São Pedro” (AZZI, 1978, p. 107-108). As procissões eram

²⁶ Concílio é uma reunião de todos os bispos da Igreja Católica do mundo inteiro para tratar de questões relevantes para a doutrina da igreja. O Concílio de Trento foi uma resposta à Reforma impulsionada por Martinho Lutero, Calvino e outros reformadores a partir de 1545.

realizadas com itinerários significativos, cantos e ladainhas pelo caminho (Ibdem, p. 30). As irmandades e confrarias eram as responsáveis pelas procissões e algumas vezes se transformavam em “competição de recursos e de superioridade econômica e social de seus membros” (Ibdem, p. 31). Todas estas festas religiosas foram impostas aos habitantes do país, índios e posteriormente aos negros escravos vindos da África, pelos colonizadores que passaram a administrar o país, com o apoio da Igreja Católica.

Foi o Concílio de Trento que fez com que a importância das festas religiosas crescesse. Havia Procissões em tempos de morte e peste “[...] para afastar tempestades e em tempo de penúria e fome, sendo as irmandades e confrarias responsáveis pela organização e participação nas festas religiosas e procissões” (DEL PRIORE, 2000, p. 24). Há registros de 1549 do Padre Manoel da Nóbrega relatando à Companhia de Jesus em Roma a realização de procissões solenes [...] de São Sebastião, padroeiro contra a peste, a fome e a guerra [...]” (DEL PRIORE, 2000, p. 29). Na região Norte do Brasil também a devoção a São Sebastião teve “um grande crescimento, provavelmente em razão da epidemia de varíola (MAUÉS, 1995, p. 78). As procissões eram manifestações de rua com blocos carnavalescos formados por crianças indígenas. Eram muitos cortejos realizados no espaço da rua. Todos eles estimulados pelos jesuítas: procissão das Onze Mil Virgens, procissão das Cinzas ou da Penitência; procissão do Triunfo da Cruz de Cristo; procissão dos Fogaréis, procissão do Senhor da Cruz; procissão de Corpus Christi (TINHORÃO, 2006, p. 22-24). E ainda: procissão do Senhor Morto ou do Enterro. Outras procissões foram acrescentadas e outras caíram em desuso (AZZI, 1978, p.137).

A pesquisadora Lea de Freitas Perez ressalta em seu artigo “Breves Notas e Reflexões Sobre a Religiosidade Brasileira” que “as ordenações do Reino fixavam em quatro o número de procissões anuais, às quais era obrigatório comparecer: a São Sebastião (janeiro), Corpus Christi (maio ou junho), a visitação (julho) e do anjo da guarda (julho)”.²⁷ Em 1707 o arcebispo de Salvador D. Sebastião Monteiro da Vide publicou um decreto estabelecendo três tipos de procissões que tinham a permissão oficial de se realizar: as procissões organizadas pelos padres e religiosos, as procissões organizadas pelas irmandades religiosas; e as procissões organizadas pelos poderes públicos. A Procissão de São Sebastião era organizada pelo Senado da Câmara (AZZI, 1978, p. 135).

Para as camadas populares, [...] os rituais católicos [...] eram também canal de comunicação e sociabilidade [...] e a compreensão que os diferentes segmentos sociais têm da

²⁷ Ver texto em www.antropologia.org.br/arti/colab/a8-lfreitas.pdf. Acesso realizado em 26.03.2013.

procissão faz com que eles a vivam de forma específica (DEL PRIORE, 2000, p. 96). Era comum também nas festas, novenas e procissões do século XVII a presença da música, da dança e dos fogos de artifícios, das máscaras, bandeiras, carros alegóricos, decoração nas ruas, com tecidos e flores são apropriados diferentemente pelas diversas camadas da população (DEL PRIORE, 2000, p. 46).

[...] Danças e fantasias, figuras do desfile e carros alegóricos, os ritmos e harmonias profanas invadem a tela bem comportada da comemoração original e, embora estejam articuladas como o todo oficial, cada uma dessas manifestações tem vida própria e significado peculiar (DEL PRIORE, 2000, p. 43).

O pesquisador Riolando Azzi (1978, p. 135) identifica no Brasil pelo menos quatro tipos característicos de procissões que eram realizadas nos primeiros séculos da colonização portuguesa e estimuladas pelos padres jesuítas: “[...] procissões organizadas pelos religiosos” [...] “pelas irmandades e procissões organizadas pelos poderes públicos” e [...] “algumas procissões particulares promovidas por devotos a um santo de sua devoção [...]”. Dentre várias procissões que se realizavam no país, “as procissões da Semana Santa são consideradas as mais importantes no calendário católico” (AZZI, 1978, p. 135). A de Corpus Christi também era muito concorrida.

Hoje a iniciativa das procissões fica a cargo dos padres que estão à frente de suas paróquias e santuários. Mas os devotos de um determinado santo continuam a fazer suas pequenas procissões e caminhadas religiosas saindo de suas casas para uma determinada capela ou entre as casas dos próprios devotos: nas novenas do Natal em Família no mês de dezembro, na Campanha da Fraternidade durante o período da Quaresma (logo após o carnaval até o início da Semana Santa), novenas dedicadas a Nossa Senhora durante o mês de maio, procissão dos Ramos na Semana Santa, e em algumas celebrações dedicadas a um santo protetor da comunidade: por exemplo, na pré-novena de São Sebastião, os devotos faziam a procissão com a imagem de uma casa para outra para que o santo pudesse pernoitar até a outra noite de novena ou quando retornam atualmente para a igreja matriz em procissão na noite de abertura do novenário da festa do padroeiro. Hoje não existe mais a procissão organizada pelos devotos no período da pré-novena porque são os coordenadores que conduzem as imagens de uma casa para outra logo após o término da novena em uma determinada casa do devoto.

No momento em que a celebração religiosa ganha a rua através da procissão, os diferentes grupos “[...] vão introduzindo sua festa dentro da festa oficial e lentamente se

apropriando dela, transformando-a, vivendo nela sua própria utopia, seus valores, gestando a cultura popular brasileira [...] os eventos dentro da alegre reunião começam a ganhar independência” (DEL PRIORE, 2000, p. 33 e 43). É aqui que a Procissão ganha espaço, a festa na rua cresce e a Igreja, percebendo o sentido profano das festas, trata de banir das festividades religiosas, embora o aspecto econômico pese para a sustentação do culto religioso. No entanto, “[...] a capacidade popular de inventar, reinterpretar, selecionar” continua fazendo com que as procissões se mantenham e se apresentem como espaço da liberdade criativa e comunicativa dos devotos que seguem o santo pelas ruas da cidade. As procissões são, ao mesmo tempo, “fenômenos comunitários e hierárquicos” (DEL PRIORE, 2000, p. 23).

Em Portugal, alguns elementos significativos das procissões presentes naquele país ora são semelhantes, ora completamente distintos das práticas culturais do campo religioso brasileiro. Cada realidade ressignifica e reinterpreta a cultura e as tradições. As características das procissões, cortejos e marchas populares que ocorrem durante as festividades de rua, quer de caráter religioso ou cívico são diversificadas. Portugal é um país de várias devoções populares, mas difere das práticas devocionais do Brasil porque a capacidade de inventar, ressignificar e adaptar tais práticas se processa numa dinâmica e num ritmo completamente diferente que aflora numa expressividade mais criativa. No mês de março, por exemplo, durante a Semana Santa de 2013, acompanhei o cortejo que acontece na quinta-feira ao final da tarde pelas ruas da cidade de Braga. Mais do que um ritual, o cortejo se caracteriza como uma performance, tanto na concepção de Turner que vê o drama social passível de uma atuação e constitutivo de uma comunicação no processo social no cotidiano (2005 e 1987) como em Zumthor (1997, p. 254 e 260) “comunicação da vida” [...] e “uma construção sociocultural”, em que os cidadãos encenam um momento da vida de Cristo. Os moradores da cidade se tornam os atores e passam a dramatizar e a representar nos moldes de um espetáculo teatral o momento religioso da igreja.

No Brasil também durante a Semana Santa acontecem alguns cortejos semelhantes aos de Portugal, como por exemplo, em algumas cidades de Minas Gerais com a procissão do Fogaréu, procissão dos encapuzados. Em várias paróquias também ocorrem procissões do domingo de ramos, a procissão do encontro com as imagens de Jesus carregando a cruz, e a de sua mãe Maria em outro andor, além da procissão do Senhor Morto, logo após a liturgia da paixão de Cristo na sexta-feira, além de várias encenações da Paixão de Cristo em vários estados do país.

“Gestos, roupas, cenário [...] se projetam no lugar da performance” [...] “O espaço é suporte de símbolos” (ZUMTHOR, 1997, p. 216-217). Com fantasias e trajes que representam e caracterizam as vestimentas da Idade Média, algumas pessoas maquiadas e com adornos (pulseiras, braceletes e brincos), tochas antigas que iluminam o caminho, homens encapuzados, estandartes, tudo numa atmosfera medieval, fazem um cortejo em torno de trinta minutos percorrendo as ruas do centro de Braga. Todos assumem um semblante carregado de sofrimento e dor. Não há falas, o discurso é através do gestual, do ritmo, da expressão corporal e da linguagem não-verbal que comunica no ato performático. “Cabe ao corpo modalizar o discurso, explicitar o seu intento” (ZUMTHOR, 1997, p. 207). O percurso feito pelas ruas da cidade representa o trajeto realizado por Jesus antes de ser crucificado. A plateia é formada em parte por moradores da cidade e em parte por dezenas de visitantes e turistas de vários países da Europa. Durante o cortejo as pessoas permanecem o tempo todo em silêncio profundo, apenas observando e fotografando. Escuta-se apenas o barulho da madeira dos estandartes e das cruzes arrastando pelo chão da rua, os cascos dos cavalos que evoluem a trotes lentos e, ao final do cortejo, apenas o som cadenciado da banda municipal da polícia militar com um toque característico de marcha fúnebre. Revive-se uma atmosfera do passado. O cortejo sai da Catedral da Sé percorre algumas ruas da cidade e retorna para a Catedral. A única parte do cortejo que não há encenação ou representação teatral é a procissão com o Santíssimo Sacramento, conduzido pelo bispo local e acompanhado pelos padres da cidade como último grupo que segue logo após o desfile dos artistas populares moradores de Braga.

Diferentemente do que acontece no Brasil, a festa de São Sebastião é comemorada em Lisboa entre os meses de abril e maio (do dia 29 de abril ao primeiro domingo de maio, “dia da mãe” em Portugal). A festa de um dos patronos da cidade de Lisboa - uma vez que também são considerados patronos lisboetas São Jorge, São Vicente, Santo Antônio e Nossa Senhora da Saúde -, tem uma programação que engloba o *novenário* exclusivamente com missas todas as noites, sem nenhuma temática específica como acontece no Brasil e a *procissão* pelas ruas da cidade. Nossa Senhora da Saúde assumiu o lugar que antes era de São Sebastião como a que defende os lisboetas contra a fome, a peste e a guerra. Inclusive no espaço da igreja matriz, ela tem um lugar de destaque. A imagem da santa permanece durante o ano no altar lateral direito da nave principal da igreja e o santo, na sacristia. A procissão é organizada de forma diferente das outras procissões que acontecem em Lisboa. Existe uma separação entre os devotos e o andor do santo. Quem faz parte da Irmandade de Nossa Senhora da Saúde e de São Sebastião permanece distante do santo, isolado por barreiras formadas de grades de metal que são montadas no trajeto da avenida principal que dá acesso à igreja matriz. A procissão

percorre as ruas do centro da cidade até chegar certo ponto quando os devotos têm que parar porque não é mais possível avançar por causa das barreiras. Quando se aproxima da igreja matriz, a população se aglomera nas calçadas e não acompanha mais o cortejo. Por sua vez, a procissão que continua sua marcha até a igreja matriz é formada pelas imagens de São Sebastião, Santo Antônio e Santa Bárbara, seguidas de uma representação dos devotos da Irmandade com suas bandeiras e estandartes e vestindo trajes nas cores brancas e casacos amarelos. Depois vêm os padres e seminaristas e o bispo com o Santíssimo Sacramento, e atrás dos representantes da Igreja Católica os militares em trajes de gala e uma representação de famílias da alta sociedade. Ainda em uma lateral da avenida um pelotão da cavalaria militar e em cima de um cavalo a imagem de São Sebastião em trajes militares romanos. Por fim, o andor com a imagem de Nossa Senhora da Saúde entra imponente na avenida, conduzido por um grupo de militares que carrega nos ombros a santa e é acompanhado pela banda marcial da corporação militar, sob o aplauso dos devotos. O movimento dos soldados é no ritmo e no passo cadenciado de uma marcha militar. Em 2013, o presidente do país (Cavaco Silva) esteve presente no cortejo da procissão. Um detalhe interessante: ao final da procissão, as imagens entram no interior da igreja de costas, com a frente das imagens sempre voltadas para o público que acompanha o movimento de longe. Depois que a procissão termina, a igreja é fechada e ninguém tem acesso ao seu interior. As portas só se abrem no dia seguinte para a visita pública.

A outra procissão é na festa de Santo Antônio, no mês de junho. Na igreja matriz de Santo Antônio de Lisboa ocorre a trezena (treze dias de novenas), sob a responsabilidade dos padres capuchinhos. A igreja também é considerada um santuário por receber milhares de peregrinos vindos de diversos cantos do mundo durante o ano inteiro para visitar a casa do santo, que fica embaixo da igreja e sua relíquia que permanece ao lado do altar-mor. O santo português é conhecido como Santo Antônio de Pádua, lugar da Itália onde morreu, mas os portugueses advogam que é Santo Antônio de Lisboa, por ter nascido na capital do país. A festa do santo também é diferente das novenas celebradas no Brasil. Não há um conteúdo temático durante as noites de novena e nem aparecem outros padres convidados para o novenário. A missa é tradicional do estilo europeu sem a inserção de cânticos durante a celebração. Em cada dia, pelo menos dois padrinhos ou madrinhas são anunciados, responsáveis em colaborar com a manutenção das obras sociais da congregação (casa de idosos e outro para crianças). No dia da procissão e todas as terças-feiras se distribui para os devotos os pães de Santo Antônio. A Congregação dos frades capuchinhos desenvolve também um trabalho social nas ruas de Lisboa com a distribuição de sopas no período da

noite para quem mora nas ruas da cidade velha através da organização de outro santo capuchinho, conhecido no Brasil como frei Fabiano de Cristo, cujos restos mortais se encontram no Convento Santo Antônio, no Rio de Janeiro (MENEZES, 2004, p. 193).

A procissão de Santo Antônio é diferente ainda do cortejo que percorre as ruas lisboetas com as imagens de São Sebastião e Nossa Senhora da Saúde. Embora conserve a formação básica da estrutura hierarquizada da procissão como descreveu Pierre Sanchis (1992): imagem do santo, o Santíssimo Sacramento, os estandartes das corporações, o clero, as corporações e irmandades, os militares e por fim os devotos. A imagem do santo e o ostensório (peça onde é colocada a hóstia consagrada – Corpo de Cristo) seguem sempre à frente e, em seguida, se preserva o espaço do poder religioso dos bispos, padres, diáconos, freiras e das ordens religiosas e instituições leigas (irmandades) durante o trajeto pelas ruas da cidade. O andor é seguido pelos militares, depois pelos representantes do poder civil e da alta sociedade lisboeta e por fim os devotos seguem o cortejo pelas ruas íngremes de Lisboa. É interessante perceber que os padres sempre pedem aos devotos que não ultrapassem o andor, que sigam sempre atrás do santo. Na procissão de São Sebastião, no Alecrim, os devotos sempre se adiantam à imagem do santo, quebram a formalidade e não seguem o formato do cortejo tradicional.

No início da procissão, enquanto se organiza o cortejo que sai da Catedral de Lisboa, o povo permanece isolado por barreiras de grades de metal. As vestimentas que se destacam são as das organizações religiosas com seus capuzes. Depois que sai o andor e o cortejo com as representações hierárquicas, por volta das cinco da tarde, as grades são abertas e os devotos seguem de perto o santo. Centenas de pessoas tomam conta das ruas estreitas e das ladeiras apertadas da cidade. Outras observam nas calçadas ou janelas e sacadas de suas casas e apartamentos com ornamentos de flores, santos e colchas brancas penduradas. Subir e descer ladeiras no mês de junho atrás da procissão de Santo Antônio, caminhar com os peregrinos devotos, olhar e perceber que elas se organizam dentro de uma lógica de uma igreja tradicional triunfalista da Idade Média, diferente do que ocorre no Brasil. Perez (2010, p.13) que também fez essa trajetória em Lisboa durante o seu doutorado sanduíche, percebeu que nas procissões mantém-se “alguns elementos fixos, como por exemplo, os andores [...] o estandarte [...] a ala dos anjos [...] a cruz processional, as irmandades, com seus estandartes”. Só depois é que o povo devoto segue e acompanha a procissão com suas velas acesas em plena luz do sol da tarde, carregando pequenas imagens do santo nos braços, com suas flores brancas e lírios simbolizando a pureza do santo. O percurso segue com algumas rezas entrecortadas pelo compasso da banda em ritmo cadenciado e a passos lentos.

Ainda durante o percurso subindo e descendo ladeiras íngremes, há momentos de silêncio e cânticos religiosos que são acompanhados pelo som da banda marcial dos militares num ritmo cadenciado e constante. Ao final da procissão há a saudação do bispo no pátio da Catedral, enquanto que no interior da igreja matriz de Santo Antônio a movimentação é grande: devotos que chegam perto da imagem pintada do santo num grande quadro para obter uma graça. No entanto, há uma barreira que impede o contato direto do devoto com o quadro do santo. Em outros momentos fora do período da procissão, os devotos tocam a imagem do santo sem nenhuma dificuldade. São os agentes pastorais que recebem os objetos e tocam na imagem em nome do devoto: ramos de flores, carteiras de identidade, carteira de cédulas, fotografias de parentes e familiares, chaves de carros e de residência e outros objetos de uso pessoal são levados pelos agentes para serem encostados no vidro que protege o quadro do santo. Tudo acontece de forma rápida para dar vez a outros devotos que também querem participar do momento de fé. Percebem-se ainda entre a moldura da imagem pedaços de papel, bilhetes endereçados ao santo pedindo uma graça ou comunicando um agradecimento. Há também aqueles devotos que aproveitam para visitar a casa onde nasceu Santo Antônio, rezar, pedir uma graça ou agradecer um milagre alcançado. A antiga casa do santo fica no subsolo da igreja matriz.

Do lado de fora da igreja há um espaço para que os devotos acendam velas para o santo e joguem moedas para cair na mão da imagem do santo que fica em uma estrutura elevada de metal. Dizem os devotos que se alguém consegue jogar uma moeda e cai em cima da mão aberta do santo, alcança-se uma graça. Todos os anos, no dia 13 de junho, dia de Santo Antônio de Lisboa, ocorre a cerimônia de casamento coletivo com a participação de diversos noivos. Os casamentos são dedicados ao santo, considerado um santo casamenteiro. Em 2013 foram seis (06) casais que comemoram 50 anos de casados na Igreja e 12 noivos se casaram na Catedral da Sé ao meio dia do dia 13 de junho. À noite os casais desfilam pelas ruas do centro de Lisboa integrando a programação das Marchas Populares de Lisboa, que homenageia Santo Antônio, São João e São Pedro, embora seja uma festa cívica. No pátio da igreja de Santo Antônio ainda no dia da procissão monta-se um pequeno comércio para vendas de imagens coloridas do santo, velas, flores e pequenas lembranças para os devotos levarem para suas casas como recordação da festa do santo português e venerado em várias partes do mundo e inclusive no Brasil.

O outro cortejo que difere completamente das duas procissões apresentadas aqui se refere às “Marchas de Lisboa”. São as marchas cívicas sem a interferência da Igreja Católica, mas que ressaltam a memória dos santos populares dos lisboetas: Santo Antônio, São João e

São Pedro. Segundo Ferreira (2008, p.155), o regime liberal que se implantou em toda a Europa e, podemos dizer também em Portugal principalmente com o período da revolução política, promoveu “novas formas de inscrição da festa no espaço público, concebendo-a como ritual cívico [...]”. A Empresa de Gestão de Equipamentos e Animação Cultural – EGEAC, que pertence à estrutura pública municipal da cidade de Lisboa é a responsável pela organização das Marchas dos Santos Populares, bem como de outros eventos de rua ao longo do ano.

Quando chega o mês de junho a cidade se mobiliza para as “*Festas de Lisboa*”, inspiradas nos Santos Populares: Santo Antônio, São João e São Pedro, além das famosas “sardinhadas” (festival de sardinhas assadas na brasa) nos bairros antigos da cidade (Alfama, Mouraria, Bairro Alto). Vive-se um momento que não é apenas para inglês ver, mas para qualquer cidadão lisboeta ou turista que esteja circulando pela cidade. As ruas se enfeitam de bandeirinhas, guirlandas coloridas e ficam intransitáveis à noite por causa de tanta gente circulando por lá. As janelas das casas se ornamentam com papéis coloridos e cada bairro se mobiliza para as famosas Marchas Populares. É uma festa-espetáculo que foi oficializada como “o modelo festivo dos Santos Populares” na década de 30 do século passado durante o período de ditadura fascista de Salazar, mas que tem registros testemunhados por vários cronistas e por viajantes estrangeiros que passaram por Lisboa ainda no século XVIII (CORDEIRO, 1997, p. 231-232).

As Marchas Populares têm dois momentos. Uma competição que acontece no espaço fechado de um ginásio (Arena Meo), com apresentações das agremiações dos bairros para o julgamento de um grupo de jurados. Parece um desfile carnavalesco de escolas de samba do Brasil, mas o ritmo não é de samba, mas sim de marcha militar. No entanto, em 2013 foi convidado um membro de uma escola de samba do Rio de Janeiro para montar a coreografia e evolução da agremiação de um dos bairros na avenida. Durante três dias, os moradores dos bairros lisboetas vão ao Oriente, bairro onde se encontra um espaço cultural chamado “EXPO’98” e mais recentemente “Arena Meo”, para prestigiar e torcer por sua comunidade. A entrada para assistir ao espetáculo custa o valor de seis euros, o equivalente a dezoito reais no câmbio de junho de 2013. Os moradores dos bairros vão torcer pela sua comunidade vestindo camisetas nas cores de sua agremiação e com frases que incentivam os integrantes das Marchas Populares de Lisboa. O que entra em julgamento: melhor coreografia, cenografia, figurino e a melhor performance no desfile na avenida. Também são avaliadas as melhores letras das músicas, os arranjos musicais e a originalidade nas composições. No ano de 2013 foram 20 agremiações que participaram das Marchas Populares. A equipe vencedora

das marchas foi do bairro de Alfama. Cada equipe recebeu da administração pública municipal o montante de oito mil euros para ornamentação das agremiações e confecção das alegorias.

O outro momento das Marchas de Lisboa acontece na rua, onde a população vai assistir gratuitamente ao desfile em uma das principais avenidas do centro da cidade (rua da Liberdade). A cada ano, os bairros se apresentam com uma temática específica. Nem todos os bairros de Lisboa participaram do evento. Em 2013 participaram as agremiações representando os seguintes bairros de Lisboa: Alfama, Alto do Pina, Bica, Marvila, Bairro Alto, Madragoa, São Vicente, Alcântara, Beato, Santa Engracia, Mouraria, Castelo, Ajuda, Graça, Belém, Lumiar, Benfica, Carnide, Olivais e Penha de França. A estrutura das equipes é sempre com um número definido de 48 componentes em cada grupo, sendo formado por 24 homens e 24 mulheres. O grupo musical também é composto por um número limitado, ou seja, oito integrantes que tocam instrumentos de sopro e de percussão no mesmo ritmo de marchas militares. Cada bairro escolhe sua madrinha e o seu padrinho da marcha.

O colorido das fantasias, flâmulas, bandeiras e estandartes identifica cada agremiação que está participando. Azul claro com rosa é Belém, preta é Marvila, verde e laranja é São Vicente, verde limão é Alcântara, verde e branco é Beato, amarelo e vermelho é Benfica, cada um demarcando a identidade do seu bairro. Além das cores que embelezam o desfile, as comunidades trazem um tema que caracteriza todo o cenário e as roupas dos integrantes: o bairro de Alfama campeã de 2013 apresentou o tema “Al Hamma, gentes de trabalho”, que fala sobre passado e presente do bairro de origem moura; em segundo lugar ficou Alto do Pina com o tema “A chegada dos portugueses à China”. Um grupo de Macau foi se apresentar na festa dos santos populares de Lisboa. Alguns bairros falaram da sua realidade e da cidade de Lisboa (Belém, cais da partida; Benfica, suas histórias e tradições; Beato, um mercado de Beatos; Carnide, 100 anos a criar teatros; Mouraria, escola do fado; Bairro Alto, quinhentista do jornal e do artista).

Outros temas se concentraram em torno do imaginário do passado com as alegorias que mostram reis e rainhas, palácios imperiais com suas festas e danças, dos soldados espadachins, carruagens e tronos, das naus do descobrimento, dos marinheiros, da mitologia grega dos deuses do mar. Em algumas agremiações, as imagens dos santos populares Santo Antônio, São João e São Pedro aparecem nas alegorias, nos arcos e até em alguns momentos do desfile chegam a quebrar o ritmo para dar mais evasão ao lado religioso, provocando no ambiente um clima de silêncio e respeito, durante a encenação do cortejo da procissão do santo padroeiro e de Bom Jesus dos Passos que carrega a sua cruz. Outras agremiações de

bairro valorizaram mais o aspecto de Lisboa, cidade dos reis, rainhas, da corte imperial com suas carruagens, salões de festa, ou mesmo a saga dos grandes navegadores que se aventuraram mar afora em busca de novas terras e novas riquezas, como aconteceu com o Brasil.

Mesmo numa sociedade em permanente transformação e permeada pelos fluxos migratórios, pulsa latente no imaginário social lisboeta uma visão tradicional de uma sociedade marcada pelo tempo do império e do cenário religioso expressos nas Marchas Populares que se pode olhar e perceber no desfile de 2013, tanto no espaço da “Arena Meo”, no Oriente, como na avenida principal de acesso ao centro de Lisboa. Os noivos que participaram da cerimônia religiosa casando-se na Catedral da Sé no dia 13 de junho, dia de Santo Antônio, também integraram o desfile das Marchas dos Santos Populares pela Avenida da Liberdade, num gesto de incorporação do religioso à festa cívica da cidade. Embora a hierarquia oficial da Igreja Católica em Portugal esteja desvinculada do Estado, os devotos tentam manter essa aproximação de alguma forma nas Marchas dos Santos Populares de Lisboa.

Existe ainda nos cortejos cívicos de rua em Lisboa, o Festival de Máscaras Ibéricas, que acontece no mês de maio. É um ritual cívico que relembra as festas populares profanas, as tradições e as crenças do universo pagão. Trata-se de um desfile que envolve vários grupos fantasiados com suas máscaras e trajes característicos vindos do norte e centro de Portugal, além de cidades da Espanha e de outros lugares da região Ibérica da Europa. Uma volta ao passado, ao tempo da Idade Média com todo o imaginário de lendas e monstros com sons estridentes de chocalhos, charangas com seus batuscos embalados ao som das gaitas escocesas, fantasias de feiticeiras, representações do diabo e de animais assustadores, de um imaginário que traz as reminiscências de um passado distante.

Outras procissões também acontecem em Lisboa e que fazem parte do calendário católico da cidade, como é o caso da devoção à Nossa Senhora de Fátima que apareceu a três crianças filhas de pastores na cidade de Leiria em meados do século XX, além da procissão de Corpus Christi e tantas outras dedicadas a inúmeros santos da devoção do povo português e que não estão na tradição da religiosidade popular brasileira.

Alguns elementos presentes na linguagem simbólica das festas religiosas no Brasil são decorrentes da tradição religiosa e cultural portuguesa que veio junto com os colonizadores e com os padres jesuítas: bandeiras, máscaras, cortejos, danças, músicas, instrumentos musicais, objetos do ritual religioso antigo (pálio, ostensório, velas, incensos, ex-votos, vestimentas com suas cores e que identificam os grupos e as organizações dentro da igreja, imagens dos

santos e outros símbolos da religiosidade católica popular). Mas a realidade cultural brasileira trata cada vez mais de ressignificar os elementos da tradição religiosa, se atualizar no contexto da realidade espaço-tempo próprios e incorporar novos símbolos, construir novas linguagens simbólicas e significativas para expressar uma forma de comunicação na festividade dedicada a um santo da tradição popular.

Durante o período de permanência em Lisboa buscamos identificar e perceber os elementos simbólicos constitutivos das linguagens comunicativas que foram incorporadas pelas tradições advindas de Portugal e aquelas que foram elaboradas em terras ameríndias descobrindo as conexões entre a festa no Brasil dedicada à São Sebastião, especificamente localizada em um bairro da cidade de Natal, e as tradições populares das festividades públicas e religiosas em Portugal. Toda essa oportunidade vivida proporcionou um olhar mais aguçado para identificar a riqueza dos processos comunicativos que se elaboram e se expressam no trajeto da procissão de São Sebastião pelas ruas do bairro do Alecrim. Neste sentido, a procissão torna-se um espaço privilegiado para as camadas populares expressarem sua comunicação com o santo, uma mediação mais livre, autônoma e que, de certa forma, está desvinculada da comunicação oficial da Igreja Católica. Este é um espaço para compreender os diversos processos comunicacionais que podem ocorrer no contexto da festa.

5.2. As linguagens simbólicas e comunicativas na procissão de São Sebastião

O dia amanhece e a cidade acorda cedo. Em pouco tempo as pessoas começam a sair de suas casas para mais uma jornada rotineira de tantos e variados afazeres. A rua vai se tornando cada vez mais movimentada e invadida por carros no asfalto e transeuntes nas calçadas em direção aos pontos de ônibus e estações do trem urbano em alguns bairros da cidade. Para uns trata-se de mais um dia comum, igual aos outros dias de rotina. Para outros não. É dia 20 de janeiro, dia do santo padroeiro São Sebastião. Dia de festa. Dia de devoção. Dia de sair de casa vestido de vermelho ou branco em homenagem ao santo protetor. É dia de caminhada. É dia de procissão. Não importa se é domingo, feriado ou dia comum da semana: o que importa é o dia do santo e o compromisso de festejar, celebrar e homenagear aquele que protege o devoto na caminhada da vida. Acompanhar a imagem de São Sebastião pelas ruas do bairro é um gesto, uma forma de comunicar e expressar coletivamente a relação mais íntima e afetiva com o santo padroeiro e protetor de milhares e milhares de devotos.

A casa do santo já está pronta para acolher cada devoto que chegar para o grande momento da festa. O convite já foi feito antecipadamente desde o período da pré-novena e mais fortemente durante todas as noites de novenário. Alguns devotos tem guardado na memória o dia do santo. Agora o padre dá o sinal de que **a festa começou!** Na noite de véspera o padre ainda falou: “venham todos vestidos de vermelho para a procissão. Natal toda vai se encontrar no Alecrim para homenagear São Sebastião”. Antes da primeira missa, o marco inicial das atividades religiosas do dia principal da festa do santo começa com a alvorada onde há uma queima de fogos para avisar e comunicar aos paroquianos que a data é de comemoração e de que a casa do santo vai estar movimentada o dia todo. E após o final de cada celebração das missas ao longo do dia há sempre uma queima de fogos de artifícios para homenagear o santo padroeiro e lembrar ao devoto de que a festa está acontecendo no espaço da paróquia.

A utilização de fogos de artifícios no período das festas religiosas não é de hoje, mas já era uma prática comum no século XVII. Foram os padres jesuítas que vieram de Portugal e introduziram as festividades religiosas na vida cotidiana da colônia. Por sua vez, tais festividades eram fiscalizadas pelo poder público. Os fogos de artifícios estavam presentes nas práticas religiosas e devocionais. Consideradas uma “tradição de Portugal, ela era a alegria das romarias e das procissões. Sua origem é a China, onde constituía características sagradas e profanas” (DEL PRIORE, 2000, p. 38). A queima dos fogos de artificios era feita sempre no início dos festejos, durante os cortejos e no encerramento das procissões. Era uma forma de comunicação. Era um elemento simbólico de destaque na festa religiosa. “Mídia eficiente para iluminar as noites escuras das vilas na colônia [...]” (DEL PRIORE, 2000, p. 40). Para Maués (1995, p. 488) “todos os elementos da festividade [...] são como que “sacralizados”, por pertencerem também à festa do santo”. O foguetão é um elemento simbólico comunicativo no espaço da festa do santo. É um anunciador do momento. Como a cidade cresceu a sua escuta se torna mais difícil. Só quem mora mais próximo à área da paróquia pode escutar com mais nitidez porque o seu som se mistura ao barulho ensurdecido da cidade. Durante o novenário, o padre incentiva também que os devotos tragam seus fogos de artifícios no dia 20 de janeiro para soltar durante o trajeto da procissão. E muita gente atende ao pedido. Há também quem solte fogos diretamente de suas casas enquanto a procissão segue o seu trajeto pelas ruas do bairro.

Fogos sinalizados, anunciadores da festa, começa então a movimentação dos devotos para o aniversário do santo, dia em que se celebra e relembra a memória do seu martírio, na matriz do Alecrim. Alguns devotos aproveitam logo cedo para passar na igreja de São

Sebastião e fazer a sua obrigação de participar da primeira “missa dos frutos da terra”, antes de ir para o trabalho. Trata-se de uma missa que homenageia os agricultores e estimula nos devotos a solidariedade e a partilha. O padre Campos explica que “nós não estamos em uma realidade rural. Estamos em uma realidade urbana. Não é a pessoa que plantou. Naquele quintal nem tem, mas as pessoas compram e doam. Chega aqui porque alguém plantou, suou com toda dificuldade. É fruto da terra, do trabalho do homem agricultor”. As doações vão servir para o café da manhã que é oferecido aos doentes e idosos que participam de outra missa a partir das nove horas da manhã.

A celebração litúrgica faz parte de uma extensa programação religiosa durante o dia todo em honra ao santo e que tem início todos os anos por volta das seis e meia da manhã. A sequência das missas se estende até o período da tarde, quando o padre dá um novo sinal para os devotos começarem o cortejo da procissão. Na primeira missa do dia em honra ao santo, alguns afilhados e devotos de São Sebastião deixam a sua contribuição no momento do ofertório, ao lado do altar. São frutas e outros alimentos doados por eles e colocados em um grande cesto no ritual celebrativo: banana, inhame, mamão, manga, jerimum, laranja, melão, melancia, uva, maçã, jaca, abacaxi, batata doce e beterraba, leite em pó, além de outros produtos (pães, bolachas, bolos). Até um garrafão de água de cinco litros foi doado para o café da manhã em 2010. Festejar não é só partilhar as alegrias, mas ofertar como presente o que cada um tem para o santo. Tudo vai servir para o café dos idosos e doentes, que é oferecido em outra missa dedicada aos enfermos e idosos da comunidade a partir das nove horas da manhã. Logo após a missa dos frutos da terra, os agentes pastorais já começam os preparativos para o café da manhã arrumando as mesas que são postas no pátio da área térrea da igreja, enfeitando o espaço com flores ornamentais e colocando uma grande mesa com as frutas, sucos, café, leite e outros alimentos que vão servir para todos os devotos que participarem da missa dos “Enfermos”.

A segunda missa tem início por volta das sete e meia, assim que termina a primeira missa do dia. O padre José Cassiano da Silva, da paróquia de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro no bairro das Quintas há alguns anos é sempre o celebrante convidado. Geralmente poucas pessoas participam da celebração. A missa seguinte é a dos “Enfermos”, a partir das nove horas da manhã. Ela é celebrada também todos os anos pelo padre Raimundo Lopes da Silva que pertence à paróquia de São Pedro e é vigário da igreja de Nossa Senhora da Conceição, na Avenida 4 há mais de 20 anos. Ele é integrante da Congregação dos Missionários da Sagrada Família. Nesta celebração muitos idosos, cadeirantes, pessoas com dificuldades para se locomover, deficientes físicos, cegos, gente portando bengalas e muletas

e devotos com outros tipos de doenças participam da missa. Vão sempre acompanhados de outros familiares.

É o dia em que a *vestimenta* adquire uma importância enorme. Na procissão, “a via expressiva privilegiada é a indumentária” (BITTER, 2010, p. 93). Alguns vestem roupas vermelhas, outras brancas, e outros fazem a combinação das duas cores que marcam e caracterizam o santo protetor. Outros devotos ainda ficam com os pés descalços para demonstrar a sua relação afetiva de devoto com o santo numa condição de estar expressando um ato de sacrifício. Os padres também usam paramentos vermelhos nas celebrações do dia. Tudo para dar visibilidade ao simbolismo do momento mais importante da festa do santo padroeiro.

Na liturgia da missa dos enfermos tem um momento em que os padres descem do altar e percorrem a extensão da igreja passando de banco em banco para ungir com óleo os corpos dos doentes, fazendo um sinal da cruz na testa de cada um. O óleo é aquele usado para a “unção dos enfermos”, um dos sacramentos da Igreja Católica. É um gesto simbólico que tem uma força expressiva e comunicativa. É um óleo utilizado no ritual para pessoas que estão doentes e com risco de morte: força e proteção. A unção serve para dar forças e ajudar na recuperação do doente. Utilizava-se o óleo antes das guerras para que o inimigo não pudesse agarrar o soldado na hora da batalha. No ritual tem um significado atualizado para quem recebe o óleo. Ao final da liturgia os padres fazem a contagem de quantas pessoas foram unguidas. Em 2010 foram 440 devotos que participaram da celebração. No ano seguinte o número superou a casa de 500 devotos que foram unguidos. É um momento em que os adeptos de São Sebastião, principalmente os mais velhos buscam a proteção do seu santo. Assim, “cada ritual tem seu modo específico de inter-relacionar símbolos” (TURNER, 2005, p. 63). Após a missa todos descem para área do pátio onde é servido o café da manhã com as ofertas que foram doadas na primeira missa do dia dedicada a São Sebastião. Para o padre Campos nessa missa:

“a gente procura mostrar que a festa é um gesto de solidariedade. É também um gesto de partilha. As pessoas trazem suas doações, repartem o que têm. E essa missa vai dar o sentido de que os doentes recorrem a São Sebastião para que ele possa curá-lo de suas doenças. Ele é invocado como o protetor contra a fome, a guerra e a peste. A gente identifica hoje a peste como as pandemias, as doenças endêmicas, as doenças de hoje. Então, nós colocamos a missa dos frutos da terra como um gesto de partilha, de solidariedade e São Sebastião invocado para defender das doenças”

Às onze horas tem início a terceira missa solene dedicada todos os anos a comemoração de criação da paróquia. Em 2009 foi o aniversário de 60 anos. Em 2011, estaria

fazendo 62 anos de criação da paróquia e a missa seria celebrada em honra aos padres que passaram fazendo a história da paróquia, mas durante a celebração não houve menção de nenhum padre antigo que tenha passado por lá. Como na época (2009) ainda não estava realizando a pesquisa de campo, não deu para verificar se a participação dos devotos naquele ano foi relevante porque nos anos que se seguiram, ou seja, de 2010 até 2013, período de realização do trabalho de campo, a celebração teve pouca participação dos devotos, paroquianos e agentes pastorais. Parece até um pouco deslocada do contexto do dia festivo pela quantidade de presentes, embora o motivo seja plausível: aniversário da paróquia. Um número muito reduzido talvez se explique também por causa do horário, quase ao meio dia, hora do almoço. Outra explicação seria a pouca divulgação e comunicação nas noites de novena para motivar a participação dos devotos de São Sebastião. Além do mais, mesmo que seja a celebração do aniversário da paróquia, a comemoração mais importante do dia é o aniversário do santo. Por outro lado, desde o Concílio de Trento realizado no século XVI que a Igreja Católica passou a valorizar com mais empenho a devoção popular aos santos com um maior investimento voltado para os ritos sacramentais, com ênfase no culto eucarístico (missa), conforme também ressalta Guttilla (2006). No entanto, muitos devotos não supervalorizam o lado sacramental. Participar da procissão no dia de homenagem ao santo já é o grande motivo para ir à igreja.

Depois da missa do meio dia, as portas de entrada que dão acesso ao pátio interno da igreja fecham-se para dar início aos preparativos na arrumação do andor de São Sebastião. O andor com o santo é colocado todos os anos em cima de um caminhão do Corpo de Bombeiros para percorrer as ruas do bairro em procissão, por volta das quatro horas da tarde. Mas antes de ser transportado para o carro, um grupo de agentes pastorais da paróquia começa a enfeitar o andor montado no pátio térreo da igreja: folhas de samambaias, flores com destaque para as brancas e vermelhas, embora se utilize flores de outras cores. As duas cores principais dão visibilidade à pequena imagem antiga que sai todos os anos no cortejo. Em 2013 a imagem que seguiu na procissão não foi a antiga imagem que fica no período do novenário no pátio térreo da igreja. Foi uma imagem emprestada de outra paróquia que subiu no carro do Corpo de Bombeiros. Em 2014, o padre adquiriu uma nova imagem, maior do que a que permanece no interior da igreja matriz, no altar de destaque. Por sua vez, a antiga imagem que todos os anos é adornada e colocada no andor, não saiu na procissão. Foi a nova imagem do santo que percorreu as avenidas em cima de uma camioneta de um devoto. O carro dos Bombeiros desta vez também não conduziu o andor com a imagem de São Sebastião. Simbolicamente a presença dos soldados militares do Corpo de Bombeiros tem um

significado comunicativo, já que se relaciona à condição do santo que também foi soldado da guarda romana imperial. Quando os agentes pastorais terminam de ornamentar a imagem do santo, fica-se esperando a hora de levar o andor até o carro de bombeiros e dar início à procissão.

Enquanto isso, a penúltima missa é celebrada no segundo expediente do dia, por volta das três horas: a “Missa dos Peregrinos”. É no horário da tarde que o fluxo de devotos começa a ocorrer e se intensifica à medida que vai se aproximando a hora da procissão. O altar principal da igreja é todo enfeitado com flores naturais, com destaque para a cor vermelha. Toalha e até velas vermelhas ornamentam o altar-mor da igreja. Por volta das três da tarde é o momento em que muitos devotos já estão presentes dentro da igreja matriz, e também do lado de fora, no espaço da rua esperando a hora da procissão começar a circular pelas ruas do bairro. O sol quente impede que as pessoas se aglomerem em todo o espaço da Avenida 9. Os devotos se concentram nas calçadas do lado onde há sombra, em frente à igreja matriz. Eles aguardam enquanto os guardas de trânsito não interrompem o fluxo de veículos que circulam até às quatro da tarde. Quando fecha a rua os devotos tomam conta do espaço.

A aglomeração se concentra desde a porta de entrada, nas escadas que dão acesso à igreja e no meio da rua esperando a hora da imagem do santo subir no carro do Corpo de Bombeiros para iniciar a procissão. Mas alguns devotos chegam cedo para participar da “missa dos peregrinos”. Enquanto parte dos devotos fica do lado de fora, dentro da igreja outros devotos participam da liturgia. É uma celebração que prepara os devotos para a procissão. Muitas pessoas aproveitam para colocar as suas comunicações no espaço das intenções da missa. São diversos nomes de pessoas devotas que já morreram e são lembradas nesta hora integrando-se à memória do “glorioso mártir São Sebastião”. É também um momento em que o interior da igreja fica lotado, bem como o pátio térreo. O movimento é intenso. Um entra e sai de devotos. Uma profusão de formas simbólicas vai aparecendo, ganhando visibilidade como fluxos expressivos de uma linguagem comunicativa que o devoto estabelece com o santo. São “múltiplos planos simbólicos e que utiliza todos os meios de expressão para aparecer o valor desse simbolismo” (AMARAL, 2001, p. 17).

É aqui que o corpo assume um papel fundamental. Torna-se o suporte de toda comunicação. Expressa numa linguagem também construída, que Pierre Mayol (1996) considera suporte de todas as mensagens (voz, gestos, formas de se vestir e objetos), carregado de simbolismos e elementos de uma mensagem implícita nessa forma de comunicação. O corpo viabiliza uma performance no espaço da festa. E a “performance é uma instância de simbolização: de integração de nossa relatividade corporal na harmonia cósmica

[...] de integração da multiplicidade das trocas semânticas na unicidade de uma presença” (ZUMTHOR, 1997, p. 157). Ele desempenha uma função social. Começa desde o momento em que o devoto sai de casa até chegar ao interior da igreja matriz e depois ganha a rua novamente no meio da procissão. “As modalidades espaciais, o lugar, podem interferir nas performances” (ZUMTHOR, 1997, p. 161). A concentração de devotos dentro e fora da igreja é um motivador das ações. A movimentação na igreja estimula atos comunicacionais dos devotos com o santo porque é um momento de grande relevância, efervescência da fé e importância para quem está presente esperando para participar da procissão. O clima vai contagiando aos poucos os devotos que chegam de vários lugares da cidade. Como Turner (2005) interpreta os símbolos no ritual, podemos perceber que a força da ação simbólica incorporada em cada um torna-se foco de interação entre os devotos. Estão presentes no cenário local as três propriedades do símbolo ritual: *condensação* que representa muitas coisas e ações, *unificação* e *polarização*, que apresentam significados diversos, todos em sua estrutura corporal (TURNER, 2005, p. 59).

Por exemplo, em 2010 chamou a atenção momentos antes da imagem de São Sebastião sair do pátio da igreja e ir para cima do carro do Corpo de Bombeiros, uma senhora chegou perto da imagem, pegou um pouco da água que estava na jarra próxima ao pequeno altar no pátio e jogou em cima de outra devota. Molhou sua cabeça e passou pelos braços. Em seguida colocou a mão na cabeça da que recebeu a água e rezou alguma oração em silêncio. Depois vieram mais duas pessoas para receber a bênção e oração daquela mulher. Em uma delas a mulher que rezava colocou a mão em cima dos olhos depois de passar água benta nela. Na outra fez uma oração com a mão em cima do ombro. Talvez a mulher fosse uma “rezadeira, benzedeira ou curandeira” que os devotos já a conhecesse. “O gesto [...] produz figurativamente as mensagens do corpo. O gesto se define assim como (enunciação) [...] o corpo enuncia um discurso” (ZUMTHOR, 1997, p. 206; 207). A mulher passa a ser uma intermediadora da ação do santo.

Figuras 50, 51, 52 e 53 – Mulher reza algumas pessoas e passa água benta pelo corpo antes da procissão.



Fotos: Hércio Pacheco

Como em 2013 a imagem antiga de São Sebastião permaneceu no pátio interno da igreja e não foi colocada para o andor da procissão houve uma grande afluência onde a imagem permaneceu no pequeno altar. Uma série de gestos comunicativos com o santo se desenvolveu antes da procissão seguir o seu trajeto. Em 2010, uma senhora trouxe um arranjo de flores artificiais vermelhas em uma cesta feita com palitos de picolé. Era um presente para o santo. Outra devota trouxe uma vela que queima durante sete dias para acender e oferecer orações a São Sebastião. Alguns devotos colocavam fitas vermelhas no braço do santo como promessa ou agradecimento, tocam na cabeça, nas pernas e no corpo dele e fazem oração. Outra devota com idade avançada pegou um galho de rosa e enquanto rezava, tocava a

imagem com o galho, o mesmo gesto que uma benzedeira faz no corpo de uma criança ou adulto quando está curando.

Para cada devoto, o mesmo gesto pode conter significados diferentes. Os gestos complementam a palavra. Existem os gestos “descritivos (miméticos) e os sociais, que são convenções e, portanto, eles carregam em si um enunciado, um código, um discurso modalizado pelo corpo” (ZUMTHOR, 1997, p. 206). Algumas mães devotas levam seus filhos diante da imagem como se estivesse apresentando ou oferecendo a criança ao santo. Outras chegam com fotografias, documentos pessoais, galhos com flores e encostam a vários pontos da imagem de São Sebastião. Em 2011, uma devota chegou perto da imagem do santo que estava no pátio interno da igreja, levantou a mão com uma cédula de dois reais, ficou em frente ao santo em silêncio mostrando o dinheiro para ele como se estivesse ofertando. Fez uma oração e em seguida depositou a quantia no cofre de madeira em cima do pedestal. Outra senhora também seguiu o último gesto da devota e fez também a sua doação para o santo. Mais uma devota se apresentou diante do santo. Ela trazia na bolsa fotos de tamanho 3x4 cm de três jovens, sendo dois rapazes e uma moça. Talvez fossem filhos ou sobrinhos. Encostou as fotos nos pés do santo e rezou por alguns segundos e em seguida passou as fotos na barriga do santo ainda em oração silenciosa. Talvez pedindo a proteção do santo diante de tantos casos de violência e a questão das drogas que atingem e envolvem tantos jovens em Natal. Mais devotas fizeram o mesmo gesto tocando na perna do santo encostando fotografias. Outra devota se aproximou da imagem e ergueu a mão direita enquanto que na esquerda se encontrava dois pequenos vidros contendo água. Outra devota encostou um objeto na perna do santo, ao qual não consegui identificar o que seria.

Na festa de São Sebastião não é comum os devotos deixarem ex-votos que representem o pagamento de uma promessa através de representações das partes do corpo de uma pessoa que alcançou uma graça ou ficou curada de alguma doença. O padre Valdemar Fernandes relatou que antigamente, logo quando ele chegou à paróquia, os devotos levavam objetos em cera e em madeira para deixar na igreja para o santo como pagamento de uma promessa feita. Mas a igreja, na época, não tinha estrutura para organizar um espaço específico como existem em alguns santuários e igrejas do Brasil e de Portugal (casa dos milagres ou casa dos ex-votos). O padre ressaltou que os objetos que eram deixados na igreja passavam por um processo de incineração (queima) das peças votivas. Depois caiu no desuso e os devotos não levaram mais para a igreja. A prática dos ex-votos data do século XII (SANCHIS, 1992, p. 95), mas nos centros urbanos de hoje não é tão comum quanto no século passado. No santuário de Santa Rita de Cássia inaugurado a poucos anos, no interior do

Estado, existe um espaço específico para receber as doações dos ex-votos dos peregrinos que vão lá pagar promessa. Curiosamente, em 2010, no altar de São Sebastião, que fica no pátio do andar térreo da igreja, um devoto ou uma devota deixou uma boneca de plástico em cima do altar ao lado do santo. Talvez tenha sido como pagamento de promessa (ex-voto). Pelo menos foi a única vez que presenciei tal gesto durante a festa do padroeiro.

Se não há ex-votos, pelo menos existem outras formas simbólicas para expressar os vínculos dessa relação afetiva com o santo, mesmo que não seja especificamente o pagamento de uma promessa. Uma senhora negra chamou a atenção pela vestimenta: vestido vermelho e branco com lenço dourado brilhoso na cabeça cobrindo os cabelos. Trazia enrolado no braço um terço, colares no pescoço, brincos nas orelhas e anéis nos dedos. O momento é especial, é um dia solene, exige um traje mais adequado e que represente ou simbolize a importância da situação vivida. A roupa mais arrumada, o enfeite mais exuberante, o “traje de gala”, como se dizia antigamente “a roupa da festa” é uma forma de expressar o tipo de imagem apresentável que se deve ter para com o anfitrião, o aniversariante do dia, no espaço da festa. Uma devota usava um vestido vermelho e um lenço da mesma cor cobrindo os cabelos da cabeça, o que era muito comum antigamente às mulheres usar um véu cobrindo a cabeça quando entravam na igreja. Outra senhora ingressou no interior da Igreja carregando nos braços uma criança toda vestida de vermelho. Não é um traje comum do dia-a-dia de uso de uma criança. É uma espécie de túnica para se apresentar diante do santo e expressar o agradecimento por uma graça alcançada. Estilo de roupa que caracterizava uma beata ou beato que se consagrava a um determinado santo, e muito utilizada pelos devotos que vão às romarias pelo Brasil afora. Várias crianças também chegam para a procissão, vestidas dessa maneira.

Uma senhora chegou já no final da celebração acompanhada de outra pessoa e ficou na porta de entrada da igreja. Ela estava vestida com um short branco e uma blusa vermelha. Trazia na cabeça um lenço vermelho e estava enrolada com um tecido vermelho no formato de uma bandeira. Ela disse que está vindo pela segunda vez à procissão de São Sebastião para agradecer a cura de uma irmã que teve câncer de mama. A irmã estava presente vestida toda de branco pagando com ela a promessa feita a São Sebastião. Elas são devotas do santo, mas moram no bairro das Rocas. Duas devotas estavam distribuindo aos participantes da missa uma rosa vermelha feita de papel seda e uma bandeirinha de tecido (tnt) nas cores vermelha e branca. Faz parte do pagamento de uma promessa que fizeram a São Sebastião.

Vários devotos entram descalços no interior da igreja para suas orações e agradecimentos enquanto a celebração continua acontecendo e depois vão seguir também no trajeto da procissão. Andar descalço no asfalto quente seguindo o andor do santo é uma forma

de penitência ou cumprimento de uma promessa feita ao santo. É também uma ação comunicativa. Em outros lugares de devoção as pessoas pagam suas promessas percorrendo um trajeto de joelhos.

Um senhor de idade avançada estava com o corpo coberto com uma bandeira vermelha e uma frase que dizia: “um santo para o terceiro milênio”. O corpo é um lugar simbólico, por si só comunica algo. Para Zumthor (1997, p. 162) “a sacralidade se interioriza, e se camufla em simples especialização”. O corpo, dessa forma, integra ao ritual e sua performance projeta um sentido, explicita uma linguagem nãoverbal de um enunciado, “denunciando o não dito” (ZUMTHOR, 1997, p. 205) que se faz presente no instante em que todo fluxo comunicacional se direciona para o momento da procissão.

O movimento vai ficando cada vez mais intenso à medida que chega a hora da procissão. Muita dificuldade para se locomover no interior da igreja. São muitas coisas acontecendo ao mesmo tempo e chamam a atenção do pesquisador para aguçar o olhar e descobrir em cada detalhe, em cada movimento, em cada rosto, em cada gesto fragmentos de um discurso, de um conteúdo comunicativo através de seus fluxos e linguagens que vai sendo elaborado no decorrer do cortejo pelas ruas do bairro para demonstrar os vínculos que existem entre o devoto e o santo tão venerado na cidade. A procissão está prestes a sair. Devotos acenam suas bandeiras acima das cabeças, pessoas se abraçam no encontro e reencontro da procissão. “O gesto [...] produz figurativamente as mensagens do corpo. O gesto se define assim como (enunciação)” (ZUMTHOR, 1997, p. 206). Do lado de fora da casa do santo, a movimentação também já é intensa sob o sol escaldante da tarde. Dezenas de pessoas vão chegando ao mesmo tempo na Avenida 9, descendo a rua, saindo de vários lugares, vielas e becos, dos carros que encostam, dos ônibus que ainda circulam pela rua. Todos vão se concentrando em frente da igreja matriz. A maioria com seus trajes vermelhos e brancos, com suas camisetas que identificam o santo padroeiro e que foram vendidas nos anos anteriores durante o novenário. Carregam na mão também suas bandeirinhas e flores. Muitas famílias chegam participar do momento festivo em honra a São Sebastião. Começa a se configurar a onda vermelha que vai invadir as ruas do bairro.

Ainda do lado de fora da igreja enquanto a procissão não sai muitos vendedores ambulantes também vão chegando, se aproximando e se posicionando nas beiras das calçadas, no meio da multidão que começa a se aglomerar em frente da igreja matriz aguardando a hora de sair a procissão pelas ruas do bairro. Estão ali por outro motivo. Não é a devoção ao santo, mas por causa da devoção de milhares de pessoas e da procissão que congrega muita gente, tentam ganhar uns trocados vendendo os seus produtos: churrasquinho, água mineral, água de

coco, refrigerante, cachorro quente, pipoca, picolé, milho cozido e assado, algodão doce, confeitos e balas de diversos sabores, além de terços e imagens de santos em pedaços de madeira ou plástico, escapulários, imagens de São Sebastião em gesso, bonecas de pano, bolas de encher que têm diversos formatos e cores diferenciadas, brinquedos coloridos e com jogos de luzes que piscam. Vendem-se também banquinhos pequenos de madeira com assentos acolchoados de pano, barquinhos coloridos contendo dentro de sua estrutura castanha de caju assada e farinha de milho doce (fubá), entre outros alimentos. Outra senhora vendia flores naturais. Nesta hora a hierarquia da igreja não tem nenhum controle sobre a comercialização que é feita durante o período em que ocorre a procissão. Diz Agier (2011, p. 188) que “a rua é o espaço da liberdade da festa”, mas também de inventividade, de sociabilidade e de apropriação. A agitação já é marcante no espaço público da rua. Os carros de som, que vão acompanhar a procissão, também já se posicionam e os grupos de música que vão animar o cortejo também testam os instrumentos e controlam o nível de som. E essa agitação vai continuar assim até o encerramento da festa com a celebração da última missa do dia.

5.3. Os processos de comunicação no trajeto da procissão de São Sebastião

“Olha lá vai passando a procissão/
que nem cobra se arrastando pelo chão./
As pessoas que nela vão passando/
acreditam nas coisas lá do céu/ [...]”.
Música de Gilberto Gil intitulada “Procissão”.

Os devotos de São Sebastião acreditam no poder milagroso e na força atuante do seu querido padroeiro. A quantidade de devotos impressiona pela presença maciça da tonalidade vermelha e branca que toma conta das ruas do bairro do Alecrim estabelecendo uma visão panorâmica que se forma parecendo uma onda vermelha num mar de gente que caminha e peregrina cadenciadamente num movimento que avança e chama a atenção dos moradores que saem de suas casas, de seus comércios para ver a passagem do cortejo que acompanha o santo padroeiro. É o santo da devoção popular. A procissão de São Sebastião é uma das mais concorridas de Natal e o seu crescimento vem se configurando ao longo dos anos. Na época em que o padre Valdemar Fernandes B. de Pinho deixou a paróquia em 1993, segundo relata,

na última procissão da qual participou, o levantamento feito pela Polícia Militar calculou em torno de dez mil devotos. No ano de 2009, participaram da procissão 20 mil devotos. Em 2010, durante o primeiro ano da pesquisa, já com o padre José de Freitas Campos à frente da paróquia a quase 20 anos, o número de pessoas que participou da procissão naquele ano foi de aproximadamente 30 mil devotos. Em 2013 a estimativa foi de que a procissão mobilizou em torno de 45 mil devotos. A cada ano ela vem crescendo e se destacando no cenário da cidade do Natal. É interesse de o padre inserir a festa de São Sebastião na programação do calendário turístico da cidade, uma vez que atrai muita gente e devotos que já viveram no bairro e hoje se encontram em várias cidades do país e retornam a Natal e ao seu bairro de origem no período da festa. “É a procissão que mobiliza o maior número de pessoas, extrapolando as fronteiras geográficas [...]” (DOSSIÊ IPHAN, 2006, p.71). E não importa qual o dia da semana que venha cair a data de comemoração do santo padroeiro. O devoto está marcando presença. Em 2010, o dia da procissão foi na quarta-feira, em 2011, foi na quinta-feira, em 2012 na sexta-feira e em 2013, no domingo. Este ano (2014), o dia 20 de janeiro caiu na segunda-feira. E uma multidão acorreu para participar da procissão em homenagem à São Sebastião.

Figura 54 – Concentração dos devotos em frente à igreja matriz antes da procissão.



Foto: Hécio Pacheco

A concentração é sempre em frente à igreja matriz na Avenida 9. São dezenas de pessoas descendo a ladeira da Avenida 9 ou saindo da Avenida 5 para a grande concentração. O horário de a procissão sair é tradicionalmente por volta das quatro e meia da tarde. A

multidão já se aglomera pronta para caminhar em volta do carro que vai transportar a imagem do santo padroeiro. Nas calçadas e no meio da rua os devotos ficam esperando o cortejo sair. E o movimento das pessoas já chega perto do cruzamento da Avenida 9 com a Avenida 4. O padre, em 2013, antes da saída da procissão perguntou ao povo quem estava vindo da Zona Norte, das Zonas Leste, Oeste, Sul e especificamente do bairro do Alecrim. A grande maioria era do bairro do Alecrim, da Zona Norte, da Zona Leste e Oeste. Ninguém levantou o braço indicando vir da Zona Sul. Depois o padre se posicionou dentro do carro de som. Os representantes das pastorais, movimentos e organizações da igreja já estão enfileirados para começar o trajeto. A equipe de canto também se encontrava em cima do carro de som. Quando o andor com a imagem de São Sebastião saiu pela porta da frente da igreja em direção ao carro do Corpo de Bombeiros era o sinal de que a procissão iria seguir pela avenida. Os devotos aplaudiam e gritavam: “viva!”, à colocação da imagem de São Sebastião em cima do caminhão do Corpo de Bombeiros. Os foguetões também anunciam o momento da movimentação. Há dificuldade para o carro fazer a manobra porque as pessoas se comprimem em torno dele. Os devotos querem ficar perto do santo. Alguns tocam no carro como se ele fosse uma extensão e tocassem na imagem do santo enquanto o cortejo começa a seguir o seu trajeto pelas ruas do bairro.

A procissão começa ao som da música do santo padroeiro e dos fogos de artifícios. Como diz Daniel Bitter (2010, p.51) “a música é a linguagem da interação dominante”. É ela que mobiliza e contagia os devotos a caminhar levantando suas bandeirinhas vermelhas e brancas, a movimentá-las de um lado para outro ao ritmo de um samba que motiva várias pessoas a dançar, a mover o corpo no meio da avenida de maneira que o som do “instrumento e a música tornam-se [...] um canal de comunicação, uma língua de certo modo, comum” (BITTER, 2010, p. 15). Como numa só voz, a procissão segue alegre cantando e subindo a Avenida 9 no ritmo da música:

“salve o nosso santo preferido/, São Sebastião querido/ mora em nosso coração/.
Força, fé e amor/ e a esperança em Cristo Redentor/ e não bastou/... Não, não, não,
não, não/ uma flecha não bastou/ pra calar a sua voz/. São Sebastião,/ São Sebastião
rogai por todos nós” e repete o final do refrão (livro de cântico de 2010).

Figura 55 – Procissão de São Sebastião pelas ruas do bairro do Alecrim.



Foto: Hécio Pacheco

Grande parte do percurso é animado pela música do santo, entrecortado por momentos de silêncio, rezas, pequenas reflexões, conversas paralelas entre os devotos e outros cânticos que são entoados pelas equipes de música que se encontram em cima dos carros de som (ministério de música). O padre procura manter todos os anos, pelo menos, quatro carros de som ao longo do trajeto. Um carro fica próximo ao andor de São Sebastião, que é animado pelo padre. Os outros carros seguem vêm logo atrás do carro do padre dividindo a extensão do cortejo para que todos os devotos possam acompanhar o que está sendo veiculado nas caixas de som, de forma padronizada, em todo o conjunto da procissão, desde o seu começo ao fim da multidão que toma conta das ruas do bairro. No entanto, a estratégia não funciona muito bem porque não existe uma sintonia no que está sendo cantado, rezado ou falado. Por causa da distância entre os veículos, os devotos não conseguem seguir e escutar um único discurso. Às vezes, enquanto o padre está rezando, o outro carro está cantando a música do santo, o outro faz uma reflexão e o outro já está numa estrofe mais avançada da música que está sendo tocada no primeiro carro, tornado-se uma poluição sonora por causa da mistura de sons. De vez em quando também se diz algumas frases para os devotos repetirem: “Com Jesus no coração, saudamos São Sebastião”, “Viva São Sebastião!”. Embora a Arquidiocese de Natal tenha uma emissora católica (Rádio Rural) nas mãos de empresários do grupo Canção Nova de Cachoeira Paulista, São Paulo, ela não consegue transmitir a procissão de São Sebastião. O padre fala que é uma dificuldade criar uma sintonia do que está sendo comunicado durante a

procissão: “a gente não conseguiu formar uma cadeia, uma transmissão única para todos os carros de som como a experiência de Mossoró”.

A experiência da procissão de Santa Luzia que sai no dia 13 de dezembro, em Mossoró, e que mobiliza mais de cem mil devotos da santa tem uma organização sonora que é exemplar já há alguns anos. Além dos carros de som que acompanham a procissão, em quase todo cruzamento de ruas por onde passa o cortejo, alguns devotos abrem as portas e portamalas de seus carros, inclusive os famosos paredões de som e ficam sintonizados na emissora católica (Rádio Rural de Mossoró) transmitindo o que está sendo comunicado em todo o trajeto da procissão da santa. E ainda podem fazer uma comunicação entre os padres que permanecem no pátio da Catedral animando quem não segue a procissão, com os animadores que estão em cima dos carros de som. Até mesmo nas calçadas, enquanto passa o cortejo de Santa Luzia, alguns devotos colocam seus equipamentos de som de suas casas nas calçadas e aumentam o volume para que todos possam escutar e acompanhar o que está sendo dito durante o trajeto.

Na procissão de São Sebastião em 2010, a situação ficou mais tumultuada porque em um dos carros de som havia um devoto (Maurissom) que cedia o seu veículo para acompanhar o percurso. Ele é um empresário do bairro que vende equipamentos de som usados e tem um carro de som montado que utiliza para esse tipo de evento. Ele fica posicionado em cima do carro também animando o cortejo. Quando o carro dele entra na Avenida 4 grande parte do cortejo já está mais à frente e descendo à Avenida 7. De vez em quando a procissão para. E nessa hora, o devoto (Maurissom), que estava no último carro de som, fala que vai fazer uma homenagem para os pais – embora não fosse ainda a data comemorativa do dia dos pais que ocorre em agosto – e a partir daquele momento passa a veicular músicas de um padre cantor conhecido pelos católicos do Brasil inteiro. Enquanto isso, mais à frente o padre reza uma “Ave Maria” e no outro veículo se escuta o grupo cantando uma das músicas da novena. Há um descompasso entre os carros de som. Depois da música o locutor passa a identificar alguns políticos (um senador e um deputado estadual) que estão no meio da procissão e pede para deixar a política de lado e se voltar para agradecer a São Sebastião. Em seguida usa o microfone para criticar algumas pessoas da coordenação da festa que falaram com ele: “tem muita gente querendo mandar ao mesmo tempo”. Ao que tudo indica foi uma comunicação que veio para interferir no que estava fazendo. Logo depois dessa fala, ele veicula uma música de uma cantora popular (Ivete Sangalo) adaptada para o conteúdo religioso: “E vai rolar a festa.../vai rolar/, o povo de Deus/ mandou avisar [...]” e ainda: “vai sacudir/, vai abalar/ quando o meu Jesus passar/ [...]”. O carro de som já tem uma seleção de músicas preparadas

para cada momento de massa. Em outro carro de som a equipe está cantando a música “Maria de Nazaré”. O carro de Maurissom coloca também ao mesmo tempo a música “Maria de Nazaré”, mas em um ritmo de samba.

A exemplo da situação que ocorreu com a Comissão Missionária Paroquial (COMIPA) relatada no capítulo 3, a estratégia da hierarquia oficial da Igreja Católica para regular os comportamentos que ocorrem durante a festa e que podem ameaçar a estabilidade e o controle é feita de modo muito sutil. Para suprimir os conflitos age com cautela. É uma situação em que “[...] a conexão entre a expressão comportamental do conflito e as componentes normativas de cada tipo de ritual, e de seus símbolos dominantes, raramente é formulada de modo explícito pelos atores” (TURNER, 2005, p. 72). Ou pelo menos se torna camuflada aos olhos dos devotos. Neste sentido, chamou a atenção um carro de som estacionado do lado esquerdo da Avenida 9 durante a procissão de 2011. Tinha uma faixa na lateral de uma Kombi que dizia “São Sebastião, continue abençoando aqueles que foram excluídos de sua festa”. O carro de som pertencia ao empresário conhecido como “Maurisom”, responsável por toda uma atitude individualista e autônoma em relação ao conjunto da comunicação que estava sendo processada durante a procissão de 2010.²⁸ O padre explicou durante a entrevista que

“Maurisom, ele quer fazer a animação e muitas vezes não é a mesma linha da animação do grupo, inclusive os cânticos, enquanto o pessoal está cantando os cânticos de São Sebastião, ele está querendo colocar os cânticos da Renovação Carismática. São cânticos bonitos, populares, mas não é para o momento. A gente não pode excluir ninguém, ele não pode ser excluído, ele é um grande colaborador porque ao longo desses anos ele colaborou muito, deu muito apoio no sentido de música e de carro de som para a procissão” (Entrevista com o padre em 01 de junho de 2012).

Embora o empresário tenha exposto a sua crítica em uma faixa, o resultado não foi satisfatório para ele, pois desde 2011 que não participa mais da procissão colocando o seu carro de som a serviço do cortejo. O controle eclesial sobre a devoção e também sobre as práticas dos leigos no espaço da festa é feita com rigor, sutileza e muita diplomacia. O coordenador paroquial também explica o que aconteceu:

“para que as coisas funcionem, as engrenagens funcionem, voce precisa ter um “certo controle”, organização, comunicação e integração. [...] a gente tentou juntar essas pessoas, as engrenagens que participam dessa grande máquina que é a paróquia, mas algumas pessoas não se integraram. Alguém foi lá [...] e a gente não

²⁸ O empresário também já saiu candidato às eleições municipais de Natal em anos anteriores. Antes tinha uma loja na Avenida Bernardo Vieira, mas mudou-se para a Avenida 9.

teve um retorno nessa integração. Então isso não aconteceu só com ele, aconteceu com outras pessoas também que sempre contribuíram, colaboraram. Eu acredito que o que aconteceu com relação a ele foi mais essa questão de comunicação e de integração naquilo que nós, como articulação estávamos fazendo” (Entrevista com o articulador paroquial em 11 de junho de 2012).

Figura 56 – Procissão de São Sebastião pelas ruas do bairro do Alecrim.



Foto: Hércio Pacheco

A procissão é um espaço mais aberto com possibilidades de criatividade e dinamismo e, por conseguinte, mais democrático, no entanto, não está descartado o controle da hierarquia oficial da Igreja Católica que, desde o início em que a devoção a um santo parta da iniciativa do leigo devoto, ela se apropria e sempre busca manter a hegemonia, normatizar e regular as práticas que ocorrem no espaço da festa e mais ainda durante a procissão quando a rua se torna um espaço mais aberto e autônomo. Como afirma a pesquisadora Renata de Castro Menezes “não há santos sem devotos, nem devotos sem santos”, da mesma forma, a devoção não permanece muito tempo de forma autônoma e desvinculada do controle hierárquico da Igreja Católica. No Rio Grande do Norte temos um exemplo da devoção popular em que atualmente o controle não é da Igreja, que é as “meninas das covinhas” no município de Rodolfo Fernandes, mas ela vai criando as condições para minar de todas as formas os mecanismos que possam dificultar a apropriação da devoção popular. Como o espaço do santuário das “meninas das covinhas” não pertence à estrutura paroquial,

“Serviços como batizado, casamentos, missas e celebrações não são realizadas na capela pelo simples fato de não ser uma estrutura da Igreja, mas figurar em última

instância como um templo particular. Além do aspecto formal de pertença [...] existe uma pública disputa entre o padre que atende no município e Seu Bento, articulador e mantenedor da capela” (SILVA, 2010, p. 81-82).

Para Brandão (2007, p.182) “cada um tem uma forma de envolvimento e participação, como se relaciona com a ordem da igreja e com o corpo oficial de seus agentes”. De um lado pode ocorrer o uso inadequado do espaço religioso e de outro, a tolerância ou intolerância religiosa para determinadas práticas que extrapolam o controle oficial da hierarquia da igreja.

A rua por onde passa a procissão é um território do devoto, um espaço que tem um significado para ele. Turner lembra que “os símbolos rituais são estímulos para a emoção” e eles “[...] estão envolvidos com o processo social” (TURNER, 2005, p. 49 e 60).

Pode-se perceber ainda que o espaço da procissão é também um momento de vivências, de partilhas e relacionamentos que se estabelecem não só com o santo, mas entre os próprios devotos. São inúmeras situações que estão sendo vivenciadas e não dá para apreender todas as coisas ao mesmo tempo no trajeto do cortejo. É preciso escolher, selecionar, delimitar o olhar. Além dos momentos de reflexão, orações e formas diversas dos vínculos com o santo, os devotos também se encontram na procissão para rever amigos, encontrar outros parentes na caminhada, velhos conhecidos e vizinhos de rua que participam todos os anos da caminhada e ainda pessoas da convivência do cotidiano da rua ou do bairro. Chegam a se abraçar e se beijar enquanto caminham, numa atitude afetiva que também é demonstrada ao santo protetor. Percebe-se também que a procissão é a expressão de uma devoção que envolve a família como um todo, tanto aquela que segue o percurso quanto as famílias que ficam em frente às suas casas observando o cortejo passar. E se integram também ao movimento de alguma forma: acenando, soltando foguetões, enfeitando as portas de suas casas, movimentando suas bandeirinhas vermelhas e brancas, fotografando a multidão que se comprime por causa de determinadas ruas que se tornam estreitas para comportar tanta gente que caminha ao mesmo tempo por elas.

Alguns devotos (homens e mulheres e crianças) seguem a procissão com os pés descalços. Descalças também andam na procissão mulheres grávidas. Outros carregam terços na mão e rezam durante o percurso. Outros ainda carregam arranjos de flores naturais ou artificiais, folhas de samambaias, cata-ventos de papel, banners, bandeiras que identificam os grupos aos quais pertence na paróquia (Eucaristia, Mãe Peregrina, Grupo de Jovens “Lançando Redes”). Na procissão de 2010, o padre organizou um momento inusitado que foi a chegada de um helicóptero sobrevoando baixo e jogando da janela pétalas de flores brancas e vermelhas sobre os devotos em homenagem ao santo. Muita gente aplaudiu, gritou e fez

registro fotográfico com suas câmeras ou celulares. Em 2011 esperaram mais uma vez o helicóptero, mas não apareceu. Um senhor com apenas um braço acenava a sua bandeira vermelha. É muito comum também ver alguns devotos carregando nas mãos imagens pequenas do santo padroeiro, como de outras devoções. Uma senhora em 2013 carregava uma pequena imagem de Nossa Senhora Aparecida. Alguns devotos da paróquia portam faixas identificando as organizações às quais pertencem: “Pastoral da Sobriedade”, “Pastoral da Saúde”.

Há ainda os políticos que querem se aproveitar da ocasião para se promover, ganhar visibilidade no espaço público da festa, como foi o caso de um vereador de Natal que em 2013 disponibilizou uma ambulância para o percurso da procissão e que trazia o seu nome com uma foto e em 2014, uma faixa: “o vereador Ubaldo Fernandes deseja aos peregrinos que vieram ao encontro de São Sebastião, um feliz 2014”. A maioria dos políticos que participa das procissões vai com a perspectiva ou com o “interesse” de serem vistos pelas pessoas que integram o cortejo, principalmente em época de eleição, de ocuparem o espaço do altar como um palanque eleitoral, mesmo que a palavra seja facultada apenas aos gestores do município e do Estado. Ao final dos festejos de padroeiro também é comum os padres agradecerem as autoridades alguns serviços: iluminação, palco, controle do trânsito durante todo o percurso do cortejo, impressões gráficas, entre outros serviços e colaborações.

Outros participantes carregam seus cartazes fazendo propaganda das atividades com seus horários respectivos: “oração de cura e libertação no Eremitério em Macaíba”; “é o amor que converte os corações e promove a paz”. E há também quem exponha na porta de casa a bandeira do Brasil. Todo simbolismo ganha sentido, comunica nesta hora.

Figura 57 – Bicicletas que seguem à frente da procissão de São Sebastião.



Foto: Hélcio Pacheco

Há três anos consecutivos que a paróquia de São Sebastião mobiliza uma equipe de ciclistas para participar da procissão abrindo o cortejo que sai da Avenida 9. O grupo de ciclistas é formado por homens, mulheres, jovens e crianças segue à frente de todo o cortejo. Usam capacetes de proteção, coletes na cor verde limão, doados por empresários do bairro e nas bicicletas colocam as bandeirinhas vermelhas com a imagem de São Sebastião. Outros jovens que não fazem parte do grupo também seguem com suas bicicletas sem usar coletes ou outro tipo de proteção, mas enfeitam suas bicicletas com lenços brancos e vermelhos, bolas de encher nas mesmas cores. Alguns devotos também seguem a procissão em suas motos. Todos eles são orientados pelos guardas de trânsito do município de Natal que acompanha a procissão com motos batedores que controlam o fluxo de carros nos cruzamentos principais da avenidas por onde a procissão passa.

Um grupo de quatro devotos se mantinha junto durante o trajeto. Vestia uma camiseta azul e branca e nas costas a identificação de que pertencia à paróquia de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro, no bairro das Quintas. Duas jovens também vestiam uma blusa branca com detalhe azul e uma arte da festa de Santo Antônio, do centro da cidade. Um senhor vestia uma camiseta branca com o nome em vermelho escrito “São Francisco de Assis”. A devoção é partilhada. Embora o devoto tenha outras devoções, não deixa de prestigiar o santo que também protege e advoga a seu favor nos momentos de necessidades. Uma senhora que veio do conjunto Santarém falou que participa da procissão há dois anos. Para pagar a promessa que fez a São Sebastião depois de conseguir se aposentar, o caminhoneiro veio de Florianópolis com a esposa que morou no bairro do Alecrim, vestido apenas com um calção na cor vermelha. De pés descalços, sem camisa, cabelos longos, ele acompanha a procissão pelas ruas do bairro do Alecrim. Quem o motivou foi a esposa que é devota do santo desde o tempo em que morou no bairro. Ele chama a atenção de muita gente que o observa passar na caminhada. Outra senhora do bairro das Quintas vestida toda de vermelho e descalça já vem há quatro anos participando da procissão. Ela disse que alcançou uma graça, “mas não posso dizer qual foi”. Outra senhora vestida de vermelho (M.S.) veio à procissão agradecer pela primeira vez um pedido que foi atendido pelo seu santo protetor. Outra senhora do bairro de Dix-Sept-Rosado gosta de assistir e participar da procissão. Ela fez um pedido a São Sebastião para conseguir vender um imóvel de herdeiro que “há sete anos vem dando trabalho. Venho tentando vender. Se Deus quiser, São Sebastião vai ajudar”. Outra senhora de vermelho e com os pés descalços participa também da procissão há mais de vinte anos. Veio agradecer uma graça alcançada: “São Sebastião é muito bom para mim. Tudo o que eu peço, ele ajuda”. Uma jovem disse que há dois anos ganhou de sua tia uma imagem de São

Sebastião e desde aquele ano vem sempre à procissão e caminha com a imagem do santo nos braços.

É muito comum algumas pessoas levarem seus familiares doentes: uma criança apresentando doença na cabeça (cabeça grande - megacefalia) desde o início da pesquisa em 2010 já participava da procissão em sua cadeira de rodas. Nota-se que está crescendo e ficando adolescente, mas não deixa de seguir o cortejo todos os anos em sua cadeira de rodas. Outra devota com deficiência nas pernas seguia andando de muletas e outros idosos cadeirantes acompanham o cortejo pelas ruas do bairro do Alecrim. Uma devota não estava acompanhando a procissão, mas esperou o cortejo passar em sua cadeira de rodas na esquina da rua que cruza com a Avenida 7. E quando o santo passou por perto, ela começou a chorar emocionada e foi consolada pelo marido. Tem famílias que levam suas crianças empurrando os carrinhos de bebê ou velocípedes, motos e outros brinquedos que conseguem pedalar na rua. Em alguns trechos da Avenida 7, a rua vai se estreitando e a multidão se comprime em toda a extensão da rua, chegando a ocupar as calçadas das casas. Outras pessoas que estão trabalhando em lojas de roupas, cantinas, oficinas mecânicas, bares, lanchonetes e outros pequenos comércios do bairro param para observar a procissão que a cada momento cresce à medida que avança no percurso.

Nos tempos do padre Valdemar Fernandes o roteiro da procissão de São Sebastião tinha um percurso que atingia as seguintes ruas, conforme relata em sua entrevista:

“a gente saía pela Avenida 9, seguia pela Avenida 5, depois pela Avenida 8, entrando pela Bernardo Vieira e depois voltava pela Coronel Estevão (Avenida 9) novamente até chegar em frente à igreja. Havia a missa campal porque a igreja não comportava o povo. E assim se concluía a procissão com a missa e o encerramento da festa”.

Nos anos seguintes, com o crescimento do fluxo de veículos que circulam pela principal via do bairro vindo de vários pontos da cidade, inclusive com um grande volume oriundo da Zona Norte de Natal, o Departamento de Trânsito impôs algumas restrições. Desde o período em que o padre Campos assumiu a paróquia, no ano de 1993, já tiveram que efetuar duas modificações no trajeto da procissão. A primeira modificação aconteceu há alguns anos atrás por força de circunstâncias conforme relata o padre:

“alternamos a saída da procissão da nove, depois da quatro, depois tomamos a seis ou a sete porque a gente viu que a avenida seis havia algumas árvores que impediam a passagem da imagem, fios, árvores, e aí a gente optava pela sete, mas pedindo sempre que se tomasse essa providência. A mudança foi entre a seis e a sete,

somente por conta da fiação da rua e das árvores que impediam que o Corpo de Bombeiros pudesse passar sem criar dificuldades”.

A segunda mudança quem explicou foi o articulador paroquial:

“a gente agora não pode mais ocupar a Bernardo Vieira devido as mudanças de mobilidade urbana naquele trecho. Então a gente tem que seguir direto na Avenida sete para a Antônio Basílio. A gente sai ali perto do Colégio Luiz Soares para voltar pela Coronel Estevam. Então a gente tomou conhecimento disso através da SUMOB, que a gente não poderia ocupar a Bernardo Vieira por isso hoje que a procissão ela ficou um pouquinho mais distante”.

O percurso da procissão de São Sebastião é um pouco extenso. Os devotos levam em torno de quase uma hora para fazer o trajeto por inteiro, mas nem todos conseguem realizá-lo por completo. Tem aqueles devotos que chega depois que a procissão já saiu de frente da igreja matriz e buscam cortar caminho para conseguir se integrar à grande multidão que vai crescendo cada vez mais ao longo do caminho. Outros, que começaram o percurso também encontram atalhos para diminuir o trajeto, entrando e saindo em outras ruas para alcançar mais à frente a imagem do santo. Tem também alguns devotos que não completam o percurso. Quando chegam à altura da Avenida 7 com a Avenida 4 ou com outro cruzamento antes da Bernardo Vieira entram para a direita em direção à Avenida 9 para esperar o final da procissão que passa por lá antes de chegar à igreja matriz. Outros ainda cortam caminho na altura da Bernardo Vieira, antigo caminho realizado, e evitam continuar seguindo pela Avenida 7 e entrar na Avenida Antônio Basílio antes de retornar pela Avenida 9. Existem aqueles devotos que só entram na procissão no momento em que ela passa pela frente de sua casa ou de sua rua. Por fim, há também os devotos que não seguem à procissão, mas ficam nas portas de suas casas, em cima de lajes de concreto, ou mesmo nas calçadas para prestigiar o santo de protetor sua devoção quando o cortejo aproxima-se de suas casas. Para cada devoto, o percurso é diferenciado. Mas o importante é fazer parte do cortejo, seguir a procissão e participar do grande momento de devoção coletiva à São Sebastião.

escrito, rezar a oração e invocar o santo através de um pedido ou súplica. Muitos devotos guardam esses santinhos dentro de suas bíblias, em agendas diárias, nas carteiras de cédulas e em outros locais que podem estar junto das pessoas que os portam. Uma espécie de amuleto de proteção. “Os símbolos fazem coisas e, com isso, transformam situações, estados e pessoas” (TURNER, 2005, p. 26). Mas é também um veículo de comercialização. Algumas gráficas aproveitam a devoção cristã para ganhar dinheiro. Embora não seja o foco de nossa pesquisa, eles estão presentes no espaço da procissão de São Sebastião como expressão comunicativa.

Os santinhos têm duas características. A primeira característica é que são pequenos, medindo 10 cm de altura por 5 cm de largura e com possibilidade de impressão na frente e no verso. Na frente geralmente apresenta a imagem do santo e no verso uma oração relacionada ao santo e com o poder de realizar milagres se for rezada da forma como está colocada. Ao final de cada oração vem um espaço em branco entre dois parenteses para a pessoa pensar um momento e expresse o seu pedido, a sua súplica antes de concluir a reza do texto escrito. Por fim ainda sugere a reza de “Ave Maria” e “Pai Nosso” e “Glória ao Pai”, que pode mudar de um santinho para outro. Às vezes pede para se rezar três “Ave Maria” e um “Pai Nosso”, “Fazer o Sinal da Cruz”, entre outras orientações. Outras vezes pede apenas que se reze um de cada. A outra característica é que têm um baixo custo para impressão e facilita para o devoto ter condições de cumprir o pagamento da promessa. Na parte de baixo do santinho onde fica a oração ainda há uma propaganda da gráfica que edita e imprime o material, bem como o valor que se pode pagar por uma grande quantidade, o endereço e o telefone para contato. O milheiro pode variar entre 20 e 40 reais. As gráficas que imprimem o material nem sempre são da cidade ou do estado onde o santinho circula. Alguns santinhos já trazem também o avanço tecnológico com a informação para que o pedido seja encaminhado via internet. Podem ser impressos em papel de qualidade (couchê) ou comum, colorido (policromia) ou com duas cores e até com uma única cor (monocromia), o que pode baratear cada vez mais a impressão. E ainda a quantidade é outro fator que reduz o preço. Pode ser um milheiro, dez mil exemplares, vinte mil santinhos e até mais.

Em 2010, no dia de São Sebastião, os santinhos que circulam na festa são de São Sebastião e de outros santos e santas reconhecidas como tal pela Igreja Católica. Alguns devotos estavam entregando um santinho de mão em mão, dentro da igreja matriz, enquanto acontecia a celebração da missa dos peregrinos, por volta das três horas da tarde, antes da procissão percorrer as ruas do bairro. Era uma imagem de São Sebastião, mas a imagem impressa não era aquela tradicional que geralmente é usada nas camisetas, livrinhos e outros

objetos durante a festa do santo no bairro do Alecrim. No verso trazia as seguintes informações: “Oração de São Sebastião” – “o nosso protetor contra a fome, a peste, as doenças contagiosas e as guerras” – Festa 20 de janeiro. Abaixo a seguinte oração:

“Glorioso mártir São Sebastião, valoroso padroeiro e defensor da cidade do Rio de Janeiro, vós que derramastes vosso sangue e destes vossa vida em testemunho da Fé em Nosso Senhor Jesus Cristo, alcançai-nos do esmo Senhor a graça de sermos vencedores dos nossos verdadeiros inimigos: o ter, o poder e o prazer, que fazem viver sem Fé, sem Esperança e sem Caridade. Protegei, com a vossa poderosa intercessão, os filhos desta terra. Livrai-nos de toda Epidemia Corporal, Moral e Espiritual. Fazei que se convertam aqueles que, por querer ou sem querer, são instrumentos de infelicidade para os outros. E que o justo persevere na sua fé e propague o amor de Deus, até o triunfo final. São Sebastião, advogado contra a Epidemia, a fome e a guerra... rogai por nós!”

Rezar 1 pai Nosso, 1 Ave Maria e 1 Glória ao Pai.

Em agradecimento, mandei publicar e distribuir um milheiro desta oração, para propagar a devoção a São Sebastião.

A Editora Santo Expedito atende a todas as cidades. R\$ 38,00 o milheiro + taxa de entrega. De São Paulo, ligue 2105.3099. De outras cidades, ligue grátis: 0800.703.1904.

Aproveite e peça o Livro: SANTO EXPEDITO, “Um show de Graças”. História – Show de Graças Alcançadas – Hino – Novena Completa. Apenas R\$ 25,00 e voce ainda ganha a Medalha do Apostolado.

O outro santinho de São Sebastião era impresso em uma gráfica de Natal que fica na área do bairro do Alecrim. A imagem do santo é a mesma que se encontra na fachada da frente da igreja matriz de São Sebastião. A impressão foi feita com papel simples e na cor vermelha. Trazia no verso outra oração dedicada ao santo:

ORAÇÃO A SÃO SEBASTIÃO

Onipotente e eterno Deus, que pela intercessão de São Sebastião, vosso glorioso mártir, encorajastes os cristãos encarcerados e livrastes cidades inteiras do contágio da peste atendei as vossas humildes súplicas, socorrei-nos em nossas necessidades, aliviai-nos das nossas angústias, reanimai os encarcerados, curai os doentes, livrai-nos do contágio.

Pelos méritos de São Sebastião, atendei-nos. Amém.

Gráfica Santana: (84) 3223.5160.



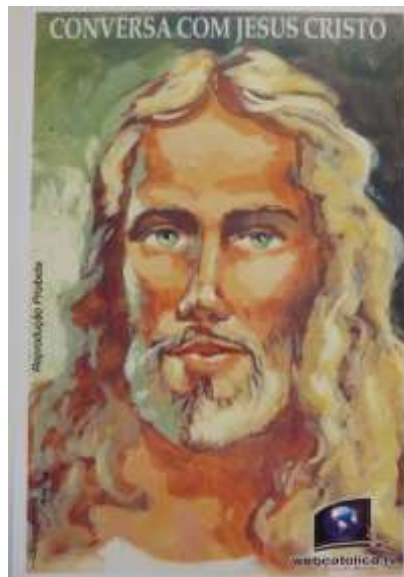
Fotos: Hécio Pacheco

Na procissão de São Sebastião de 2010 e 2011 encontrei circulando no trajeto outras publicações de santinhos, inclusive indicando que a oração que estava no verso vinha escrito: “com aprovação eclesiástica”, o que significa dizer que a hierarquia da Igreja Católica considera legítima para o devoto usá-la como oração para se relacionar com o seu santo protetor. Duas delas pertenciam a uma mesma gráfica do Estado de São Paulo, que além da gráfica a empresa ainda possui um canal de TV na internet (webcatolica.tv), fazendo também propaganda da programação televisiva no santinho, indicando a veiculação diária da novena de Santo Expedito nos horários das 7, 19 e 21 horas. Um santinho era dedicado a Santo Expedito, “o santo das causas urgentes” e o outro, uma “conversa com Jesus Cristo”. Cada milheiro impresso custava dezenove reais. A devota que estava distribuindo o santinho com a imagem de Jesus Cristo na parte da frente do material era moradora do bairro de Cidade Nova, zona Leste de Natal, e estava entregando de mão em mão o santinho por causa de uma graça alcançada. Ela relatou que há cinco anos participa da procissão e distribui os santinhos para os devotos que caminham seguindo o percurso do santo pelas ruas do bairro do Alecrim.

A distribuição de santinhos também ocorre em outros lugares e também são objetos de pesquisa, como é o caso do trabalho intitulado “O além no cotidiano: repensando fronteiras entre a antropologia e história a partir do culto aos santos”. Nesse sentido, “ladainhas, novenas, ex-votos, santinhos, promessas, orações, simpatias são expressões materiais de vínculos e emoções que envolvem santos e devotos” (MENEZES, 2011, p. 5). Há ainda uma

pesquisa de mestrado defendida em 2012 por Karl Georges Meireles Gallao que analisa os santinhos a partir do design e os impressos religiosos populares.

Figuras 61 e 62 – Santinhos de Santo Expedito e de Jesus Cristo distribuídos na procissão.



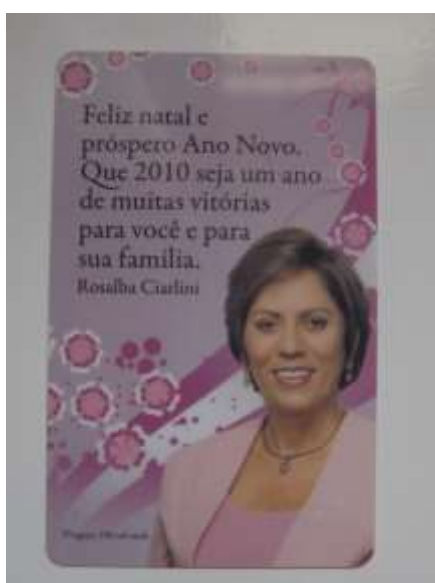
Fotos: Hércio Pacheco

São diversos fluxos comunicacionais circulando no percurso da procissão que avança rua a rua, superlotando os espaços do asfalto, calçadas e canteiros com os devotos do santo. Esta é uma oportunidade para ampliar a comunicação publicitária, não só em relação à devoção à São Sebastião com os santinhos, mas também para divulgar outras atividades que estão relacionadas à religião católica como é o caso do crescimento do turismo religioso em várias cidades do Brasil e do mundo. Durante a procissão de São Sebastião em 2011 foram entregues aos devotos panfletos com informações sobre passeios, viagens e eventos voltados para o campo religioso: um membro da empresa “JBS Tur Excursões e Turismo Religioso” entregava o material que apresentava uma extensa programação para os meses de fevereiro a julho de 2011, com viagens a Aparecida do Norte e cidades históricas de Minas Gerais, para o período de Carnaval e Semana Santa promovidos pela Rede Canção Nova, para o Congresso Nacional da Frater (comunidades religiosas do movimento carismático católico) e até excursão para o interior do Rio Grande do Norte (Serra de Martins e Santuário do Lima).

Por fim, na procissão também são distribuídos para os devotos materiais de campanha publicitária de políticos em anos eleitorais. Em 2010 uma situação chamou a atenção: antes de a procissão entrar na Avenida 7, enquanto uma senhora caminhava descalça outra moça

permanecia parada no meio da procissão em sentido inverso ao fluxo do cortejo. Ela estava entregando uns santinhos, menores dos que os tradicionais que são distribuídos. Quando recebi o material impresso, mais parecia um cartão telefônico plastificado e de excelente qualidade. No verso trazia um calendário do ano de 2010 com o nome da empresa que confeccionou e o número do telefone. Na parte da frente, em vez de ter uma imagem de um santo ou uma santa, havia uma foto e uma mensagem: “Feliz Natal e próspero Ano Novo. Que 2010 seja um ano de muitas vitórias para voce e para sua família”. Assinado “Rosalba Ciarlini”. Era a candidata à futura governadora do Estado. E conseguiu se eleger nas eleições do final daquele ano. Na parte da frente também havia a informação de que foram impressos 100 mil exemplares. Os políticos se aproveitam da devoção popular para fazer suas campanhas políticas.

Figuras 63 e 64 – Santinho da candidata à governo do Estado em 2010.



Fotos: Hécio Pacheco

Tudo o que circula no espaço da procissão, “tudo o que cai sob o olhar, [...] alcança o encadeamento das formas [...] resultado de uma intenção integrada [...]” (ZUMTHOR, 1997, 216). Os símbolos, quer sejam eles considerados sagrados ou profanos, nos lembra Turner (2005, p. 49) de que “estão envolvidos com o processo social”. [...] “E como tal podem aglutinar as mais diversas ideias inconscientes e promover processos associativos” (TURNER, 2005, p. 65-68). Podem ser utilizados como estratégia de convencimento, de motivação e alguns sentimentos nas pessoas porque no plano simbólico as diferenças

desaparecem ou ficam camufladas, escondidas. Para Bitter (2010, p.216), “os objetos materiais, especificamente, parecem construir fontes inesgotáveis de sentido”. E os políticos sabem que esse espaço coletivo da festa é mais forte durante o momento da procissão e canalizam seus interesses para construir um sentimento entre os devotos, expressar um sentido e um significado de que eles estão no mesmo patamar de envolvimento do devoto, de que caminham juntos, chegam a apertar a mão, abraçam e até se vestem com as mesmas cores que identificam o santo protetor de cada devoto em particular.

5.5. Os altares à São Sebastião: a comunicação do devoto

Os devotos de São Sebastião expressam de diversas maneiras e através de inúmeras demonstrações coletivas a sua relação mais afetuosa e carinhosa para com o seu santo protetor e intercessor. Não é uma das mais antigas manifestações expressivas dos devotos no espaço da festa do Alecrim. Sua invenção data do início da década de noventa do século passado, alimentada e incentivada pelo padre atual e se destaca no trajeto da procissão que percorre as ruas do bairro: são os *altares* expostos a São Sebastião e as ornamentações e enfeites colocados nas portas das casas dos devotos por onde passa a imagem do santo. Mais do que adorno, ornamento, é uma linguagem simbólica para dizer que “estou aqui para te homenagear, para te saudar, te agradecer as graças, para te reverenciar e reconhecer publicamente que és o meu santo e querido protetor”. Para Alba Zaluar (1983, p.32) “[...] a linguagem de qualquer sistema religioso, seja ele letrado ou não, é essencialmente simbólica [...]”.

A valorização de um lugar especial de destaque para o santo surgiu na Idade Média quando a devoção aos santos saiu das catacumbas e passou para os altares domésticos nas casas dos devotos e só depois foram apropriados pela hierarquia da Igreja Católica para fazer parte dos altares das igrejas e santuários. No século VIII, com o Concílio de Niceia em (767) estabeleceu-se que “em todo altar de igreja deveria possuir uma “pedra de altar”, na qual estivessem as relíquias de um santo” (PEIXOTO, 2006, p. 58). No entanto, mesmo com o fato do santo ter subido ao altar das igrejas, ele continuou sendo venerado no espaço familiar destacado no ambiente da casa pelo altar doméstico, conhecido também como “oratório”. Os primeiros oratórios que chegaram ao Brasil vieram com os primeiros religiosos e colonizadores portugueses no início do século XVI. No século XVII passou a fazer parte das casas grandes de engenho e somente no século XVIII é que entrou nas casas dos brasileiros

permanecendo até o final do século XX.²⁹ Segundo Riolando Azzi (1978, p. 26) “nos dias de festa [...] o quarto dos santos ficava aberto para todo mundo”. Com o tempo as manifestações religiosas vão se modificando, sendo ressignificadas e transformadas. Talvez a exposição dos altares no dia da procissão de São Sebastião seja um resquício inconsciente ou da memória coletiva dessa prática antiga. O pesquisador ainda ressalta que no quarto onde ficava o oratório havia “estampas nas paredes que contavam histórias de mártires. Um São Sebastião atravessado de setas, com seus milagres em redor do quadro” (AZZI, 1978, p. 26). Alguns oratórios ainda resistem nas casas de muitos devotos pelos recantos do Brasil. São peças de madeira e que foram confeccionadas a partir da arte barroca e rococó e com o formato de uma igreja com porta de vidro. Dentro dele comporta uma variedade de santos, cruzeiros e imagens do Cristo crucificado. Em algumas residências urbanas os altares que se encontram hoje não têm mais esse formato, mas são pedaços de mármore, madeira ou peças de vidro colocados nas paredes das casas e que servem como suporte para as imagens dos santos que formam um panteão doméstico.

Havia também oratórios nas ruas de várias cidades brasileiras, onde as pessoas se reuniam para rezar em volta dele (AZZI, 1978, p. 28). E ainda oratórios ambulantes que eram transportados até às casas para conseguir esmolas para a construção de igrejas. No final do século XIX, Antônio Conselheiro andava pelo sertão carregando um oratório durante as suas peregrinações (AZZI, 1978, p. 29). Há também os altares do culto afro-brasileiro nos terreiros que são chamados de conga ou pegi e São Sebastião se encontra lá identificado no sincretismo religioso como o orixá Oxossi.

O altar é um elemento simbólico e comunicante dessa devoção a São Sebastião. Um exemplo da importância do altar na devoção popular ocorre na cidade do Rio de Janeiro, cujo padroeiro é São Sebastião. Conserva-se ainda hoje a tradição da Folia de Reis. O ritual tem início no mês de dezembro, envolvendo o período de 25 de janeiro até o dia 20 de janeiro, dia do santo. Neste dia, havia também um ritual que veio de Portugal conhecido como “charolas”, ou seja, “grupo de cantores que realizam peditórios às casas dos devotos para a realização de uma festa dedicada a São Sebastião [...]” e “[...] trazem consigo uma bandeira, um estandarte ou um pequeno altar com a estampa do santo” (BITTER, 2010, p. 60).

Os altares da devoção individual e familiar são expostos publicamente no dia da procissão de São Sebastião como forma de uma expressão da relação afetiva que existe entre

²⁹ Texto pesquisado sobre “Oratórios: arte e devoção” pertencente ao acervo dos palácios governamentais paulistas, conforme site: http://www.acervo.sp.gov.br/mat_educativo/arquivos/ORAT%C3%93RIO%20-%20ARTE%20E%20DEVO%C3%87%C3%83O.pdf. Acesso realizado em 27 de fevereiro de 2014.

o santo e o devoto. Trata-se de mais um elemento simbólico que integra as linguagens dos fluxos comunicacionais que circulam no espaço da procissão de São Sebastião. Para o devoto o símbolo e realidade não se separam, ou seja, “[...] a atitude para com as estátuas é, evidentemente, a que se teria para com uma pessoa viva [...] A presença do santo se concretiza na imagem [...]” (SANCHIS, 1994, p. 42-43). Em uma das casas da Avenida 7, encontrei um altar no ambiente do quarto de uma devota. Esse pequeno espaço do quarto é um espaço “sagrado” onde “[...] torna-se possível a comunicação com os deuses [...]”, ou seja, com os santos (ELIADE, 2011, p. 29). É lá que se estabelece a relação do devoto com o santo. Como afirma Bitter (2010, p. 144) as imagens que se encontram nos altares são importantes porque elas sublinham “os canais de comunicação entre os diversos planos cosmológicos”. No altar da devota que mora no Alecrim, São Sebastião divide o espaço com mais de quinze imagens de vários tamanhos em gesso, madeira e resina, como também fazem parte também do altar quadros com fotografias ou imagens pintadas e penduradas na parede (Nossa Senhora com suas diferentes denominações, o Cristo Crucificado, São José, o anjo Gabriel e o arcanjo Miguel, Santa Luzia, Santo Antônio, São Jorge no seu cavalo matando o dragão,.... e inclusive santos que não são reconhecidos pela hierarquia oficial da Igreja Católica como Padre Cícero, Padre João Maria, entre outros da devoção).

A senhora devota ainda contou como cresceu a sua devoção a São Sebastião: na década de oitenta morava na casa que tinha uma estrutura abaixo do nível do calçamento. Havia um corredor e em seguida um cômodo com o quarto. Certa manhã cedo acordou assustada com um grande barulho. Era um ônibus que perdera o freio na descida da rua e acabou entrando de casa adentro. Foi parar perto da cama dela. Ela disse que foi um milagre de São Sebastião ter sobrevivido. Uma das formas de expressar a sua devoção é colocar o santo no altar na porta de sua casa todos os anos.

No dia de São Sebastião, o altar doméstico é exposto enquanto passa o cortejo com a imagem do santo percorrendo as ruas do bairro. Nas portas das casas, no espaço da área ou mesmo nas calçadas os devotos arrumam os altares enfeitando com flores naturais e ornamentais, toalhas, velas, bíblias e alguns santos da devoção que dividem o espaço com São Sebastião. O padre incentiva os devotos da paróquia durante o período do novenário a enfeitarem suas casas para homenagear o santo no dia 20 de janeiro. A tradição também vem de Portugal. São muitas manifestações de devoção e carinho que aparecem no dia da procissão. Em 2011, estava com a incumbência de acompanhar mais de perto a montagem dos altares. Depois da missa dos enfermos fiz uma vistoria no percurso por onde passa a procissão e percebi que os devotos já estavam se preparando para o momento da tarde. As

ornamentações começam logo pela manhã em algumas casas da Avenida 9, Avenida 4 e Avenida 7, ruas principais por onde vai passar o santo e dos devotos.

Figura 65 – Devota organiza seu altar na porta de casa.



Foto: Hécio Pacheco

Como o bairro é antigo, muitas casas não possuem áreas ou muros separando a porta de entrada, ou seja, a porta da casa já fica na calçada da rua. Bolas de encher nas cores brancas e vermelhas, fitas de plástico e bandeiras são elementos utilizados para compor os arranjos nas grades de janelas, nas áreas e paredes das casas, fachadas de prédios comerciais e casas de primeiro andar, bem como em plantas que ficam nos jardins das moradias dos devotos. Na Avenida 5, próximo à Avenida 9 e já visualizando a fachada da igreja matriz de São Sebastião, uma devota improvisou um pequeno altar na área de sua casa utilizando uma mesinha, coberta com um toalha branca bordada e em cima dela uma imagem em gesso de Nossa Senhora, um quadro com figura do santo encostado na parede e um arranjo de flores artificiais, mesmo sabendo que o percurso da procissão não passaria por sua rua. Na Avenida 9, subindo a rua em direção à Avenida 4, que é o mesmo percurso por onde o santo começa sua caminhada, as casas são enfeitadas com bolas de encher, bandeiras de tecido, plástico ou tnt nas cores branca e vermelha, sempre as cores que identificam com o santo. Na residência que fica em frente ao prédio da igreja matriz e é de primeiro andar, a família ornamenta todos os anos a varanda colocando toalhas e bolas vermelhas nas janelas, paredes e grades do andar superior e ainda uma bandeira vermelha num mastro de bambu. São várias casas de primeiro

andar aonde as famílias não vão para a rua acompanhar a procissão, mas ficam nas sacadas participando à sua maneira. Na hora da procissão começar a se deslocar, os moradores saem para suas portas, para as calçadas de suas casas, ficam em pé com bandeirinhas na mão ou colocam as cadeiras para os mais velhos sentarem e observar o cortejo. Há quem dance, cante, suba nas cadeiras, acenem para conhecidos que estão caminhando na hora, aplaudam, estendam a mão quando passa o andor com o santo. É um momento de alegria e de reverência que o devoto expressa.

Uma devota da Avenida 4, em 2010, não colocou um altar, mas pendurou em uma planta na frente de sua casa bandeirinhas brancas e vermelhas de tnt, um arranjo de rosas naturais (branca, vermelha, amarela e lilás) e amarrou nos galhos da árvore três pequenos quadros de papelão medindo 10 x 15 centímetros contendo a imagem tradicional de São Sebastião usada na festa da paróquia. É a única da rua que expõe uma ornamentação para o santo. Ela disse que foi uma promessa que fez no ano anterior por causa de uma doença. Nos dois últimos anos da pesquisa (2012 e 2013) ela não colocou mais o arranjo durante a passagem da procissão.

Figura 66 – Ornamentação na árvore em homenagem a São Sebastião.



Foto: Hécio Pacheco

Não foi só ela que deixou de colocar ornamentação e enfeites nas portas de casa. Outros moradores do bairro que fizeram arranjos nas portas em 2010 e 2011 não continuaram com a prática nos anos seguintes à pesquisa de campo. Na Avenida 7, a quantidade de casas que expõem seus altares é maior do que nas outras ruas do percurso da procissão. Assim que a

multidão começa a descer a avenida, do lado direito já se consegue identificar algumas casas que colocam na janela toalhas vermelhas e bolas de encher. Na parede de uma casa fica exposto todos os anos um estandarte de couro curtido trabalhado com a imagem de São Sebastião.

Figura 67 – Altar improvisado em cima do carro.



Foto: Hécio Pacheco

Na procissão de 2011 uma família cobriu um carro com pedaços de pano (tnt) e em cima do carro, em frente ao portão de casa, colocou o altar com a imagem de São Sebastião e um arranjo de flores naturais. A criatividade e inventividade vão dando expansão aos devotos expressarem de várias maneiras a sua devoção a São Sebastião através de uma linguagem simbólica. Numa casa, simplesmente colocaram uma toalha grande vermelha na parede externa e amarraram várias bolas de encher vermelhas e brancas para dar um tom mais festivo. Outra casa da Avenida 7 uma família colocou cadeiras em volta de uma mesa coberta com uma toalha branca de renda e em cima dela a imagem do santo e quatro arranjos de flores ornamentais, um em cada ponta da mesa. A dona da casa estava com bandeirinhas na mão. A devota da casa falou: “há mais de dois anos coloco o altar na frente da minha casa. É um prazer que tenho em montar o altar de São Sebastião em minha casa”. Em outra parte da rua,

uma devota de São Sebastião expõe seu altar de São Sebastião entre a porta de casa e o seu comércio de variedades. Ela disse sorridente:

“Há mais de trinta anos que participo da festa e coloco o altar na porta de casa. No ano passado (2010) eu fiquei doente, passei trinta dias hospitalizada. Então eu fiz uma promessa e pedi a São Sebastião que se ficasse curada, a cada ano enfeitaria cada vez mais o altar e participaria da procissão. Este ano o altar está mais enfeitado e tenho recebido só bênçãos do santo” (relato de uma devota da Avenida 7).

O altar da casa dela é mais elevado e nele fica só a imagem do santo com um grande arranjo de flores. Ao redor do altar outro arranjo com bolas de encher, e mais outro com flores em forma de arco e, do lado, uma bandeira vermelha e branca do Sagrado Coração de Jesus, movimento católico do qual faz parte. E a perspectiva dela é ir enfeitando cada vez mais o seu altar a cada ano. Ela era uma das devotas que recebeu a visita do santo no período da pré-novena e dentro de casa tem outras imagens de sua devoção. Neste sentido, a promessa feita a São Sebastião se constituiu “um modo de comunicação essencial” (SANCHIS, 1994, p. 47). Por sua vez, “milagres do padroeiro na biografia do devoto estabelecem o elo de fidelidade interpessoal entre os dois” (BRANDÃO, 2007, p. 266).

Figura 68 – Altar da devota que coloca todos os anos por promessa ao santo.



Foto: Hécio Pacheco

Em outra casa da Avenida 7, uma devota colocou na varanda uma toalha vermelha simbolizando a sua adesão ao santo. Outra devota arrumou um pequeno altar na varanda da

centro e em cada lado dois arranjos de flores, um vermelho e outro branco e uma vela sem estar acesa. Outra devota do santo e integrante do Apostolado da Oração fez um altar em cima da mesa, toda coberta com um tnt vermelho. A imagem do santo e um arranjo de flores. Mais à frente outra casa de uma devota e integrante da Legião de Maria, ela colocou o altar no espaço da área da casa quase chegando à calçada da rua. No chão foram postos dois tapetes vermelhos. À frente do altar na parte de baixo onde fica um dos tapetes, um arranjo de flores. O altar é coberto com uma toalha branca de renda e a imagem do santo fica no centro. Por trás, uma bíblia aberta em cima de um suporte de metal. Do lado esquerdo, um castiçal com uma vela acesa e do lado direito outra vela de 7 dias e um pequeno crucifixo. Ao redor da fachada da casa um arranjo de bolas de encher vermelhas e brancas. Há ainda uma pequena faixa com a frase: “Viva São Sebastião!”. Interessante que durante a passagem da procissão alguns devotos se aproximam do altar, uns se ajoelham, se benzem, rezam, outros fotografam e em seguida voltam para o meio da multidão e dão continuidade no seguimento ao cortejo. Essa reverência foi percebida durante todos os anos da pesquisa de campo, mas não são em todos os altares expostos que os devotos fazem esse gesto. Talvez esse chame mais a atenção por causa da disposição e ornamentação do altar que são feitas e os devotos relacionam ou associam a um espaço sagrado.

Figura 69 – Altar de São Sebastião na porta de casa.



Foto: Hécio Pacheco

Algumas casas também estão enfeitadas para marcar a devoção a São Sebastião, mas com um estilo pouco diferenciado. Em uma das casas havia um arranjo na parede da frente

com um cordão de luz neon enfeitando a imagem do santo em papel. Outra casa colocou um enfeite de Natal, com luzes piscando o tempo todo. E outra devota arrumou no seu jardim um arranjo com tnt parecendo um grande laço de presente e amarrado em uma planta. Outra fez uma combinação de toalhas branca e vermelha e em cima do altar colocou o santo e distribuiu três arranjos de flores naturais e uma vela de 7 dias com a imagem do Sagrado Coração de Jesus. A criatividade não para: em outra casa a devota colocou uma faixa vermelha saindo da grade do portão de entrada até a janela lateral. Por cima do tecido pendurou bolas de encher e abaixo o altar coberto com duas toalhas com as cores do santo, um pisca-pisca por cima e a imagem do santo entre dois jarros de flores. Um devoto permanecia em frente ao portão para ver o cortejo passar e tinha apenas uma faixa de tnt escrita “Viva São Sebastião” com três arranjos de bola de encher na parte de baixo complementando o enfeite do tecido. Quase o mesmo enfeite: uma faixa com bandeirinhas de papel seda em volta e laços pendurados na grade do portão na casa de uma devota.

Figuras 70 e 71 – Ornamentação no portão de casa para homenagear São Sebastião.



Fotos: Hécio Pacheco

Uma família colocou na sacada uma toalha vermelha e em cima da parede uma pequena imagem de Nossa Senhora. Outra devota apenas colocou uma fita passando por entre os ferros da grade do portão de entrada. Outra simplicidade na expressão da devoção ao santo: foi prender na grade do portão de entrada da casa um pequeno arranjo com uma flor branca e em volta, várias bandeirinhas de tnt. Tudo vale a pena para homenagear o santo que passa.

Na altura do cruzamento da Avenida 7 com a Bernardo Vieira um último altar exposto em frente a uma pequena casa de uma antiga devota do santo. Ele começou a ser arrumado a

partir do ano de 2011. Nesta casa, São Sebastião dividia o altar com Nossa Senhora Aparecida. Depois que se atravessa a Bernardo Vieira e segue ainda pela Avenida 7 até chegar ao novo cruzamento com a Antônio Basílio não se percebe mais altares nas portas das casas nem outro tipo de ornamentação, a não ser no lado esquerdo onde fica o prédio de uma empresa que coloca todos os anos um grande cordão de bolas de encher e uma pequena faixa identificando o ano do aniversário da paróquia. É lá que também se concentra muita gente em cima da calçada para observar a procissão passar e seguir o seu caminho. A rua Antônio Basílio é apenas um trecho para que o cortejo caminhe, entre na Avenida 9 e retorne em direção à igreja matriz para o final da procissão e o encerramento das festividades do santo com a realização da última missa celebrada pelo arcebispo de Natal.

O último percurso da procissão, quando chega na Avenida 9 torna-se mais rápido porque já começa a escurecer, o sol já se pôs, e parte do trajeto só se encontram casas comerciais, lojas de peças de veículos e duas escolas e uma igreja evangélica. Quando se atravessa a Bernardo Vieira mais uma vez e avança até chegar à parte mais elevada da rua é que os altares e as casas enfeitadas voltam a aparecer. Uma casa chama a atenção todos os anos: os devotos colocam um arranjo com luzes coloridas ainda do período natalino, que fica preso à grade da janela e em volta da imagem do santo, além de bolas de diversas cores, um arranjo de flores artificiais. Mais à frente na porta de uma farmácia havia um enfeite com a imagem do santo pintada em uma telha de cerâmica e um arranjo de flores. Seguindo um pouco mais a frente, do lado esquerdo da rua, uma casa também colocou um altar, mas não estava presente São Sebastião. Tinha a uma imagem de Nossa Senhora, outra de Jesus flagelado e outra de Santo Antônio. Uma toalha vermelha descia do portão para cima do altar e havia ainda um castiçal de louça branca e dois jarros de barro com flores. Um altar improvisado na janela de uma casa da Avenida 9 apresentava a imagem do santo, dois arranjos de flores e uma bandeirinha com a imagem do santo impressa presa à parede. Na grade uma instalação elétrica com luzes de pisca-pisca ainda do natal. Em 2014, uma rede de supermercados que fica na Avenida 9 e próxima à igreja matriz colocou na lateral da área do estacionamento de veículos um grande arranjo com bolas de encher brancas e vermelhas e uma faixa lembrando “Aniversário dos 65 anos da paróquia de São Sebastião”. Qualquer que seja a expressão do devoto para com o seu santo protetor, seja ela verbal ou nãoverbal, tudo o que se traduz através dos elementos simbólicos construídos nessa comunicação se sustenta a partir dos “laços de significados que o mantém atado ao santo e amigo protetor” (GUTTILLA, 2006, p. 181).

Figura 72 – Altar na calçada da casa de uma devota.



Foto: Hécio Pacheco

São os vínculos afetivos da devoção à São Sebastião. Quando Turner (2005) fala dos símbolos dominantes ele se reporta também aos altares que “são muitas vezes compósitos, reunindo diversos objetos em configuração” (TURNER, 2005, p. 62). Ou seja, além da imagem do santo que igualmente é um símbolo dominante, o altar onde fica o santo se configura como outro elemento simbólico que condensa e unifica e aglutina qualidades análogas por associação. Portanto, onde está o santo aí está o símbolo dominante, torna-se foco de interação e “os grupos mobilizam-se ao seu redor, cultuam-nos [...]” (TURNER, 2005, p. 52).

Quando a procissão começa a descer a ladeira da Avenida 9 em direção à igreja matriz não se vê mais os altares dedicados ao santo. Muitos devotos já se dispersaram pelo caminho regressando para suas casas, enquanto outros ainda continuam sua peregrinação descendo a rua até o final da procissão quando a imagem do santo novamente se posiciona em frente à porta de entrada da igreja matriz e ali acontece o encerramento dos festejos em homenagem a São Sebastião. O último momento da festa, a missa de encerramento.

No dia do santo, a última missa do dia é celebrada logo após a chegada da procissão. A missa de encerramento da festa do padroeiro sempre é conduzida pelo representante maior da hierarquia oficial da igreja, ou seja, o Arcebispo Metropolitano da Arquidiocese de Natal, em um palco que é montado ainda no período da manhã na margem direita da Avenida 9, em frente a igreja matriz. O palco não atrapalha a circulação dos veículos pela rua até o momento

em que ocorre o seu fechamento por completo para dar início ao cortejo da procissão. A última missa não tem uma participação maciça e expressiva dos devotos que acompanham a procissão. Para o devoto, participar da procissão é o mais importante desse dia. É como diz Maués (1995, p. 486) “o povo possui uma concepção do sagrado diferente [...] da hierarquia oficial da Igreja Católica”. Além do mais, mesmo que se diga que “o devoto dá pouca importância aos sacramentos, com exceção da missa”, como afirma Guttilla (2006, p. 169), nos dias de hoje o devoto que não está vinculado diretamente a uma pastoral, movimento ou outro grupo organizado em uma paróquia, age como se a procissão se tornasse a expressão principal do ritual no dia do santo protetor. Muitos deles nem chegam a participar dos novenários. Neste sentido, quando a procissão de São Sebastião vai retornando à Avenida 9, depois de percorrer várias ruas do bairro, já é por volta das dezoito horas, muita gente já se dispersou no caminho.

No sermão da missa e ao final do ritual, a hierarquia oficial da Igreja Católica concede a palavra aos políticos que também é dirigida aos devotos que permanecem no local. Aqui o espaço da relação do poder vivido no passado entre a Igreja e o Estado reaparece latente. Quem fala são os dirigentes mais importantes do poder executivo estadual e municipal (governadora e prefeita). Os outros políticos que costumam aparecer na procissão também são mencionados no palanque da igreja (quatro vereadores, uma deputada estadual e uma federal e mais um senador) estiveram no palanque da igreja em 2010. Em 2011 a ex-governadora e a governadora em exercício subiram no palanque e discursaram para o povo. Nos outros anos (2012 e 2013) a prefeita não apareceu na procissão e a governadora apenas acompanhou parte da procissão quando o cortejo já estava na Avenida 9 e chegando próximo do encerramento. Não subiu ao palanque. Alguns políticos acompanharam a procissão e subiram ao palanque, mas não falaram. É uma prática muito comum alguns políticos participarem das principais procissões que se realizam em Natal durante as festas de padroeiro e ainda no período da Semana Santa (Festa dos Santos Reis, de São Sebastião e Nossa Senhora dos Navegantes, durante o mês de janeiro; Procissão do Encontro no período da Semana Santa; Corpus Christi, entre os meses de maio e junho; e Nossa Senhora da Apresentação, Padroeira da Cidade de Natal, no mês de novembro). É uma forma de se tornar mais visível para a população natalense e, durante os períodos eleitorais e nas campanhas políticas corpo a corpo para angariar votos e garantir a sua eleição ou reeleição. São poucos os que participam destes momentos, independente dos anos eleitorais.

Quando, por fim, a missa termina o padre segue para o local onde se encontram os mastros com as bandeiras que foram hasteadas na abertura do novenário da festa. O padre

descerra as bandeiras e dá por encerrado mais um ano de festa dedicado a São Sebastião. Na rua algumas pessoas permanecem conversando. No interior da igreja matriz, mesmo depois da festa, alguns devotos ainda aproveitam os últimos minutos do dia para mais registros fotográficos com o intuito de guardar uma lembrança da festa, as últimas despedidas diante do santo com toques em alguma parte da imagem, beijos e orações em silêncio. Todas as atividades relacionadas à festividade do santo padroeiro duram dez dias (novenário e procissão), sem contar o período da pré-novena que ocorre nas casas dos devotos do bairro, que a cada ano muda de acordo com o número de grupos formados e do total de casas para o santo visitar e percorrer a paróquia através de suas imagens que pernoitam no período da pré-novena. Por volta das oito horas da noite já não tem mais nenhum devoto no interior da igreja nem na rua. Todos já regressaram para suas casas. As portas da igreja se fecham. A vida volta à normalidade para logo mais começar mais um dia rotina. E no próximo ano os devotos vão reviver mais uma vez o período especial de devoção ao santo, que é a festa do padroeiro e sua procissão no bairro do Alecrim. No cotidiano da vida, a sua relação com o santo permanece forte, a sua amizade e intimidade continuam a estabelecer os vínculos afetivos através das diversas formas e linguagens simbólicas que são elaboradas numa forma de comunicação interpessoal entre o santo e o devoto de São Sebastião. São Sebastião, o dia chegou e eu aqui estou! Viva São Sebastião!

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Depois de quatro anos de pesquisa andando, observando, escutando, dialogando e agora escrevendo estas últimas linhas sobre os processos de comunicação, suas linguagens e seus fluxos na festa de São Sebastião, no bairro do Alecrim, acredito ser possível ressaltar alguns aspectos que considero relevantes para trazer aqui como elementos para continuar a pensar e estimular novas pesquisas científicas sociológicas e antropológicas no campo da religião, a partir do olhar que dirige o seu foco para a religiosidade popular e a comunicação.

A primeira observação a dizer, neste sentido, é que *devoção é comunicação*. Ela é mais uma componente do processo comunicacional que o ser humano se apropria para poder se expressar e se relacionar com o mundo. A devoção, por sua vez, se materializa a partir das linguagens simbólicas que são construídas, elaboradas e carregadas de significado. O canal dessa comunicação é o próprio sujeito, o devoto que se projeta como veículo a partir de toda a sua estrutura corporal e gestual (performance) e de outros elementos que incorpora, ou seja, dos objetos dos quais se apropria para tornar compreensível o que tem a comunicar, a dizer.

Esta comunicação também se configura a partir de duas vias: o indivíduo que se comunica com o outro, ou seja, uma comunicação interpessoal entre o devoto e o santo, que assume a condição do outro, o seu interlocutor, intercessor e protetor; e a outra via, uma comunicação coletiva, que ocorre entre o devoto e o santo, mas no espaço público que é a igreja, organismo institucionalizado na sociedade.

No entanto, quando se trata de pensar e perceber nos dias de hoje a devoção relacionada a uma forma de comunicação que seja mais democrática, participativa, mais interativa e que não seja aquela forma de comunicação tradicional unidirecional, onde apenas um sujeito do processo de comunicação é quem detém o poder de se expressar, percebemos que a devoção aos santos no espaço da igreja ainda está longe de ser vivenciada e experimentada no modelo da ágora grega, onde era o espaço da política, do sagrado e da livre expressão e comunicação dos cidadãos.

Neste sentido, acreditamos, a partir da pesquisa realizada no espaço da festa de São Sebastião de que há diferentes processos comunicacionais ocorrendo o tempo todo. E esta realidade está presente em outros espaços de festas religiosas. De um lado, a hierarquia oficial da igreja busca manter e alimentar a devoção popular aos santos através de suas prédicas que visam à orientação doutrinária, à ação evangelizadora e a moralização do comportamento dos seus adeptos para garantir a sua presença no espaço coletivo da vida religiosa da Igreja Católica. É tão forte esta estratégia comunicacional que mais recentemente nos últimos anos vem crescendo o fenômeno dos novos centros de romaria através da transformação de alguns lugares como santuários. Com a canonização de vários cristãos martirizados e de outros que

tiveram uma vida exemplar ao longo dos últimos anos do século XX no mundo inteiro promovida pelo papa João Paulo II nos seus últimos anos de pontificado a devoção aos santos vem dando sinais de uma revitalização no mundo. O Brasil está vivendo uma onda de incremento na devoção aos santos. Mais especificamente no Rio Grande do Norte, por exemplo, o ponto inicial desse crescimento foi dado com a construção do Monumento dos Mártires de Uruaçu, que em outubro de 2013 conseguiu mobilizar mais de 100 mil romeiros ao local. Em Santa Cruz, o segundo espaço religioso construído há bem pouco tempo atrás tem aglutinado muitos devotos de diversos lugares. E ainda estão em andamento outros projetos de construção de santuários no Estado. É uma estratégia da Igreja Católica para manter o número de fiéis que vem decrescendo a cada década, conforme o senso demográfico de 2010 do Instituto Brasileiro Geografia e Estatística – IBGE, em contrapartida ao aumento do número de novas igrejas evangélicas de linha pentecostal, de outras orientações religiosas e até de descrentes ou ateus. Há todo um investimento por parte da hierarquia oficial da Igreja Católica para estimular e motivar a devoção popular aos santos. No caso da festa de São Sebastião no bairro do Alecrim, a tônica desse processo comunicativo se configura no espaço do novenário.

A comunicação hierarquizada da igreja também é reforçada pelos grupos ligados à estrutura paroquial. Além de ter um cunho evangelizador, ela é ainda uma comunicação identitária daqueles devotos do santo que realizam as atividades pastorais através da sua ligação aos grupos e movimentos existentes na paróquia. A sua devoção ao santo se traduz no engajamento pastoral. No período da festa eles expressam essa relação com o santo a partir de uma performance durante o novenário em que camisetas de diferentes cores, banners, cartazes, flâmulas, faixas e bandeiras demonstram e comunicam os vínculos de adesão afetiva ao santo. A linguagem simbólica de caráter visual, gestual, corporal e oral (cantos, mensagens e falas nas encenações) é a marca desse processo comunicacional. Tudo visa estabelecer e construir sentido e dessa forma comunicar. É ainda uma estratégia de projeção de cada grupo no espaço coletivo para os outros devotos.

Outro processo comunicacional durante a festa é o empreendimento da hierarquia da igreja no campo da comunicação publicitária e propagandística. Uma festa não sobrevive se não tiver o apelo econômico. Ele é um suporte para a manutenção do sagrado e da vida e estrutura de uma paróquia e que está sempre dependendo da colaboração coletiva e comunitária. São várias formas de captação de recursos financeiros, desde as coletas nas missas, o dízimo, as doações, os serviços que são oferecidos (batizado, casamento, aniversários, missas especiais) e uma variedade de produtos e objetos de caráter religiosos

(terços, imagens, santinhos, novenas, escapulários, brincos, pulseiras, chaveiros,) e materiais impressos (livros, cartazes, pôsteres de santos, novenas, orações, mensagens). Tudo circula no espaço da festa para ter um resultado financeiro satisfatório para a paróquia. O investimento para a realização de uma festa é alto e busca-se cada vez mais reduzir os custos para que o lucro seja alcançado. Portanto, o púlpito do altar se torna estrategicamente o canal da comunicação “boca a boca”, a mais eficiente forma de publicidade e propaganda que ainda é eficiente. É um canal de comunicação forte para sensibilizar os devotos que participam da festa e especificamente do novenário. Ela não invalida as outras estratégias para levar mais gente para o período do novenário, para a festa do santo como cartazes, panfletos com a programação, faixas e até investimentos em publicidade nos veículos de comunicação social (jornais, revistas, rádios, serviços de alto-falante, televisões e inclusive internet). Neste sentido, o sagrado e o profano não se separam, caminham juntos no espaço da festa do santo.

Um diferente processo comunicacional que ocorre durante a festa de São Sebastião se dá com o devoto que tem uma outra lógica, uma outra vivência da fé e procura expressar o seu vínculo afetivo com o santo através de suas práticas que envolvem a súplica, o pedido, a promessa e o agradecimento numa ação comunicativa. No entanto, o que se poderia pensar dessas práticas estarem ultrapassadas, serem práticas tradicionais e estanques, ao contrário, elas estão cada vez mais atualizadas, ressignificadas, ganham novas conotações, novas cores a partir de cada contexto em que está inserido o devoto. No caso da festa de São Sebastião, percebe-se que ele é um santo que mantém uma forte devoção milenar pela adesão das camadas populares e menos favorecida da sociedade. E o devoto busca no espaço coletivo ampliar a visibilidade deste vínculo e desta comunicação que estabelece com o santo através de vários procedimentos e de várias ações performáticas expressas em linguagens simbólicas, verbais e nãoverbais que consegue através de “brechas” no espaço do novenário. Se existem mais canais abertos para isso, o resultado é uma profusão de processos comunicacionais com seus fluxos circulando o tempo todo. O exemplo concreto dessa resposta foi possível perceber no momento em que a hierarquia oficial da igreja colocou o “pote dos pedidos” em 2011, mas fechou o canal de comunicação com o santo nos anos seguintes. O espaço da Igreja Católica está longe de se transformar numa ágora grega, lugar onde havia o espaço do sagrado, da política e da livre expressão e comunicação.

Mas “fora da igreja há salvação”! Os devotos são capazes de inventar, de criar seus canais de comunicação com o santo, de continuar a estabelecer as “brechas” para fortalecer os vínculos afetivos com o santo, de criar uma nova tradição, uma devoção partilhada, expressa nos pequenos grupos como fez o devoto de São Sebastião que, durante vários anos, levou às

casas do bairro do Alecrim a devoção do santo através de novenas até que sua prática fosse incorporada posteriormente à estrutura da festa pela hierarquia oficial da igreja com a nova dinâmica da pré-novena dentro da programação antes do início oficial da festa do santo padroeiro, que é o novenário e a procissão do santo pelas ruas do bairro. Foi uma iniciativa de um devoto, livre da estrutura hierarquizada.

Podemos ainda elencar mais dois espaços ou “brechas” que o devoto tem para se comunicar com o santo no espaço público: durante as intenções das missas no período do novenário e diante da imagem do santo no interior da igreja ou no altar da área térrea onde fica a imagem do santo durante o período do novenário até o dia da procissão. A devoção individual se torna uma comunicação pública, coletiva e partilhada em alguns assuntos relacionados à vida no cotidiano porque outros problemas permanecem exclusivamente entre o devoto e o santo e que são partilhados em seus altares domésticos ou mais espontaneamente no pequeno grupo durante o período da pré-novena nas casas, quando o santo visita o devoto. Essa comunicação é verbalizada nas intenções ou escrita nos bilhetes endereçados ao santo, mas também com uma linguagem elaborada simbolicamente não-verbal através de uma performance corporal e gestual que o devoto busca expressar na sua relação com o santo.

Neste sentido, pesquisar a devoção ao santo no espaço doméstico poderia ser um caminho para se descobrir onde pulsa mais latente essa comunicação partilhada da devoção com São Sebastião. Uma possibilidade na festa seria uma etnografia mais aprofundada dos altares domésticos na relação com o santo no cotidiano da vida, das abordagens que são feitas ao santo, das conversas e confidências nas diversas formas de expressão simbólica que o devoto estabelece com o santo. Além desses altares do cotidiano, aqueles específicos que são montados durante o período da pré-novena e durante o cortejo da procissão no espaço da rua. O tempo que foi destinado para se perceber os processos comunicacionais da festa de São Sebastião em seu conjunto (pré-novena, novenário e procissão) reduziu o investimento em uma abordagem mais delimitada.

Outro aspecto da pesquisa que abre novas possibilidades de investigação no campo dos processos comunicacionais a partir da devoção à São Sebastião se relaciona ao período em que complementei o trabalho de campo em Portugal com o apoio de uma bolsa de pesquisa pela CAPES. Na trajetória dos caminhos do santo em Portugal pude perceber uma iconografia riquíssima de São Sebastião e que chamou a atenção. Trata-se de uma variedade de representações imagéticas do santo ao longo de décadas nos suportes de estátuas de vários materiais (madeira, gesso, mármore, resina, além de pinturas e desenhos em quadros e telas). O santo aparece representado ora como jovem, ora como soldado, ora como uma figura

angelical e até relacionado à questão de gênero. Os pesquisadores apontam que a iconografia de um santo se relaciona às características pessoais, de identificar e expressar algo sobre o santo. Portanto, uma comunicação a partir da linguagem visual iconográfica. No Brasil são mais de 400 paróquias que tem São Sebastião como santo e em cada uma delas existe uma imagem, de uma determinada época, de um tipo de material que foi constituído e de uma interpretação da pessoa do santo. No Rio Grande do Norte também existe uma variedade de representação imagética do santo. Neste sentido, cabem novas pesquisas nessa confluência entre devoção e comunicação.

Ainda com relação à busca por encontrar em Portugal elementos que existem na devoção à São Sebastião e que estão presentes na festa do santo no bairro do Alecrim podemos considerar que apenas alguns símbolos que configuram a estrutura hierárquica tradicional no cortejo da procissão de São Sebastião e de Nossa Senhora da Saúde podem ser encontrados no bairro do Alecrim justamente porque a cultura e as tradições não são estanques, elas se atualizam, encontram e incorporam novos significados e reelaboram os sentidos que expressam a cada contexto histórico e em cada lugar. Até mesmo os vínculos e a expressão comunicativa da devoção ao santo são diferentes.

Duas possibilidades ainda de investigação no espaço da festa de São Sebastião e que podem trazer novos elementos históricos e relacionados ao campo da devoção. A primeira seria um estudo histórico ou mesmo uma etnografia, um estudo de caso sobre a *Associação de São Sebastião*, entidade antiga mantida pelos leigos devotos do santo e que ainda sobrevive no espaço da estrutura paroquial e tem uma atuação na festa do santo. E a outra seria sobre a Liga Católica *Jesus, Maria e José*, instituição do século passado, à qual esteve à frente até antes de morrer o idealizador da pré-novena. A entidade está vinculada a uma estrutura que permanece em funcionamento e tem a sua sede no Estado do Rio de Janeiro.

Por fim, cabe-nos ainda dizer que somos seres humanos em constante relacionamento, vivemos no convívio com as outras pessoas e sempre utilizando a comunicação como ferramenta que possibilite a nossa integração no mundo. É na procissão que os fluxos comunicacionais se tonam mais expressivos, mais criativos e livres de quaisquer amarras. Porque é aí que o “eu” se projeta, a identidade individual de cada devoto aflora numa performance da vida no espaço coletivo. Essa performance que se traduz nos diferentes dramas da vida vividos por cada devoto, cada devota em particular, é expressa, comunicada simbolicamente no veículo que é o corpo, o gestual e a expressão oral, bem como em outros elementos que incorpora para fazer valer tudo aquilo que se quer dizer ao outro. E o outro é

também o santo, o amigo, o confidente, o protetor e intercessor. Santo e devoto numa relação afetiva de devoção e comunicação.

7. REFERÊNCIAS:

AGIER, Michel. **Antropologia da cidade**. Lugares, situações e movimentos. Tradução de Graça Índias Cordeiro. São Paulo: Terceiro Nome, 2011. (Antropologia Hoje).

AMARAL, Rita. **Festa à brasileira**: os sentidos do festejar no país que “não é sério”. EbooksBrasil.com, 2001. Acesso realizado em 16.06.2011.

ANDRADE, Solange Ramos de. **A religiosidade católica e a santidade do mártir**. Projeto História. São Paulo, nº 37, 2008.

ANUÁRIO CATÓLICO. **Anuário católico do Brasil**. 13ª ed. Rio de Janeiro: CERIS, 2012.

ARAÚJO, Alceu Maynard. **Cultura popular brasileira**. 2ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

ARQUIDIOCESE DE NATAL. **Livro de Decretos e Portarias da Diocese de Natal, de 1900 a 1982**.

_____. < <http://arquidiocesedenatal.org.br/paroquias/paroquias.htm>>. Acesso realizado em 26.03.2012.

AZZI, Riolando. **O catolicismo popular no Brasil**. Aspectos históricos. Petrópolis, RJ: Vozes, 1978. Cadernos de Teologia Pastoral, nº 11.

BAKTHIN, Mikhail. **A cultura popular na idade média e no renascimento**: o contexto de François Rabelais. 7ª ed. São Paulo: Hucitec, 2010.

_____. **Marxismo e filosofia da linguagem**. São Paulo: Hucitec, 1999.

BELTRÃO, Luiz. **Folkcomunicação**: teoria e metodologia. São Bernardo do Campo: UESP, 2004.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **Os deuses do povo**. Um estudo sobre a religião popular. Uberlândia: EDUFU, 2007.

BITTER, Daniel. **A bandeira e a máscara**. A circulação de objetos rituais nas folias de reis. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2010.

BOURDIEU, Pierre. **A economia das trocas linguísticas**: o que falar quer dizer. 2ª ed. 1ª reimpressão. São Paulo: EDUSP, 2008.

_____. **A economia das trocas simbólicas**. Tradução, organização e seleção de Sérgio Miceli. 6ª ed. São Paulo: Perspectiva, 2009. Coleção Estudos, 20 – Ciências Sociais.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **Os deuses do povo**. 3ª ed. Ampliada. São Paulo: Brasiliense, 2007.

CASCUDO, Luis da Câmara. **História da cidade do natal**. 3ª ed. Natal: RN Econômico; IHG/RN, 1999.

_____. **Dicionário do folclore brasileiro**. 10ª ed. Rio de Janeiro: 1998. Coleção Terra Brasilis.

CHAUÍ, Marilena. **Convite à filosofia**. São Paulo: Ática, 2005.

COLÉGIO DAS NEVES. <
<http://www.colegiodasneves.com.br/institucional/historia.php>> Acesso realizado em 26 de maio de 2012.

CNBB. **Puebla**. A evangelização no presente e no futuro da América Latina. 5ª ed. Petrópolis: Vozes, 1983.

_____. **Comunidade de comunidades**: uma nova paróquia. 1ª ed. 5ª impr. São Paulo: Paulus, 2013. Estudos da CNBB nº 104.

_____. **Comunidade de comunidades**: uma nova paróquia. A conversão pastoral da paróquia. Documento final da 52ª Assembleia Geral da CNBB, realizada em Aparecida/SP, de 30 de abril a 09 de maio de 2014. Texto em pdf.

COMISSARIADO DO TURISMO. **Calendário das festas, feiras, romarias e outros espetáculos**. Portugal: Repartição de Fomento, 1967.

CONNERTON, Paul. **Como as sociedades recordam**. Oeiras, Portugal: Celta, 1999.

CORDEIRO, Graças Índias. Um lugar na cidade: cotidiano, memória e representação no bairro da Bica. Lisboa: Dom Quixote, 1997.

DIOCESE DE CAICÓ. < <http://www.diocesedecaico.com.br/>> Acesso realizado em 26.03.2012.

DIOCESE DE MOSSORÓ. <<http://diocesedemossoro.blogspot.com.br/p/paroquias.html>>. Acesso realizado no dia 26.03.2012.

DEL PRIORE, Mary. **Festas e utopias no Brasil colonial**. São Paulo: Brasiliense, 2000.

DURKHEIM, Émile. **As formas elementares da vida religiosa**. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

DUVIGNAUD, Jean. **Festas e civilizações**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1983.

ELIADE, Mircea. **O sagrado e o profano**. A essência das religiões. São Paulo: WMFMartins Fontes, 2011. Biblioteca do pensamento moderno.

_____. **Tratado de história das religiões**. Tradução de Fernando Tomaz e Natalia Nunes. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

FERREIRA, Fátima Sá e Melo. A política na rua. Festa liberal e festa contra-revolucionária no Portugal do século XIX. In: CORDEIRO, Graça Índias; VIDAL, Frédéric (Orgs.). **A rua**. Espaço, tempo, sociabilidade. Lisboa: Livros Horizonte, 2008.

FILHO, Ciro Marcondes. **O princípio da razão durante**. O conceito de comunicação e a epistemologia metapórica. São Paulo: Paulus, 2010. Nova Teoria da Comunicação III. Tomo V.

FILHO, Melo Morais. Festas e tradições populares no Brasil. Brasília: Senado Federal, 2002. Coleção Biblioteca Básica Brasileira.

FILHO, Saul Edgardo Mendez Sanchez; FILHO, Odilon Pinto de Mesquita. **Puxada do mastro de São Sebastião**. Institucionalização de uma festa popular. Salvador/BA: 2009. V Encontro de Estudos Multidisciplinares em Cultura – ENECULT. Artigo em pdf. www.cult.ufba.br. Acesso realizado em fevereiro de 2012.

FILHO, Valdomiro Severiano. **O carnaval de Natal/RN**: espaço dos “índios” no tempo da folia. Dissertação de mestrado do Programa de Pós-Graduação e Pesquisa em Geografia. UFRN, 2013. www. http://bdtd.bczm.ufrn.br/tde_busca/arquivo.php?codArquivo=6316. Acesso realizado em 14 de janeiro de 2014.

FOOTE-WHITE, William. Treinando a observação participante. In: GUIMARÃES, Alba Zaluar. **Desvendando máscaras**. 3ª ed. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves, 1990.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. 13ª impressão. Rio de Janeiro: LTC, 2008.

GUARINELLO, Noberto Luiz. A festa, o trabalho e Cotidiano. In: ISTVÁN, Jancsó e KANTOR, Iris. **Festa**: cultura e sociabilidade na América portuguesa. São Paulo: Imprensa Oficial, Hucitec, Edusp, Fapesp, 2001. Coleção Estante USP.

GUTTILLA, Rodolfo Witzig. **A casa do santo e o santo de casa**: um estudo sobre a devoção a são Judas Tadeu do Jaraguara. São Paulo: Landy, 2006.

HOORNAERT, Eduardo, AZZI, Riolando, GRIJP, Klaus Van Der, BROD, Benno. **História da Igreja no Brasil**. História Geral da Igreja na América Latina. 3ª ed. Petrópolis: Paulinas, Vozes, 1983. Tomo II/1.

IPHAN. **Dossiê Iphan 1**. Círio de Nazaré. Rio de Janeiro: Iphan, 2012.

LEFEBVRE, Henry. O direito à cidade. São Paulo: Centauro, 2001.

MAGALHÃES, Beatriz Ricardine de. O povo e a festa. In: PASSOS, Mauro. **A festa na vida**. Significados e imagens. Rio de Janeiro/Petrópolis: Vozes, 2002.

MAYOL, Pierre. **O bairro**. IN: CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano**: morar. Petrópolis, RJ: Vozes, 1996.

MAUÉS, Raimundo Heraldo. **Padres, pajés, santos e festas**. Catolicismo popular e controle eclesiástico. Belém/PA: CEJUP, 1995.

MELO, José Marques de. **Mídia e Cultura Popular**. História, taxionomia e metodologia da folkcomunicação. São Paulo: Paulus, 2008.

MENEZES, Renata de Castro. **O além no cotidiano**. Repensando fronteiras entre antropologia e história a partir do culto aos santos. Revista Oracula 7.12 (2011). Edição Especial. ISSN 1807-8222. <http://www.oracula.com.br/numeros/201101/02menezes.pdf>. Acesso realizado em 20 de junho de 2012.

_____. **A dinâmica do sagrado**. Rituais, sociabilidade e santidade num convento do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Relumê Dumará, 2004.

MISSIONÁRIOS DA SAGRADA FAMÍLIA, Província do Brasil Meridional. **Notas sobre a história da província (1911-1948)**. Passo Fundo/RS: Gráfica e Editora Berthier, 2002. Cadernos de Formação nº 06.

_____. <<http://www.msagradafamilia.com.br/institucional/historico>.> Acesso realizado em 27 de agosto de 2013.

NOLTE, Pe. Ferdinand. **Anais das missões dos missionários da sagrada família**. Campo missionário brasileiro com uma contribuição à guisa de prefácio, do dr. P. P. Ramers msf. Passo Fundo/RS: IFIBE, 2010. Tomo I.

OLIVEIRA, Roberto Cardoso de. **O trabalho antropológico**. 3ª ed. Brasília: Paralelo 15; São Paulo: Editora Unesp, 2006.

OLIVEIRA, Ernesto Veiga de. **Festividades cíclicas em Portugal**. Lisboa: Dom Quixote, 1984. Col. Portugal de Perto.

PAIVA, Marlúcia. A igreja dos anos 50: o movimento de Natal. In: ANDRADE, Ilza Araújo Leão de (Org.). **igreja e política no RN**. Natal: Sebo Vermelho, 2000.

PARÓQUIA DE SÃO SEBASTIÃO. < <http://www.saosebastiao.natal.itgo>.> Acesso realizado em 27.10.2009.

PASSOS, Mauro. **A festa na vida: significado e imagens**. Rio de Janeiro/Petrópolis: Vozes, 2002.

PEIXOTO, Maria Cristina Leite. **“Os santos da porta ao lado”**: os caminhos da santidade contemporânea católica. Tese de doutorado. Rio de Janeiro: UFRJ, 2006.

PEREZ, Léa de. **Passos de uma pesquisa nos passos das procissões lisboetas**. Lisboa: Cies, Iscte- IUL, 2010. Cies e-working paper nº 101. < www.cies@iscte.pt.> Acesso realizado em 10.04.2013.

_____. < <http://www.antropologia.org.br/arti/colab/a8-lfreitas.pdf>.> Acesso realizado em 26.03.2013.

PETERS, F. E.. Os monoteístas: judeus, cristãos e muçulmanos em conflito e competição. São Paulo: Contexto, 2008. Vol. II: As palavras e a vontade de Deus.

RAMOS, Francisco Régis Lopes. **Papel passado**. Cartas entre os devotos e o padre Cícero. Fortaleza: Instituto Frei Tito de Alencar, 2011. Vol 2. (Coleção ao Portador).

ROSA, Pe. Flávio. **Festa temporana em louvor ao mártir São Sebastião no pedaço mineiro**. Ribeirão Preto/SP: São Francisco, 2004.

SANCHIS, Pierre. **Arraial: festa de um povo**. As romarias portuguesas. 2ª ed. Tradução de Madalena Mendes de Matos. Lisboa: Dom Quixote, 1992.

SARAIVA, Adriano Lopes. **Religiosidade popular e festejos religiosos**: aspectos da espacialidade de comunidades ribeirinhas de Porto Velho, Rodônia. Revista Brasileira de História das Religiões. ANPUH, 2010. Ano III, nº 7, maio. ISSN 1983-2850. www.dhi.uem.br/gtreligiao - Artigos. Acesso realizado em 14 de março de 2012.

SEMURB. <http://natal.rn.gov.br/semurb/paginas/File/documentos/LESTE/Alecrim.pdf>. Acesso realizado em 13 de janeiro de 2014.

SOUZA, Itamar. **Nova história de natal**. 2ª ed. revista e atualizada. Natal: Departamento Estadual de Imprensa, 2008.

TINHORÃO, José Ramos. **Cultura popular**: temas e questões. 2ª ed. São Paulo: Editora 34, 2006.

TURNER, Victor W.. **Floresta de símbolos**: aspectos do ritual Ndembu. Niterói: Eduff, 2005.

_____. **O processo ritual**. Estrutura e anti-estrutura. Rio de Janeiro: Vozes, 1974.

_____. **The anthropology of performance**. New York: PAJ Publications, 1987.

SILVA, Irene de Araújo van den Berg. **As covinhas**: práticas, conflitos e mudanças em um santuário popular. Natal: UFRN, 2010. Tese de doutorado.

ZALUAR, Alba. **Os homens de deus**: um estudo dos santos e festas no catolicismo popular. Rio de Janeiro: Zahar, 1983.

ZUMTHOR, Paul. **Introdução à poesia oral**. São Paulo: Hucitec, Educ, 1997.

_____. **A letra e a voz**. A “literatura” medieval. Tradução de Amálio Pinheiro, Jerusa Pires Ferreira. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

